

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
INSTITUTO DE MATEMÁTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

THAINÁ ARAUJO BONFIM

**Nísia Floresta e a defesa do ensino de ciências e de matemática para meninas/mulheres
(1831-1853): educação, matemática e a formação feminina no Brasil do século XIX**

CAMPO GRANDE - MS

2025

THAINÁ ARAUJO BONFIM

**Nísia Floresta e a defesa do ensino de ciências e de matemática para meninas/mulheres
(1831-1853): educação, matemática e a formação feminina no Brasil do século XIX**

Dissertação apresentada para apreciação da
banca de defesa do Programa de
Pós-Graduação em Educação Matemática da
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Dra. Késia Caroline Ramires
Neves

CAMPO GRANDE - MS

2025

THAINÁ ARAUJO BONFIM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Késia Caroline Ramires Neves (orientadora)
Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Denise Medina França
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edilene Simões Costa dos Santos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campo Grande, 26 de Fevereiro de 2025.

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa que investigou sobre a educação feminina no Brasil oitocentista, com foco nas restrições impostas às mulheres/meninas no acesso ao conhecimento científico, especialmente à matemática. A Lei Educacional de 15 de Outubro de 1827, ao estabelecer currículos segregados por gênero, limitou o ensino de matemática para as mulheres às quatro operações aritméticas básicas, enquanto os homens tinham acesso a um currículo mais amplo. Nesse contexto, o estudo centrou-se em Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), educadora, escritora e defensora dos direitos das mulheres, dos povos indígenas e das pessoas escravizadas, com o objetivo de identificar, em suas obras, *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832), *Máximas e Pensamentos* (1832) *Conselhos à Minha Filha* (1845), *Discurso que às Suas Educandas Dirigiu* Nísia Floresta Brasileira Augusta (1847), *Fany ou o Modelo das Donzelas* (1847) e *Opúsculo Humanitário* (1853), uma defesa do ensino das ciências, especialmente da matemática, para mulheres/meninas. Para a análise das obras, a pesquisa de cunho histórico e documental, fundamentou-se na História Social da Cultura das Mulheres, articulação entre a História Cultural, a História Social e a História das Mulheres, e utilizou o gênero, a apropriação e a representação como categorias principais a serem mobilizadas. Pelos indícios encontrados, podemos observar que Nísia buscou subverter a lógica educacional de sua época, propondo que a educação feminina fosse pautada em princípios morais, cristãos, mas também em um ensino mais intelectualizado para as mulheres/meninas, com defesa ao acesso das ciências e, sugestivamente, acesso a um ensino mais amplo da matemática. Sua estratégia argumentativa variou entre discursos enfáticos na defesa da igualdade e abordagens mais conciliatórias, adaptando-se ao contexto social oitocentista. Além disso, sua defesa da educação feminina integrava um projeto mais amplo de transformação social, no qual a instrução das mulheres era vista como essencial para o progresso nacional. Ao destacar a luta histórica por igualdade de gênero no acesso ao conhecimento científico, esta dissertação contribui para a historiografia da educação matemática no Brasil e ressalta o papel pioneiro de Nísia Floresta na defesa da educação feminina.

Palavras-chave: Nísia Floresta; ensino de matemática; educação feminina; século XIX; ciências.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a research study that investigated women's education in 19th-century Brazil, focusing on the restrictions imposed on women/girls in accessing scientific knowledge, particularly mathematics. The Educational Law of October 15, 1827, by establishing gender-segregated curricula, limited mathematics education for women to the four basic arithmetic operations, while men had access to a broader curriculum. In this context, the study centered on Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810–1885), an educator, writer, and advocate for the rights of women, Indigenous peoples, and enslaved individuals, with the aim of identifying, in her works, *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832), *Máximas e Pensamentos* (1832), *Conselhos à Minha Filha* (1845), *Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta* (1847), *Fany ou o Modelo das Donzelas* (1847), and *Opúsculo Humanitário* (1853), a defense of science education, particularly mathematics, for women/girls. For the analysis of these works, this historical and documentary research was based on the Social History of Women's Culture, an articulation between Cultural History, Social History, and Women's History, employing gender, appropriation, and representation as the main analytical categories. The evidence found suggests that Nísia sought to subvert the educational logic of her time, proposing that women's education be grounded in moral and Christian principles, but also in a more intellectualized education for women/girls, advocating for access to the sciences and, suggestively, to a broader study of mathematics. Her argumentative strategy varied between emphatic discourses in defense of equality and more conciliatory approaches, adapting to the 19th-century social context. Furthermore, her advocacy for women's education was part of a broader project of social transformation, in which women's instruction was seen as essential to national progress. By highlighting the historical struggle for gender equality in access to scientific knowledge, this dissertation contributes to the historiography of mathematics education in Brazil and underscores Nísia Floresta's pioneering role in advocating for women's education.

Keywords: Nísia Floresta; mathematics education; women's education; 19th century; sciences.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Retrato de Nísia Floresta.....	9
Figura 02 - Matéria intitulada: “Quem foi a precursora do feminino no país”.....	11
Figura 03 - Capa do livro Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens.....	91
Figura 04 - Capa do livro Conselhos a’ minha filha.....	92
Figura 05 - Capa do Discurso que a Suas Educandas Dirigio N. F. B. Augusta.....	93
Figura 06 - Capa do livro Fany ou O Modelo das Donzelas.....	94
Figura 07 - Capa do livro Opúsculo Humanitário.....	95
Figura 08 - Annaes do Senado do Imperio do Brazil.....	96
Figura 09 - Trecho de artigo sobre a trajetória de Nísia que sugere a fundação de um colégio feminino por ela em Recife.....	120
Figura 10 - Trecho de artigo sobre as viagens de Nísia que relata que ela dirigiu um colégio feminino em Recife.....	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Textos de Nísia Floresta utilizados em teses e dissertações que abordam a educação feminina e seu pensamento pedagógico.....	33
Quadro 02 - Mapeamento das pesquisas sobre a educação feminina e o pensamento pedagógico de Nísia Floresta.....	34
Quadro 03 - Textos de Nísia Floresta que serviram de base para teses e dissertações que buscam analisar e investigar questões relativas à mulher.....	37
Quadro 04 - Mapeamento de pesquisas que utilizam as obras de Nísia Floresta para analisar e investigar questões que perpassam as mulheres.....	38
Quadro 05 - Fontes encontradas na Hemeroteca.....	87
Quadro 06 - Textos de Nísia utilizados com base nas teses e dissertações da revisão de literatura.....	89
Quadro 07 - Principais intérpretes do pensamento de Nísia segundo Paulo Margutti comentados em sua obra.....	99

LISTA DE SIGLAS

UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
CPAR	Campus de Paranaíba
PPGEduMat	Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática
STEM	Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	15
3. HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA.....	42
3.1 História e Historiografia.....	42
3.2 Campos Historiográficos.....	46
3.3 Nova História Cultural.....	48
3.4 História Social.....	54
3.5 A Articulação entre História Cultural e História Social.....	56
4. HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA DAS MULHERES.....	58
4.1 A História das Mulheres.....	58
4.2 Gênero, Sexo e Feminismo.....	61
4.3 Gênero como uma Categoria de Análise Histórica.....	65
4.4 Articulação entre a História Social da Cultura e a História das Mulheres.....	69
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	73
6. FONTES DOCUMENTAIS.....	81
6.1 Fontes Historiográficas.....	83
6.2 Fontes Primárias.....	86
6.3 Fontes Secundárias e Pesquisa Bibliográfica.....	96
7. A EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL OITOCENTISTA.....	101
7.1 Lei Educacional de 15 de outubro de 1827.....	103
8. SUBVERSÃO EM FAVOR DAS CIÊNCIAS E, SUGESTIVAMENTE, TAMBÉM DE MATEMÁTICA.....	115
8.1 Síntese Bibliográfica sobre Nísia Floresta Brasileira Augusta.....	116
8.2 Os Primeiros Passos de Nísia no Debate Sobre a Educação Feminina e a Tradução como Apropriação.....	131
8.3 A Resistência Masculina à Educação das Mulheres.....	136
8.4 O Acesso às Ciências e, Sugestivamente, da Matemática.....	140
8.5 Representações de Feminilidade.....	145
8.6 A Educação das Mulheres Segundo Nísia.....	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	160
REFERÊNCIAS.....	168
APÊNDICE A.....	181
APÊNDICE B.....	188
APÊNDICE C.....	190

1. INTRODUÇÃO

A educação feminina foi historicamente atravessada por questões de gênero e relações de poder, que moldaram as oportunidades de acesso das mulheres/meninas ao saber, restringindo sua formação em determinadas áreas de conhecimento, especialmente as áreas científicas, como a matemática e afins. Segundo Daniela Maçaneiro Alves (2017), essas limitações estavam associadas às representações socioculturais que definiam quais tipos de conhecimentos eram considerados apropriados para as mulheres, que, por sua vez, reforçaram as desigualdades educacionais e profissionais entre os gêneros ao longo da História.

Conforme a autora, tal exclusão não ocorreu de maneira natural, foi construída e sustentada por discursos que associavam as capacidades intelectuais das mulheres/meninas a funções sociais específicas alinhadas a estereótipos de cuidado e educação, que tradicionalmente lhes confinaram às esferas domésticas ao lhes atribuir papéis sociais, como de esposas, mães e educadoras, derivados de normas e expectativas sociais constituídos em um “sistema patriarcal e excludente”, de modo que “a educação a elas ofertada foi tardia, pois não cabia à mulher o conhecimento linguístico e matemático e muito menos ser educada para aprender uma profissão” (Alves, 2017, p. 4).

Configuração que contribuiu para a consolidação de estereótipos de gênero, que acabaram por constituir a matemática como um espaço predominantemente masculino, resultando na sub-representação feminina em espaços que operam em torno das ciências ditas exatas, especialmente na matemática. Sub-representação que se manifesta e reflete na contemporaneidade na baixa participação das mulheres em ambientes científicos (Rabelo, 2023; Dias, 2002), na reprodução de discursos e práticas que reforçam a ideia de uma suposta inferioridade feminina em relação às ciências (Oliveira, 2013; Brito, 2023; Filho, 2019), na sub-representação de mulheres em livros didáticos (Menezes, 2022; Trevisan, 2013), entre outros aspectos relacionados.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa emergiu de inquietações relacionadas à construção de tais estereótipos e à forma como foram historicamente naturalizados, influenciando o relacionamento das mulheres/meninas com a matemática e áreas relativas, indagações que, embora não sejam questões centrais nesta pesquisa, atuaram em suas bases iniciais. Além disso, a pesquisa está inserida no projeto guarda-chuva “Investigações sócio-históricas acerca de saberes de referência para a docência em matemática: saberes sobre a inclusão de gênero, sobre a matemática do ensino e os da formação de professores”, coordenado pela Professora Doutora Késia Caroline Ramires Neves, o que reforça a

relevância da investigação no campo da história da educação matemática e da inclusão de gênero.

Com isso, consideramos a dificuldade de precisar historicamente a origem de uma questão sócio-histórica como os estereótipos de gênero na matemática, se é que podemos verdadeiramente determinar uma origem além da simbólica a um movimento social, uma vez que sempre teremos outras relações e inter-relações anteriores umas às outras, que originam-se mutuamente; assim, partimos do pressuposto de que a matemática foi utilizada como um instrumento de diferenciação de gênero no Brasil.

Dessa forma, tomamos como ponto de partida o Brasil oitocentista, período no qual o país passava por mudanças significativas desde a chegada da corte portuguesa ao país, como: a abertura dos portos para o comércio externo com nações amigas, a expansão da rede de estradas e ferrovias, a criação de institutos nacionais que contribuíram para o avanço intelectual e científico do país¹, políticas de incentivo à industrialização e às produções nacionais, e o surgimento de iniciativas para a construção de escolas que colocavam a educação como pauta nas reformas que se iniciavam.

Tornava-se necessário dotar o país com um sistema escolar de ensino que correspondesse satisfatoriamente às exigências da nova ordem política, habilitando o povo para o exercício do voto, para o cumprimento dos mandatos eleitorais, enfim, para assumir plenamente as responsabilidades que o novo regime lhe atribuía. Esta aspiração liberal, embora não consignada explicitamente na letra da lei, conquistou os espíritos esclarecidos e converteu-se na motivação principal dos grandes projetos de reforma do ensino no decorrer do Império (Carvalho, 1972, p. 2).

Nesse contexto, em 15 de outubro de 1827, foi sancionada por Dom Pedro I a lei que determinou a abertura de “escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio” (Brasil, 1827), sendo estas segregadas por gênero e com currículos distintos. Conforme os artigos 6º e 12º da lei supracitada, o currículo feminino diferenciava-se do masculino em dois aspectos: às meninas era orientado um conjunto de ensinamentos voltados ao desenvolvimento de habilidades relativas aos trabalhos domésticos considerados apropriados para as mulheres/meninas, como costura e bordado. Ensinamentos que refletiam os princípios e valores da sociedade da época, onde o papel principal das mulheres repousava dentro de suas casas, como mães e esposas. E na redução dos conteúdos matemáticos orientados às mulheres/meninas, que se limitaria ao ensino das quatro operações aritméticas básicas: adição, subtração, multiplicação e divisão, enquanto o currículo

¹ Exemplos: a Biblioteca Nacional (1810) e o Jardim Botânico do Rio de Janeiro (1808).

masculino tinha o acréscimo da prática de quebrados (frações), decimais e proporções, e as noções mais gerais de geometria prática.

Com isso, delineamos o recorte temporal da presente pesquisa ao Brasil oitocentista, uma vez que identificamos restrições impostas ao acesso das mulheres/meninas aos conhecimentos científicos, particularmente matemáticos, em um contexto educacional que sugere ter sido amplamente moldado por normas e expectativas de gênero. Ademais, o período parecia ser propício, pois, embora distante, acreditávamos ser possível encontrar fontes documentais que nos auxiliariam. No entanto, pontuamos que essa suposição inicial se provou parcialmente incorreta, representando um obstáculo ao seu desenvolvimento, como será evidenciado mais adiante.

Nessa perspectiva, após a realização de uma extensa revisão de literatura focada em trabalhos que perpassam essa temática, buscando identificar pesquisas que analisassem o ensino para meninas de uma perspectiva histórica, investigando e/ou analisando questões educacionais centradas em relações de gênero, além de pesquisas que exploravam o ensino de matemática para meninas e as relações de gênero nesses contextos, nos deparamos com Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, uma escritora, educadora e poetisa brasileira notável, uma exceção entre as mulheres do século XIX, visto que “mesmo na elite social feminina predominava o analfabetismo, a reclusão, [e] a impossibilidade de se manifestar ou de pleitear qualquer direito” (Duarte, 2019, p. 9).

Figura 01 - Retrato de Nísia Floresta



Fonte: O Novo Mundo: Periodico Illustrado do Progresso da Edade (Nova Iorque, EUA), Ano 1872/Edição 00020 (1), p. 5.

Ela foi uma exceção, pois durante a sua vida escreveu diversas obras abordando uma variedade de importantes causas sociais, desempenhando um papel vanguardista entre o segmento feminino oitocentista ao se aventurar na esfera pública e expor suas opiniões muitas vezes controversas por meio da imprensa.

Nísia deve ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada grande imprensa. E foram muitas as colaborações que a cada dia surgiam sob a forma de crônicas, contos, poesias e ensaios. Aliás, esse é um traço da modernidade de Nísia Floresta: sua constante presença na imprensa nacional desde 1830, sempre comentando as questões mais polêmicas da época. Se lembrarmos que apenas em 1816 a imprensa chegou ao país, mais se destaca o papel pioneiro que esta brasileira desempenhou no cenário nacional (Duarte, 2010, p. 12).

Ela se manifestou contra a instituição da escravidão, que prevalecia no Brasil oitocentista, reconhecendo as implicações morais e éticas da instituição. Abordou temas relativos às disparidades de classes, defendendo a constituição de uma sociedade mais justa, além de expressar preocupações com os marginalizados à sociedade, reconhecendo a necessidade de sistemas de apoio social e políticas públicas que melhorassem as condições de vida dos “menos afortunados”. Também manteve um posicionamento complexo em relação aos povos indígenas, ao considerar a necessidade de preservação de suas culturas com implicações em uma integração à sociedade brasileira (Margutti, 2019).

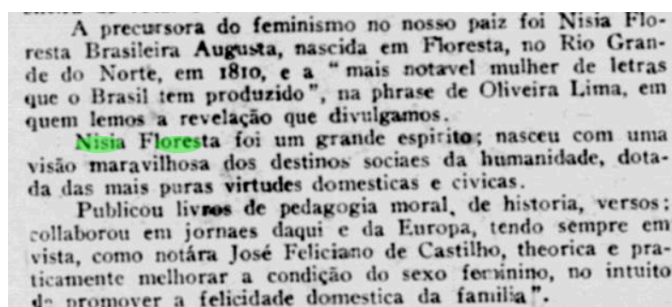
No mais, posicionou-se contra a violência simbólica que recaía sobre as mulheres, originada por representações de gênero instrumentalizadas como símbolos de poder pelo segmento masculino da população, que reforçavam a dominação masculina e a subordinação feminina. Representações que perpetuavam hierarquias de poder entre os gêneros, resguardando espaços específicos às mulheres na sociedade e, no contexto debatido mais enfaticamente por ela, sobre a percepção social de que as mulheres eram menos capazes intelectualmente que os homens.

Tal perspectiva direcionou as suas reivindicações em defesa da emancipação das mulheres, sobretudo à educação que lhes era oferecida, defendendo que essa educação era o caminho pelo qual as mulheres poderiam desenvolver o seu potencial, permitindo assim que contribuíssem de forma significativa para a sociedade.

[...] é precisamente a questão da educação o tema que mais encontramos ao longo da produção intelectual de Nísia Floresta, veiculada tanto em discursos e novelas como em ensaios e colaborações jornalísticas. A utopia feminista que moveu inúmeras mulheres no século XIX, na Europa e nas Américas, e via a educação como a condição primeira e fundamental para a libertação da mulher, da situação de opressão e de submissão em que se encontrava, também parece ter contaminado a obra de Nísia Floresta (Duarte, 2010, p. 16).

Ela não somente se posicionou literariamente em defesa de uma emancipação feminina por meio da educação, como também fundou um colégio “que tinha como meta inaugurar uma nova maneira de educar as mulheres brasileiras”, empregando, inclusive, “uma pedagogia inovadora para a época” (Lonza, 2019, p. 6). Conduta que, em conjunto com o seu posicionamento literário em defesa das reivindicações dos direitos das mulheres, faria com que fosse considerada, ainda em 1919, como podemos observar em matéria do jornal *Para Todos (RJ)*, – Figura 02 – precursora do movimento feminista brasileiro, percepção observada por pesquisadoras(es) contemporâneas(os) de sua vida e suas obras, como Duarte (2010, 2019) e Margutti (2019)².

Figura 02 - Matéria intitulada: “Quem foi a precursora do feminino no país”



Fonte: Hemeroteca, *Jornal Para Todos* (RJ) - Ano 1921/Edição 00117, p. 8.

Nessa perspectiva, identificamos em Nisia uma possível precursora de um ensino de matemática para mulheres/meninas que subvertia os prescritos pela Lei Educacional de 1827, uma vez que suas obras e posicionamentos defendiam uma educação mais ampla, estruturada como um meio para a emancipação feminina. Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi de investigar a vida e as obras de Nisia Floresta, buscando identificar uma defesa do ensino de ciências, especialmente da matemática, para as mulheres/meninas no Brasil oitocentista, que transcendesse as diretrizes prescritas pela Lei Educacional de 15 de outubro de 1827.

Com base no objetivo geral delineado, adotamos como específicos:

- i. Analisar a Lei Educacional de 15 de outubro de 1827, buscando compreender quais relações e dinâmicas sociais que estabeleceram conteúdos matemáticos distintos aos currículos femininos e masculinos;
- ii. Analisar os textos de Nisia Floresta, buscando identificar indícios de uma defesa do ensino de ciências, especialmente do ensino de matemática para as mulheres/meninas.

² Constância Lima Duarte e Paulo Margutti são pesquisadoras(es) de Nisia Floresta, sobre os quais comentaremos posteriormente.

A presente pesquisa se justifica pela lacuna identificada na revisão de literatura realizada na historiografia do ensino de matemática para mulheres/meninas no Brasil, especialmente no período oitocentista. Durante essa revisão, constatamos a escassez de pesquisas que abordam esse recorte temporal e a ausência de estudos que buscaram identificar um possível primeiro movimento em defesa do ensino de matemática para mulheres/meninas no país.

Nesse sentido, a Lei Educacional de 15 de outubro de 1827 estabeleceu um currículo segregado por gênero, limitando o acesso das mulheres/meninas à matemática, que supomos ter influenciado na consolidação dos estereótipos de gênero existentes na área e, assim, colaborado para a sub-representação das mulheres nas Ciências Exatas. Em contrapartida, Nísia, uma escritora e educadora de destaque no século XIX, emerge como uma possível precursora de um ensino de matemática para mulheres/meninas que transcende essas limitações. Com isso, buscamos resgatar e/ou identificar as contribuições de Nísia para a educação das mulheres/meninas no Brasil oitocentista, mais especificamente em sua possível defesa de um ensino de ciências e matemática para mulheres/meninas, um ensino que ultrapassasse as normas e limitações estabelecidas pela Lei Educacional de 1827.

A sua relevância encontra-se na possibilidade de visualizar uma trajetória histórica de luta por igualdade de gênero no campo da educação matemática, destacando a atuação de Nísia Floresta como uma defensora precoce da educação feminina e propondo novas perspectivas sobre o papel das mulheres/meninas nas ciências. Ao analisar as obras de Nísia, buscamos contribuir para um entendimento mais amplo dos desafios enfrentados pelas mulheres/meninas no acesso aos conhecimentos matemáticos.

Dito isto, a fim de alcançar os objetivos delineados, recorreremos a uma tríplice articulação entre a História Cultural, a História Social e a História das Mulheres, empregando, com base em exemplos fornecidos por Barros (2004, 2005), uma “espécie” de História Social da Cultura das Mulheres. Desse modo, recorreremos aos conceitos e noções que são objetos de estudo dos campos da História Cultural e da História Social, articulados ao campo temático da História das Mulheres, tais como: “práticas”, “representações” e “apropriações”, conforme abordados na História Cultural por Chartier (2002) e Barros (2011, 2003, 2004).

Utilizamos as práticas como normas e necessidades sociais do período, as quais influenciaram a estruturação do sistema educativo no contexto do ensino orientado às mulheres/meninas. No que se refere às representações, nesse sentido, femininas, são moldadas por tais necessidades e se refletem e são refletidas no currículo escolar, o que nos

permitiu identificar, por meio dessa análise, as orientações educacionais direcionadas a elas. Já o conceito de apropriação é empregado para identificar as influências que Nísia pode ter recebido, assim como as possíveis ressignificações e adaptações destas.

Também, incorporamos ao corpo teórico-metodológico desta pesquisa, o conceito de “processos”, referentes às dinâmicas e às relações sociais pertencentes ao campo da História Social. Conforme Barros (2005), compreendidos como a investigação de movimentos sociais, que nos possibilitou analisar os aspectos “feministas” identificados nas obras de Nísia ao defender a reivindicação dos direitos das mulheres/meninas, especialmente dos seus direitos à educação.

Implementamos essas ferramentas de análise articuladas, conforme proposto por Scott (1995), ao uso do gênero como uma categoria de análise histórica. De modo que concebemos o gênero, as mulheres e os homens, como representações culturais, e entendemos que seus papéis sociais são moldados por relações de poder, que são, por sua vez, construídas e reconfiguradas em contextos históricos específicos. Assim, ao utilizar o gênero como lente analítica, buscamos compreender como as construções sociais de masculinidade e feminilidade influenciaram e foram influenciadas pelos processos educacionais, particularmente no que tange à participação das mulheres nas ciências e na matemática.

Ressaltamos que a pesquisa é de cunho documental, à medida que utilizamos fontes primárias, que consistem nas obras de Nísia e em uma seleção de jornais da época que apresentam matérias que contêm informações sobre ela e o Colégio Augusto. E fontes secundárias: pesquisas que compõem a nossa revisão de literatura e os livros de Duarte (2010; 2019) e de Margutti (2019).

Ao manejar as fontes primárias, aplicamos como abordagem a pesquisa documental, enquanto as fontes secundárias são abordadas por meio da pesquisa bibliográfica, um tipo específico de pesquisa documental. Ademais, salientamos que as obras de Nísia selecionadas para compor o corpus da pesquisa são: *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832), *Máximas e Pensamentos* (1832), *Conselhos à Minha Filha* (1845), *Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta* (1847), *Fany ou O Modelo das Donzelas* (1847) e *Opúsculo Humanitário* (1853).

Para tanto, a presente dissertação foi organizada mediante as seguintes divisões: no capítulo 2 (subsequente a este), apresentamos os trabalhos que compõem a revisão de literatura realizada. Organizados em sete grupos temáticos, nos quais os cinco primeiros correspondem às pesquisas que exploram as relações, percepções e representações de gênero

na matemática. E os dois últimos grupos, pesquisas que investigam e analisam as obras de Nísia Floresta, assim como a sua vida.

No capítulo 3, intitulado “História Social Da Cultura”, expomos parte do referencial teórico-metodológico adotado, iniciando com questões referentes à prática historiográfica. Em seguida, abordamos os campos historiográficos da História Cultural e da História Social, bem como os conceitos que estamos mobilizando no decorrer da pesquisa. Por fim, articulamos esses campos com o intuito de definir o nosso enfoque teórico-metodológico, a História Social da Cultura.

No capítulo 4, intitulado “História Social da Cultura das Mulheres”, apresentamos a segunda parte do nosso referencial teórico-metodológico, concentrando-nos na História das Mulheres e no uso do gênero como uma categoria de análise histórica. Inicialmente introduzimos esse campo temático, em seguida abordamos conceitos fundamentais para a nossa abordagem analítica, sendo estes de gênero, sexo e feminismo. Depois, discutimos o uso do gênero como uma categoria de análise histórica e, por fim, realizamos uma articulação do campo temático adotado ao nosso enfoque teórico-metodológico, propondo uma História Social da Cultura das Mulheres.

No capítulo 5, detalhamos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, apresentando-os de forma estruturada em um cronograma que organiza as etapas seguidas para a construção do trabalho.

No capítulo 6, exploramos os nossos “modos de fazer história”, apresentando inicialmente os métodos e abordagens que foram selecionados, em seguida apresentamos as nossas fontes primárias e secundárias, expondo também as dificuldades encontradas em nossas buscas por fontes.

O capítulo 7, intitulado “A Educação Feminina no Brasil Oitocentista”, analisa o sistema educacional brasileiro pós-independência, como a educação feminina foi estruturada e a Lei Educacional de 1827. Por fim, no capítulo 8, apresentamos uma síntese bibliográfica sobre a Nísia e de sua trajetória, em seguida expomos as análises realizadas.

Tendo em vista o estudo estruturado, finalizamos esta introdução com a questão norteadora, a qual entendemos ser o cerne da presente pesquisa: que indícios podem ser lidos nos textos de Nísia Floresta acerca de argumentos a favor do ensino de ciências, especialmente da matemática para mulheres/meninas no Brasil, que subvertiam os assuntos prescritos pela Lei Educacional de 1827?

2. REVISÃO DE LITERATURA

Com o intuito de conhecer os trabalhos já realizados que perpassam a temática da presente pesquisa, realizamos uma revisão de literatura na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), inicialmente buscando por trabalhos que trataram a respeito do ensino para meninas, segundo a palavra-chave: “ensino para meninas”. A busca gerou 10 trabalhos. Após leitura dos respectivos resumos, descartamos sete pesquisas, priorizando aquelas cujo foco era investigar e/ou analisar questões educacionais centradas em relações de gênero, ou na educação feminina. Conforme tabela 01 encontrada nos apêndices.

Em seguida, ampliamos as palavras-chave pesquisadas focando no ensino de matemática para meninas. Assim, a segunda busca foi realizada com as seguintes palavras-chave: ensino para meninas + matemática. Por meio destas, obtivemos 98 trabalhos, dos quais selecionamos 15, após leitura dos respectivos títulos e resumos, priorizando aqueles que abordavam: as relações de gênero na matemática; o ensino de matemática para meninas; trajetórias acadêmicas e docentes de mulheres nas ciências; assim como estereótipos, disparidades e desafios enfrentados por mulheres nas Ciências Exatas. Conforme tabela 02 encontrada nos apêndices.

Objetivando encontrar outras pesquisas que nos auxiliariam a compreender as relações de gênero na matemática, principalmente aquelas que abordavam as mulheres e suas relações e percepções com este campo de conhecimento, buscamos na plataforma as seguintes palavras-chave: “matemática” + “mulher”. Por meio desta, foram encontrados 343 trabalhos, dos quais selecionamos 43, após leitura dos respectivos títulos e resumos, priorizando aqueles que se referiam de algum modo às relações de mulheres/meninas com a matemática. Contudo, não conseguimos acesso a dois destes, reduzindo os trabalhos selecionados a 41. Conforme tabela 03 nos apêndices.

Nesse sentido, foram realizadas mais duas buscas, essas centradas em Nísia Floresta, constituinte basilar desta pesquisa. A primeira, segundo a palavra-chave: “Nísia Floresta”, com o intuito de encontrar pesquisas que discorriam sobre o ensino feminino proposto pela educadora e sua defesa dos direitos das mulheres. Nesta, obtivemos 93 pesquisas, após leitura dos respectivos resumos, selecionamos aquelas que discorriam sobre os seus aspectos educacionais e feministas. Ademais, também incluímos em nossa revisão os trabalhos que abordavam de alguma forma as suas obras que aludem a essas questões. Assim, dos 93 trabalhos encontrados, elegemos 14 para a nossa revisão. Conforme tabela 04 nos apêndices.

Por fim, terminamos as nossas buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, procurando pesquisas que nos trouxessem informações a respeito do Colégio Augusto, o qual Nísia fundou e onde atuou como diretora. Com o intuito de encontrar indícios de uma defesa do ensino de ciências, sobretudo do ensino de matemática para meninas neles. Assim, segundo a palavra-chave: “Colégio Augusto”, obtivemos quatro trabalhos e, após leitura dos respectivos resumos, selecionamos dois que abordavam a sua fundadora. Conforme tabela 05 encontrada nos apêndices.

Destacamos que as buscas realizadas tiveram trabalhos análogos umas às outras, totalizando 14 das 75 pesquisas encontradas inicialmente. Dessa maneira, salientamos que nas tabelas encontradas nos apêndices, as buscas na BDTD estarão em sua totalidade. Contudo, a presente revisão de literatura excluirá estes, sendo composta por um total de 61 trabalhos.

A fim de realizar diálogos com os trabalhos selecionados, optamos por separá-los em sete grupos temáticos, para abordar de modo geral as pesquisas encontradas. Para tanto, elegemos algumas para representar cada grupo, tendo em mente o elevado número de trabalhos selecionados, priorizando aqueles cujas discussões se mostraram mais relevantes e pertinentes à temática da presente pesquisa.

i. A Educação Feminina em Contextos Históricos

O primeiro grupo, “A Educação Feminina em Contextos Históricos”, compreende pesquisas que exploram historicamente o ensino de matemática e ciências para meninas. Os trabalhos selecionados abordam de maneira geral diferentes aspectos da educação feminina e sua evolução em distintos contextos históricos. Composto quatro trabalhos desta revisão, conforme listados abaixo:

1. *O ensino de Matemática na Escola Doméstica de Natal: contribuições para um diálogo sobre o papel da mulher Norte-rio-grandense (1911-1961)*, de Maria Maroni Lopes. Tese de Doutorado em Educação Matemática, 2020.
2. *O ensino de matemática para mulheres no Colégio Piracicabano (1881-1908)*, de Renata Caterine Gambaro Cleto da Silva. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, 2020.

3. *José Veríssimo: ciência e educação feminina no século XIX*, de Lêda Valéria Alves da Silva. Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas, 2012.
4. *Escolarizar Para Civilizar: O Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes em Santo Amaro da Purificação – Bahia, Século XIX*, de Carolina Antonia Silva Trindade. Dissertação de Mestrado em Língua e Cultura, 2018.

Abordando a educação feminina, os trabalhos encontram limitações históricas em relação ao seu ensino. Segundo Silva (2020), no final do século XIX e início do século XX (1881-1908), no Brasil, o ensino feminino era limitado pelas normas e expectativas da sociedade, com as mulheres/meninas tendo oportunidades educacionais significativamente limitadas em comparação aos homens/meninos. A inclusão das mulheres/meninas em ambientes educacionais começou um movimento de desafio aos papéis de gêneros da época, contribuindo para mudanças de percepções sobre as capacidades das mulheres e seus papéis na sociedade. Segundo a autora, organizações religiosas teriam desempenhado um papel fundamental na promoção do ensino feminino com a abertura de escolas.

Ainda, segundo Trindade (2018, p. 151), a educação das mulheres era frequentemente enquadrada em um discurso civilizatório que reforçava os papéis tradicionais de gênero. De modo que, embora a educação tenha proporcionado novas oportunidades às mulheres/meninas, também tinha como objetivo moldá-las em figuras ideais de domesticidade e virtude, refletindo as expectativas da sociedade da época. Fatores que, “aliado a questões de ordem sociopolítica e econômica, culminaram, no final do século XIX, no Brasil, na feminização da profissão de professor”.

Dito isso, Silva (2012) destaca o projeto educacional proposto por José Veríssimo³, que via a educação como um meio de emancipar as mulheres, argumentando que os conventos não eram apropriados para educar. Contudo, acabou por limitá-las à esfera doméstica, uma vez que seu projeto educacional tinha como foco uma educação moral e não um desenvolvimento intelectual.

Ainda segundo Silva (2012), ele enfatizou a necessidade de proporcionar às mulheres/meninas alguma formação científica e, sugestivamente, para a matemática também. No entanto, propôs um currículo em ciências com conteúdos que acreditava serem necessários para que elas fossem educadoras eficazes de suas(seus) futuras(os) filhas(os) e

³ José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916) foi um escritor, educador e jornalista, conhecido por ser um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras em 1897.

assim boas mães de família. Refletindo as expectativas de gênero da época e a tendência educacional do período, que acabava por manter as mulheres/meninas relegadas aos ambientes domésticos, como explanado por Silva (2020) e Trindade (2018).

No período entre 1911 a 1961, Lopes (2020) nos explica que os currículos das escolas femininas ainda refletiam algumas dessas crenças, mesmo que voltadas agora para o considerado necessário à vida prática, com as mulheres saindo tenuemente dos ambientes domésticos. Nesse sentido, os currículos femininos eram formulados tendo em mente as necessidades regionais. Necessidades essas elegidas pelos homens.

Segundo ela (2020, p. 282), as discussões a respeito da educação feminina eram conduzidas predominantemente por homens, de modo que as mulheres não tinham poder de árbitro nas decisões educacionais, “que delimitavam todos os conhecimentos que [...] teriam acesso”. Conjuntura que vinha sendo mantida desde as primeiras discussões sobre a educação feminina no Brasil, como podemos evidenciar na proposição da Lei Educacional de 15 de outubro de 1827, que discutiremos posteriormente.

Também conforme Lopes (2020), a educação feminina entre 1911 a 1961 não era somente uma questão pedagógica, mas também política. Tendo elementos conservadores e progressistas, pois, ao mesmo tempo, em que buscava empoderar as mulheres, reforçava os papéis tradicionais de gênero. Sendo concebida desse modo tanto como um meio para as mulheres reivindicarem os seus direitos como também um instrumento que instigava a perpetuação dos papéis considerados inerentes a elas na sociedade.

Nesse sentido, a educação feminina era estruturada com ênfase em habilidades e conhecimentos práticos, que tinham como objetivo prepará-las para uma participação ativa tanto em ambientes domésticos quanto na comunidade em geral que se inseriam.

Nessa perspectiva, Trindade (2018) aponta que o acesso geral das mulheres à educação formal, incluindo a matemática, era limitado em comparação ao ensino orientado aos homens, opinião que parece compartilhar com as(os) outras(os) autoras(es) do grupo temático. Aspecto que refletia uma tendência social mais ampla do século XIX e início do século XX, no qual as oportunidades educacionais não eram oferecidas igualmente.

Esse cenário impactava diretamente no conhecimento matemático ao qual as mulheres/meninas teriam acesso, considerando que o currículo feminino era pensado tendo em mente o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos práticos que poderiam ser empregados tanto na esfera doméstica quanto fora dela a partir de 1911.

Sobre o ensino de matemática para as mulheres/meninas, Silva (2020) nos relata que, entre 1881 a 1908, o Colégio Piracicaba, em Piracicaba, no estado de São Paulo, incluiu em

seu currículo geometria e álgebra, conteúdos aos quais as mulheres tinham acesso predominantemente limitado no período explorado. Já em relação a José Veríssimo, Silva (2012) argumenta que ele, influenciado pelo positivismo, acreditava que a matemática deveria ser o ponto de partida para toda a educação científica, considerando a mesma a mais importante das disciplinas, base de toda a educação intelectual. De forma que uma melhor compreensão da matemática era vista como vital para que as mulheres cumprissem os seus papéis sociais como educadoras primárias de suas(seus) filhas(os).

Desse modo, os trabalhos, de modo geral, nos auxiliam a compreender a educação feminina no Brasil no final do século XIX e início do século XX. Apresentando os direcionamentos e limitações desse campo, o que nos possibilita contextualizar o cenário do ensino feminino não apenas no período no qual o nosso trabalho se insere, mas também estereótipos que ainda residem na contemporaneidade.

ii. Percepções e Representações Femininas em Esferas Acadêmicas

Dando seguimento, trataremos agora do nosso segundo grupo temático, que compreende pesquisas que exploram as representações femininas em ambientes acadêmicos, os desafios e barreiras enfrentados e, como consequência, as expectativas de gênero, especialmente no campo das Ciências Exatas e áreas afins. Além desses, o grupo também compreende trabalhos que tratam das representações femininas na história da matemática, as quais impactam diretamente na definição de carreiras de mulheres e meninas que aspiram seguir nessa área. O presente grupo compreende 21 trabalhos desta revisão, conforme listados abaixo:

1. *Estilhando as máscaras epistemológicas das Anastácias da atualidade: compreendendo os impactos das produções de mulheres africanas para a Matemática no século XX e XXI*, de Marcos Vinícius dos Santos Souza. Dissertação de Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências, 2023.
2. *Engenheiros, mulheres, matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896-1968)*, de Andre Luis Mattedi Dias. Tese de Doutorado em História Social, 2002.
3. *A Matemática é Feminina? Um Estudo Histórico da Presença da Mulher Em Institutos de Pesquisa em Matemática do Estado de São Paulo*, de Mariana Feiteiro Cavalari. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, 2007.

4. *Ser mulher em Ciências da Natureza e Matemática*, de Renata Rosenthal. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências, 2018.
5. *Gênero, ensino e pesquisa em matemática: um estudo de caso*, de Leopoldina Cachoeira Menezes. Tese de Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, 2016.
6. *Percepção de barreiras e suportes na carreira acadêmica dos estudantes de matemática: um estudo de gênero*, de Daniele Aparecida de Oliveira. Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências, 2021.
7. *A Matemática das mulheres: as marcas de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia. (1941-1980)*, de Marcia Barbosa de Menezes. Tese de Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, 2017.
8. *O impacto do gênero dos docentes nas escolhas de carreira: estudo em escolas de educação profissional integrada ao nível médio no Ceará*, de Ingrid de Sales Rabelo. Dissertação de Mestrado em Ciências Econômicas, 2023.
9. *Uma intervenção pedagógica na educação básica com potencial de ampliar a visibilidade da produção científica feminina*, de Maria Lúcia Corrêa. Tese de Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática, 2024.
10. *A inserção das mulheres na ciência: efeito de um dispositivo de visibilidade*, de Juliana Cardoso Pereira. Tese de Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, 2019.
11. *Trajetórias profissionais de mulheres cientistas em cargos de chefia*, de Priscilla Sousa Frigo Raimundi. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais, 2019.
12. *Investigando vieses de gênero a respeito de profissões entre alunos das áreas de ciências exatas e humanas*, de Murilo César Moreira. Dissertação de Mestrado em Psicologia, 2020.
13. *Em direção a uma ciência feminista*, de Andréia Moreira da Silva. Dissertação de Mestrado em Ensino, História das Ciências e da Matemática, 2018.
14. *A presença feminina no curso de matemática de Ilha Solteira*, de Jairo Fernando Calister Fernandes. Dissertação de Mestrado em Ensino e Processos Formativos, 2020.

15. *Subjetivação e regime de verdade: percurso que perpassaram as mulheres da educação matemática*, de Amital Aminadab Santos Brito. Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática, 2021.
16. *Uma proposta para a formação inicial de docentes acerca de uma educação científica equitativa em gênero*, de Juliane Priscila Diniz Sachs. Tese de Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática, 2019.
17. *Cientistas negras nos cursos de ciências exatas: (re)existências*, de Cinthia Raquel de Souza. Tese de Doutorado em Educação em Ciências e em Matemática, 2024.
18. *Atividades laboratoriais: desenvolvimento do autoconceito e das crenças de autoeficácia e a minimização dos estereótipos de gênero na escolha profissional das meninas na área das ciências*, de Alexandra Moraes Maiato. Tese de Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, 2012.
19. *(Des)igualdade de gênero na área de STEM (Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática)*, Ligia Kaori Matsumoto Hirano. Dissertação de Mestrado em Administração, 2021.
20. *História da ciência na perspectiva das mulheres: o domínio da natureza e da mulher em Carolyn Merchant*, de Iohana Souza Santarelli. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática, 2023.
21. *Hypatia de Alexandria: narrativas e contribuições acerca da filósofa, matemática, astrônoma e mestra da Antiguidade Tardia*, de Crislanda Lima Pereira. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática, 2024.

Conforme Dias (2002) ressalta, opinião também compartilhada por outras(os) autoras(es) desta revisão, há uma disparidade de gênero notável na história da educação matemática, de tal modo que os cursos de matemática e áreas relacionadas eram predominantemente frequentados por homens, enquanto as mulheres tinham maior probabilidade de se matricularem em cursos do campo de humanidades, como a pedagogia.

Segundo o autor, tal predominância ocorreu devido às percepções culturais e expectativas da sociedade, em que as normas sociais limitavam frequentemente as oportunidades das mulheres, influenciando na forma como eram percebidas e reconhecidas na área. Souza (2023) enfatiza que essa exclusão histórica não apenas continua afetando a participação das mulheres na matemática na contemporaneidade, como também marginalizou

sistematicamente as suas contribuições no campo ao longo dos séculos (Santarelli, 2023; Pereira, 2024), de modo:

[...] que a luta das mulheres dentro das ciências vai além de ganhar espaços, mas constitui em resgatar o que foi perdido ou roubado pelo apagamento das mulheres dentro dessas áreas e com base nisso construir a história delas ou uma her-story dentro da academia (Santarelli, 2023, p. 35).

Diante disso, se encontraria a necessidade de adicionar novas referências biográficas à história das ciências, como o trabalho de Carolyn Merchant⁴, explorado por Santarelli (2023) em sua pesquisa, e as contribuições intelectuais de Hypatia de Alexandria⁵, analisadas por Pereira (2024). Com o intuito de incluir novas perspectivas ao campo e desafiar as narrativas tradicionais dominadas por homens, a fim de contribuir para uma compreensão mais abrangente da história científica, que incentivaria meninas e mulheres a se engajarem nos campos científicos ao encontrarem representações com as quais se identificariam, e com o resgate do “que foi perdido ou roubado pelo apagamento das mulheres dentro dessas áreas” (Santarelli, 2023, p. 35).

Pois, segundo Rabelo (2023), a presença de modelos de gênero, especialmente femininos, desempenha um papel crucial na escolha de carreira para as mulheres. De forma que a sub-representação de mulheres nas áreas de Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM) tem influência direta nessa invisibilidade. Segundo ele, em 2021, as mulheres constituíam 38,5% dos graduados em cursos STEM, mas apenas 31,6% da força de trabalho nessas áreas eram mulheres, indicando uma queda na participação na pós-graduação.

Nesse contexto, de acordo com Cavalari (2007), as barreiras sistemáticas enfrentadas pelas mulheres para acessar o ensino superior, em especial na matemática e áreas relacionadas, também são fatores que contribuem significativamente para a atual sub-representação feminina em cargos acadêmicos e de pesquisa dentro do campo de conhecimento, segundo ela:

[...] acredita-se que um dos fatores que pode interferir na baixa escolha das mulheres pela carreira acadêmica, em especial, em Matemática, é a existência de estereótipos sexuais nas profissões, incluindo na de cientista, além da persistência de sutis diferenças na educação de meninas e meninos [...] os jogos masculinos exigem atitude exploratória, estimulam a relação entre objetos e os femininos reforçam as características maternas e habilidades verbais. Desta forma, desde a infância, por meio da diferenciação de brinquedos, os meninos são, em geral, mais

⁴ Carolyn Merchant (1936) é uma historiadora, filósofa e teórica ambiental americana, conhecida por suas contribuições no campo da história ambiental, do ecofeminismo e por suas análises das interseções entre a exploração ambiental e a opressão de gênero.

⁵ Hipátia de Alexandria foi uma filósofa, astrônoma e matemática do século IV, conhecida por suas contribuições à ciência e ensino neoplatônico, sendo uma das primeiras mulheres a se destacar na História da Filosofia e da Matemática.

estimulados que as meninas, para desenvolver habilidades ligadas à carreira científica (Cavalari, 2007, p. 107).

Nessa perspectiva, Oliveira (2021) observa que há uma crença internalizada desde a tenra idade de que existem certas carreiras, em especial aquelas que envolvem a matemática, de que são mais adequadas para os homens. Representação que acaba por afetar o modo como as mulheres se relacionam com suas habilidades/capacidades e determinam as suas carreiras.

Rosenthal (2018) complementa que tais estereótipos não apenas impactam no engajamento feminino nos campos científicos, como também na maneira que essas mulheres se apresentam em espaços acadêmicos. Tomando como exemplo Annie, uma matemática entrevistada pela autora, que compartilhou a sua experiência de como as suas escolhas de vestuário impactavam a percepção que tinham do seu trabalho.

Segundo ela, quando se vestia de uma maneira considerada mais “feminina” seu trabalho era levado menos a sério em comparação com quando se vestia de uma forma mais “masculina”. Situação que reflete a pressão a que as mulheres são geralmente submetidas para se adequarem a certas normas de gênero a fim de obterem respeito profissional. Conforme as narrativas coletadas por Rosenthal (2018), as mulheres na matemática, assim como em outros campos científicos, muitas vezes enfrentam tensões entre manter sua identidade profissional e expressar a sua feminilidade.

Dito isso, Menezes (2016) critica a representação ainda presente de que as mulheres que escolheram seguir carreiras em campos científicos, se dedicando exclusivamente em atividades acadêmicas, seriam de algum modo não conformadas com seus papéis femininos tradicionais, reforçando de algum modo estereótipos que dificultam o reconhecimento de suas contribuições na ciência. Além de ser uma situação contraditória ao analisarmos a dedicação intensa esperada delas.

Raimundi (2019) relata que as mulheres em áreas científicas, especialmente áreas relacionadas às Ciências Exatas, precisam provar constantemente as suas capacidades. Fomentando uma dedicação mais intensa do que a demonstrada geralmente por homens; além deles atingirem posições mais altas e confiáveis com mais facilidade.

Ademais, segundo ela, elas são muitas vezes confrontadas em relação às suas capacidades, estimulando uma dedicação intensa, e geralmente enfrentam uma dupla jornada de trabalho, gerenciando responsabilidades profissionais e pessoais, como a maternidade, o que também afetaria a sua progressão de carreira em áreas científicas.

Conforme Souza (2023), Menezes (2017) e Souza (2024), devemos considerar as interseções de fatores como de gênero, raça e socioeconômicos ao discutirmos barreiras enfrentadas no ensino e na academia. Segundo essas(es), as experiências e desafios que uma mulher negra enfrenta no campo diferem dos desafios enfrentados por uma mulher negra e lésbica, e uma mulher branca. De modo que as barreiras encontradas na academia, em áreas científicas, são plurais ao considerarmos uma análise interseccional.

Assim, de modo geral, os desafios e barreiras enfrentados pelas mulheres no campo da matemática e áreas relacionadas são construídos por uma complexa rede de estereótipos de gênero, expectativas sociais e limitações históricas e interseccionais. Que impactam as mulheres desde a tenra infância, moldando suas escolhas e a percepção de suas habilidades até o ambiente acadêmico e profissional, onde precisam demonstrar constantemente as suas capacidades a fim de serem reconhecidas. Em dinâmicas que refletem a sub-representação feminina em áreas STEM.

iii. Percepções de Gênero em Ambientes Educacionais

O terceiro grupo abrange, de maneira geral, pesquisas que analisam como estereótipos e expectativas de gênero afetam o desempenho e a participação na matemática em ambientes educacionais. Compreendendo 13 trabalhos desta revisão, conforme listados abaixo:

1. *Gênero e matemática(s): jogos de verdade nas práticas de numeramento de alunas e alunos da educação de pessoas jovens e adultas*, de Maria Celeste Reis Fernandes de Souza. Tese de Doutorado em Educação, 2008.
2. *Entre silenciamentos e invisibilidades: relações de gênero no cotidiano das aulas de matemática*, de Lindamir Salete Casagrande. Tese de Doutorado em Tecnologia, 2011.
3. *Afetividade, gênero e escola: um estudo sobre a exclusão de meninos no 6º ano do ensino fundamental, com enfoque na disciplina de matemática*, de Evelyn Rosana Cardoso. Tese de Doutorado em Educação para a Ciência e a Matemática, 2015.
4. *A aula de matemática: a didática do feminino e do masculino*, de Otávio Henrique Braz de Oliveira. Dissertação de Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, 2013.

5. *O silenciamento de gênero nas aulas de matemática na perspectiva dos discursos docentes*, de Michele Christiane Alves de Brito. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática, 2023.
6. *Estudos de gêneros na Educação Matemática: as expectativas construídas pelos/as docentes*, de José Mário da Silva Filho. Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática, 2019.
7. *“O menino, com o mínimo de interesse, consegue; a menina tem muito mais afazeres”*: percepção docente sobre o hiato de gênero no desempenho em Matemática, de Viviane Adriana Xavier. Dissertação de Mestrado em Educação, 2018.
8. *Processos de Exclusão pela Matemática: enunciados de alunos e alunas do Ensino Médio Integrado e do Ensino Superior*, de Ricardo Gomes Assunção. Tese de Doutorado em Educação Matemática, 2022
9. *Entre mitos e interditos: Uma reflexão sobre a segregação feminina na Matemática*, de Jane Cleide de Almeida Cordeiro. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática, 2019.
10. *Matemática no programa Mulheres SIM: inclusão e cidadania*, de Liciania Gai Garcia. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática, 2017.
11. *Relações de gênero e ensino de matemática: uma análise do projeto as “minas” da matemática*, de Duciâny Batista da Silva Rodrigues. Dissertação de Mestrado em Matemática, 2021.
12. *Diferenças de gênero na apreensão do conhecimento escolar*, de Edlamar Souza Leal Cavalcanti. Dissertação de Mestrado em Educação, 2002.
13. *Quem calculava: representações de gênero na relação mulher-matemática na obra O homem que calculava de Malba Tahan*, de Luiza Gabriela Razêra de Souza. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática, 2013.

Conforme Oliveira (2013), Brito (2023) e Filho (2019), as desigualdades de gênero que persistem na educação matemática se refletem nas formas como meninas e meninos são percebidos e tratados em sala de aula. Espaço onde, segundo elas(es), as meninas geralmente enfrentam estereótipos que sugerem que são menos capazes em matemática que os meninos.

Percepção que acaba por impactar sua confiança e interesse pelo campo, limitando futuramente as suas oportunidades em áreas relacionadas à matemática por acreditarem que não possuem “aptidão” para ela. Nesse sentido, segundo Oliveira (2013), em sala de aula as(os) professoras(es) expressam mais paciência em suas explicações e demonstrações às meninas do que em relação aos meninos. De forma que:

Suas dificuldades [são] tidas como naturais e, portanto, esperadas para seu gênero [...] atitudes do professor [que] revelam que as expectativas docentes em relação à aprendizagem das alunas acerca dos conceitos e das regras matemáticas são menores do que os resultados esperados dos alunos (Oliveira, 2013, p. 166).

Além disso, de acordo com Casagrande (2011) e Cardoso (2015), as(os) professoras(es) possuem uma representação internalizada de que as meninas tendem a obedecer às regras mais do que os meninos. Sendo percebidas geralmente como “delicadas” e abertas à comunicação. De modo que quando se desviam do esperado, questionando e/ou desafiando, são vistas como agressivas. Representações que afetam diretamente o tratamento orientado a ambos os gêneros pelas(os) professoras(es) em sala de aula, podendo levar a um tratamento tendencioso por parte delas(os).

Assim, a atitude adotada pelas(os) professoras(es) em relação às(aos) suas(seus) alunas(os) exerce muitas vezes um papel significativo na forma como estas(es) se relacionam com a matemática. Podendo desencorajar a participação feminina no campo matemático e áreas relacionadas ao reproduzir preceitos enraizados de que as meninas possuem menos “aptidão” para a matemática do que os meninos em sua prática em sala de aula.

Expectativas de comportamento que também afetariam, segundo Cavalcanti (2012), as suas oportunidades de expressar criatividade e pensamento crítico. As meninas incentivadas desde a infância a desenvolverem empatia adotariam, segundo ele, um estilo cognitivo mais contextual e voltado para os relacionamentos, em contraste com o pensamento abstrato incentivado aos meninos.

Segundo ele, tais constatações, em conjunto com os estereótipos de gênero que associam a criatividade aos meninos/homens, confinariam as meninas/mulheres a um modelo educacional que favorece disciplina e controle, restringindo as suas chances de inovação e autonomia no ensino.

Nessa perspectiva, de acordo com Casagrande (2011), os ambientes escolares, de modo geral, contribuem significativamente com a construção de identidades de gênero. De maneira que os currículos escolares influenciam as(os) alunas(os) na forma como se percebem e

percebem umas(uns) as(aos) outras(os), ensinando assim papéis e expectativas de gêneros a elas(es).

Ademais, segundo Souza (2013), as representações femininas nos currículos também afetam diretamente o envolvimento feminino na matemática e em áreas relacionadas, pois quando o ensino não reflete perspectivas diversas, ele acaba por alienar as mulheres e outros grupos marginalizados e/ou invisibilizados. Podendo reduzir a sua participação e sucesso nas áreas.

iv. Gênero e Diversidade em Livros Didáticos

O quarto grupo é composto por trabalhos que buscam analisar como o gênero é representado em livros didáticos, especialmente os livros de matemática. Compreendendo três trabalhos desta revisão, conforme listados abaixo:

1. *Educação matemática e multiculturalismo: uma análise de imagens presentes em livros didáticos*, de Andreia Cristina Rodrigues Trevisan. Dissertação de Mestrado em Educação, 2013.
2. *As questões de gênero, raça e classe em livros didáticos de Matemática: uma análise a partir da educação Ciência, Tecnologia e Sociedade – CTS*, de André Cristovão Sousa. Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática, 2023.
3. *Um olhar sobre os discursos do campo nos livros didáticos de matemática dos anos finais do ensino fundamental*, de Danusa Nunes de Menezes. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, 2022.

De modo geral, as pesquisas selecionadas constataam que as mulheres são sub-representadas em livros didáticos de matemática, sub-representações decorrentes de estereótipos de gênero, e quando representadas são geralmente mencionadas em contextos de passividade, como espectadoras ou em ambiente privado, sendo raramente retratadas em papéis ativos da sociedade.

Segundo Menezes (2022), as mulheres quando retratadas são aludidas em papéis passíveis, enquanto os homens são mencionados em contextos produtivos. Refletindo papéis tradicionais de gênero que acabam por reforçar ideias de esferas públicas e domésticas distintas para homens e mulheres (Trevisan, 2013). Potencializando, segundo Souza (2023), a representação limitada das mulheres em papéis de liderança ou inovadores em contextos

relacionados à matemática, de modo que nos livros “nos deparamos com posições que reproduzem a mulher como dada à afetividade, incapaz de lidar com questões racionais, inclusive de fazer matemática” (Trevisan, 2013, p. 42).

Ainda segundo ela, em sua maioria os livros didáticos retratam estruturas familiares heterossexuais e grupos étnicos de maneira hegemônica⁶, que junto às representações de gênero reforçam ainda mais os estereótipos sobre essas questões.

Nessa perspectiva, Souza (2023) relata que mesmos nos livros onde há uma maior representação de figuras femininas, existe uma falta de diversidade étnica entre elas, situação que contribuiria com uma percepção restrita de quem pode se envolver com a matemática, desencorajando mulheres/meninas de etnias sub-representadas a optarem por carreiras no campo.

Assim, os trabalhos selecionados nos apontaram uma persistência de estereótipos de gênero e raça nas representações femininas em materiais didáticos, especialmente os livros didáticos de matemática. Estereótipos que acabam por colocá-las em contextos de passividade e na esfera doméstica, espaços ligados às representações tradicionais dos papéis que deveriam desempenhar na sociedade.

v. Docência Feminina e Formação no Ensino de Matemática

O quinto grupo é formado por pesquisas que abordam a docência feminina, a invisibilidade de discussões sobre gênero na formação de professoras de matemática e suas percepções em relação às suas identidades profissionais. Compreendendo seis trabalhos desta revisão, conforme listados abaixo:

1. *Vozes com rostos, reluzentes silhuetas: histórias de vida, formação e atuação docente de mulheres educadoras da região de Ouro Preto – MG*, de Iara Leticia Leite de Oliveira. Tese de Doutorado em Educação Matemática, 2021.
2. *Constituir-se professora primária no interior do estado da Bahia – Caetité (1926-1956): relações de gênero, conhecimento-matemático e poder*, de Angelita de Souza Leite. Tese de Doutorado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, 2021.

⁶ O termo “hegemônica” refere-se a uma representação dominante que exclui e/ou marginaliza outras perspectivas.

3. *Narrativas de vida de educadoras matemáticas paranaenses: marcas de gênero em um diário de uma feminista*, de Tailine Audilia de Santi. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, 2021.
4. *A inserção e vivência da mulher na docência de matemática: uma questão de gênero*, de Maria da Conceição Vieira Fernandes. Dissertação de Mestrado em Educação, 2006.
5. *A invisibilidade do gênero nas discussões das mulheres professoras de matemática*, de Juliana Boanovac Souza. Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde, 2020.
6. *Matemática e docência feminina: descortinando alguns aspectos emblemáticos envolvidos às relações de poder*, de Lorrayne Ferreira dos Santos de Paula. Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática, 2023.

Conforme Oliveira (2021), a profissão docente, especialmente no nível primário, foi historicamente orientada às mulheres. Sendo até meados do século XX uma das poucas carreiras consideradas respeitadas que poderiam seguir. Propensão que se manteve na contemporaneidade, refletida na predominância de mulheres docentes.

Essa feminização da profissão, segundo a autora, estaria diretamente ligada aos estereótipos de gênero, que associavam as mulheres ao papel de cuidadoras. Estereótipo, que ainda influencia significativamente no modo como as professoras se compreendem como docentes e suas percepções em relação ao seu trabalho na contemporaneidade.

Nesse sentido, de acordo com Oliveira (2021) e Santi (2021), embora a docência no nível primário seja predominantemente feminina, a representação de mulheres no ensino superior e em disciplinas como matemática tem sido historicamente menos evidente. Tal quadro, segundo Fernandes (2016), se daria devido à matemática e áreas relativas às Ciências Exatas serem historicamente construídas como um domínio masculino. Produzindo estereótipos de gênero no campo, que perpetuam preconceitos contra as mulheres adentrarem no mesmo.

Nessa perspectiva, segundo Souza (2020), a invisibilidade de discussões sobre gênero na formação de professoras de matemática impacta significativamente suas identidades profissionais. Frequentemente negligenciadas ou abordadas de forma inadequada, as discussões sobre gênero não apenas impactam no desenvolvimento de práticas educacionais e de um currículo inclusivo, como também influenciam suas práticas em sala de aula.

Segundo ela, mulheres em posição de poder tendem a se sentir compelidas a disfarçar a sua autoridade em contextos educacionais, tal comportamento minaria a sua eficácia e confiança, influenciando as suas interações com colegas de trabalho e suas(seus) alunas(os). Diante disso, uma formação que abordasse de modo satisfatório as questões de gênero, tanto no âmbito docente quando no campo da matemática, promoveria não apenas melhorias nas práticas educacionais em sala de aula, ao apresentar a matemática como um campo inclusivo às(aos) alunas(os), como também impactaria diretamente nas suas identidades profissionais, ao possibilitar uma identificação de estereótipos de gênero em seus comportamentos que as inibem a condutas de submissão.

vi. A Educação Feminina e o Pensamento Pedagógico de Nísia Floresta

Na sequência, temos o sexto grupo composto pelas pesquisas que mais se aproximam da nossa, por apresentar trabalhos que exploram o pensamento pedagógico de Nísia e sua defesa da educação feminina. Compreendendo seis trabalhos desta revisão, conforme listados abaixo:

1. *Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”: contradições na filosofia de educação nisiana*, de Graziela Rinaldi da Rosa. Tese de Doutorado em Educação, 2012.
2. *Algumas reflexões acerca da educação e disciplinarização feminina nas obras de Nísia Floresta (1827-1856)*, de Ana Kelly Cavalcante Menezes. Dissertação de Mestrado em Educação, 2022.
3. *Nísia Floresta e educação das mulheres no Brasil: a experiência do Colégio Augusto (1838-1849)*, de Gabriel Battazza Lonza. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, 2019.
4. *Negociando distâncias em defesa da educação para as brasileiras em Nísia Floresta*, de Bárbara Amaral da Silva. Tese de Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso, 2020.
5. *Educação para mulheres e processos de descolonização da América Latina no século XIX: Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper*, de Adriane Raquel Santana de Lima. Tese de Doutorado em Educação, 2016.

6. *Mulheres emancipai-vos!: um estudo sobre o pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta*, de Elizabeth Maria da Silva. Dissertação de Mestrado em Educação Contemporânea, 2014.

Em suma, os trabalhos selecionados investigam e analisam o ensino feminino defendido por Nísia, explorando o impacto de sua luta pela educação das mulheres e suas contribuições para a educação feminina no século XIX. Sendo compostos por análises dos textos publicados pela educadora, que abordam de algum modo a educação feminina, sua representação da mulher e do papel que deveria desempenhar na sociedade, além de sua defesa dos direitos das mulheres.

Ademais, também identificamos em um dos trabalhos selecionados, Lima (2016), na presente revisão, obras que abordam outras questões relevantes sobre a educadora. Como um compilado de cartas trocadas entre Nísia e Auguste Comte, que nos permitiu compreender melhor a natureza da relação que existia entre eles. E o poema *A Lágrima de um Caeté*, no qual Nísia, segundo Lima (2016), expressa a sua posição em relação aos indígenas. Os trabalhos que selecionamos foram compostos por análises de obras escritas pela educadora e um compilado de cartas trocadas entre ela e Auguste Comte. Conforme listados abaixo:

- I. *Opúsculo Humanitário*
- II. *Conselhos à Minha Filha*
- III. *Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*
- IV. *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*
- V. *Fany ou O Modelo das Donzelas*
- VI. *Cintilações de uma Alma Brasileira*
- VII. *Máximas e Pensamentos*
- VIII. *A Mulher*
- IX. *Um Passeio no Jardim de Luxemburgo*
- X. *A Lágrima de um Caeté*
- XI. *Cartas de Nísia Floresta & Auguste Comte*

Salientamos que uma das pesquisas selecionadas, a tese de doutoramento de Adriane Raquel Santana de Lima, “*Educação para mulheres e processos de descolonização da América Latina no século XIX: Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper*”, é composta

também por obras produzidas por Soledad Acosta de Samper⁷. Contudo, por esta não ser foco da presente pesquisa, não as listamos aqui.

Foi observado que todas as pesquisas utilizaram a obra *Opúsculo Humanitário* para compor suas análises. Já o livro *Conselhos à Minha Filha* foi utilizado em cinco das seis pesquisas selecionadas, não sendo empregado apenas na tese de doutoramento da autora supramencionada.

O texto *Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*, assim como *Conselhos à Minha Filha*, foi explanado em cinco das seis pesquisas selecionadas, não compondo apenas a dissertação de Elizabeth Maria da Silva: *Mulheres emancipai-vos!: um estudo sobre o pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta*.

Quatro dos seis trabalhos utilizaram a obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, sendo as teses de doutoramento de Graziela Rinaldi da Rosa, intitulada *Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”: contradições na filosofia de educação nisiana*, e a de Bárbara Amaral da Silva, *Negociando distâncias em defesa da educação para as brasileiras em Nísia Floresta*, os únicos trabalhos que não utilizaram a obra para compor suas pesquisas.

Assim como a obra anterior, *Fany ou O Modelo das Donzelas* também foi utilizada em quatro dos seis trabalhos, não sendo empregada na dissertação de Silva (2014) e na tese de Lima (2016). Já a obra *Cintilações de uma Alma Brasileira* é utilizada como base apenas nas pesquisas das autoras supramencionadas, sendo explorada desse modo em dois dos seis trabalhos selecionados.

Por fim, os textos: *Máximas e Pensamentos*, *A Mulher* e *Um Passeio no Jardim de Luxemburgo* foram utilizados somente na tese de doutoramento de Rosa (2012). Assim como os textos *A Lágrima de um Caeté* e as *Cartas de Nísia Floresta & Auguste Comte* foram explanados apenas na tese de doutoramento de Lima (2016). Conforme se pode observar no quadro abaixo:

⁷ A colombiana Soledad Acosta de Samper (1833-1913) era, segundo Lima (2016, p. 155), “uma escritora notável, com vasta produção, que inclui romances, diários íntimos, revistas, biografias e cartilhas religiosas. Produziu dezenas de obras por meio das quais se aponta uma autora complexa, com um pensamento próprio, autônomo, questionador dos padrões patriarcais, embora sem abandonar a religião, fortemente presente em suas ideias”.

Quadro 01 - Textos de Nísia Floresta utilizados em teses e dissertações que abordam a educação feminina e seu pensamento pedagógico.

Livros/Autoras(es)	Graziela Rinaldi da Rosa	Gabriel Battazza Lonza	Ana Kelly Cavalcante Menezes	Elizabeth Maria da Silva	Bárbara Amaral da Silva	Adriane Raquel Santana de Lima	Número de vezes analisado
Opúsculo Humanitário	Utilizado	Utilizado	Utilizado	Utilizado	Utilizado	Utilizado	6
Conselhos à Minha Filha	Utilizado	Utilizado	Utilizado	Utilizado	Utilizado	-	5
Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta	Utilizado	Utilizado	Utilizado	-	Utilizado	Utilizado	5
Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens	-	Utilizado	Utilizado	Utilizado	-	Utilizado	4
Fany ou O Modelo das Donzelas	Utilizado	Utilizado	Utilizado	-	Utilizado	-	4
Cintilações de uma Alma Brasileira	-	-	-	Utilizado	-	Utilizado	2
Máximas e Pensamentos	Utilizado	-	-	-	-	-	1
A Mulher	Utilizado	-	-	-	-	-	1
Um Passeio no Jardim de Luxemburgo	Utilizado	-	-	-	-	-	1
A Lágrima de um Caeté	-	-	-	-	-	Utilizado	1
Cartas de Nísia Floresta & Auguste Comte	-	-	-	-	-	Utilizado	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Além das obras já mencionadas, alguns dos trabalhos selecionados também analisaram o colégio fundado por Nísia. Nesse sentido, destacamos as pesquisas de Rosa (2012), Lonza (2019) e Silva (2014), que fazem uma análise mais abrangente do mesmo. Dito isso, como mencionado anteriormente, as pesquisas selecionadas majoritariamente buscavam analisar o ensino feminino proposto por Nísia, suas contribuições ao ensino feminino brasileiro e o impacto de seus trabalhos na contemporaneidade.

Essas pesquisas trouxeram contribuições ao estruturarem e discorrerem sobre o que Rosa (2012) nomeou como “pedagogia nisiana”, nos possibilitando conhecer mais sobre o ensino proposto por ela por diferentes vieses, teorias e metodologias que enriqueceram os nossos conhecimentos sobre a educadora, seus escritos e o ensino proposto por ela. Conforme quadro abaixo:

Quadro 02 - Mapeamento das pesquisas sobre a educação feminina e o pensamento pedagógico de Nísia Floresta.

Dissertações/Teses	Objetivos	Caminhos seguidos
Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”: contradições na filosofia de educação nisiana	Analisar a sua filosofia educacional explorando os temas de educação moral e de ordem social em suas obras e no Colégio Augusto. Buscando esclarecer as visões de Nísia sobre a “reforma na educação”, “papel da mulher”, “utilitarismo”, “família”, “educação moral”, “ordem social”, “valores” e “relações de gênero entre homens e mulheres”.	A pesquisa seguiu uma abordagem historiográfica por meio de análises documentais.
Algumas reflexões acerca da educação e disciplinarização feminina nas obras de Nísia Floresta (1827-1856)	A pesquisa examina as obras de Nísia Floresta, destacando a sua influência na educação das mulheres no século XIX, além de explorar os discursos que normatizavam o papel feminino em uma sociedade patriarcal, ainda marcada pela herança da América Portuguesa.	Emprega análise histórica e literária para investigar a evolução da educação feminina e dos papéis sociais, adotando uma abordagem comparativa entre as experiências de mulheres do século XIX e os esforços de Nísia. Além disso, integra teorias de gênero e avalia a influência da filosofia positivista de Auguste Comte em seu pensamento.
Nísia Floresta e educação das mulheres no Brasil: a experiência do Colégio Augusto (1838-1849)	A pesquisa busca examinar e ponderar sobre as contribuições de Nísia para a história da educação das mulheres no Brasil, por meio da experiência no Colégio Augusto.	Análise histórica e contextual com uma abordagem de estudo de caso.
Negociando distâncias em defesa da educação para as brasileiras	Os objetivos da pesquisa são analisar de que forma a construção argumentativa das obras de Nísia promove a educação das mulheres e	A pesquisa baseia-se na Análise Argumentativa do Discurso de Ruth Amossy, e na Teoria da Problematologia de

em Nísia Floresta	determinar se a mesma efetivamente contribuiu para a valorização do feminino ou se, de alguma maneira, manteve e/ou reproduziu representações que desvalorizam o papel das mulheres.	Michel Meyer.
Educação para mulheres e processos de descolonização da América Latina no século XIX: Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper	Analisar o conceito de educação para mulheres nas obras de Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper, buscando entender como essas ideias se relacionavam com o contexto histórico de descolonização da América Latina no século XIX.	A pesquisa utiliza uma metodologia teórica baseada em pressupostos analíticos da história cultural e da história comparada do pensamento social latino-americano.
Mulheres emancipai-vos!: um estudo sobre o pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta	A pesquisa visa investigar as principais ideias do pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta e identificar como essas questões continuam relevantes nas discussões sobre a educação feminina na contemporaneidade.	A pesquisa adota o “Método do Caso Alargado” de Boaventura de Sousa Santos, combinando abordagens fenomenológicas e estruturalistas. Utiliza análise documental para coleta e análise de dados e se fundamenta na epistemologia feminista para explorar o pensamento pedagógico de Nísia Floresta.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A presente pesquisa se diferencia dos trabalhos já realizados, pois diferentes dos mesmos que focam no ensino feminino proposto por Nísia, suas ideias pedagógicas, como estas se relacionam nas discussões sobre a educação feminina na contemporaneidade ou mesmo como se relacionam com a descolonização da América Latina, busca identificar em Nísia uma defesa do ensino de matemática para meninas que ia além do que estava em voga no século XIX.

vii. Reflexões sobre as obras de Nísia Floresta

Por fim, temos o sétimo e último grupo temático, o qual, assim como o anterior, compreende trabalhos que se aproximam da presente pesquisa por se utilizarem das obras de Nísia para analisar e investigar questões relacionadas aos estereótipos de gênero contemporâneos, com seus focos não residindo necessariamente na “pedagogia nisiana”. Além disso, o grupo também é composto por pesquisas que analisam algumas das obras de

Nísia de maneira isolada, não priorizando obrigatoriamente os seus possíveis posicionamentos, e sim a obra como um todo. Compreendendo oito trabalhos desta revisão, conforme listados abaixo:

1. *Direito internacional à equidade de gênero e o pioneirismo antidiscriminatório de Nísia Floresta*, de Lorna Beatriz de Araújo. Dissertação de Mestrado em Constituição e Garantia de Direitos, 2022.
2. *Direito das mulheres e injustiça dos homens: a tradução utópico-feminista de Nísia Floresta*, de Catarina Alves Coelho. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução, 2019.
3. *Direito das mulheres: um enfoque sobre Nísia Floresta e a política da tradução cultural*, de Alana Lima de Oliveira. Dissertação de Mestrado em Ciências Jurídicas, 2015.
4. *Direitos das mulheres pela educação na perspectiva do silenciamento: funcionamento discursivo de Nísia Floresta e da ONU mulheres*, de Erika Caroline de Oliveira Cavalcanti. Tese de Doutorado em Ciências da Linguagem, 2022.
5. *Nísia Floresta: memória e história da mulher intelectual oitocentista*, de Laura Sánchez Pereira Battistella. Dissertação de Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras, 2017.
6. *O mundo dos homens e o segundo sexo: do essencialismo de gênero à transcendência*, de Lucas Freitas de Araújo. Dissertação de Mestrado em Ética, 2022.
7. *Vozes subalternas: produções de autoria feminina na pós-colonização do Brasil*, de Ana Carolina dos Reis Fernandes. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, 2013.
8. *Da república sem mulheres à modernização patriarcal: origens e metamorfoses das relações de gênero no Brasil*, de Ana Carolina Freitas Lima Ogando. Tese de Doutorado em Ciência Política, 2012.

De modo geral, as pesquisas selecionadas buscam analisar e investigar questões relativas à mulher, fazendo uso das obras de Nísia para compor a sua análise. Nesse sentido, foram identificadas quatro obras de Nísia sendo utilizadas mais significativamente no corpo dos trabalhos, sendo elas:

- i. *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*
- ii. *Opúsculo Humanitário*
- iii. *Conselhos à Minha Filha*
- iv. *Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*

Salientamos que as pesquisas de Laura Sánchez Pereira Battistella, *Nísia Floresta: memória e história da mulher intelectual oitocentista*, e de Lorna Beatriz de Araújo, *Direito internacional à equidade de gênero e o pioneirismo antidiscriminatório de Nísia Floresta*, somente mencionam brevemente as obras, sem se deter em uma análise aprofundada. De modo que não as consideramos na análise das obras utilizadas no presente grupo temático.

O livro *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* foi utilizado em seis dos oito trabalhos selecionados, não sendo utilizado apenas nas pesquisas das autoras supramencionadas. Já a obra *Opúsculo Humanitário* foi empregada em somente duas das oito pesquisas, sendo utilizada nas teses de doutoramento de Erika Caroline de Oliveira Cavalcanti, *Direitos das mulheres pela educação na perspectiva do silenciamento: funcionamento discursivo de Nísia Floresta e da ONU mulheres*, e de Ana Carolina Freitas Lima Ogando, *Da república sem mulheres à modernização patriarcal: origens e metamorfoses das relações de gênero no Brasil*.

Por fim, os textos *Conselhos à Minha Filha* e *Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta* foram explorados somente em uma das oito pesquisas selecionadas. No trabalho de doutoramento de Cavalcanti (2022), conforme pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 03 - Textos de Nísia Floresta que serviram de base para teses e dissertações que buscam analisar e investigar questões relativas à mulher.

Livros/Autoras (es)	Ana Carolina Freitas Lima Ogando	Erika Caroline de Oliveira Cavalcanti	Lucas Freitas de Araújo	Catarina Alves Coelho	Ana Carolina dos Reis Fernandes	Alana Lima de Oliveira	Número de vezes analisado
Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens	Utilizado	Utilizado	Utilizado	Utilizado	Utilizado	Utilizado	6
Opúsculo Humanitário	Utilizado	Utilizado	-	-	-	-	2
Conselhos à	-	Utilizado	-	-	-	-	1

Minha Filha							
Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta	-	Utilizado	-	-	-	-	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

As pesquisas selecionadas utilizam as obras de Nísia para analisar e investigar questões relativas à mulher. Como a construção das relações de gênero no Brasil, o silenciamento proveniente de censura histórica em discursos que moldaram nossas percepções de certos temas, o direito das mulheres na contemporaneidade e análises de intersecções entre gênero, raça e classe no Brasil oitocentista.

Ademais, também encontramos pesquisas que se dedicam a analisar uma de suas obras, *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, isoladamente. Sendo uma delas com o intuito de esclarecer equívocos relacionados à sua tradução e outra buscando compreendê-la como um instrumento de promoção e reivindicação dos direitos femininos no Brasil. Podemos observar mais detalhadamente no quadro abaixo:

Quadro 04 - Mapeamento de pesquisas que utilizam as obras de Nísia Floresta para analisar e investigar questões que perpassam as mulheres.

Dissertações/Teses	Objetivos	Caminhos seguidos
Da república sem mulheres à modernização patriarcal: origens e metamorfoses das relações de gênero no Brasil	Busca explorar como o pensamento social e político brasileiro, do século XIX até meados do século XX, moldou as relações de gênero, examinando as reivindicações de Nísia sob influências do positivismo, catolicismo e liberalismo, e os discursos de Bertha Lutz no contexto do século XX.	Adota uma abordagem metodológica interpretativa e interdisciplinar, com base em uma perspectiva crítica e feminista, para analisar textos históricos, literários e políticos. Com foco na compreensão dos imaginários sociopolíticos, na formação das hierarquias de gênero e nas questões filosóficas e políticas ligadas à construção do conhecimento sobre gênero.
Direitos das mulheres pela educação na perspectiva do silenciamento: funcionamento discursivo de	A pesquisa visa analisar o conceito de silenciamento no contexto dos direitos das mulheres, concentrando-se	A pesquisa adota a análise do discurso francesa, baseada nas teorias de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, centrando-se no

Nísia Floresta e da ONU mulheres	nas práticas discursivas de Nísia e da ONU Mulheres. Com o intuito de entender como esses discursos operam e contribuem para uma discussão mais ampla sobre os direitos das mulheres, especialmente através da perspectiva da educação.	conceito de silenciamento. A metodologia envolve uma análise discursiva que explora tanto o que é explicitamente dito quanto o implícito ou passível de múltiplas interpretações. Utilizando uma abordagem interdisciplinar, integra perspectivas de história, linguística e ideologia para examinar discursos sobre os direitos das mulheres.
O mundo dos homens e o segundo sexo: do essencialismo de gênero à transcendência	Busca analisar a evolução do conceito de gênero na Filosofia sob uma perspectiva feminista, explorando as primeiras definições dentro do contexto das ondas do feminismo como uma resistência ao discurso opressor. Focando nas vidas e teorias das filósofas Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta, com base na filosofia existencialista de Simone de Beauvoir em <i>O Segundo Sexo (1949)</i> .	Adota uma estrutura teórica feminista e se fundamenta na filosofia existencialista de Simone de Beauvoir, especialmente em <i>O Segundo Sexo</i> . A metodologia inclui uma análise histórica das ondas feministas, focando nas contribuições de Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta, e uma abordagem interseccional que examina a interação do gênero com classe, raça e religião, criticando paradigmas que marginalizaram as perspectivas femininas.
Nísia Floresta: memória e história da mulher intelectual oitocentista	Investigar a condição feminina no século XIX, focando na obra de Nísia Floresta e seu esforço para afirmar a intelectualidade em uma sociedade patriarcal.	Adota um método historiográfico e interdisciplinar, combinando sociologia, política, economia e literatura. Com base na História Intelectual e em metodologias autobiográficas, analisa a relação entre experiências pessoais e contextos socioculturais, além de utilizar textos literários como fonte de pesquisa.
Direito das mulheres e injustiça dos homens: a tradução utópico-feminista de Nísia Floresta	Analisar a tradução de <i>Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens</i> realizada por Nísia. Com o intuito de esclarecer equívocos sobre ela e	Adota uma metodologia descritiva que inclui revisões bibliográficas e análises críticas, além de uma análise histórica sobre os movimentos feministas no Brasil e suas

	aprofundar a compreensão de suas contribuições para a literatura feminista.	origens globais. Utiliza as teorias de análise do discurso de Norman Fairclough para investigar a linguagem nas traduções de Nísia e a teoria de tradução de Christiane Nord para avaliar as suas práticas de tradução.
Vozes subalternas: produções de autoria feminina na pós-colonização do Brasil	Analisar as intersecções entre gênero, raça e classe no Brasil, avaliando as contribuições de Nísia Floresta, de Helena Morley e de Lélia González. Com o intuito de destacar as semelhanças e diferenças entre as suas obras em relação ao protagonismo feminino em um contexto de descolonização.	Analisa criticamente textos históricos e culturais para entender as construções discursivas da colonização e as suas repercussões. Adotando uma metodologia de reinterpretação de narrativas coloniais, enfatizando dinâmicas de poder e contradições. Também utiliza o conceito de hibridismo de Homi Bhabha para discutir identidades culturais e criticar a visão eurocêntrica nas narrativas históricas.
Direito das mulheres: um enfoque sobre Nísia Floresta e a política da tradução cultural	Analisar a obra <i>Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens</i> de Nísia como um instrumento de promoção e reivindicação dos direitos femininos no Brasil, resultante da tradução do livro <i>Reivindicações dos Direitos da Mulher</i> , de Mary Wollstonecraft.	Utiliza a teoria da tradução cultural e a da epistemologia do sul para analisar como o trabalho de Nísia Floresta promoveu os direitos das mulheres no Brasil. A metodologia é dedutiva e bibliográfica, fundamentada em estudos de tradução cultural e direito comparado. Ademais, aborda a interação entre sistemas jurídicos formais e informais e adota a hermenêutica diatópica para explorar diferentes entendimentos de dignidade e direitos humanos.
Direito internacional à equidade de gênero e o pioneirismo antidiscriminatório de Nísia Floresta	Analisar o Direito Internacional relativo à Equidade de Gênero a partir da perspectiva de Nísia. Buscando verificar se as normas estabelecidas na Convenção Internacional	Utiliza uma abordagem interdisciplinar com metodologia bibliográfica e análise documental, focando na interpretação de textos legais e históricos. Além disso, examina criticamente a

	sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres estão em consonância com os ideais antidiscriminatórios promovidos por Nísia.	aplicação da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres para entender a promoção da equidade de gênero, especialmente no contexto do Rio Grande do Norte.
--	---	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

As pesquisas selecionadas para esse grupo temático forneceram informações de caminhos investigativos que perpassam as obras de Nísia. Caminhos que, diferentes dos nossos, têm como foco principal explorar as relações de suas obras com os direitos das mulheres na contemporaneidade, além de buscar compreender as problemáticas em relação à tradução de *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, realizada por Nísia.

3. HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA

De acordo com Valente (2007), os procedimentos metodológicos de uma pesquisa de cunho historiográfico estão incorporados em sua base teórica. De maneira que a menção dessa base indica o caminho que será percorrido no decorrer do desenvolvimento da pesquisa. Nessa perspectiva, os procedimentos de análise selecionados e a metodologia adotada nesta pesquisa está sendo compreendida, tal qual Valente (2007), como uma base teórica-metodológica. De forma que os métodos selecionados estão delineados dentro do corpo teórico escolhido para o seu desenvolvimento.

Dito isso, neste capítulo, buscamos desenvolver parte de seu corpo teórico, explorando os seus procedimentos de análise e metodológicos. Assim, delineamos os pressupostos historiográficos que orientaram o estudo, bem como os conceitos utilizados e mobilizados.

3.1 História e Historiografia

O que é história? Pode ser uma ciência ou uma disciplina que busca compreender e explicar o passado através da análise de evidências baseadas em provas documentais. Mas também um campo de conhecimento fragmentado em áreas especializadas que buscam explorar as sociedades humanas. E ainda uma profissão, um ofício de investigação, análise e interpretação de fontes históricas.

Existem diferentes modos de se conceber e compreender a história, nós a concebemos como um ofício, e a compreendemos, assim como De Certeau (1982), como uma operação, de modo que a percebemos não como uma reprodução fidedigna do passado, e sim como uma construção da(o) historiadora(o), que organizará e interpretará indícios do passado com base nas perspectivas e metodologias que a(o) orientam.

Ainda, segundo De Certeau (1982), a construção historiográfica tem como base três componentes básicos: o lugar ocupado pela(o) pesquisadora(o), que influenciará suas escolhas e interpretações, os procedimentos de análise utilizados, e o produto final da produção historiográfica, o texto histórico.

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática" (De Certeau, 1982, p. 56).

Compreender o lugar ocupado pela(o) historiadora(o) é entender não somente as motivações que a(o) levaram a realizar a pesquisa, mas compreender a subjetividade que moldará as suas perspectivas, escolhas e interpretações. A subjetividade que afetará como escreve e interpreta a história, não como uma(um) espectadora(or) passiva(o), mas como parte ativa da construção do conhecimento histórico, que transportará para o passado questões do seu presente (De Certeau, 1982).

Nessa perspectiva, delineamos o “lugar” ocupado pela pesquisadora, a instituição que se encontrou durante a realização da presente pesquisa, o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), na linha de pesquisa História, Filosofia e Educação Matemática, que busca “articular questões educacionais, culturais, sociais e políticas de ensino, de formação e de atuação em uma educação por meio da matemática” em “pesquisas vinculadas à História da Educação Matemática, à Etnomatemática e à Filosofia da Educação Matemática em suas múltiplas dimensões” (UFMS, 2024).

Nessa ótica, compreendemos a Educação Matemática⁸ como o modo com o qual as pessoas se relacionam com a matemática. De maneira que o conteúdo matemático não tem sua centralidade em nossa pesquisa e sim a relação histórica das mulheres com a mesma, que se reflete muitas vezes, como já mostrado no decorrer da revisão de literatura realizada, na contemporaneidade.

Ademais, salientamos que a pesquisadora é graduada em Licenciatura em Matemática pela UFMS, no Campus de Paranaíba (CPAR), não possuindo formação específica em História. Contudo, sempre teve grande interesse pelo campo, especialmente em compreender como o contexto social em que se insere foi construído, como os conhecimentos foram descobertos e desenvolvidos, como os costumes cotidianos se estabeleceram, e como estereótipos foram formados e enraizados.

A autora encontrou no PPGEduMat, na linha de pesquisa História, Filosofia e Educação Matemática, a oportunidade de entrelaçar esses dois campos de conhecimento: a Matemática e a História, que a fascinam. Além disso, pôde relacionar esses campos a questões de gênero e sexualidade, bem como aos estereótipos socioculturalmente construídos, temas que também despertam seu interesse e inquietação.

Nesse contexto, pontuamos, segundo De Certeau (1982), que compreendemos a História como uma ciência não linear, na qual as narrativas históricas não seguem uma ordem

⁸ “Educação Matemática” em letras maiúsculas, se refere ao campo específico de estudo, a uma área formal de pesquisa.

cronológica, podendo ser compostas por complexas estruturas temporais. De modo que os eventos historiográficos, concebidos de forma interconectada em vez de isolados, são organizados pelas(os) historiadoras(es) em seus textos históricos, de tal modo que podem acabar por influenciar no modo como são compreendidos, ao destacar temas e ideias específicas.

Assim, ao compreendermos a História como uma produção não linear, ela deixou de ser uma mera reprodução factual do passado e passou a ser uma construção interpretativa da(o) historiadora(or), que desempenha um papel ativo em sua construção ao selecionar, organizar e interpretar os fatos históricos (De Certeau, 1982).

Sendo assim, dedicamos uma atenção singular a fim de evitar o que Bloch (1997, p. 144) se refere como o pecado mais imperdoável que uma(o) pesquisadora(o) – que busca olhar para o passado – pode cometer: o anacronismo. O anacronismo é cometido quando a(o) historiadora(or) é influenciada(o) por eventos de sua época ao interpretar suas fontes, projetando assim valores e crenças de seu tempo em sociedades passadas, o que acaba por distorcer o contexto histórico ou ainda os eventos interpretados.

A expressão “anacronismo”, ou “anacrônico” – “fora do tempo” ou ainda “contra o tempo” – é empregada quando ocorre a utilização estranha ou inadequada de algo, em nosso caso de uma palavra, quando importada de um para o outro tempo (Syrjamaki, 2011, p. 20). Essa inadequação anacrônica pode ocorrer de duas maneiras inversas. Em um caso, pode ocorrer o anacronismo “de ontem para hoje”. É o que ocorre quando lemos um texto de outra época e, de modo inaceitável, atribuímos a certa palavra um sentido que ela não tem hoje, comprometendo toda a interpretação do texto. Em outro caso, pode ocorrer o anacronismo “de hoje para ontem”. É o que se verifica quando, ao tentar analisar um texto ou processo histórico do passado, ou ao tentar descrever cenas e acontecimentos históricos, utilizo uma palavra de hoje (que não existia naquela época) e o resultado é catastrófico, produzindo incontornáveis estranhamentos e drásticas deformações. (Barros, 2017, p. 3-4 apud Syrjamaki, 2011, p. 20).

Desse modo, empregamos um cuidado especial em nossas análises, evitando utilizar conceitos⁹ ou noções¹⁰ que ainda não se faziam presentes no Brasil oitocentista, como o feminismo, por exemplo, no intuito de não produzir deformações na produção historiográfica.

“Feminismo”, em contrapartida, é um conceito de baixo “potencial generalizador diacrônico”. É daqueles conceitos que, uma vez cunhado, parece só ser aplicável ao próprio período para o qual foi imaginado originalmente. O feminismo é um fenômeno social que tem a sua origem datada (do fim, ainda nada sabemos, mas supõe-se que ocorrerá quando desaparecer o par antagônico que o gerou como resistência, o “machismo”). O conceito de feminismo, surgido nas últimas décadas do século XIX, mas consolidado e intensificado em sua aplicação a partir do século

⁹ Um conceito é uma ferramenta teórica que facilita a produção de conhecimento e a comunicação entre especialistas de um campo de conhecimento (Barros, 2017, p. 14).

¹⁰ Noções são “quase conceitos”, utilizadas como uma representação inicial de um objeto de conhecimento que ainda não está claramente definido para ser considerado um “conceito” (Barros, 2011, p. 52).

XX, não parece ser aplicado a outros momentos históricos (anteriores ao momento em que este conceito surgiu). Pode ser aplicável para tempos futuros, desde que as sociedades vindouras o atualizem com suas práticas (Barros, 2017, p. 11).

Optamos por fazer uso da expressão “reivindicação dos direitos das mulheres” ou “emancipação feminina” para nos referirmos a movimentos que, embora ainda não fossem denominados feministas, buscavam conquistar direitos às mulheres, assim como ampliar a sua participação na sociedade quando nos referimos ao recorte temporal delineado, 1831 a 1853. Contudo, empregamos o termo para fins conceituais, tendo em mente que algumas das teorias mobilizadas para o seu desenvolvimento foram consolidadas paralelamente ao movimento feminista, como exploraremos posteriormente.

Nesse sentido, pontuamos que a expressão “reivindicação dos direitos das mulheres” foi escolhida por conjecturarmos que Nísia teve contato com a obra de Mary Wollstonecraft¹¹, *A Vindication of the Rights of Woman*, publicada em 1792, em tradução *Reivindicação Dos Direitos Das Mulheres*, na qual argumentava a favor da educação das mulheres e da igualdade dos sexos. Indício que se apoia na tradução realizada de *La femme n'est pas inférieure à l'homme* (*A mulher não é inferior ao homem*), publicada em 1832, sob o título *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, onde atribui sua autoria a Wollstonecraft, sugerindo ter sido influenciada pela inglesa, relação que iremos explorar adiante.

Também salientamos que ao utilizarmos o conceito “matemática” enquanto nos referimos ao seu ensino no Brasil oitocentista, estamos o compreendendo como um conjunto de tópicos e conteúdos referentes ao ensino de aritmética, álgebra e geometria, estudados separadamente e não como uma disciplina sistematizada.

Assim, quando empregado em contexto histórico o “ensino de matemática”, a “matemática” não está sendo concebida como a disciplina que reconhecemos na contemporaneidade, unificada, de maneira que seus conteúdos são apresentados do modo mais lógico e sequencial possível, possibilitando maior compreensão das(os) alunas(os) e uma progressão mais natural no aprendizado. Mas sim como uma “matemática” fragmentada em distintas matérias de ensino que abordavam conteúdos em separado¹².

Ademais, também pontuamos que no decorrer da pesquisa empregamos o conceito “estereótipos de gênero” para nos referirmos às crenças ou expectativas sociais difundidas no

¹¹ Mary Wollstonecraft (1759-1797) foi uma escritora britânica, filósofa e defensora dos direitos das mulheres, considerada uma das figuras fundadoras do feminismo moderno (OpenAI, 2024).

¹² Os conteúdos matemáticos foram ensinados de modo isolado até o movimento de reforma do ensino de Matemática no Brasil, que começaria a ser implementado por Euclides Roxo (1890-1950), no Colégio Pedro II em 1929, nos preceitos da Escola Nova. Com ele, a matemática passaria a assumir a figura de uma disciplina sistematizada e os conteúdos antes ensinados separadamente seriam difundidos em uma única disciplina (De Carvalho *et al.*, 2000).

período pesquisado, construídos culturalmente e socialmente sobre mulheres e homens, de modo a estabelecer papéis sociais (comportamentos, atributos), que são considerados adequados ou “naturais” a um determinado gênero, o compreendendo como uma “unidade de comunicação” (Ashmore, Del Boca, Wohlers, 1989).

Segundo Barros (2017), essas explanações nos permitem utilizar conceitos de modo mais flexível, possibilitando uma melhor comunicação entre a(o) historiadora(or), e as(os) leitoras(es), evitando uma “paralisia conceitual” resultante de uma precisão conceitual excessiva, que tornaria a comunicação entre a historiadora e as(os) leitoras(es) ineficaz ou menos efetiva.

A paralisia conceitual pode ocorrer quando nos perdemos nessa tentativa de assegurar a consciência histórica através de uma busca obsessiva do conceito perfeito. [...] os conceitos também não deixam de ser “unidades de comunicação”. Eles constituem um vocabulário problematizado através do qual podem se comunicar os praticantes de um campo de saber. Existe um ponto em que a busca obsessiva de precisão pode ser tão exagerada que pode comprometer a comunicação, e contra isso devemos nos precaver (Barros, 2017, p. 14-15).

3.2 Campos Historiográficos

Segundo Barros (2004), o campo historiográfico se encontra em um cenário de hiperespecialização dos conhecimentos históricos, no qual as produções historiográficas se fragmentam em diferentes perspectivas, assim como outros campos de conhecimento na modernidade e pós-modernidade. Tornando, segundo o autor, a situação da produção historiográfica um desafio para a(o) historiadora(or) impossível de ser alcançado, “já que a ampla maioria dos bons trabalhos historiográficos situa-se na verdade em uma interconexão de modalidades” (Barros, 2004, p. 17).

Modalidades essas fragmentadas no interior do campo histórico, compreendidas como mecanismos de facilitação à produção historiográfica, tendo em mente a impossibilidade de se realizar uma pesquisa que engloba todas as especificidades e dimensões da realidade.

Apesar de falarmos frequentemente em uma “História Econômica”, em uma “História Política”, em uma “História Cultural”, e assim por diante, a verdade é que não existem fatos que sejam exclusivamente econômicos, políticos ou culturais. Todas as dimensões da realidade social interagem, ou rigorosamente sequer existem como dimensões separadas. Mas o ser humano, em sua ânsia de melhor compreender o mundo, acaba sendo obrigado a proceder a recortes e a operações simplificadoras, e é neste sentido que devem ser considerados os compartimentos que foram criados pelos próprios historiadores para enquadrar os seus vários tipos de estudos históricos (Barros, 2004, p. 22).

Nessa perspectiva, reconhecemos a impossibilidade de construir uma produção histórica que compreenda todas as dimensões e níveis de relações existentes, de modo que para a construção da nossa operação historiográfica, a situamos diante de tais limitações. Supondo uma “interconexão de modalidades”, reconhecendo que essas não são limitadoras, e sim “pontos de partida” que nos auxiliarão dentro das nossas possibilidades de construção de conhecimento.

A saída é não utilizar as classificações como limites ou pretexto para o isolamento. Não se justifica o recuo diante de uma curva demográfica, quando o objeto de estudo o exige, sob o pretexto de que a sua é apenas uma História Cultural. [...] fica a lição de que o esclarecimento do campo ou da combinação de campos em que se insere um estudo não deve ter efeito paralisante, nem servir como pretexto para justificar omissões. Definir o ambiente intra-disciplinar em que florescerá a pesquisa ou no qual se consolidará uma atuação historiográfica deve ser encarado como um esforço de auto-conhecimento, de definir os pontos de partida mais significativos – e não como uma profissão de fé no isolamento intra-disciplinar (Barros, 2004, p. 22-23).

Desse modo, definimos os pontos de partida selecionados para o desenvolvimento da presente pesquisa, categorizados em divisões dentro dos campos historiográficos. Divisões intradisciplinares que não excluem o trabalho interdisciplinar encontrado nas produções historiográficas (Barros, 2004, p. 18).

Uma dimensão implica em um tipo de enfoque ou em um ‘modo de ver’ (ou em algo que se pretende ver em primeiro plano na observação de uma sociedade historicamente localizada); uma abordagem implica em um ‘modo de fazer a história’ a partir dos materiais com os quais deve trabalhar o historiador (determinadas fontes, determinados métodos, e determinados campos de observação); um domínio corresponde a uma escolha mais específica, orientada em relação a determinados sujeitos ou objetos para os quais será dirigida a atenção do historiador (campos temáticos como o da ‘história das mulheres’ ou da ‘história do Direito’) (Barros, 2004, p. 23-24).

Assim, tomamos a História Cultural e a História Social como nossas “dimensões” historiográficas, enfoques através dos quais buscamos interpretar e analisar as “abordagens” adotadas dentro de seu “domínio”, a história das mulheres, “partindo da pressuposição de que todo objeto historiográfico entretence-se no cruzamento não de um, mas de alguns campos históricos que ajudam a constituir-lo” (Barros, 2011, p. 46).

Nesse sentido, compreendemos a História Cultural e a História Social, tal qual Burke (2021), como irmãs próximas uma à outra, que compartilham interesses em compreender as experiências humanas em suas múltiplas dimensões. Realizamos uma discussão da História Social dentro da História Cultural, adotando assim como dimensão historiográfica a História Social da Cultura.

Fazemos, desse modo, uma análise com foco central nas relações culturais, pois compreendemos “cultura” como um conceito mais amplo, que engloba práticas, representações, crenças e valores, enquanto o “social” lida com as relações, estruturas e dinâmicas que regem a sociedade.

Ao articular a cultura com a sociedade, entendemos que as práticas culturais não existem de maneira isolada, e sim integradas às relações sociais que as moldam e são moldadas por elas. De modo que, unidas, possibilitam uma análise mais rica dos fenômenos históricos, bem como das formas como essas dinâmicas moldaram a vida das mulheres e de outros grupos marginalizados e/ou invisibilizados ao longo do tempo.

Construindo, desse modo, uma análise que considera os contextos sociais, econômicos e materiais, em que as práticas culturais estão inseridas. Concebendo a cultura como um produto e expressão das condições sociais, como um espaço de contestação e reivindicação de direitos. Percepção que consideramos fundamental para compreender os estereótipos históricos de gênero, especialmente os femininos, as formas de resistência e suas transformações em um dado período, questões que necessitam de análises que levam em consideração tanto as realidades sociais nas quais as mulheres estão inseridas quanto às representações culturais do período pesquisado.

Dessa forma, discutiremos, nas próximas seções, os campos historiográficos da História Cultural e da História Social, apresentando os conceitos mobilizados no decorrer desta pesquisa, pontuando as suas abordagens e especificidades. Em seguida, conceituaremos a articulação entre os dois campos empregados como nosso enfoque teórico-metodológico.

3.3 Nova História Cultural

Segundo Burke (2021), a História Cultural vem sendo praticada há mais de 200 anos, mas seria consolidada somente na década de 1970, em um movimento de redescoberta e expansão dos campos de pesquisa historiográficos, que até então se concentravam principalmente em temas tradicionais, como: política, economia e grandes personalidades históricas. Em um movimento que buscava ampliar os horizontes das pesquisas historiográficas, incorporando novas abordagens e pautas que antes haviam sido negligenciadas pela historiografia tradicional.

De acordo com esse autor, com influências da Antropologia, Sociologia, Psicanálise, Crítica Literária, História da Arte e da Filosofia, o movimento de consolidação da História

Cultural transcorreu através do alargamento da representação de “cultura” compreendida pelos historiadores.

O termo “cultura” é ainda mais problemático que o termo “popular”. Como observou Burckhardt em 1882, história cultural é um “conceito vago”. Em geral, é usado para se referir à “alta” cultura. Foi estendido “para baixo”, continuando a metáfora, de modo a incluir a “baixa” cultura, ou cultura popular. Mais recentemente, também se ampliou para os lados. O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares — música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar), (Burke, 2021, p. 40-41).

Inicialmente concebida de forma restrita, na qual as produções historiográficas focavam-se somente na “alta cultura” ou “cultura de elites”¹³, com suas produções históricas culturais centradas em grandes obras, produções e ideias da elite intelectual e artística (“história cultural clássica” entre 1800 e 1950). A cultura era delimitada às realizações e representações de um grupo restrito e privilegiado da sociedade (Burke, 2021).

Em resposta às análises tradicionais da História da Arte, focadas muitas vezes apenas em questões estilísticas e bibliográficas dos artistas, a História Cultural passava a buscar compreender as obras dentro de seus contextos sociais, econômicos e políticos, além da maneira como elas influenciavam e refletiam o período ao qual pertenciam (“à história social da arte”). Nesse contexto, “cultura” passava a ser concebida como um produto das interações sociais e questões materiais, contudo o que era considerado relevante ainda era centrado na “alta cultura” ou “cultura de elites” (Burke, 2021).

Na década de 1960, a representação de “cultura” compreendida pelas(os) historiadoras(es) seria ampliada significativamente com a cultura popular, “baixa cultura” (práticas, crenças, rituais e expressões artísticas das classes trabalhadoras e camponesas), antes muitas vezes ignorada ou vista como inferior, começava a atrair historiadoras(es), que passavam a valorizar expressões culturais das classes populares como dignas de serem tratadas nas escolas e universidades. À medida que a “cultura” passava a ser compreendida como um campo diversificado, que incluía tanto as produções das elites quanto as práticas e expressões das classes populares (Burke, 2021).

Nesse contexto de expansão para novas representações de cultura, a expressão “Nova História Cultural” entrava em uso no final da década de 1980 (Burke, 2021). De modo

¹³ A alta cultura, ou cultura das elites, também pode ser nomeada como cultura erudita, e representa formas de expressões culturais consideradas sofisticadas e geralmente associadas às elites intelectuais e artísticas (OpenAI, 2024).

similar, a História Cultural Tradicional era formulada pelo modo como as(os) pesquisadoras(es) concebiam “cultura”.

O novo estilo de história cultural deve ser visto como uma resposta aos desafios [...], à expansão do domínio da “cultura” e à ascensão do que passou a ser conhecido como “teoria cultural”. Por exemplo, o livro de Caroline Bynum [...] é inspirado pela obra de feministas como Julia Kristeva e Luce Irigaray, que analisaram as diferenças entre o discurso masculino e o feminino. As teorias podem ser vistas como reação a problemas e também como reconceitualização deles. Certas teorias culturais fizeram com que os historiadores tomassem consciência de problemas novos ou até então ignorados, e, ao mesmo tempo, criassem por sua vez novos problemas que lhes são próprios (Burke, 2021, p. 47).

Nesse sentido, Burke (2021, p. 42) afirma que “um dos aspectos mais característicos da prática da história cultural entre as décadas de 1960 e 1990 foi a virada em direção à antropologia”, encontro que possibilitou a ampliação do termo cultura e seu uso “no plural e em sentido cada vez mais amplo”.

A preocupação antropológica com o cotidiano e com sociedades em que há relativamente pouca divisão de trabalho encorajou o emprego do termo “cultura” em um sentido amplo. Os historiadores culturais — e outros membros de sua cultura — se apropriaram dessa noção antropológica na última geração, a era da “antropologia histórica” e da “nova história cultural” (Burke, 2021, p. 41).

Denominada, segundo o autor, como “descrição densa” pelo antropólogo Clifford Geertz¹⁴ (1926-2006) em seu livro *A Interpretação das Culturas*, publicado em 1973, a “cultura” passava a ser compreendida como um sistema de significados compartilhados pelos membros de uma sociedade, “significados incorporados em símbolos”, de modo que a “cultura” não era somente um conjunto de comportamentos visíveis. Mas uma teia de significados que deveriam considerar as complexas relações que orientavam a vida social. Relações transmitidas historicamente por meio de padrões “incorporados em símbolos”.

Geertz enfatiza o significado e aquilo que ele chamou, em um famoso ensaio com este título, de “descrição densa”. Em sua própria definição, cultura é “um padrão, historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida” (Burke, 2021, p. 49-50 apud Geertz, 1989, p. 89).

Dito isso, os significados são compreendidos como valores e ideias transmitidos pelos membros de uma sociedade ao longo de suas vidas. Posteriormente sendo incorporados em “símbolos”, as representações: palavras, rituais, crenças e gestos, que carregarão e transmitirão as ideias e valores, “os significados” aos membros de uma sociedade ao longo da história. E assim a “cultura” é concebida como um “um sistema de concepções herdadas”.

¹⁴ Clifford Geertz (1926-2006) foi um antropólogo norte-americano, conhecido por sua abordagem interpretativa e contribuições para o desenvolvimento da antropologia simbólica e cultural.

Nesse sentido, Barros (2003; 2011) e Burke (2021) nos alertam sobre a multiplicidade de sentidos do conceito, que se expande com os interesses das(os) historiadoras(es). À medida que novas pautas são levantadas e questões antes marginalizadas e/ou invisibilizadas ganham ênfase, criando a necessidade de novos métodos, representações e modos de analisar e interpretar a sociedade em suas múltiplas dimensões.

Assim, compreendemos a “cultura” em sua forma mais ampla, a “descrição densa”, como uma noção em constante expansão, moldada por novas demandas sociais, e no campo da História Cultural, acadêmicas. De modo que, concebemos as produções da História Cultural não somente como uma investigação do passado, mas também como uma reflexão crítica do presente, à medida que questões marginalizadas e/ou invisibilizadas ganham enfoque, a noção de “cultura” se adapta e amplia para permitir análises mais aprofundadas e complexas das múltiplas dimensões que permeiam a vida em sociedade.

Nessa ótica, concebemos a História Cultural como o campo historiográfico que “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 2002, p. 16-17). Na qual, segundo Burke (2021, p. 9):

O terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações. Símbolos, conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana, mas a abordagem do passado em termos de simbolismo é apenas uma entre outras. Uma história cultural das calças, por exemplo, é diferente de uma história econômica sobre o mesmo tema, assim como uma história cultural do Parlamento seria diversa de uma história política da mesma instituição.

Optamos por trabalhar com a História Cultural por entendê-la como uma abordagem capaz de nos proporcionar uma compreensão mais aprofundada da cultura dominante naquele período, do que significava ser mulher no Brasil oitocentista: os papéis sociais impostos a elas, as normas educacionais definidas para a sua formação e os espaços que lhes eram reservados, aspectos que nos auxiliarão a compreender como a educação feminina era concebida e as relações que permeavam essa concepção.

Também optamos por essa abordagem por concebermos Nísia como uma mulher produtora de cultura, por meio de suas obras, suas ações em defesa dos direitos das mulheres, como diretora e educadora em um colégio feminino, como uma mulher que desafiou com muitos padrões de sua época: ao viajar pelo mundo, publicar livros, ser a provedora de sua família, entre outras ações que consideramos afirmar a sua posição como defensora dos direitos das mulheres e em defesa de uma educação para meninas/mulheres, das(os) indígenas, das ciências e, sugestivamente, da matemática.

De igual maneira, uma nova História Cultural interessar-se-á pelos sujeitos produtores e receptores de cultura — o que abarca tanto a função social dos 'intelectuais' de todos os tipos [...], até o público receptor, o leitor comum, ou as massas capturadas modernamente pela chamada 'indústria cultural' (esta que, aliás, também pode ser relacionada como uma agência produtora e difusora de cultura) [...] estudam-se os meios através dos quais esta se produz e se transmite: as práticas e os processos. Por fim, a “matéria-prima” cultural propriamente dita (os padrões que estão por trás dos objetos culturais produzidos): as “visões de mundo”, os sistemas de valores, os sistemas normativos que constroem os indivíduos, os “modos de vida” relacionados aos vários grupos sociais, as concepções relativas a estes vários grupos sociais, as idéias disseminadas através de correntes e movimentos de diversos tipos (Barros, 2003, p. 148).

Compreendemos Nísia como um indivíduo produtor de cultura, entendemos que sua trajetória de vida, assim como suas obras, são expressões culturais. Sua atuação como educadora, escritora e defensora dos direitos das mulheres refletem não somente uma produção intelectual, mas também uma prática cultural cotidiana que desafiava limites sociais e de gênero em sua época.

Ao existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual, ou um artesão. A própria linguagem, e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social, embasam esta noção mais ampla de cultura. 'Comunicar' é produzir cultura, e de saída isto já implica na duplicidade reconhecida entre cultura oral e cultura escrita (sem falar que o ser humano também se comunica através dos gestos, do corpo, e da sua maneira de estar no mundo social, isto é, do seu 'modo de vida'), (Barros, 2003, p. 146).

Dito isso, exploramos as “práticas” e as “representações” noções complementares fundamentais da História Cultural, que nos auxiliaram nas análises textuais, bem como na compreensão de outras relações relevantes à pesquisa, como as questões culturais discutidas anteriormente. Categorias teóricas desenvolvidas por Roger Chartier que nos permitem investigar como representações simbólicas (textos, imagens, discursos) refletem e moldam as práticas sociais.

Conforme Chartier (2002), o mundo social é constituído pela interação de práticas sociais e representações culturais. Interação na qual as representações não somente refletem a realidade esperada(or), como também desempenham um papel ativo em sua construção. De maneira que o “social” é constituído por meio de ações cotidianas (práticas), moldadas pelas formas simbólicas (representações) que indivíduos e grupos produzem e compartilham entre si.

Ainda, segundo ele, as representações culturais não são neutras ou racionais, elas são influenciadas pelos interesses dos grupos que as produzem. Sendo assim, discursos sobre o mundo social, como teorias educacionais ou políticas, são utilizados para legitimar a

autoridade e ações de determinados grupos e indivíduos, ao mesmo tempo que desvaloriza e marginaliza outros.

Nessa perspectiva, as representações são estabelecidas por meio de disputas entre grupos e indivíduos, disputas que buscam estabelecer como o mundo social deve ser entendido e organizado. Por esse motivo, compreender não somente como as representações se mostram na realidade social, mas também como as relações de poder e as posições sociais desses indivíduos e grupos que elaboram tais discursos ocorrem é fundamental na produção historiográfica. Visto que a realidade social é, em grande parte, constituída por meio das dinâmicas de poder e concorrências, nas “lutas de representações” que acabam por desempenhar um papel central na construção social (Chartier, 2002).

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade a custo de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso está investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações tem tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social — como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas —, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (Chartier, 2002, p. 17).

Tendo isso em mente, segundo Barros (2011) e Chartier (2002), compreendemos as “práticas” como atividades e comportamentos que caracterizam uma sociedade, abrangendo tanto produções culturais mais formais, como a produção de um livro, quanto ações cotidianas que acabam por moldar as normas e interações sociais de uma dada época. Refletindo desse modo como os indivíduos interagem umas(uns) com as(os) outras(os) e com o ambiente e contexto no qual se inserem.

O que são as “práticas culturais”? Antes de tudo, convém ter em vista que esta noção deve ser pensada não apenas em relação às instâncias oficiais de produção cultural, às instituições várias, às técnicas e às realizações — por exemplo os objetos culturais produzidos por uma sociedade —, mas também em relação aos usos e costumes que caracterizam a sociedade examinada pelo historiador. São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros (Barros, 2011, p. 46-47).

Dito isto, compreendemos as “representações”, ainda segundo os autores, como os significados e narrativas produzidos por meio das “práticas”, transmitindo uma função

simbólica na qual refletem valores morais ou ideias sociais que fornecem informações a(o) historiadora(or) sobre percepções e representações sociais da sociedade em contexto histórico. Assim, as representações possibilitam que as(os) historiadoras(es) identifiquem estereótipos e ideologias que constituem o período que buscam pesquisar.

[...] as representações podem incluir os modos de pensar e de sentir, inclusive coletivos, mas não se restringem a eles [...] Tal como assevera Jacques Le Goff (1994, p. 11), o campo das representações “engloba todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior percebida”, e está ligado ao processo de abstração. O âmbito das representações, ainda conforme Le Goff, também pode abarcar elementos associados ao Imaginário [...] As representações do poder – como a associação do poder absoluto ao Rei-Sol, a visualização deste poder em termos de centro a ser ocupado ou de cume a ser atingido – associam-se a um determinado imaginário político (Barros, 2011, p. 51-52 apud Le Goff, 1994, p. 11).

Desse modo, mobilizamos as noções de “prática” e “representação” por compreendê-las como elementos essenciais a(o) historiadora(or) cultural para a compreensão dos fenômenos culturais. Nesse sentido, outra noção mobilizada na presente pesquisa é a de “apropriação”, que segundo Barros (2011):

Em conjunto com as noções de “representação” e de “prática” constitui precisamente a terceira noção fundamental que conforma a perspectiva de História Cultural desenvolvida por Chartier – que, nos dizeres do próprio historiador francês, procura compreender as práticas que constroem o mundo como representação (Barros, 2011, p. 55 apud Chartier, 1990, p. 27-28).

Ainda segundo ele, compreendemos as “apropriações” como reinterpretações de elementos culturais por um indivíduo, operação que pode vir a gerar novos significados e usos dos elementos reinterpretados que diferem do contexto original para o qual foram desenvolvidos. Dessa maneira, os indivíduos que realizam a “apropriação” têm um papel ativo com os elementos culturais ao fazer escolhas de como usá-los e adaptá-los, com base em suas perspectivas teóricas, metodológicas, e em sua subjetividade.

3.4 História Social

Conforme Burke (2021) e Barros (2005), a História Social, assim como a História Cultural, iniciou a sua consolidação com o surgimento do grupo dos *Annales*. Movimento historiográfico fundado na França, em 1929, que tinha por objetivo uma nova forma de se fazer história, que focava nos aspectos sociais, culturais e econômicos de diferentes classes sociais, em vez de se concentrar somente em figuras importantes e na elite cultural, como era frequentemente feito pelos historiadores da História tradicional.

A História Social surgiu como “oposição à História Política tradicional” que se dedicava a realizar análises de ações políticas em torno de grandes eventos e figuras históricas, deixando de lado as experiências e estruturas políticas de grupos marginalizados e/ou invisibilizados (Barros, 2005).

[...] direcionava-se na mesma época para a elaboração de uma história preocupada com a conjunção dos aspectos econômicos e dos aspectos sociais. O que haveria de relevante a ser estudado não era certamente a história dos grandes homens, ou mesmo a história política dos grandes estados e das instituições, mas sim a história dos ‘modos de produção’ – isto é, das bases econômicas e sociais que determinariam toda a vida social – e também a história das ‘lutas de classes’, isto é, das relações entre os diversos grupos sociais presentes em uma sociedade particularmente nas suas situações de conflito (Barros, 2005, p. 11).

Nessa perspectiva, a História Social ampliava os aspectos e dinâmicas sociais até então considerados relevantes nas produções historiográficas, analisando: “os Grupos e Classes Sociais e as suas relações conflituais”, “os processos de transformação da sociedade”, “os modelos e mecanismos de Organização Social”, “os Círculos de Sociabilidade”, “as Diferenças e Desigualdades Sociais” e os modelos e mecanismos de Organização Social” (Barros, 2005, p. 13). Nesse sentido, segundo Fenelon (1993, p. 75-76):

Essa ampliação fez surgir ou possibilitou a incorporação de inúmeras temáticas como o urbano, a mulher, família, O crime, a infância, a educação e outros, todos reclamando um lugar dentro do contexto mais amplo da História Social e da temática da cultura [...] Não há como negar, foi a partir de suas concepções e perspectivas (as da História Social) que os chamados ‘temas malditos’, ou seja, quase todos que tratam dos excluídos sociais, sejam pobres, vagabundos, prostitutas, negros, mulheres, índios, etc., encontraram guarida nessa historiografia.

Assim, a História Social, bem como a Nova História Cultural, tornaram possível uma nova forma de se fazer história, incorporando grupos e indivíduos que eram geralmente marginalizados e/ou invisibilizados pela História tradicional. No entanto, com uma abordagem que prezava pelas estruturas e dinâmicas que constituíam a sociedade, em contraste com a abordagem da Nova História Cultural, cujo foco era analisar os símbolos, práticas, representações e crenças presentes na sociedade. Dito isso, a “História Social é considerada como o ramo da História que examina a ‘dimensão social’ de uma sociedade” (Barros, 2005, p. 13). Nesse sentido, segundo Barros (2005):

[...] a maioria dos campos de interesse [da História Social] [...] correspondem a ‘recortes humanos’ (as classes e grupos sociais, as células familiares), ou a ‘recortes de relações humanas’ (os modos de organização da sociedade, os sistemas que estruturam as diferenças e desigualdades, as formas de sociabilidade). Em um caso, estudam-se fatias da sociedade (ou os subconjuntos internos à sociedade); em outro caso, estudam-se elementos específicos e transversais que parecem atravessar a sociedade por inteiro (os mecanismos de organização social e os sistemas de

exclusão, por exemplo, atravessam a sociedade como um todo), (Barros, 2005, p. 12).

De modo que, o nosso campo de interesse na História Social reside nos grupos sociais, especificamente nas mulheres, quando pensamos em ‘recortes humanos’. E nas relações de gênero, nas diferenças e desigualdades existentes entre mulheres e homens no Brasil oitocentista, particularmente no contexto educacional, que compreende os “recortes de relações humanas”.

Outra categoria a ser destacada, ainda segundo Barros, como um campo de interesse da História Social que empregaremos na presente pesquisa é o dos “processos”, compreendidos como as dinâmicas sociais ou os grandes “movimentos sociais”, como: a “industrialização, modernização, colonização, ou quaisquer outros, inclusive as revoluções, que aparecem incluídas na rubrica ‘movimentos sociais’” (Barros, 2005, p. 13). E o qual mobilizamos ao compreendermos o movimento de reivindicação dos direitos das mulheres, o “feminismo” como uma corrente, um movimento social.

Conjecturando que Nísia em suas obras, que compartilhavam em sua maioria a pretensão de reivindicar direitos femininos, especialmente o direito das mulheres à educação, se incorporava ao movimento brasileiro de reivindicação dos direitos das mulheres, reforçando principalmente a importância do seu acesso à educação.

3.5 A Articulação entre História Cultural e História Social

Conforme mencionado anteriormente, e tendo em vista as dimensões historiográficas já apontadas, adotamos nesta pesquisa como dimensão historiográfica (maneira de se abordar a análise histórica) a História Social da Cultura, compreendida como uma articulação entre a História Cultural e a História Social.

Qualquer informação historicizada pode ser tratada socialmente, é correto dizer. Mas é também verdade que nem toda História é necessariamente social. Se é possível elaborar uma História Social das Idéias ou uma História Social da Arte, é possível também elaborar uma História das Idéias ou uma História da Arte que se restrinjam a discutir obras do pensamento ou da criação artística sem reestruturá-las dentro do seu ambiente social mais amplo. [...] Por isto, encontra-se quem fale em uma História da Cultura, preocupada em descrever produções culturais de vários tipos, mas contrastando-a com a História Cultural propriamente dita, que tem incorporado tradicionalmente uma preocupação social muito definida (*neste caso, uma História Social da Cultura*), (Barros, 2005, p. 16-17, grifo nosso).

Concebemos a História Social da Cultura como uma integração da História Social à História Cultural. Integração que possibilita a análise de fenômenos culturais dentro de contextos mais amplos do que os analisados na História Cultural, levando em consideração

relações, dinâmicas e estruturas sociais de uma sociedade. Assim, compreendemos a História Social da Cultura como uma abordagem que contrasta com a puramente cultural adotada na História Cultural, pois esta considerará os contextos sociais mais amplos em que os fenômenos culturais se inserem.

Nesse sentido, a adotamos por, como já mencionado, concebermos Nísia como uma produtora cultural ao escrever seus livros, além de também produzir cultura ao interpretar e incorporar noções e conceitos de obras de outras(os) autores(as) que a influenciaram, apropriando-se das mesmas. Ademais, nós, como leitoras(es) de suas obras, também nos vemos em posição de produtoras(es) culturais, pois estamos realizando as nossas próprias interpretações com base nos objetivos da pesquisa.

Nesse contexto, tal abordagem também foi adotada, pois compreendemos que em suas obras, ao discursar em defesa dos direitos das mulheres, em especial do direito à educação feminina, levantava elementos sociais pautados no movimento de reivindicação dos direitos das mulheres no Brasil oitocentista. Assim, nossa abordagem de análise vai além das contempladas pela História Cultural: ela visa englobar as dinâmicas sociais que se faziam presentes no Brasil oitocentista, bem como englobar os “processos” - compreendidos como movimentos sociais, que muito provavelmente impulsionaram Nísia a se comprometer com a luta em defesa dos direitos das mulheres à educação em seus escritos.

4. HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA DAS MULHERES

Buscamos, neste capítulo, explorar outra parte do referencial teórico-metodológico escolhido: o campo temático no qual desenvolvemos nossa pesquisa, seu “domínio”, a História das Mulheres. Esta, com base em exemplos fornecidos por Barros (2005), incorpora à dimensão historiográfica já delimitada, assumindo como abordagem “uma espécie” de História Social da Cultura das Mulheres.

De fato, é possível incorporar uma preocupação social a cada uma das demais dimensões [...] sub-especialidades da História, e também às várias abordagens e domínios [...] Assim, vimos que a Demografia Histórica pode reduzir-se a um mero censo retrospectivo por historiadores descritivos e não-problematizadores, ou que ela pode se transformar em uma verdadeira Demografia Social quando superamos a mera enunciação do número em favor do tratamento problematizado dos índices populacionais. Vimos que a História da Cultura Material pode ser reduzida à mera descrição de objetos, o que seria questionável, ou que ela pode enveredar por uma recolocação destes objetos nos usos sociais que eles teriam na época e na sociedade em que foram produzidos (*neste caso, poder-se-ia dizer que empreendemos uma espécie de História Social da Cultura Material*), (Barros, 2005a, p. 16, grifo nosso).

Ademais, também exploramos o gênero como uma categoria de análise histórica, conceituando termos fundamentais para a sua compreensão, como o gênero, o sexo e o feminismo, assim como para a História das Mulheres. Por fim, abordaremos a História Social da Cultura das Mulheres utilizando o gênero como uma ferramenta conceitual para a análise.

4.1 A História das Mulheres

Conforme Perrot (2007), a História das Mulheres foi constituída inicialmente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos na década de 60, e posteriormente na França nos anos 70, mediante um movimento coletivo originado de uma crescente conscientização das dimensões de gênero na sociedade e na história.

Conscientização que surgiu à medida que era reconhecida a exclusão histórica das mulheres nas narrativas historiográficas tradicionais, propiciadas, segundo a autora, pela predominância de narrativas androcêntricas¹⁵, centralizadas em experiências e conquistas masculinas enquanto invisibilizava e/ou marginalizava as femininas. Invisibilização decorrente das restrições sociais, que limitavam a sua participação na vida pública, e acabava por afetar as suas representações em registros históricos. Circunstância que também se reproduzia na esfera privada, onde, costumeiramente confinadas, tinham as suas

¹⁵ Representação de mundo, cultura ou história que coloca o ponto de vista masculino em sua centralidade (OpenAI, 2024).

contribuições/experiências raramente registradas e conservadas por não serem consideradas significativas.

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história? A questão parece estranha. "Tudo é história", dizia George Sand, como mais tarde Marguerite Yourcenar: "Tudo é história". Por que as mulheres não pertenceriam à história? Tudo depende do sentido que se dê à palavra "história". A história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso. Os ingleses distinguem story e history. As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais (Perrot, 2007, p. 16).

Nesse sentido, segundo Perrot (2007, p. 14), a História das Mulheres foi constituída intrinsecamente entrelaçada ao “‘movimento’ das mulheres em direção à emancipação e à liberação”. Paralelamente, as mobilizações femininas que buscavam conquistar direitos e igualdade entre os gêneros, a historiografia “em surdina” começava a dar atenção para suas lutas e experiências.

Um aspecto da história das mulheres que a distingue particularmente das outras é o fato de ter sido uma história a um movimento social: por um longo período, ela foi escrita a partir de convicções feministas. Certamente toda história é herdeira de um contexto político, mas relativamente poucas histórias têm uma ligação tão forte com um programa de transformação e de ação como a história das mulheres. Quer as historiadoras tenham sido ou não membros de organizações feministas ou de grupos de conscientização, quer elas se definissem ou não como feministas, seus trabalhos não foram menos marcados pelo movimento feminista de 1970 e 1980 (Tilly, 1994, p. 31).

Conjectura que ampliaria com a representação de história da Escola de *Annales*, que tinha “o econômico e o social [...] como suas prioridades: [de modo que] seus pesquisadores não cogitavam da diferença dos sexos, que, para eles, não constituía uma categoria de análise” (Perrot, 2007, p. 19). Ao iniciar uma crescente conscientização sobre a “‘dimensão sexuada’ da sociedade e da história”, que colocaria as mulheres como agentes históricos ao reconhecer que a história é marcada por relações de gênero, por desigualdades que afetam como a mesma é constituída.

Assim, segundo Tedeschi (2012), mesmo não considerando as relações de gênero como uma categoria de análise histórica, a Escola de *Annales* desempenhou um papel fundamental na constituição da História das Mulheres, assim como em outros domínios historiográficos. Ao desenvolver novas abordagens e perspectivas historiográficas que desafiavam com as narrativas históricas tradicionais – que ou focavam geralmente em aspectos políticos,

econômicos, da elite e androcêntricos – ampliando as narrativas históricas para os aspectos culturais e sociais que utilizam abordagens mais críticas e reflexivas.

Conforme Pinsky (2009, p. 161 apud Bock, 1988; Scott, 1988, 1992; Escandón, 1991), mesmo deixando em evidência como as “diferenças sexuais” assumiam um papel fundamental nas dinâmicas sociais, a história das mulheres ainda era considerada como uma “mera descrição”, na qual as mulheres eram somente adicionadas às narrativas da história tradicional sem que houvesse reflexões sobre o papel que desempenhavam na sociedade.

Críticas que levariam a um questionamento das categorias de análise até então utilizadas, assim como da própria representação de história, questionamentos que fomentaram indagações sobre a predominância da história dos homens em relação à história das mulheres, que expunha uma “hierarquia implícita”, que priorizava as narrativas androcêntricas. Concebendo implicitamente desse modo uma mentalidade historiográfica que colocava o protagonismo masculino como mais relevante e significativo para a compreensão de eventos e fatos históricos, inviabilizando e/ou marginalizando as mulheres.

Surgiram também inquietações do tipo: como as experiências masculinas passaram a ser as únicas representativas da história humana? Qual o efeito do “olhar sobre as mulheres” na prática historiográfica? Assim, estudos sobre mulheres serviram para “questionar a prioridade relativa dada à ‘história do homem’, em oposição à ‘história da mulher’, expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos”, em caracterizações de avanços e retrocessos e em temas e periodizações, tais como Renascimento, Revolução Francesa e cidadania, classe trabalhadora, conquista da América. Se uma forma de periodização significa a eleição de determinados acontecimentos como os mais importantes para assinalar uma mudança fundamental na organização econômica, social, política, uma periodização no feminino será aquela que elege como acontecimentos-chave aqueles relevantes para as mulheres” (Pinsky, 2009, p. 161 apud Bock, 1988; Scott, 1988, 1992; Escandón, 1991).

Ainda segundo Pinsky (2009), tais indagações levaram a uma mudança na configuração da história das mulheres, que transmitiu sua centralidade às relações entre os gêneros. Enfoque que possibilita uma maior gama de reflexões que transcendem as “meras descrições” ao reconhecer que tanto as mulheres quanto os homens são definidos em relação umas(uns) as(os) outras(os).

A tendência do enfoque exclusivo sobre as mulheres acabou dando lugar ao estudo das relações entre os sexos (o pressuposto: as mulheres são definidas também em relação aos homens, e vice-versa). A própria experiência masculina passou a ser estudada para além de categorias pretensamente neutras, como classe e etnicidade. O feminino foi visto como reportado necessariamente ao masculino nas práticas concretas e simbólicas, em relações de poder, conflito ou complementaridade, dentro de contextos históricos específicos. As relações sociais de sexo adquiriram o mesmo status de categorias como classe e raça e passaram a ser consideradas imprescindíveis em teorias que se propõem a explicar as mudanças sociais (Pinsky, 2009, p. 161-162).

Desse modo, as relações de gênero se estabeleceram como essenciais às teorias que buscavam explorar e analisar as dinâmicas sociais, incorporando-se à conjuntura de categorias de análises que levavam em consideração as estruturas e desigualdades da sociedade, como as classes sociais e etnias. Nesse sentido, a história das mulheres se configurava a uma história do gênero (sexo):

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida, privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história do gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade. Alargou suas perspectivas espaciais, religiosas, culturais (Perrot, 2007, p. 14-15).

4.2 Gênero, Sexo e Feminismo

Antes de explorarmos o uso do gênero como categoria de análise na história das mulheres, ou mesmo nos dizeres de Perrot (2007) em uma história do gênero, definimos o que compreendemos por gênero, sexo e feminismo. Conceitos intrinsecamente ligados à história das mulheres, e que desempenham um papel fundamental na constituição do gênero enquanto perspectiva de análise histórica.

Para tanto, começamos conceitualizando o que compreendemos como feminismo. Conforme Perrot (2007), a origem do termo que posteriormente seria utilizado para nomear os movimentos de reivindicações sociais femininas não é totalmente clara, sendo atribuída por algumas(uns) pesquisadoras(es) a Pierre Leroux¹⁶. Contudo, sendo mais frequentemente atribuída a Alexandre Dumas Filho¹⁷, que o teria empregado em 1872 de modo pejorativo. Ao afirmar que “o feminismo era a doença dos homens suficientemente ‘efeminados’ para tomar o partido das mulheres adúlteras, em vez de vingar a própria honra” (Perrot, 2007, p. 154).

Ainda segundo essa autora, seria apenas em 1880, oito anos após o seu primeiro uso por Alexandre Dumas Filho, que o termo “feminismo” seria declarado por uma mulher, a sufragista francesa Hubertine Auclert¹⁸, que se identificaria “orgulhosamente” com o mesmo. No entanto, esse entendimento ainda não substituiria expressões alternativas, como “a causa

¹⁶ Pierre Leroux (1797-1871) foi um jornalista, filósofo e político francês, conhecido por criar o termo “socialismo” em 1831.

¹⁷ Alexandre Dumas Filho (1824-1895) foi um romancista e dramaturgo francês, filho do famoso escritor Alexandre Dumas.

¹⁸ Hubertine Auclert (1848-1914) foi uma ativista feminista francesa, pioneira no movimento sufragista e uma das principais defensoras dos direitos das mulheres na França no final do século XIX e início do século XX. Ela é mais conhecida por sua luta incansável pelo direito ao voto das mulheres e por ser uma das primeiras a se declarar abertamente “feminista” (OpenAI, 2024).

das mulheres” ou o *Women's Movement* (Movimento das Mulheres, preferido pelas anglo-saxãs¹⁹), que eram até então utilizados para denominar movimentos de luta pela igualdade entre os gêneros.

Sendo assim, o termo foi cercado de estereótipos e preconceitos, que fomentou resistência à sua adoção pelo movimento das mulheres durante as décadas seguintes. Como podemos evidenciar nos escritos de Antoinette Fouque²⁰:

[...] lutei para que o Movimento das mulheres não se transformasse em movimento feminista. A mim parecia que, com a palavra mulher, nós tínhamos mais chances de nos dirigir, senão a todas, pelo menos a um maior número delas (Perrot, 2007, p. 154 apud Barret-Ducrocq, 2000, p. 7).

Nessa perspectiva, a resistência à adoção do termo “feminismo” perdurou por um período considerável desde a sua primeira associação com a “a causa das mulheres” em 1880; de tal modo que a sua adoção, conforme a compreendemos na contemporaneidade, começaria a ser utilizada na América somente entre os anos de 2001 a 2010, ou seja, apenas 121 anos depois (Tilly, 1994).

Dito isso, salientamos que compreendemos “feminismo” conforme a “definição operacional” desenvolvida por Nancy Cott²¹, exemplificada por Tilly (1994), junto às contribuições de Perrot (2007), citadas abaixo:

A ‘definição operacional’ que ela propõe é funcional e completa: seus três componentes são: 1. a defesa da igualdade dos sexos ou oposição à hierarquia dos sexos; 2. o reconhecimento de que a “condição das mulheres é construída socialmente, [...] historicamente determinada pelos usos sociais.”; 3. a identificação com as mulheres enquanto grupo social e o apoio a elas. Enquanto ideologia, o feminismo é acessível tanto aos homens quanto às mulheres, ainda que nem todas elas (ou eles, no caso) o aceitem (Tilly, 1994, p. 31-32 apud Cott, 1987, p. 4-5).

Em sentido muito amplo, ‘feminismo’ e ‘feministas’ designam aqueles e aquelas que se pronunciam e lutam pela igualdade dos sexos [...] O feminismo age em movimentos súbitos, em ondas. É intermitente, sincopado, mas ressurgente, porque não se baseia em organizações estáveis capazes de capitalizá-lo. É um movimento e não um partido — apesar de algumas tentativas frustradas — que se apóia em personalidades, grupos efêmeros, associações frágeis (Perrot, 2007, p. 154).

Reiteramos que não utilizamos o termo “feminismo” em nossas análises quando nos referimos ao recorte temporal da presente pesquisa, o século XIX, por este ter sido adotado, como o compreendemos na contemporaneidade, somente na primeira década do século XXI.

¹⁹ Povos de origem germânica.

²⁰ Antoinette Fouque (1936-2014) foi uma importante ativista feminista, psicanalista e escritora francesa, conhecida por seu papel fundamental no movimento feminista da França durante as décadas de 1960 e 1970. Ela foi uma das figuras proeminentes na luta pelos direitos das mulheres e é frequentemente associada à segunda onda do feminismo, que enfatizava questões como a igualdade de gênero, a liberdade sexual e a autonomia das mulheres (OpenAI, 2024).

²¹ Nancy Cott (1945), é uma historiadora americana e professora reconhecida por suas contribuições ao estudo da história das mulheres e do feminismo nos Estados Unidos.

Como já mencionado, utilizamos a expressão “reivindicação dos direitos das mulheres” ou “emancipação feminina” em seu lugar, concebendo esta no período histórico referente. Contudo, para fins de conceitualização teórica como as presentes, utilizaremos do termo “feminismo” tendo em mente que foram desenvolvidas em paralelo ao movimento, como já explorado.

Também trabalhamos sobre o conceito de “gênero”, que de acordo com Louro (1997, p. 2), começou a ser desenvolvido por influência da “segunda onda do feminismo”²² no final da década de 1960, que “além das preocupações sociais e políticas, [se voltava] para as construções propriamente teóricas”. De modo que tanto estudiosas e militantes feministas quanto suas(seus) críticas(os) iniciavam problematizações com o intuito de compreender como os sistemas sociais eram moldados, e que acabariam por fomentar o surgimento do conceito de “gênero”.

Dentre essas diferentes perspectivas, surge o conceito de gênero, referindo-se à construção social e histórica dos sexos, ou seja, buscando acentuar o caráter social das distinções baseadas no sexo. Num primeiro momento, as feministas anglo-saxãs que passam a empregar o conceito têm como alvo os partidários das interpretações biologistas, aqueles que atribuem às diferenças biológicas as distinções sociais, ou melhor, que ancoram na biologia os arranjos sociais desiguais e hierarquizados de homens e mulheres. O uso do conceito tem também, a princípio, uma motivação estratégica, no sentido de tentar contribuir para a legitimação dos estudos sobre a mulher, conferindo-lhes um caráter mais acadêmico e menos militante (Louro, 1995, p. 103)

Nesse sentido, o conceito de “gênero” começou a ser utilizado pelas feministas como “uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’” (Scott, 1995, p. 3). Assim, o termo foi empregado inicialmente como um instrumento de contestação às representações fundamentadas no determinismo biológico, que consideravam que as características biológicas inatas, o “sexo”, determinavam os comportamentos e capacidades dos indivíduos. Percepção que acabava por tratar os papéis sociais das mulheres e homens como inerentes, pautados biologicamente, e assim imutáveis.

²² As ondas feministas são períodos de destaque do movimento feminista caracterizadas por objetivos, ideologias e métodos específicos de ativismo visando reivindicar direitos e igualdade de gênero às mulheres. A primeira onda (final do século XIX ao início do século XX) tinha como foco a reivindicação dos direitos ao voto, o sufrágio feminino; a segunda onda (1960 a 1980) iniciou em resposta às limitações percebidas na anterior, abordando questões como a desigualdade em ambientes de trabalho, direitos reprodutivos, a sexualidade e a violência de gênero, além disso, também iniciou críticas ao patriarcado e ao papel tradicional das mulheres na sociedade; a terceira onda (1990 até o início dos anos 2000) iniciou em resposta às limitações das ondas anteriores, ampliando suas reivindicações a questões de raça, classe, orientação sexual e identidade de gênero em um esforço para tornar o feminismo mais inclusivo e interseccional; a quarta onda (2010 – presente), tem como foco o combate ao assédio sexual, à vergonha do corpo feminino e à cultura do estupro, no entanto, continua a abordar a interseccionalidade, ademais utiliza de mídias sociais para mobilizar e aumentar sua conscientização (Silva; Carmo; Ramos, 2021, p. 102-119).

Nesse contexto, o “sexo” é compreendido como as características físicas e biológicas que distinguem os indivíduos em categorias femininas e masculinas. Características inatas como as diferenças cromossômicas (cromossomos XX para mulheres e XY para homens), os órgãos genitais internos e externos, entre outras, que seriam determinantes à definição do “sexo” de um indivíduo, ocorrendo com base em características físicas observáveis no momento do seu nascimento (Da Silva, 1999, p. 75-76 apud Stoller, 1993). Segundo Pinsky (2009):

[...] o termo sexo foi questionado por remeter ao biológico e a palavra gênero passou a ser utilizada para enfatizar os aspectos culturais relacionados às diferenças sexuais. Gênero remete à cultura, aponta para a construção social das diferenças sexuais, diz respeito às classificações sociais de masculino e de feminino. A partir dessa visão aparentemente consensual do conceito de gênero, o termo foi empregado de diferentes maneiras pelos historiadores (Pinsky, 2009, p. 162).

Desse modo, os termos passavam a ser compreendidos em duas vertentes, sendo o “sexo” associado às características biológicas, que remetiam nas produções historiográficas a um determinismo biológico, acabando por reforçar hierarquias de gênero e narrativas androcêntricas. E o “gênero”, concebido como uma construção cultural, era um conjunto de comportamentos socialmente construídos atribuídos às mulheres e aos homens, que possibilitam as(os) historiadoras(es) realizarem análises das relações de poder e de desigualdade que permeiam a sociedade, possibilitando assim uma compreensão de como estes eram socialmente moldados.

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são “generificadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a idéia de formação, socialização ou educação dos sujeitos (Louro, 1995, p. 103).

Dessa forma, o conceito de “gênero” não é somente construído socialmente e culturalmente em uma dada sociedade, mas também imbuído aos indivíduos em todas as esferas e instituições que habitam, tendo estas incorporadas de modo intrínseco estruturas e práticas “generificadas”, que acabam por influenciar, construir e constituir a identidade pessoal dos indivíduos, a maneira como se percebem e percebem umas(uns) às(aos) outras(os), ao reproduzir e reforçar os papéis de gênero na sociedade.

4.3 Gênero como uma Categoria de Análise Histórica

Exploramos o uso do gênero como uma categoria de análise histórica que, segundo Leite (2019, p. 359), “permite ressaltar a capacidade do campo histórico em se movimentar, garantindo à história certo dinamismo nas suas práticas intelectivas”. Conforme proposto por Joan Wallach Scott²³, em seu texto *Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica*²⁴, publicado pela primeira vez em língua inglesa em 1989.

De acordo com Nascimento (2019, p. 379), seu uso foi constituído por intermédio dos estudos das relações de gênero desenvolvidos por meio das “controvérsias em torno da história das mulheres”, fomentadas em 1970 pelos movimentos feministas que sinalizaram uma “exaustão da categoria mulher, vista, muitas vezes, como generalizada e universal”.

O estudo das relações de gênero abrange um campo de pesquisa acadêmica interdisciplinar que procura compreender as relações entre os gêneros - masculino e feminino - na cultura e na sociedade humanas. É uma compreensão que passa pelos homens e pelas mulheres, diferentes uns em relação aos/às outros/as e entre si, e compreensíveis em uma perspectiva relacional. Considera-se ainda que essas relações são construídas historicamente, marcadas pela cultura e pelas relações de poder que fundamentam uma hierarquia e uma assimetria social entre homens e mulheres (Nascimento, 2019, p. 379).

Segundo Tilly (1994, p. 41-42), a utilização do gênero como categoria de análise histórica veio de uma necessidade de aprofundar a compreensão das relações de poder e desigualdades sociais nas análises realizadas no interior da história das mulheres. Pois não bastava somente o reconhecimento das experiências femininas como “fatos históricos”, era necessária uma metodologia própria, que permitiria as(os) historiadoras(es) “mostrar como seus resultados contribuem para a explicação de problemas mais gerais, estejam eles já na agenda da história, ou sejam eles facilmente compreensíveis do ponto de vista dos principais conceitos da disciplina”. Conforme Tedeschi (2012):

O uso do gênero enquanto categoria de análise é recente e tenta estabelecer compreensões teóricas acerca dos questionamentos que emergem das esteiras das práticas políticas que marcam o percurso de alguns movimentos sociais, sobretudo o feminista, trazendo para a cena política um amplo questionamento e debates sobre posturas e comportamentos que, tradicionalmente, vinham sendo adotados como explicações “naturais” para atitudes discriminadoras e práticas políticas de dominação e submissão (Tedeschi, 2012, p. 33).

Nesse sentido, de acordo com Scott (1995, p. 2), a adoção do gênero como perspectiva teórica na história das mulheres ampliou os seus horizontes, originando não apenas uma nova

²³ Joan Wallach Scott (1941) é uma historiadora e teórica feminista norte-americana, reconhecida por suas contribuições ao estudo do gênero, da história social e por explorar o uso do gênero como uma categoria de análise histórica.

²⁴ Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

história das mulheres, mas uma nova história, que conceitua o gênero “como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos”. Abrindo-se discussões e reflexões de teorias, na história das mulheres, que acabaram sendo generalizadoras ao simplificarem a “complexidade da causalidade social” (interconexão de fatores que influenciam as relações sociais de modo não linear) ao considerar categorias de desigualdade de poder, como classe e raça, como equivalentes. De modo que as pesquisas realizadas (segundo essas) acabaram por obscurecer as complexas dinâmicas e intersecções de opressão que residem nas mesmas, gerando análises superficiais (Scott, 1995, p. 4).

Estas teorias tiveram, no melhor dos casos, um caráter limitado porque elas tendem a incluir generalizações redutoras ou simples demais: estas minam não só o sentido da complexidade da causalidade social tal qual proposta pela história como disciplina, mas também o engajamento feminista na elaboração de análises que levam à mudança (Scott, 1995, p. 6).

Seria somente no final do século XX, em detrimento dos movimentos feministas, que o gênero começou a ser teorizado como uma categoria de análise. Inicialmente, em teorias que tinham entre suas centralidades: destacar as diferenças entre o feminino e o masculino, problematizar o papel social das mulheres, e investigar como mulheres e homens desenvolvem as suas identidades sexuais. De modo que “o meio de falar de sistemas de relações sociais ou entre os sexos, não tinha [ainda] aparecido”, em decorrência de resistências de integrá-lo aos “conjuntos teóricos pré-existentes” (Scott, 1995, p. 19).

Essas resistências encontradas em outras(os) pesquisadoras(es) fomentaria, segundo Scott (1995), a necessidade de se realizar reflexões nos métodos de análise utilizados até então. Com o intuito de reformular as práticas de pesquisa em respostas às críticas que viam a história como “uma relíquia do pensamento humanista”. Assim, em vez de “deixar os arquivos ou abandonar o estudo do passado”, as(os) historiadoras(es) voltaram suas energias para adaptar os seus métodos de trabalhos, de modo a enfatizar abordagens mais críticas e reflexivas (Scott, 1995, p. 10).

Abordagens que deixaram de buscar por “origens únicas” e passaram a se concentrar em “conceber processos tão ligados entre si que não poderiam ser separados”, sendo esses o centro do trabalho historiográfico. Os problemas a serem pesquisados passaram a ser concebidos somente como o ponto de partida para a compreensão de processos mais amplos, de forma que “são [os] processos²⁵ que temos que ter sempre presentes em mente. Temos que nos perguntar mais freqüentemente como as coisas aconteceram para descobrir porque elas aconteceram”(Scott, 1995, p. 20).

²⁵ Movimentos sociais.

Nessa perspectiva, Scott (1995, p. 21) conceitua o gênero como uma categoria de análise histórica, definindo o mesmo em “duas partes e várias subpartes”, que estão interligadas entre si, mas que, segundo ela, devem ser analisadas distintamente. Assim, o ponto central da sua conceitualização reside “na conexão integral entre duas proposições”.

A primeira, de que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”. Compreendido como fundamental à formação e estruturação das dinâmicas sociais, se baseando em distinções percebidas entre mulheres e homens estabelecidas socialmente.

A segunda proposição define que “o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. De modo que o mesmo também atua como um componente que atribui significados às relações de poder, ou seja, as desigualdades entre as mulheres e os homens são concebidas como um dos principais meios de se entender e justificar dinâmicas de poder.

As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único. Como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, o gênero implica quatro elementos relacionados entre si (Scott, 1995, p. 21).

A autora propõe quatro aspectos inter-relacionados compreendidos como essenciais à utilização do gênero como uma categoria de análise histórica, sendo esses sintetizados em: símbolos culturais, conceitos normativos, instituições e organizações sociais, e identidade subjetiva e distribuição de poder.

O primeiro elemento é denominado “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas (frequentemente contraditórias)”. De modo que os símbolos culturais reconhecidos em contextos históricos podem ser utilizados para dar sentido às diferenças de gênero de um dado período, manifestando múltiplos significados, muitas vezes contraditórios. “Eva e Maria, como símbolo da mulher, por exemplo, na tradição cristão do Ocidente, mas também mitos da luz e da escuridão, da purificação e da poluição, da inocência e da corrupção”. Nesse sentido, segundo ela, “para os(as) historiadores(as), as questões interessantes são: quais as representações simbólicas evocadas, quais suas modalidades, em que contextos?” (Scott, 1995, p. 21).

O segundo elemento implicado pelo gênero nas relações sociais são os “conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos, que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas”. Compreendidos como ideias que estabelecem expectativas sobre o comportamento, os valores e as crenças em uma sociedade. Os conceitos normativos desempenham um papel fundamental na interpretação dos

significados por trás dos símbolos culturais ao impor regras rígidas sobre o que é considerado “natural” a cada um. Dessa maneira, os “conceitos normativos” são difundidos por meio de instituições que “tipicamente tomam a forma de uma oposição binária que afirma de forma categórica e sem equívoco o sentido do masculino e do feminino” (Scott, 1995, p. 21).

Ademais, os conceitos normativos “dependem da rejeição ou da repressão de outras possibilidades alternativas”; de modo que as normas de gênero são definidas por meio de conflitos e disputas de poder, que devem ser consideradas pelas(os) historiadoras(es) em suas produções, pois “a história posterior é escrita como se essas posições normativas fossem o produto de um consenso social e não de um conflito” (Scott, 1995, p. 21).

Um exemplo desse tipo de história é fornecido pelo tratamento da ideologia vitoriana da mulher no lar, como se ela fosse criada num bloco só, como se ela só tivesse sido colocada em questão posteriormente, enquanto que ela foi tema permanente de divergências de opinião. Um outro exemplo vem dos grupos religiosos fundamentalistas de hoje, que querem necessariamente ligar as suas práticas à restauração do papel “tradicional” das mulheres, supostamente mais autêntico, enquanto que na realidade tem poucos antecedentes históricos que testemunhariam a realização incontestada de um tal papel (Scott, 1995, p. 22).

O terceiro elemento, considerado por Scott (1995, p. 22), diz respeito à utilização de uma visão mais abrangente dos sistemas e dinâmicas sobre os quais o gênero é construído. Ela cita, como exemplo, o sistema de parentesco, considerado insuficiente para a compreensão de seus significados, especialmente “para as sociedades modernas complexas”. De modo que é preciso olhar para outros sistemas e esferas, como: “o mercado de trabalho”, a “educação”, e “o sistema político”, a fim de compreender como este é constituído.

Por fim, o quarto e último dos elementos, é a “identidade subjetiva”, que sucintamente reitera que o gênero implica um controle por meio de “conferências [que] estabelecem distribuições de poder”, assim em contextos de poder o gênero se manifesta por meio do controle, de acessos desiguais a recursos, espaços e oportunidades, influenciando a construção do poder em si (Scott, 1995, p. 22-23).

O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando os(as) historiadores(as) procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política (Scott, 1995, p. 23).

Nessa perspectiva, Scott (1995, p. 26-27) define o “gênero como um modo primeiro de significar as relações de poder”, de maneira que o gênero, como categoria de análise, tem as relações de poder como constituinte basilar. Contudo, alerta que, “freqüentemente, a ênfase

[do poder] colocada sobre o gênero não é explícita, mas constitui, no entanto, uma dimensão decisiva da organização, da igualdade e desigualdade” encontradas nas estruturas da sociedade. De modo que “a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, os dois, parte do sentido do poder”, ao mesmo tempo que “se constroem reciprocamente”.

Então, mobilizamos o gênero como uma categoria de análise histórica pautando-nos em Scott (1995), abordando-o como um conceito relacional (em que as representações de mulheres e homens são constituídas em relação umas às outras), um elemento de influência nas estruturas sociais, e “um modo primeiro de significar as relações de poder”, usando os quatro aspectos inter-relacionados como nossos guias. Nosso intuito com isso: realizar análises mais sólidas, que nos possibilitaram compreender como as mulheres e os homens eram concebidos no Brasil oitocentista, como se relacionavam umas(uns) com as(os) outras(os), como as relações de poder influenciaram nas limitações prescritas ao ensino feminino e quais fatores atuaram nessas limitações.

4.4 Articulação entre a História Social da Cultura e a História das Mulheres

Conforme conceituamos no capítulo anterior, nesta pesquisa adotamos como enfoque teórico-metodológico a História Social da Cultura, compreendida como uma integração da História Social à História Cultural. De modo que tomamos a História Cultural como campo conceitual primário e a História Social inscrita em seu interior. Assim, as análises realizadas foram conceituadas em sua maioria por meio das perspectivas oferecidas pela História Cultural, abordagem que possibilita a exploração das práticas e representações culturais constituídas e transmitidas por meio de significados em uma sociedade.

Em conjunto com os “processos”, os movimentos sociais ou dinâmicas sociais conceitualizados na História Social, que constituem o contexto histórico abordado. Ao influenciar na construção e transmissão das representações culturais, assim como as desigualdades e diferenças sociais do período pesquisado. Campos historiográficos que incorporados nos possibilitaram a realização de análises mais sólidas e abrangentes, considerando tanto as representações culturais presentes em um dado contexto histórico como as relações, dinâmicas e estruturas sociais que permeiam as suas constituições.

Conforme exemplo dado por Barros (2003), propomos para a presente pesquisa uma “tríplice articulação entre a História Cultural, a História Social” e a História das Mulheres.

Empreendendo “uma espécie” de História Social da Cultura das Mulheres, ao introduzir o campo temático História das Mulheres ao enfoque teórico-metodológico.

Nesse sentido, segundo Tedeschi (2012), uma das maneiras de se trabalhar com a História das Mulheres é aproximá-la da História Cultural, abordagem que possibilita a mobilização das noções de “práticas e representações” sobre as mulheres e os homens. Enfoque que irá destacar a influência das normas, expectativas e valores (lógica social) estabelecidos em uma sociedade, que influenciarão diretamente nas práticas e representações construídas por ambos os gêneros.

[...] homens e mulheres incorporam representações e constroem suas práticas dentro de uma lógica social. Dessa forma, numa sociedade rural patriarcal, as referidas práticas determinam atitudes de dominação/submissão, donde é possível afirmar que, tanto homens quanto mulheres, nas sociedades marcadas por fortes componentes patriarcais, colocam sua posição social masculina ou feminina sob a pressão originada pela divisão do trabalho na unidade produtiva familiar, bem como pelas relações de poder (Tedeschi, 2012, p. 25 apud Bourdieu, 1999).

Assim, ao incorporarmos as noções de práticas e representações da História Cultural à História das Mulheres, aprofundamos a nossa compreensão das dinâmicas e relações de poder entre mulheres e homens, estabelecidas por meio das normas e expectativas da sociedade em que estão inseridas(os). Expectativas que irão moldar os seus comportamentos e a estrutura de poder predominante entre os gêneros.

Tal mobilização também nos possibilitou uma articulação com o uso do gênero como uma categoria de análise histórica, tendo em mente os aspectos levantados por Scott (1995, p. 21) como essenciais para as análises “das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos”. Os “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas (frequentemente contraditórias)” e os “conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas”.

[...] a categoria representações, enquanto ferramenta para análise das relações de gênero, serve como um guia, um modo de nomeação e definem os diferentes aspectos da realidade. As representações sociais enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação de conhecimento, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão de grupos e as transformações sociais (Tedeschi, 2012, p. 30).

Conforme Scott (1995, p. 21), as representações são essenciais para a compreensão das diferenças e desigualdades de gênero em um dado período, assim como para a interpretação dos significados (os valores e ideais) que lhes são incorporados. Uma vez que, elas nos

possibilitam compreender as ideias por trás das expectativas de comportamentos impostas tanto sobre as mulheres quanto sobre os homens em um contexto histórico. Expectativas retroalimentadas pelos indivíduos e a sociedade em que estão inseridos, que por sua vez são definidas por meio de conflitos e disputas de poder, e, portanto, conceitualizam o gênero como uma construção social.

Essa compreensão de gênero como uma construção tem como base aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos, psicológicos, ampliando as possibilidades das abordagens históricas, trazendo para a discussão dois aspectos importantes: um deles, a íntima vinculação do gênero com as relações de poder, e o outro, a definição de gênero enquanto representação, que servirá como ferramenta de análise. Tanto um como o outro não podem ser admitidos ou mensurados como elementos separados, estanques, divorciados, mas constitutivos de realidades e eventos historicamente situados (Tedeschi, 2012, p. 33).

De acordo com os aspectos essenciais à compreensão das relações sociais hierarquizadas com base nos sexos levantados por Scott (1995), e os apontamentos de Tedeschi (2012), compreendemos o “gênero enquanto representação, que servirá como [nossa] ferramenta de análise”. Além disso, tratamos também do último dos componentes elegidos por ambas(os) autoras(es) como fundamental à definição do termo “gênero” e de sua mobilização como uma categoria de análise, o poder.

É através das relações de poder, de acordo com a historiadora Joan Scott, que se justifica a desigualdade entre homens e mulheres, como oriunda de relações de dominação e subordinação. Scott já chamara atenção para o fato de que o poder das mulheres tende sempre a ser percebido como manipulador, como disruptor das relações sociais, como ilegítimo, como fora do lugar e como pouco importante, no sentido de inferiorizar sua atuação no conjunto da sociedade. A construção do conceito de poder está diretamente vinculada a uma representação masculina sobre o mesmo. As mulheres sempre foram representadas como portadoras de “poderes” restritos ao campo da vida privada, cujo significado estiveram associados aos seus atributos biológicos (Tedeschi, 2012, p. 26 apud Scott, 1992, p. 77; Foucault, 2003, p. 231-232).

Consideramos assim que “o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott, 1995, p. 21), de modo que as representações e práticas sociais transmitidas e constituídas por meio do gênero são basilares à manutenção e à transmissão das estruturas e dinâmicas de poder que perpetuam as desigualdades entre os gêneros. Relações de poder que, assim como as expectativas de comportamento colocadas sobre os gêneros, são retroalimentadas em interação com as representações e as práticas sociais.

Nesse contexto, enfatizamos os “processos”, aspecto inerente à História Social, que mobilizamos com as práticas e representações, tendo o intuito de abranger os fenômenos culturais e sociais que consideramos imprescindíveis ao desenvolvimento de nossas análises. Dito isso, reforçamos que os “processos” referem-se às mudanças significativas que

ocorreram em um dado período histórico, como a “industrialização, modernização, colonização, ou quaisquer outros, inclusive as revoluções, que aparecem incluídas na rubrica ‘movimentos sociais’” (Barros, 2005, p. 13).

Esse está incorporado à História das Mulheres por estar sendo compreendido sobre a “rubrica ‘movimentos sociais’”, especificamente o movimento de reivindicação dos direitos das mulheres, o “feminismo”. Aspecto crucial para as nossas análises tendo em mente que, nas obras de Nísia, ela mantinha uma postura de defensora dos direitos das mulheres, especialmente dos seus direitos à educação.

Consideramos que ao analisar as obras de Nísia realizamos uma interpretação de suas produções culturais por meio dos conceitos de práticas, representações e também apropriação, que nos permitiram identificar os elementos pertinentes aos nossos objetivos, ao mesmo tempo que nos tornamos produtores culturais. Contudo, tais mecanismos de análise não foram suficientes ao considerarmos os aspectos “militantes” encontrados nelas, por eles não se encontrarem alicerçados na cultura de uma sociedade e sim em seus processos (dinâmicas) sociais.

De modo que mobilizamos também o conceito de processos (ou dinâmicas) integrando a História Social às nossas análises, que além de possibilitar a análise dos aspectos relacionados à reivindicação dos direitos das mulheres nas obras de Nísia, também proporcionou perspectivas que promovem uma compreensão mais abrangente das dinâmicas sociais e relações de poder no contexto social em que se inseriam.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com base na fundamentação teórica apresentada, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para a realização da presente pesquisa, organizando-os em um cronograma dos passos seguidos para a constituição do trabalho.

i. Encontro Com o Objeto de Pesquisa e Nossos Objetivos

O ponto de partida da pesquisa foi o reconhecimento das limitações historicamente impostas à educação feminina, especialmente nas áreas de conhecimento científico, como a matemática. Em seguida, realizamos uma revisão de literatura – exposta no Capítulo 2 – com o objetivo de mapear as pesquisas previamente realizadas sobre o ensino de matemática para mulheres/meninas no Brasil, com ênfase no contexto histórico e cultural do século XIX. Essa revisão nos permitiu identificar as principais abordagens adotadas por outras(os) pesquisadoras(es) e as possibilidades de pesquisas na área, proporcionando um embasamento necessário para a continuidade da investigação.

Nesse sentido, a revisão de literatura também nos direcionou para a figura de Nísia, uma educadora e escritora do século XIX que se destacou por suas posições progressistas em relação à educação feminina. Ao aprofundarmos a análise de sua obra e trajetória, fomos conduzidas à compreensão de sua possível atuação como precursora de um ensino de matemática para mulheres/meninas que desafiava as limitações impostas pela Lei Educacional de 1827 - que restringia o currículo de matemática feminino em relação ao masculino no Brasil oitocentista.

O encontro com suas obras e a análise de sua trajetória como educadora e escritora foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, pois nos permitiram enxergar em Nísia uma possível defensora de uma educação mais inclusiva e abrangente, que valorizava as ciências e, sugestivamente, a matemática, como partes essenciais na formação das mulheres/meninas no Brasil oitocentista. Assim, reconhecendo a relevância de sua contribuição para o debate sobre a educação feminina, tomamos Nísia como objeto central desta pesquisa, a fim de investigar suas representações e possíveis impactos no ensino de matemática para mulheres no período.

Do encontro com o objeto de pesquisa, delineamos os objetivos que nortearam esta investigação. O objetivo geral, que consiste em analisar a obra de Nísia a fim de identificar indícios de uma defesa do ensino de ciências, especialmente da matemática, para

mulheres/meninas no Brasil oitocentista. Para isso, estabelecemos objetivos específicos, os quais incluem: a análise da Lei Educacional de 1827 (que estruturava o sistema educacional do século XIX) e suas implicações no ensino para mulheres, e a interpretação dos escritos de Nísia tendo como foco suas representações sobre a educação científica, especialmente, a matemática.

ii. Seleção do Corpus da Pesquisa

Delineados os objetivos da pesquisa, iniciamos a seleção do corpus documental que fundamentaria nossa análise. Após a revisão de literatura, concentramos nossos esforços na escolha das obras de Nísia a serem analisadas, selecionadas conforme os seguintes critérios: a relevância para o tema central da pesquisa, a apresentação de uma defesa da educação feminina, a reivindicação dos direitos das mulheres e a presença de conselhos ou orientações voltados para jovens mulheres e meninas. As obras selecionadas foram: *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832), *Máximas e Pensamentos* (1832), *Conselhos à Minha Filha* (1842), *Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta* (1847), *Fany ou O Modelo das Donzelas* (1847), e *Opúsculo Humanitário* (1853).

Concomitantemente à seleção das obras que seriam analisadas, iniciamos a busca por fontes adicionais que pudessem contribuir para nossa investigação. A primeira ação foi o contato com o Museu Nísia Floresta, que nos direcionou às obras de Constância Lima Duarte – pesquisadora da educadora – que foram fundamentais para a realização da pesquisa. Também encontramos contribuições nas obras de Paulo Margutti, localizadas posteriormente. Realizamos pesquisas online e buscamos em repositórios digitais utilizando os termos “Nísia Floresta” e “Colégio Augusto”, porém sem sucessos relevantes. Uma vez que os materiais encontrados eram, em sua maioria, bibliográficos e não trouxeram contribuições significativas para o desenvolvimento da pesquisa.

Adicionalmente, realizamos um levantamento de documentos históricos relacionados à legislação educacional do período, no qual localizamos a transcrição das sessões do Senado de 1827, onde se encontra as transcrições das reuniões do Senado que promulgaram a Lei Educacional de 15 de outubro de 1827, que regulamentou a educação no Brasil oitocentista. A investigação desse documento nos permitiu compreender o contexto educacional em que as ideias de Nísia foram formuladas, quais eram as representações femininas constituídas no

período e avaliar de que forma as propostas de Nísia convergiam e/ou divergiam das diretrizes educacionais vigentes.

Assim, o corpus da pesquisa foi delineado pelas obras selecionadas de Nísia, a transcrição da Lei de 1827, as obras de Constância Lima Duarte e Paulo Margutti, além das dissertações e teses identificadas na revisão de literatura. A busca completa pelas fontes e as dificuldades encontradas serão apresentadas detalhadamente no Capítulo 6 desta pesquisa.

iii. Delimitação da Abordagem Teórico-Metodológica

Paralelamente à seleção do nosso corpus de pesquisa, delineamos a abordagem teórico-metodológica que fundamentaria nossas análises. A pesquisa adotou uma abordagem interdisciplinar, articulando a História Cultural e a História Social, com foco na História das Mulheres. Essa abordagem nos permitiu analisar as práticas e representações culturais relacionadas à educação feminina no Brasil oitocentista, considerando as dinâmicas sociais e as relações de poder que moldaram o ensino de matemática para mulheres/meninas.

A História Social da Cultura, como abordagem central, nos permitiu compreender as interações entre os aspectos culturais, sociais e educacionais da época, assim como as transformações nas percepções da educação feminina e o impacto dessas transformações nas mulheres/meninas. Além disso, o gênero foi utilizado como uma categoria de análise histórica, conforme proposto por Scott (1995). Essa categoria permitiu explorar as desigualdades de gênero no acesso ao conhecimento matemático e nas representações sociais que perpetuaram essas desigualdades, além de evidenciar como essas desigualdades influenciavam a construção e a disseminação do saber matemático no contexto do século XIX.

Nessa perspectiva, salientamos que no Capítulo 3 da pesquisa foi apresentada a primeira parte do referencial teórico-metodológico, referente à História Cultural e à História Social, bem como a articulação entre esses campos na História Social da Cultura. Já no Capítulo 4, apresentamos a segunda parte, abordando a História das Mulheres e o uso do gênero como uma categoria de análise histórica, destacando a articulação entre a História Social da Cultura e a História das Mulheres, configurando a História Social da Cultura como uma abordagem teórica-metodológica.

iv. A Educação Feminina no Brasil Oitocentista

Nos procedimentos metodológicos da pesquisa, um dos aspectos fundamentais foi a apresentação do contexto educacional do Brasil oitocentista, essencial para compreendermos as representações e os desafios da educação feminina no período. Esse percurso nos permitiu situar as ideias de Nísia dentro de um cenário mais amplo de debates sobre a instrução das mulheres/meninas, evidenciando como suas propostas dialogavam com as normas educacionais vigentes e, ao mesmo tempo, desafiavam as restrições impostas à formação feminina.

A análise da educação feminina no Brasil oitocentista e da Lei Educacional de 15 de outubro de 1827, foi realizada com base em uma abordagem historiográfica, utilizando fontes primárias e secundárias para compreender o contexto educacional da época e as representações de gênero que permeavam a sociedade brasileira. A Lei de 1827, que estabeleceu as diretrizes para a educação elementar no Brasil, foi um ponto central de análise, pois refletia as hierarquias de gênero que limitavam o acesso das mulheres/meninas à educação formal.

Além disso, essa legislação constituiu um elemento estrutural da nossa pergunta de pesquisa, uma vez que buscávamos identificar, nos escritos de Nísia, uma possível subversão das normativas educacionais vigentes no período. Sendo a única norma abrangente e geral sobre a educação básica no Brasil ao longo do século XIX (Monarcha, 2015), a Lei de 1827 serviu como parâmetro para nosso estudo comparativo.

O primeiro passo de nossa análise foi a localização e o exame das transcrições das sessões do Senado de 1827, onde a lei foi debatida e promulgada. Em seguida, realizamos uma leitura atenta do texto legal, observando as distinções curriculares estabelecidas entre meninos e meninas e as implicações dessas diretrizes para a educação feminina. Esse estudo, apresentado no capítulo 7 da pesquisa, foi fundamental para compreendermos o cenário educacional da época e serviu como base comparativa para a investigação dos escritos de Nísia.

v. Análises

No capítulo de análise, estruturamos a pesquisa com base em uma abordagem historiográfica, utilizando a História Social da Cultura das Mulheres como nosso referencial teórico principal. O objetivo central foi analisar como Nísia subverteu as normativas educacionais do Brasil oitocentista, especialmente no que diz respeito ao acesso das mulheres/meninas às ciências e, sugestivamente, à matemática. Para isso, a análise foi

dividida em categorias que permitiram explorar a defesa da educação feminina em suas obras, considerando as implicações de suas ideias dentro do contexto educacional e social da época.

A primeira etapa da análise consistiu na investigação da vida e da trajetória de Nísia. Compreender o ambiente no qual ela estava inserida foi fundamental para investigarmos e conjecturarmos os sentidos e as intenções por trás de suas palavras, bem como para compreendermos quem foi Nísia e qual era a sua posição nas discussões educacionais e sociais do século XIX. Essa etapa incluiu a análise de fontes biográficas: obras de Duarte (2019) e Margutti (2019), que nos forneceram informações de sua constituição como uma escritora, educadora e poetisa do Brasil oitocentista.

Após compreendermos o contexto no qual Nísia estava inserida, elegemos cinco categorias de análise, que supomos serem propícias aos nossos objetivos de pesquisa. Essas categorias foram definidas com base em nossa pergunta norteadora: de que maneira os textos de Nísia refletem uma argumentação a favor do ensino de ciências, especialmente da matemática para mulheres/meninas no Brasil, que subvertia os assuntos prescritos pela Lei Educacional de 1827.

Para a análise da primeira categoria “os primeiros passos de Nísia no debate sobre a educação feminina e a tradução como apropriação”, nos ancoramos no conceito de apropriação segundo Chartier (2002). Inicialmente realizamos uma leitura minuciosa do artigo publicado por Nísia no jornal *Espelho das Brasileiras*, em 1831, e da sua tradução da obra *La femme n'est pas inférieure à l'homme* (1739), intitulada *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832). Esses textos foram analisados em conjunto, buscando compreender como Nísia se posicionava em relação ao debate sobre a educação das mulheres e ao papel da tradução como um processo de apropriação e adaptação ao contexto brasileiro do século XIX.

Em seguida, a partir do conceito de apropriação de Chartier (2002), investigamos como Nísia, ao traduzir e reescrever as ideias da obra francesa, não somente reproduziu o discurso, mas adaptou-o ao contexto social e cultural do Brasil. Esse processo de apropriação foi analisado como uma reconfiguração das representações sobre o papel das mulheres/meninas, ao mesmo tempo, em que ela incorporava críticas à estrutura patriarcal da sociedade brasileira e às representações tradicionais sobre a educação feminina.

Investigamos as estratégias discursivas de Nísia, com foco em como ela utilizou a tradução e os artigos para se engajar na luta por um espaço educacional mais justo para as mulheres. Buscando identificar os elementos que visavam sensibilizar a opinião pública,

especialmente os homens, para a necessidade de uma reforma educacional que incluísse as mulheres/meninas em um processo de formação intelectual e moral mais completo.

Na segunda categoria de análise, nos dedicamos a identificar em *Opúsculo Humanitário e Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* os motivos pelos quais os homens restringiam o acesso das mulheres/meninas à educação, com foco nas críticas de Nísia às estruturas de poder patriarcais que negavam o direito das mulheres/meninas à educação. Para isso, procuramos compreender como Nísia desconstruiu os argumentos que sustentavam essa exclusão feminina, examinando suas argumentações sobre a naturalização da inferioridade das mulheres, especialmente em relação às suas capacidades intelectuais. Nesse processo, dialogamos com os estudos de Scott (1995) e Perrot (2017), que apontam como as relações de gênero foram construídas historicamente para reforçar a subordinação feminina e legitimar a opressão das mulheres dentro do sistema educacional e social.

Nosso objetivo era identificar como a crítica de Nísia à visão patriarcal, que via as mulheres como seres fracos e incapazes de alcançar o mesmo nível intelectual que os homens, revelava as estratégias de controle utilizadas para excluir as mulheres/meninas de espaços de conhecimento. Buscamos também entender como a autora, ao desafiar essa representação, não somente contestava a exclusão das mulheres/meninas do campo da educação, mas também propunha uma mudança nas percepções de gênero e nas possibilidades de emancipação feminina através do acesso ao saber.

Nesse sentido, com a análise dos textos, tentamos destacar as tensões presentes nas relações de poder entre homens e mulheres. Também, buscamos explorar como as práticas educacionais da época, segundo Nísia, estavam profundamente imersas em um sistema de exclusão que limitava o acesso das mulheres/meninas ao conhecimento. Dessa maneira, nessa categoria de análise buscamos evidenciar como Nísia, por meio de suas obras, ofereceu uma crítica contundente ao modelo educacional de sua época, que restringia as mulheres a papéis subalternos e impedia seu desenvolvimento intelectual e pessoal.

A terceira categoria de análise, intitulada “o acesso às ciências e, sugestivamente, da matemática”, foi estruturada visando compreender como Nísia defendeu o acesso das mulheres/meninas ao conhecimento científico e, sugestivamente, também matemático, subvertendo as normativas educacionais do Brasil oitocentista. Para isso, a análise foi focada nas obras *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832) e *Conselhos à Minha Filha* (1842), que apresentavam reflexões sobre a importância da educação feminina, argumentos contra a exclusão das mulheres do saber científico e moral, além de apontamentos sobre as limitações impostas pelo modelo educacional vigente. Objetivando identificar as estratégias

discursivas de Nísia, suas críticas ao determinismo biológico e suas propostas para uma educação mais ampla e igualitária.

Nessa perspectiva, a análise iniciou-se com a compreensão de como Nísia rejeitou os argumentos baseados no determinismo biológico, que sustentavam a suposta inferioridade intelectual das mulheres, especialmente em *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*. Em seguida, buscou-se identificar como ela subverteu as justificativas para a exclusão das mulheres das ciências e da matemática. A investigação prosseguiu examinando de que maneira Nísia refutou o argumento de que o estudo dessas áreas tornava as mulheres altivas e moralmente desviantes. Posteriormente, explorou-se sua defesa da capacidade feminina para ensinar e praticar ciências, incluindo a matemática. Por fim, foram analisadas as mudanças em seu posicionamento ao longo do tempo, contrastando sua defesa contundente em *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* com o tom mais moderado adotado em *Conselhos à Minha Filha*.

Na quarta categoria de análise, “representações de feminilidade”, buscamos compreender como as obras de Nísia refletiam a construção de um modelo idealizado de mulher e sua relação com as normas e valores da sociedade patriarcal do Brasil oitocentista. Para tanto, adotamos os conceitos de representação proposto por Barros (2011) e Chartier (2002), que sugerem que as representações são formas simbólicas de construção e disseminação de significados em uma sociedade, refletindo, segundo Scott (1995) suas hierarquias e papéis sociais.

Para proceder com a análise dessa representação, examinamos as obras *Conselhos à Minha Filha*, *Pensamentos para Minha Filha*, *Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta* e *Fany ou O Modelo das Donzelas*, nas quais Nísia apresenta um conjunto de virtudes e qualidades consideradas essenciais para as mulheres de sua época. Nesse sentido, visando evitar repetições e aprofundar a análise, optamos por destacar principalmente *Conselhos à Minha Filha* e *Fany ou O Modelo das Donzelas*, pois são nessas obras que Nísia detalha com maior profundidade as virtudes e qualidades que acredita serem indispensáveis para a formação feminina. No entanto, salientamos que essas virtudes e qualidades estão presentes nas cinco obras mencionadas, refletindo um padrão recorrente de ideais femininos que permeia todo o conjunto de sua produção literária.

Na quinta e última categoria de análise, o foco foi a proposta educacional de Nísia para as mulheres/meninas, com base na interpretação de sua obra *Opúsculo Humanitário*, nos pensamentos da autora sobre a educação feminina e nas representações femininas presentes em seus escritos. A análise teve como objetivo identificar as argumentações de Nísia quanto à

necessidade de uma reforma educacional para as mulheres, buscando compreender como ela defendia uma transformação nos moldes educacionais da época, com a intenção de proporcionar uma elevação moral e intelectual para as mulheres/meninas.

Durante a análise, foi dada atenção especial às referências históricas que Nísia utilizou em seus textos, como as civilizações antigas (Egito, Grécia, Roma), e sua distinção entre as regiões que ela considerava “civilizadas” e as “bárbaras”. A análise desses exemplos históricos teve o propósito de entender como Nísia construiu suas argumentações, associando a educação das mulheres a um modelo de civilização e progresso, e como essas referências foram usadas para reforçar a necessidade de uma elevação moral das mulheres na sociedade brasileira do século XIX.

Além disso, a análise aprofundou-se nas referências religiosas e espirituais presentes na obra de Nísia, destacando o uso de figuras bíblicas, como Maria, mãe de Jesus, para justificar a emancipação feminina. Esse aspecto foi considerado fundamental para compreender como Nísia vinculava sua proposta educacional a um modelo cristão e moral, focando mais na transformação interior das mulheres do que em uma luta por direitos políticos ou sociais, o que delineia uma forma peculiar de emancipação, mais voltada para a moralidade e espiritualidade.

Em seguida, nos concentramos em investigar como Nísia se apropriou dos modelos educacionais de países europeus, como Alemanha, Grã-Bretanha, França e Estados Unidos, segundo os estudos de Chartier (2002), buscando compreender como ela adaptou essas influências para a realidade brasileira. E como reinterpreto esses modelos educacionais, considerando o contexto social e cultural do Brasil e como ela os ressignificou para sua proposta pedagógica

Por fim, a análise se concentrou nas representações femininas construídas por Nísia em suas obras, com base nos estudos de Barros (2011) e Chartier (2002), destacando os papéis sociais atribuídos às mulheres/meninas. De modo que, a pesquisa buscou entender como essas representações eram usadas para reforçar a ideia de que a educação feminina era essencial para o progresso moral e intelectual da sociedade. Além disso, procurou-se compreender a interligação entre educação, moralidade e espiritualidade na proposta educacional de Nísia, destacando a concepção de “civilização” que ela defendia e o papel das mulheres nesse contexto, visando perceber como Nísia via a posição das mulheres dentro dessa estrutura social e cultural.

6. FONTES DOCUMENTAIS

Dando continuidade à delineação do referencial da presente pesquisa, após apresentarmos o enfoque teórico-metodológico adotado, assim como o campo temático compreendido e as articulações entre os mesmos, trataremos, neste momento, das “abordagens” que foram empregadas, “os modos de fazer a história” (Barros, 2004, p. 23-24).

Primeiramente, salientamos que esta pesquisa foi de cunho documental, abordagem que apresenta, segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5), “[...] um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. Sendo estes compreendidos, conforme os apontamentos de Cellard (2008, p. 297), como “todo texto escrito, manuscrito ou impresso, registrado em papel. Mais precisamente, consideramos as fontes, primárias ou secundárias, que, por definição, são exploradas - e não criadas - no contexto de um procedimento de pesquisa”.

Foi considerada essa abordagem pela natureza da investigação, que se fundamenta na análise de textos históricos, como as produções intelectuais de Nísia. O estudo baseou-se essencialmente em fontes primárias, como os livros dessa autora e educadora, além de fontes secundárias que ofereceram interpretações e contextualizações sobre o pensamento de Nísia. Dessa forma, a pesquisa documental permitiu examinar as representações dela sobre a educação feminina e identificar em seus escritos possíveis indícios da defesa do ensino de ciências e, sugestivamente, da matemática para mulheres/meninas considerando, ainda, o contexto social e educacional do Brasil oitocentista.

Nessa perspectiva, conforme Barros (2020, p. 4), destacamos que a pesquisa não se enquadra como uma “operação historiográfica [totalmente] autêntica”, uma vez que utilizamos de fontes secundárias, obras produzidas por outras(os) pesquisadoras(es) que indagaram diretamente fontes primárias: os textos escritos por Nísia, jornais do período, entre outros materiais; uma vez que uma “operação historiográfica autêntica” seria segundo Barros (2020), aquela na qual a(o) pesquisadora(or) trabalharia diretamente com as fontes primárias sem recorrer a interpretações, análises e comentários de outras(os) autoras(es), procedimento que realizamos.

Há uma diferença muito importante entre a obra que foi escrita a partir de uma análise considerável de materiais provenientes da época que está sendo examinada – ou seja, as fontes históricas do período – e uma obra que apenas se aproximou indiretamente do problema, valendo-se exclusivamente de obras de outros historiadores. A diferença é precisamente o trabalho com as fontes – esse tipo de trabalho específico que configura o historiador em toda a sua plenitude e integridade. As fontes, como podemos ver, estão no cerne de toda autêntica operação historiográfica (Barros, 2020, p. 4).

Nesse sentido, adotamos como abordagem a pesquisa documental ao manejar as fontes primárias, aqui compreendidas como os elementos autênticos em nossa produção historiográfica, documentos que não foram elaborados mediante análises e interpretações de outras(os) historiadoras(es), ou seja, os livros escritos pela própria Nísia²⁶, os jornais preservados na hemeroteca e as transcrições das sessões realizadas no Senado em 1827 (Oliveira, 2007).

Já no que se refere às fontes secundárias, compreendidas como os “dados de *segunda mão*, ou seja, informações já trabalhadas por outros pesquisadores, estudiosos e, por isso, já no domínio científico” (Oliveira, 2007, p. 70), recorreremos à pesquisa bibliográfica, compreendida como um tipo específico de pesquisa documental, que se concentra exclusivamente em materiais já publicados, como: livros, artigos científicos, dissertações e teses.

Salientamos que as buscas por documentações, tanto por fontes primárias quanto secundárias, foram realizadas mediante pesquisas em acervos, bibliotecas, repositórios, entre outros conjuntos de páginas da internet. De modo que os materiais catalogados são registros virtuais. Arquivos escaneados de textos, jornais, entre outros materiais referentes ao recorte temporal pesquisado e aos nossos objetivos de pesquisa quando nos referimos às fontes primárias. E livros, teses e dissertações disponibilizados digitalmente, quando nos referimos às fontes secundárias.

Para o tratamento das fontes, empregamos, junto à pesquisa documental, o paradigma indiciário, método “proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg²⁷”, exemplificado por Leandro e Passos (2021). O método, que assim como o nome sugere, remete ao trabalho de uma(um) investigadora(or) criminal, que em uma cena de crime investiga até o menor dos indícios, buscando assim reconstituí-la.

Em sentido lato, pode-se dizer que o paradigma indiciário não se baseia nas características mais vistosas da situação pesquisada, porém atenta em indícios, às vezes imperceptíveis, em sintomas, em signos pictóricos, em pormenores, em dados marginais e em pistas [...] A partir de dados aparentemente negligenciáveis, os seres humanos remontam e contam aos outros humanos, pela narração, uma realidade complexa que não vivenciaram diretamente (pegadas dão indícios de que um animal passou pelo local, por exemplo), (Leandro; Passos, 2021, p. 4 apud Ginzburg, 1989).

²⁶ Estamos utilizando edições reeditadas com correções ortográficas. Contudo, essas ainda são consideradas fontes primárias, uma vez que não há alteração de significados entre as edições.

²⁷ “Carlo Ginzburg é um historiador italiano. Nasceu em Turim em 1939, filho dos judeus Leone e Natalia Ginzburg [...] um dos fundadores da micro-história” (Leandro; Passos, 2021, p. 3-4).

Esse método tem por princípio investigar os indícios (vestígios) dos objetos de pesquisa, buscando captar e indagar detalhes frequentemente ignorados, com o intuito de ampliar a compreensão dos objetos de estudo. Abordagem comparada por Ginzburg e Garnica ao trabalho investigativo realizado por Sherlock “Holmes, [que] a partir dos indícios, constrói o quadro de um crime” (Leandro; Passos, 2021, p. 5 apud Garnica, 1999).

Segundo esses autores, “o rigor do paradigma indiciário é entendido como flexível. O rigor se molda ao contexto pesquisado”, de modo que a abordagem não se caracteriza por um método preestabelecido, e sim cabe a(o) pesquisadora(or) adequá-la com base em seus objetivos de pesquisa, assim como nos materiais analisados.

Dessa forma, realizamos as nossas análises segundo a “isomorfia”²⁸, que segundo Leandro e Passos (2021) “permitem-nos pensar em documentos ou narrativas como fios que combinam no mesmo tecido”, ou seja, nossos vestígios (indícios) são fios fragmentados de uma tapeçaria, a qual tecemos mediante nossas interpretações, com a exposição de seus padrões e relações.

6.1 Fontes Historiográficas

Conforme já exposto, a pesquisa não se qualifica como uma “operação historiográfica [totalmente] autêntica”, uma vez que utilizamos como seu escopo documental fontes primárias e secundárias. No entanto, tendo em mente as fontes primárias manuseadas e, que conferem um caráter historiográfico à presente pesquisa, ainda que não plenamente autêntico, exploraremos nesta seção a noção de fontes historiográficas²⁹.

Ressaltamos que compreendemos as fontes históricas tal qual Barros (2020, p. 2) como “diversos resíduos, vestígios, discursos e materiais de vários tipos que, deixados pelos seres humanos historicamente situados no passado, chegaram ao tempo presente através de caminhos diversos”. Como um constituinte basilar à produção historiográfica, uma vez que sem as fontes seria impossível realizar análises críticas e fundamentadas sobre os fenômenos

²⁸ “O conceito de isomorfia está relacionado às características que dois objetos têm em comum. Ginzburg utiliza o conceito de isomorfismo no sentido mais de semelhança do que de igualdade. Ele deixa indícios desse modo de utilização, ao argumentar que procurará, ao buscar compreender os rituais fúnebres de reis franceses e ingleses, ‘demonstrar [que] as semelhanças transculturais podem ajudar a compreender a especificidade dos fenômenos de que partiram’” (Leandro; Passos, 2021, p. 21 apud Ginzburg, 2001, p. 87).

²⁹ Conforme Barros (2020, p. 7), compreendemos fontes históricas e documentos históricos “como sinônimos. São ‘fontes’ ou ‘documentos históricos’ tanto os textos escritos de todos os tipos, como também o são as fotografias, os objetos de cultura material ou quaisquer outros conteúdos e materiais que os historiadores utilizem como vestígios para apreender a história um dia vivida e para, concomitantemente, escreverem a História no outro sentido, o de produto de um campo de saber”.

do passado, tornando, assim, impraticável a constituição de uma produção historiográfica autêntica.

[...] é possível “falar de história” sem evocar fontes históricas e sem trabalhar metodologicamente com elas – mas não é possível “falar cientificamente” de história, e de maneira original, como os historiadores estão sempre fazendo, sem lançar mão das fontes históricas. Sem fontes – e sem um trabalho metodológico adequado sobre elas – apenas podemos falar indiretamente sobre o que os diversos historiadores já disseram sobre este ou aquele tema histórico, mas nesse caso não completamos, ou sequer iniciamos, uma operação historiográfica autêntica (Barros, 2020, p. 2).

Assim, segundo Barros (2020, p. 9), as práticas historiográficas referentes à forma pela qual as(os) historiadoras(es) abordam suas fontes parte do pressuposto de que estas(es) devem “demonstrar”, baseado nelas, como a história se constitui, abordagem que possibilita interpretações mais demonstrativas do que uma prova restrita, como era empregado no paradigma dominante anterior, no qual as(os) historiadoras(es) deveriam “provar” suas afirmações mediante evidências sólidas.

Já o paradigma atual permite-nos indagar as fontes extrapolando provas empíricas, por exemplo, além de dizermos como determinado movimento social ocorreu tendo por base as fontes (como jornais que retratam um movimento), podemos também buscar responder porque ele se iniciou, como ele afetou os indivíduos envolvidos e que eventos implicaram ao futuro da sociedade em questão – formulações essas que muitas vezes não poderiam ser provadas empiricamente sem fontes para serem analisadas, e sim apenas conjecturadas.

[...] o historiador de hoje não costuma mais esperar, dos materiais e evidências que lhes chegam do passado, apenas ou necessariamente uma “prova”, encarando também as fontes como discursos a serem analisados ou como redes de práticas e representações a serem compreendidas. A História – na mesma medida em que deixou de ser limitadamente factual em favor de uma nova historiografia principalmente interpretativa – não se interessa tão somente em oferecer informações, descrever acontecimentos ou encadear eventos, mas também, e principalmente, em elaborar interpretações demonstráveis e bem fundamentadas sobre os processos históricos, em propor hipóteses, em promover análises, problematizar (Barros, 2020, p. 9).

Ainda segundo o autor, a prática historiográfica, o manuseio das fontes históricas, encontra-se intrinsecamente ligada aos problemas de pesquisa elegidos e delimitados pelas(os) historiadoras(es). Uma vez que, as fontes isoladas, sem um foco orientando sobre quais vestígios busca investigar, tornam-se difusas, circunstância que se refletiria em uma pesquisa improdutiva.

[...] sem o encontro entre um problema e suas fontes possíveis, não há História”. Para construir História, não basta uma ideia na cabeça, ou tampouco ter uma fonte nas mãos. Estas duas condições são necessárias; mas, isoladas, não são insuficientes. Para se fazer História adequadamente e dentro do que se espera de

uma historiografia científica, o que se precisa é assegurar uma espécie de entrelaçamento entre estas duas instâncias (Barros, 2020, p. 10).

Conforme De Certeau (1982), Burke (2019) e Barros (2020), a subjetividade da(o) pesquisadora(or) impactará seu encontro e manuseio das fontes historiográficas já selecionadas; uma vez que direciona seu foco segundo seus interesses pessoais e objetivos de pesquisa, pois “observamos ou lembramos aquilo que nos interessa pessoalmente ou que se encaixa no que já acreditamos” (Burke, 2021, p. 31).

De modo que se duas(dois) pesquisadoras(es) diferentes direcionarem seus olhares para as mesmas fontes documentais, mesmo com problemas de pesquisa semelhantes, desenvolverão muito provavelmente produções que se focam em vestígios distintos. Pois, estas(es) trarão consigo a sua subjetividade, interesses prévios que impactarão diretamente em suas interpretações e análises, abismo que se expandirá ao considerarmos problemáticas de pesquisas diferentes.

O ponto de vista do historiador, a propósito, não é apenas o seu próprio espaço tempo, mas também a sua possibilidade de pensar as coisas de um jeito e não de outro, além do seu modo de ver específico, com todos os seus limites e potencialidades. Se ele é, no seu Presente, um ser humano preocupado com as violências de gênero, talvez seja atraído para buscar, nessa vastidão de possibilidades que se estende à sua frente, as ações opressivas que um dia se deram contra as mulheres, ao lado das heróicas ou vitimadas resistências que foram por elas geradas (Barros, 2020, p. 3).

Desse modo, ressaltamos o cuidado para “a tentação a que o historiador cultural não deve sucumbir [...] a de tratar os textos e as imagens de um certo período como espelhos, reflexos não problemáticos de seu tempo” (Burke, 2021, p. 30), produzindo assim interpretações e análises anacrônicas, deslocadas dos contextos sociais e culturais aos quais as fontes historiográficas manejadas pertenciam.

Contudo, destacamos a necessidade de voltarmos os nossos olhares ao passado mediante as demandas encontradas em nosso presente (Perrot, 2007). No caso da presente pesquisa, as desigualdades entre mulheres e homens encontradas em ambientes matemáticos e em muitos outros como na Academia, em salas de aula, nas escolhas profissionais das mulheres/meninas, em livros didáticos. No entanto, como apontado anteriormente, consideramos que tal aspecto relativo às pesquisas historiográficas deva levar sempre como princípio a não elaboração de interpretações e análises anacrônicas.

Minha história das mulheres faz valer o dito de que toda história é história contemporânea: tem um compromisso com o presente, ou seja, interroga o passado tomando como referência questões que fazem parte de nossa vida, como a existência de desigualdades de gênero, os significados das aparências, as manifestações da sexualidade, a luta por direitos, o papel da família, do Estado e das

religiões no cotidiano das pessoas, as dificuldades e possibilidades de acesso à cultura, entre outras (Perrot, 2007, p. 11).

6.2 Fontes Primárias

Tendo por base aspectos levantados, daremos continuidade à pesquisa apresentando as fontes historiográficas encontradas e selecionadas, assim como os nossos métodos de busca. Destacando, sobretudo, um dos maiores obstáculos enfrentados para a sua realização, se não o maior entre todos eles: os desafios encontrados ao buscar as nossas fontes primárias.

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios (Perrot, 2007, p. 21).

Inicialmente, o recorte temporal escolhido, entre 1831 a 1853, mesmo distante nos parecia propício à realização da presente pesquisa. Supomos que conseguiríamos ter acesso a um arcabouço de fontes primárias e que fosse possível o desenvolvimento do trabalho. Mas constatamos que as expectativas se mostraram em grande parte equivocadas, tanto pelo recorte temporal quanto pelas fontes estarem relacionadas a uma mulher.

Porque são pouco vistas, pouco se fala delas. E esta é uma segunda razão de silêncio: o silêncio das fontes. As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra (Perrot, 2007, p. 17).

Nesse contexto, como pontuado anteriormente, as buscas foram realizadas mediante pesquisas em acervos, bibliotecas, repositórios, entre outros conjuntos de páginas da internet; além de contato com outras(os) pesquisadoras(es) identificadas(os) por meio da revisão de literatura, que se mostraram potenciais fontes de informação, e pesquisadoras(es) indicadas(os) por terceiros, como no caso de Constância Lima Duarte.

Diante desse cenário, iniciamos as nossas buscas entrando em contato com o Museu Nísia Floresta, localizado na cidade Nísia Floresta, no Rio Grande do Norte. Após contato, fomos informadas que ele dispunha somente de informações técnicas, e assim fomos orientadas a procurar por materiais produzidos por Constância Lima Duarte, aspecto que exploraremos mais na seção seguinte.

Assim, realizamos buscas em diversas páginas na internet à procura de fontes potenciais; no entanto, essas tentativas se mostraram infrutíferas. Desse modo, passamos a

pesquisar segundo os descritores: Nísia Floresta e Colégio Augusto, em acervos e repositórios digitais, nos quais em sua maioria não obtivemos nenhum resultado. Os únicos repositórios nos quais obtivemos resultados, segundo os descritores, foram o Laboratório de Imagens - Digitalização de Documentos Históricos (LABIM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e a Hemeroteca Digital.

No Repositório do Laboratório de Imagens da UFRN, segundo o descritor Nísia Floresta, localizamos 29 possíveis fontes; após leitura de suas descrições, selecionamos 17. Sobre o descritor Colégio Augusto, obtivemos 164 resultados, no entanto, após leitura de suas descrições, selecionamos somente um material, comum à pesquisa anterior, o livro *História de Nísia Floresta* de Aduato da Câmara, pelo fato dos documentos, assim como na busca realizada no Repositório Institucional da UFRN, não estarem relacionados ao colégio fundado e dirigido por Nísia. Contudo, não identificamos nos documentos selecionados indícios que nos fossem de auxílio, por serem em maior parte materiais bibliográficos, de modo que os materiais encontrados encontram-se listados no apêndice B.

Como demonstrado, as fontes primárias encontradas referentes ao trabalho de Nísia enquanto diretora do Colégio Augusto, entre outras não relativas às suas obras publicadas, foram praticamente inexistentes. De forma que as únicas informações que temos em mãos sobre o Colégio Augusto e suas atividades pela direção de Nísia dizem respeito aos artigos e breves menções em jornais do período, que não trazem consigo muitas informações relevantes à pesquisa. Dos que encontramos na Hemeroteca digital, está listado a seguir A busca completa aos periódicos da Hemeroteca digital, conforme listados abaixo. A busca completa pode ser encontrada no Apêndice C.

Quadro 05 - Fontes encontradas na Hemeroteca

Jornal	Ano/Edição e página	Título da matéria/artigo	Descrição
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - 1844 a 1885	Ano 1850/Edição 00007 - p. 267	Collegios de meninas	Lista de matérias ensinadas no Colégio Augusto. Mais lista de outros colégios femininos em funcionamento no ano de 1850.
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio	Ano 1851/Edição 00008 - p. 310	Collegios de meninas	Lista de colégios femininos em funcionamento no ano de 1851.

de Janeiro (RJ) - 1844 a 1885			
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - 1844 a 1885	Ano 1853/Edição 00010 - p. 374	Collegios d'Educação de Meninas	Lista de colégios femininos em funcionamento no ano de 1853.
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - 1844 a 1885	Ano 1854/Edição 00011 - p. 378	Collegios de meninas	Lista de colégios femininos em funcionamento no ano de 1854.
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - 1844 a 1885	Ano 1855/Edição 00012 - p. 418	Collegios de meninas	Lista de colégios femininos em funcionamento no ano de 1855.
A Noite: Suplemento: Secção de Rotogravura (RJ) - 1930 a 1954	Ano 1954/Edição 01319 - p. 35	Exposição Nísia Floresta	Sobre uma exposição realizada no Centro Norte-Riograndense sobre a vida e as obras de Nísia, contém uma ilustração da fachada do Colégio Augusto.
Jornal do Commercio (RJ) - 1830 a 1839	Ano 1838/Edição 00024 - p. 4	Annuncios	Anúncio da abertura do Colégio Augusto.
Jornal do Commercio (RJ) - 1840 a 1849	Ano 1843/Edição 00342 - p. 3	Publicações a pedido	Sobre exames realizados no Colégio Augusto e a premiação de algumas de suas alunas.
Jornal do Commercio (RJ) - 1840 a 1849	Ano 1847/Edição 00355 - p. 3	Collegio Augusto	Nota sobre exames que iriam ser realizados no colégio. Com informe das disciplinas referentes e os aplicadores das provas.
O Mercantil (MG) - 1844 a 1847	Ano 1847/Edição 00017 - p. 2-3	Instrução Pública. Revista dos Collegios da Capital II	Comentários sobre colégios femininos da época, há um referente ao Colégio Augusto.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Ainda, seguindo indícios apontados por Duarte (2019, p. 31), também localizamos na Hemeroteca digital um dos primeiros artigos escritos por Nísia. Segundo a pesquisadora, em 1831, Nísia iniciava a sua carreira literária publicando artigos praticamente nas trinta edições do jornal *Espelho das Brasileiras (PE)*. Contudo, após busca, foram encontradas somente quatro edições do jornal, todas referentes ao ano de 1831³⁰, e entre estas somente um dos artigos referidos foi localizado, sendo publicado sob o pseudônimo Brasileira Livre, e que infelizmente não se encontra completo por se tratar de uma segunda parte de carta reflexiva sobre a educação publicada inicialmente em edição anterior não encontrada.

A edição localizada está catalogada na Hemeroteca como sendo do ano de 1832, contudo, o próprio jornal indica que a publicação ocorreu em 1831. O artigo intitulado *Continuação da Carta da Brasileira Livre sobre a educação, inserta no nosso número antecedente*, foi publicado na edição número 00030, nas páginas 3 e 4.

Já com relação às obras (livros) publicadas por Nísia, conseguimos localizá-las sem dificuldades. Entre as quinze obras publicadas no decorrer de sua vida, “entre ensaios, romances, poemas e crônicas, publicados em português, francês, inglês e italiano [...] cujo propósito era formar e modificar consciências, e assim contribuir para mudar o quadro ideológico social de seu tempo” (Duarte, 2019, p. 10).

Selecionamos aquelas que tem como enfoque a defesa do ensino para mulheres/meninas, a reivindicação dos direitos das mulheres, ou que vem apresentando algum nível de caracterização feminina que nos possibilitaria delinear a representação de mulher apresentada no imaginário de Nísia. Também consideramos as obras de Nísia que foram mais analisadas entre as(os) pesquisadoras(es) brasileiras(os), identificadas(os) em nossa revisão de literatura. Conforme o quadro a seguir:

Quadro 06 - Textos de Nísia utilizados com base nas teses e dissertações da revisão de literatura

Obras de Nísia	Pesquisadoras(es)	Número de vezes analisada
Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens	Lonza (2019); Menezes (2022); Lima (2016); Silva (2014); Ogando (2012); Cavalcanti (2022); Araújo (2022); Coelho (2019); Fernandes (2013); Oliveira (2015)	10

³⁰ Parece haver um erro na catalogação da Hemeroteca, pois as edições do jornal estão registradas como pertencentes ao ano de 1832, embora nelas conste que foram publicadas em 1831.

Opúsculo Humanitário	Silva (2014); Lima (2016); Silva (2020); Lonza (2019); Menezes (2022); Rosa (2012); Ogando (2012); Cavalcanti (2022)	8
Conselhos à Minha Filha	Silva (2014); Silva (2020); Lonza (2019); Menezes (2022); Rosa (2012); Cavalcanti (2022)	5
Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta	Silva (2020); Lonza (2019); Menezes (2022); Rosa (2012); Lima (2016); Cavalcanti (2022)	5
Fany ou O Modelo das Donzelas	Lonza (2019); Menezes (2022); Rosa (2012); Silva (2020)	4
Cintilações de uma Alma Brasileira	Lima (2016); Silva (2014)	2
Máximas e Pensamentos	Rosa (2012)	1
A Mulher	Rosa (2012)	1
A Lágrima de um Caeté	Lima (2016)	1
Um Passeio no Jardim de Luxemburgo	Rosa (2012)	1
Cartas de Nísia Floresta & Auguste Comte	Lima (2016)	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Assim, considerando os textos de Nísia que fundamentaram as pesquisas constantes em nossa revisão de literatura, bem como seus enfoques e direcionamentos, definimos os livros que analisamos: *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832), *Máximas e Pensamentos* (1832), *Conselhos à Minha Filha* (1842), *Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta* (1847), *Fany ou O Modelo das Donzelas* (1847), e *Opúsculo Humanitário* (1853). Obras estas apresentadas a seguir.

i. Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens (1832)

Publicado em 1832, *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* é reconhecido como a obra precursora das discussões sobre os direitos das mulheres no Brasil. Nesse livro, Nísia reivindicava uma educação feminina de melhor qualidade e defendia a igualdade entre os

gêneros, ao mesmo tempo que criticava a estrutura patriarcal da sociedade brasileira do século XIX. O texto foi inicialmente considerado uma adaptação livre de *Vindication of the Rights of Woman* (Reivindicação dos direitos da mulher), publicado em 1792, por Mary Wollstonecraft.

Contudo, na verdade, era uma tradução literal da tradução em francês do livro *Woman not inferior to man* (A mulher não é inferior ao homem), publicado em 1739, sob o pseudônimo de Sophia, intitulada *La femme n'est pas inférieure à l'homme* (A mulher não é inferior ao homem), publicada em 1750, que por sua vez foi plagiada do livro *De l'Égalité des deux sexes, discours physique et moral où l'on voit l'importance de se défaire des préjugés* (Da igualdade entre os dois sexos, discurso físico e moral, onde vemos a importância de se desfazer dos preconceitos), publicado em 1672, por François Poulain de La Barre (Margutti, 2019; Coelho, 2019).

Figura 03 - Capa do livro *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*



Fonte: Wikimedia³¹.

ii. Máximas e Pensamentos (1832)

Publicado em 1832, *Máximas e Pensamentos* reúne quarenta reflexões morais e filosóficas voltadas para a formação intelectual e ética das mulheres e meninas, escritas de forma poética e rítmica. Segundo Duarte (2019), o texto foi reeditado e incluído na segunda

³¹ Disponível em:

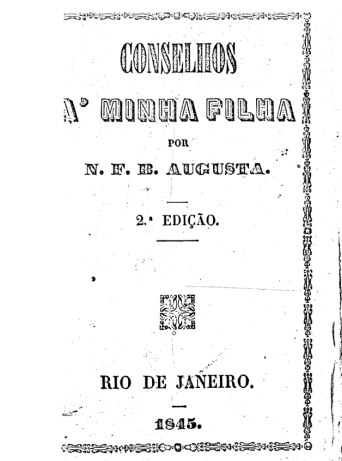
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Direitos_das_mulheres_e_injustiças_dos_homens.jpg

edição do livro *Conselhos à Minha Filha*, publicada em 1845, sob o título *Pensamentos para Minha Filha*³².

iii. Conselhos à Minha Filha (1842)

Publicado em 1842, *Conselhos à Minha Filha* foi o primeiro livro autoral de Nísia, escrito como orientações pessoais voltadas para a formação moral e intelectual de sua filha Lúvia, que foi posteriormente publicado na grande imprensa. Na obra, ela oferece conselhos sobre como uma mulher/menina deveria se comportar, como ela deveria valorizar a sua inteligência e o seu potencial, além de destacar a importância da educação como um instrumento de desenvolvimento pessoal.

Figura 04 - Capa do livro *Conselhos a' minha filha*



Fonte: Google Books³³.

iv. Discurso que às Suas Educandas Dirigiu N. F. B. Augusta (1847)

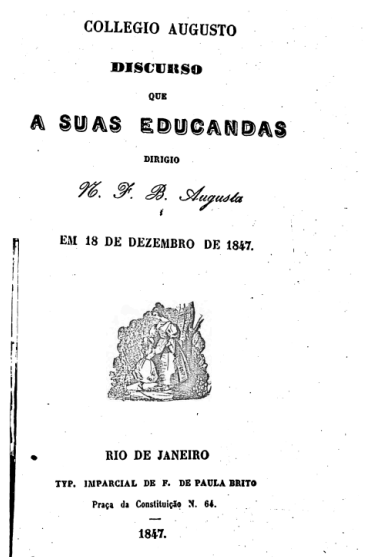
Publicado em 1847, o texto *Discurso que às Suas Educandas Dirigiu N. F. B. Augusta* foi escrito por Nísia com o objetivo de atingir suas alunas do Colégio Augusto. Nessa obra, ela faz uma breve reflexão sobre a importância da educação feminina e o papel da mulher na sociedade.

³² Em nossas análises, utilizamos uma versão atualizada da segunda edição de *Conselhos à Minha Filha*, adaptada ao Acordo Ortográfico de 1990. Dessa forma, o texto *Máximas e Pensamentos* será referido em nosso estudo como *Pensamentos para Minha Filha*.

³³ Disponível em:

https://www.google.com.br/books/edition/Conselhos_a_minha_filha/c_ZCAQAAMAAJ?hl=pt-BR&gbpv=0

Figura 05 - Capa do *Discurso que a Suas Educandas Dirigio N. F. B. Augusta*.



Fonte: Google Books³⁴.

v. Fany ou O Modelo das Donzelas (1847)

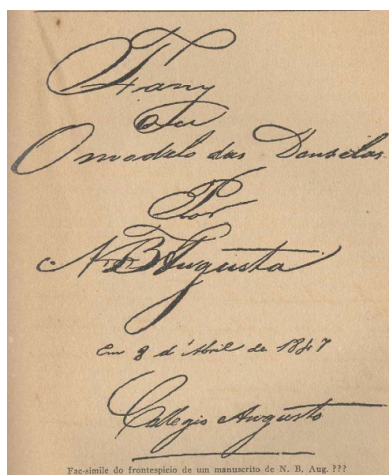
Publicado em 1847, o texto *Fany ou O Modelo das Donzelas* tinha como público-alvo as alunas do Colégio Augusto, sendo “considerado uma novela de cunho didático-moralista, pois conserva bem nítida a intenção autoral de servir de leitura para a juventude feminina em geral e, em particular, para aquela do Colégio Augusto” (Duarte e Pessoa, [s.d.], p. 70).

A narrativa acompanha a jovem Fany, primogênita de uma família abastada do Rio Grande do Norte, composta por um casal e dez filhos, em Porto Alegre, durante a Revolução Farroupilha (1835-1845). Por meio dela, Nísia parece ter como propósito apresentar às suas alunas um modelo ideal de “mulher”, as representações de comportamentos e virtudes que considerava exemplares e necessárias a uma jovem da época. Assim, a personagem Fany personifica o seu ideal de feminilidade, sendo caracterizada ao longo da obra com as virtudes e/ou qualidades que Nísia valorizava e buscava incutir em suas alunas.

³⁴ Disponível em:

https://www.google.com.br/books/edition/Discurso_que_a_suas_educandas_dirigio_N/DrlGAQAAMAAJ?hl=pt-BR&gbpv=0

Figura 06 - Capa do livro *Fany ou O Modelo das Donzelas*.



Fonte: OSORIO, Fernando. *Mulheres farroupilhas*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935, p. 55.

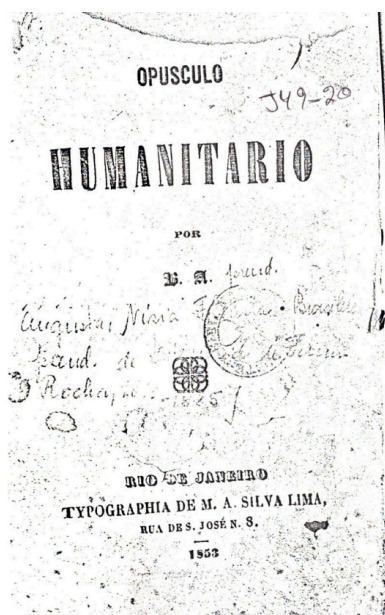
vi. Opúsculo Humanitário (1853)

Publicado em 1853, *Opúsculo Humanitário* é composto, segundo Duarte (2010, p. 26), por uma “coletânea de 62 capítulos (ou artigos) que foram publicados, parcial e anonimamente, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 1853, mesmo ano de sua publicação; e, depois, com o livro já circulando, em *O Liberal*, de julho de 1853 a maio de 1854”, como uma ode à educação feminina.

Nesse livro, Nísia enaltece o papel da mulher na sociedade como guardiã dos valores morais e virtudes das sociedades civilizadas, com o objetivo de chamar a atenção para a importância da instrução feminina, não somente como um meio de adquirirem conhecimento, mas também como um processo para a formação de valores e virtudes que impactaria diretamente no progresso e na moralidade de toda uma sociedade.

Nesse sentido, a obra pode ser dividida em quatro seções. Na primeira, na qual são compreendidos os capítulos I ao V, Nísia explora as representações femininas e o ensino que lhes eram orientadas em civilizações antigas e modernas. Na segunda seção, dos capítulos VI ao XVI, analisa a educação feminina na Alemanha, Grã-Bretanha, França e nos Estados Unidos. Na terceira, do capítulo XVII até o XXXIX, se volta ao clamor inicial pela educação feminina no Brasil, apresentando a situação da instrução feminina no período oitocentista. E por fim, na quarta e última seção, compreendendo os capítulos XL ao LXII, expõe uma síntese de seus pensamentos pedagógicos (Duarte, 2019).

Figura 07 - Capa do livro *Opúsculo Humanitário*.



Fonte: Google Books³⁵.

³⁵ Disponível em:
https://www.google.com.br/books/edition/_/VGRCAQAAMAAJ?hl=pt-BR&gbpv=0&kptab=overview

Ademais, pensando na Lei Educacional de 1827, buscamos nas publicações do Senado Federal pelos Anais do Império (digitalizados), onde localizamos no livro 2, de 1827, as transcrições das duas sessões realizadas no Senado, a 91ª Sessão (em 29 de agosto de 1827) e a 92ª sessão, realizada no dia seguinte (30 de agosto), que tiveram como pauta a emenda ao artigo 6º do projeto das escolas de primeiras letras, que suprimiu os conteúdos matemáticos considerados mais avançados dos currículos femininos.

Figura 08 - Annaes do Senado do Imperio do Brazil.



Fonte: ANNAES do Senado do Imperio do Brazil: Segunda Sessão da Primeira Legislatura de 16 de Junho a 12 de Setembro de 1827. Tomo II. Rio de Janeiro: [s.n.], 1911, p. 1.

Nessa perspectiva, consideramos prudente também examinar fontes secundárias, pesquisas já realizadas sobre Nísia, com a aspiração de encontrar, em tais interpretações, vestígios que nos possibilitassem problematizar e historicizar a defesa e/ou reivindicação de Nísia de uma educação científica e, sugestivamente, de matemática para mulheres/meninas, que subvertia as diretrizes estabelecidas pela legislação da época.

6.3 Fontes Secundárias e Pesquisa Bibliográfica

Para completar nossa pesquisa, tratamos, nesta seção, das fontes secundárias encontradas e selecionadas ao conjunto de fontes da presente pesquisa, partindo do pressuposto de que estas se inserem em uma pesquisa bibliográfica, que segundo Witter

(1990, p. 24): “é um tipo especial de pesquisa documental que, como o nome indica, tem por suporte da informação o documento bibliográfico”.

A principal finalidade da pesquisa bibliográfica é levar o pesquisador(a) a entrar em contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo. O mais importante para quem faz opção por uma pesquisa bibliográfica é ter a certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidamente do domínio científico (Oliveira, 2007, p. 69).

Conforme mencionado na seção anterior, recorreremos às fontes secundárias diante das dificuldades encontradas ao localizar mais fontes primárias nas quais pudéssemos nos fundamentar. Desse modo, a primeira intérprete das obras de Nísia a qual recorreremos foi Constância Lima Duarte, pois nos foi indicada pela equipe do Museu Nísia Floresta.

Nessa perspectiva, conforme Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), com o intuito de denotar a qualidade das fontes selecionadas e credibilidade das informações obtidas, apresentaremos sucintamente informações sobre Duarte, buscando elucidar a identidade da autora.

Constância Lima Duarte é uma professora e pesquisadora, graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (1973), mestra em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1980), e doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1991).

É reconhecida por seus trabalhos na área de Estudos de Gênero e Literatura Brasileira, especialmente na análise de obras de escritoras do século XIX. É referência no estudo da literatura de autoria feminina e na crítica literária feminista, além de ser amplamente reconhecida por ser uma precursora do resgate da memória e das obras de Nísia Floresta. Atualmente, é professora voluntária da Universidade Federal de Minas Gerais. Dito isso, destacamos as obras de Duarte, que foram mobilizadas como fontes secundárias no decorrer desta pesquisa.

A primeira é o livro *Nísia Floresta*, publicado em 2010, como parte de um projeto que buscava resgatar memórias de “educadores e pensadores da educação” brasileira. A obra é composta por sete ensaios escritos por Duarte, nos quais explora o contexto histórico em que Nísia viveu e escreveu suas obras, investigando o papel duplo desempenhado por Nísia, como educadora e escritora. Ao mesmo tempo que destaca o compromisso assumido por Nísia em defender os direitos das mulheres, especialmente o direito à educação, e em questionar as expectativas sociais do período em relação aos papéis de gênero.

Além disso, Duarte (2010) também analisa criticamente o conceito de “mística feminina” em seu texto, que se refere a uma imagem idealizada das mulheres como guardiãs

morais do lar, argumentando que apesar de suas ideias progressistas para a época, Nísia acabou por contribuir com essa representação do feminino. Ademais, o livro também conta com uma curadoria de textos selecionados das obras de Nísia, mais especificamente dos livros: *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, *Opúsculo Humanitário* e *Cintilações de uma Alma Brasileira*.

O segundo livro considerado foi publicado em 2019, intitulado *#NÍSIA FLORESTA PRESENTE: uma brasileira ilustre*, e compreende uma compilação bibliográfica das informações referentes à vida e às obras de Nísia, encontradas em jornais da época, ensaios dos primeiros pesquisadores que investigaram a educadora, antigos dicionários bibliográficos, informações extraídas de suas obras, entre outras fontes.

Assim, o livro oferece uma biografia detalhada sobre a sua vida, desde a sua infância em Papari, cidade na qual Nísia nasceu (e que foi renomeada em sua homenagem em 1948), até sua morte em 1885, em Rouen, na França. Abordando suas mudanças, viagens, e relações familiares, além de explorar os acontecimentos que podem ter motivado Nísia a escrever, assim como as suas influências. Além disso, a obra faz uma análise sintética dos escritos de Nísia.

Por último, temos o livro lançado pela Fundação Ulysses Guimarães³⁶ com a intenção de inserir Nísia em seu rol de homenageados, intitulado *Nísia Floresta Brasileira Augusta – Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, é uma republicação dos escritos de Constância Duarte, organizados pela professora Udyamar Pessoa, e uma reedição de *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, realizada por Duarte com uma atualização ortográfica.

Na primeira metade deste livro, Duarte (s.d.) exprime o projeto intelectual de Nísia, contextualizando seus posicionamentos e possíveis motivações, e realiza interpretações de suas obras interconectando os diversos enfoques apresentados, além de expor uma cronologia da vida e das obras publicadas por Nísia, bem como uma breve apresentação bibliográfica. Já em sua segunda metade, temos a reedição de *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, com atualizações ortográficas realizadas por ela.

Dando seguimento às fontes secundárias selecionadas, trataremos agora do livro *Nísia Floresta, uma brasileira desconhecida: Feminismo, positivismo e outras tendências*, de 2019, escrito por Paulo Margutti. Assim como realizado com Constância Duarte, apresentaremos o

³⁶ A Fundação Ulysses Guimarães (FUG) é uma organização sem fins lucrativos ligada ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), criada em 1995 para promover a democracia e formar líderes. Inspirada nos ideais de Ulysses Guimarães (1916-1992, político brasileiro, líder da redemocratização, relator da Constituição de 1988 e fundador do MDB, conhecido por sua luta pela democracia e pelos direitos humanos), a FUG busca transformar a sociedade por meio de programas de educação política e desenvolvimento de políticas públicas voltadas para uma sociedade mais justa e democrática.

Margutti às(aos) leitoras(es), com o intuito de credibilizar as informações que subsidiaram nossa pesquisa.

Paulo Roberto Margutti Pinto, mais conhecido como Paulo Margutti, é um filósofo e professor, graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1967), mestre em Filosofia Contemporânea pela mesma instituição (1979) e doutor em Filosofia pela University of Edinburgh (1992).

Tem experiência nas áreas de Lógica, Filosofia da Linguagem e Filosofia do Brasil, seu trabalho inclui comparações entre pensadores brasileiros e clássicos da filosofia, análises argumentativas de textos clássicos, além de contribuições à compreensão da filosofia brasileira colonial. Atualmente, é professor titular da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Minas Gerais.

Em sua obra, Margutti realiza uma análise comparativa das(os) principais pesquisadoras(es) que investigaram a vida e as obras de Nísia, buscando constituir um mapeamento das principais pautas que a perpassavam. Além de examinar as suas influências intelectuais, essas são identificadas por meio dos trabalhos analisados. Para tanto, apresenta as mais relevantes referências de suas influências intelectuais e, em seguida, faz uma comparação com os posicionamentos mantidos pela educadora em sua perspectiva e a de seus intérpretes.

Além disso, ele entrecruza as principais informações referentes aos posicionamentos mantidos por Nísia, produzindo uma síntese das principais questões que interessavam para a escritora, as pautas defendidas, a sua representação dos papéis que as mulheres deveriam desempenhar na sociedade, sua condenação à prática da escravidão e seus posicionamentos em relação ao catolicismo, republicanismo federalista, nacionalismo e aos povos indígenas.

Quadro 07 - Principais intérpretes do pensamento de Nísia segundo Paulo Margutti comentados em sua obra

Autora/Autor	Tipo de trabalho	Ano de publicação
Ivan Lins	Capítulo de livro	1967
Peggy Sharpe-Valadares	Artigos	1988-2009
Constância Lima Duarte	Tese de Doutorado	1991
Maria Lúcia Pallares-Burke	Artigo	1996
Sônia Valério Marinho Lúcio	Tese de Doutorado	1999

Charlotte Elizabeth Liddell	Tese de Doutorado	2005
Graziela Rinaldi da Rosa	Tese de Doutorado	2012
Elizabeth Maria da Silva	Dissertação de Mestrado	2014
Charlotte Hammond Matthews	Livro	2010
Eileen Hunt Botting	Artigo	2014

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Além desses livros citados, de Duarte e Margutti, também mobilizaremos como fontes secundárias as dissertações e teses que abordam a educadora.

7. A EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL OITOCENTISTA

Com a independência do Brasil em 1822, iniciaram-se discussões sobre o futuro da nação, que enfrentava dificuldades para se organizar como estado soberano e construir uma identidade nacional. Nesse contexto, a “promoção da educação física, moral e intelectual da mocidade brasileira” passou a ser considerada uma ferramenta fundamental ao desenvolvimento do país, como uma nação civilizada (Monarcha, 2015, p. 15-17).

Na ótica da intelectualidade oitocentista, a instrução constituía um aspecto indispensável para o aprimoramento social, peça fundamental para o desenvolvimento de uma nação civilizada. Por isso, muitos deles – políticos, jornalistas, médicos, literatos – centraram a atenção neste que julgavam ser um dos mais importantes componentes do progresso (Verona, 2013, p. 9-10).

No entanto, “educar a ‘população’ não se referia a todos os habitantes, mas a algumas camadas sociais; e, em relação às mulheres, ela ressalva ocorria, com a ‘campanha’ abrangendo apenas as mulheres das camadas sociais mais abastadas” (Vasconcelos, 2009, p. 176). Exclusão que refletia as hierarquias de gênero e classe da época, as representações de poder enraizadas que acabavam por manter as mulheres, nesse sentido de modo generalizado, em posições subalternas.

Nessa perspectiva, salientamos que essas mulheres com acesso à educação eram mulheres brancas e, em sua maioria, de “camadas sociais mais abastadas”, conjuntura que também se aplicava à educação masculina, considerando o contexto de escravidão que percorria o Brasil Imperial. Desse modo, o acesso à educação formal era um privilégio elitizado, enquanto a maioria da população era excluída dos espaços escolares.

Seria uma simplificação grosseira compreender a educação das meninas e dos meninos como processos únicos, de algum modo universais dentro daquela sociedade. Evidentemente as divisões de classe, etnia e raça tinham um papel importante na determinação das formas de educação utilizadas para transformar as crianças em mulheres e homens. A essas divisões se acrescentariam ainda as divisões religiosas, que também implicariam diversidades nas proposições educacionais. Para a população de origem africana, a escravidão significava uma negação do acesso a qualquer forma de escolarização [...] As sucessivas leis, que foram lentamente afrouxando os laços do escravismo, não trouxeram, como consequência direta ou imediata, oportunidades de ensino para os negros [...] Algo semelhante se passava com os descendentes indígenas: sua educação estava ligada às práticas de seus próprios grupos de origem e, embora fossem alvo de alguma ação religiosa, sua presença era, contudo, vedada nas escolas públicas (Louro, 2004, p. 466-467).

Nesse sentido, conforme Lonza (2003), Barros (2011) e Scott (1995), podemos dizer que o sistema educacional oitocentista não só refletia representações de poder em sua organização, com o ensino sendo orientado somente a uma pequena parcela da população, como também que as “escolas” constituíam e transmitiam representações de poder, e assim

de gênero, pois “as significações de gênero e de poder se constroem reciprocamente” (Scott, 1995, p. 27).

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (Lonza, 2003, p. 57).

No sistema educacional oitocentista, as escolas femininas e masculinas constituíam e reforçavam as “diferenças, distinções e desigualdades” entre os gêneros. Por meio de representações sociais que definiam quem teria acesso aos espaços escolares e como estes seriam organizados mediante práticas de “classificação, ordenamento e hierarquização”. Em um reflexo das estruturas sociais da sociedade em que se inseria.

Um sistema educativo inscreve-se em uma prática cultural, e ao mesmo tempo inculca naqueles que a ele se submetem determinadas representações destinadas a moldar certos padrões de caráter e a viabilizar um determinado repertório linguístico e comunicativo que será vital para a vida social, pelo menos tal como a concebem os poderes dominantes [...] as “práticas” e “representações” são sempre resultantes de determinadas motivações e necessidades sociais (Barros, 2011, p. 51).

Desse modo, a educação feminina era concebida mediante as “necessidades sociais” existentes no período oitocentista, necessidades essas determinadas majoritariamente pelo segmento masculino da população, o poder dominante do Brasil Imperial. Nesse sentido, o ensino tinha por objetivo preparar as(os) alunas(os) para ocupar posições predeterminadas na sociedade, que reciprocamente refletiam e transmitiam expectativas de valores e comportamentos às mulheres e aos homens.

E, desde o início, a educação feminina foi concebida a partir de uma visão romântica, calcada na religião e na moral, necessária para estimular a dignidade e preparar a futura mulher para assumir suas funções de mãe e de esposa junto à família. Tal projeto ficava bem distante, portanto, de um projeto de formação intelectualizada, reservada ao segmento masculino da população. A elas bastava o ensino primário e o desenvolvimento das habilidades manuais. Os cursos secundário e superior lhes eram vedados. E bem poucos foram os colégios – ainda assim a partir das décadas de 1860 e 1870 – que se aventuraram a oferecer cursos de instrução a nível secundário para meninas (Duarte, 2010, p. 19-20).

Assim, a educação feminina foi estruturada mediante normas patriarcais, e uma estrutura social que incutiu, às mulheres, representações femininas subalternas. De modo que a educação das mulheres era constituída “para além dela[s], já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora

dos filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos” (Louro, 2004, p. 468).

Expectativas de valores e comportamentos femininos que predominavam no Brasil oitocentista, uma vez que “o redimensionamento do papel da mulher consistirá, basicamente, na supervalorização das figuras da esposa e da mãe alçadas à categoria de ‘santas’, uma vez que lhes cabe a ‘divina’ missão de serem as guardiãs privilegiadas da família” (Duarte, 2010, p. 20).

Redirecionamentos, delimitados por “ideólogos do patriarcalismo”, de modo que a educação feminina atuava como um mecanismo que reforçava e perpetuava as relações de poder e as desigualdades entre os gêneros, uma vez que, como já citamos aqui “as significações de gênero e de poder se constroem reciprocamente” (Scott, 1995, p. 27).

Nessa perspectiva, conforme Chartier (2002, p. 94-96), tal mecanismo é compreendido como uma violência simbólica, uma forma de dominação, neste contexto masculino, que opera através de normas sociais e culturais, perpetuando as desigualdades entre os gêneros ao incorporar no sistema educacional tais crenças e práticas de subalternização feminina.

Essa questão encontra-se, por exemplo, no centro de uma história das mulheres que dá amplo espaço aos dispositivos da violência simbólica que, como escreve Pierre Bourdieu, “só tem êxito na medida em que aquele que a sofre contribui para sua eficácia; que ela só o força na medida em que ele está predisposto por uma aprendizagem prévia a reconhecê-la. Duradouramente, a construção da identidade feminina enraíza-se na interiorização, pelas mulheres, de normas enunciadas pelos discursos masculinos. Um objeto maior da história das mulheres é, pois, o estudo dos dispositivos, desenvolvidos sob múltiplos registros, que garantem (ou devem garantir) que as mulheres consintam nas representações dominantes da diferença entre os sexos: a inferioridade jurídica, a inculcação escolar dos papéis sexuais, a divisão das tarefas e dos espaços, a exclusão da esfera pública, etc (Chartier, 2002, p. 95 apud Bourdieu, 1989, p. 10).

Ainda segundo ele, essa forma de “violência” se mostrava efetiva, uma vez que aqueles que são dominados, as mulheres, acabavam por internalizar e aceitar tais representações de valores e comportamentos como “naturais”. E nesse sentido, em contextos educacionais, a inculcação dos papéis de gênero, aceitos como “naturais”, talvez muitas vezes inconscientemente, reforçava ao segmento feminino a representação de que as limitações impostas a elas em relação ao acesso a determinadas áreas de conhecimentos e ao reconhecimento de suas capacidades intelectuais eram “naturais”.

7.1 Lei Educacional de 15 de outubro de 1827

Ao tratar da educação desse período histórico, não podíamos excluir a Lei Educacional de 15 de outubro de 1827, promulgada por D. Pedro I em 15 de outubro de 1827, que, segundo Monarcha (2015, p. 20), constituiu “o único dispositivo geral e de conjunto sobre a instrução elementar” no Brasil durante o século XIX. Que, em 17 artigos, estabelecia a criação de “escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio” (Brasil, 1827, s/p).

Pela Lei, abordava a educação feminina, o que as escolas deveriam focar em ensinar, os requisitos de qualificação das mestras (professoras) e professores, sua organização, assim como seus “ordenados e gratificações”³⁷. Além de atribuir às províncias (municípios) a responsabilidade de implementação das instituições educacionais, assim como de organizar, administrar e financiar tais instituições.

Dito isso, em relação à educação feminina, no artigo 11º da lei supracitada era estabelecida a abertura de “escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento”. Assim, a abertura de escolas femininas era facultada à decisão das autoridades regionais, condicionadas aos critérios de densidade populacional e necessidades locais o que, na prática acabou por manter a educação formal feminina restrita a centros urbanos, uma vez que nessa “época, 90% da população habitavam as zonas rurais” (Monarcha, 2015, p. 21).

As áreas menos populosas sofriam com falta de infraestrutura e de investimento público, o que acabava por comprometer a abertura de instituições educacionais de modo geral. Afetando mais expressivamente o acesso feminino à educação, uma vez que a decisão de abertura ficava a cargo das autoridades regionais; podemos conjecturar que, com as limitações orçamentárias que lhes eram muitas vezes impostas, teriam como prioridade a abertura de escolas masculinas, limitando assim o acesso das meninas/mulheres à educação nas regiões menos populosas e rurais do império brasileiro.

Cabe ressaltar que as escolas de primeiras letras, como implícito, eram segregadas por gênero, de forma que as meninas e meninos frequentavam instituições distintas, escolas femininas e masculinas. E, conforme os artigos 6º e 12º da lei supracitada, com currículos distintos. O currículo orientado às escolas femininas apresentava limitações em comparação ao currículo masculino, especialmente em relação aos assuntos matemáticos orientados a ambos os gêneros, por exemplo, como o que vinha descrito na Lei de 1827 para os professores ensinarem os meninos e aquilo que as mestras deveriam ensinar as meninas:

³⁷ Os salários-base e os adicionais ou bonificações concedidos.

Art 6º Os Professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as nações mais geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral chritã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana, proporcionandos á comprehensão dos meninos; preferindo para as leituras a Cosntituição do Imperio e a Historia do Brazil (Brasil, 1827, s/p).

Art 12º As mestras, além do declarado no art 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrução da arithmetica só as suas quatro operações, ensinarão tambem as prendas que servem á economia domestica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquellas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na fôrma do art. 7º (Brasil, 1827, s/p).

Desse modo, os conteúdos matemáticos orientados às meninas era limitado à instrução da aritmética básica: adição, subtração, multiplicação e divisão, enquanto o currículo masculino tinha acrescido além da aritmética básica, a prática dos quebrados (frações), decimais e proporções, e as noções gerais de geometria prática. Segundo Castanha (2013, p. 73), “o projeto aprovado inicialmente na Câmara não estabelecia diferença entre o currículo das escolas femininas e masculinas”, essa diferenciação ocorreu posteriormente no Senado, onde “o currículo da escola masculina foi acrescido”.

Ainda conforme Castanha, as discussões no Senado em torno dos conteúdos matemáticos que seriam ministrados às meninas não ocorreram de modo unânime, como podemos evidenciar na transcrição da 91ª Sessão do Senado, realizada em 29 de agosto de 1827, na qual o Sr. Marquez de Caravellas³⁸ propôs a emenda ao artigo 6º do projeto das escolas de primeiras letras, que suprimiria os conteúdos matemáticos considerados mais avançados do ensino feminino. Sessão na qual a votação terminou em empate.

Com isso, além de possibilitar a compreensão das motivações e porquês, à limitação dos conteúdos matemáticos aos currículos femininos, a transcrição também nos possibilita identificar representações femininas do período, as violências simbólicas impostas às mulheres, que limitaram seu acesso aos conhecimentos científicos e, sugestivamente, limitaram o acesso a conhecimentos matemáticos.

A Lei Educacional de 1827, na qual buscavam as diretrizes para aquele contexto, não somente refletia as expectativas sociais em relação ao segmento feminino da população, como também as hierarquias de gênero existentes, que mantinham as mulheres relegadas aos espaços privados, em papéis subalternos e, assim, limitavam as suas oportunidades educacionais, perpetuando uma exclusão intelectual, especialmente em áreas relacionadas aos conhecimentos científicos, como a matemática.

³⁸ José Joaquim Carneiro de Campos (1768-1836), mais conhecido como Marquês de Caravellas, era um advogado, diplomata e político. Foi um dos conselheiros de Dom Pedro I e ajudou a estruturar o processo de independência do Brasil em 1822.

Dito isso, a emenda proposta pelo Sr. Marquez de Caravellas ao artigo 6º, supracitado, que delimitava os conteúdos que seriam ministrados nas escolas de primeiras letras, tinha por finalidade restringir os conteúdos ministrados nas escolas femininas, especificamente os matemáticos a somente as quatro operações aritméticas.

O SR. MARQUEZ DE CARAVELLAS: – Sr. Presidente. Este artigo deve soffrer aqui alguma restricção, em consequencia de se haverem ampliado os estudos designados no art. 6º, e não ser possível applicar para aqui o mesmo que ahi se determinou. Manda-se no art. 6º que os mestres ensinem as quatro operações arithmeticas, pratica de quebrados, decimaes e proporções, e as noções mais geraes da Geometria pratica. *Nas escolas de meninas não se póde ensinar isto. O estudo da Arithmetica deve reduzir-se ás quatro operações, e supprimir-se o que respeita ás noções de Geometria pratica. Eu proponho a minha: EMENDA Salva a redacção. – Quanto á Arithmetica sómente as quatro operações, e não ensinarão as noções de Geometria pratica* (Anais do Senado Federal, sessão de 29 de agosto de 1827, vol. 2, p. 264, grifo nosso).

Em concordância com o Sr. Marquez de Caravellas, o Sr. Borges também membro do Senado, posicionou-se em favor da emenda, argumentando não haver sentido em manter tais conteúdos no currículo feminino, uma vez que não haveria professoras qualificadas a ensiná-los no Brasil Imperial. Ademais, dizia que o Brasil não tinha condições de se inspirar em outros países em que o ensino das meninas equiparava-se ao dos meninos, pois não tínhamos professoras qualificadas para isso.

O SR. BORGES: – Legislação para não ter effeito é coisa que não entendo. Onde é que se hão de ir buscar mestras que ensinem a pratica de quebrados, decimaes, proporções e Geometria? *Tenho visto o Brazil quasi todo, e ainda não encontrei mulher nenhuma nessas circumstancias. Querer assim imitar as nações cultas, equivale a não querer que a lei se execute [...]* A legislação deve marchar a par do estado em que nos achamos. Legislar agora para ter execução daqui a trinta ou quarenta annos, é escusado. Assento que o artigo deve passar, porém com a emenda que o Sr. Marques de Caravellas offerecem (Anais do Senado Federal, sessão de 29 de agosto de 1827, vol. 2, p. 264, grifo nosso).

Contrário a esses posicionamentos, o Sr. Marquez de Santo Amaro³⁹ defendeu um sistema educacional que não apresentasse distinções em seu currículo com base nos gêneros daqueles a que se destinava, e sim que proporcionasse “á mocidade de um e outro sexo os conhecimentos mais necessarios”. Argumentando que, mesmo que não houvesse mestras qualificadas no momento para ministrá-los em todo território brasileiro, elas poderiam ser formadas no futuro.

O SR. MARQUEZ DE SANTO AMARO: – Admittida aquella razão, Sr. Presidente, nada se faz. Aqui não se trata de haver já ou não mestras que estejam naquellas circumstancias; trata-se de fazermos uma lei que proporcione á mocidade de um e outro sexo os conhecimentos mais necessarios. Mulheres ha no Brazil que

³⁹ José Egídio Álvares de Almeida (1767-1832), conhecido como Marquês de Santo Amaro, foi um advogado e político brasileiro.

são capazes de ensinar o que se propõe aqui; e quando as não haja, não é isso razão para deixarmos de fazer o que devemos. Essas mulheres se irão formando. Também se não pôde pôr já em execução o ensino mutuo, por falta de homens nas circumstancias de ensinarem por esse methodo; entretanto a lei determina que seja por elle que se ensine, porque não havemos de legislar para se conservarem as coisas no mesmo estado em que se acham (Anais do Senado Federal, sessão de 29 de agosto de 1827, vol. 2, p. 264).

Podemos evidenciar que mesmo que grande parte do segmento masculino, e provavelmente feminino, mantivesse posicionamentos permeados por representações femininas subalternas às masculinas em relação às suas capacidades intelectuais, tais representações não eram transmitidas generalizadamente à sociedade oitocentista. Havia aqueles, como o Sr. Marquez de Santo Amaro, que buscavam criar oportunidades e não manter o status quo, que estava em voga no período.

Em contrapartida, as violências simbólicas concebidas por meio das representações das mulheres, que constituíam a identidade feminina oitocentista no interior de seus lares, se faziam presentes. Em réplica às falas do Sr. Marquez de Santo Amaro, o Sr. Marquez de Caravellas argumentou que a legislação deveria ser adaptada às circunstâncias práticas e limitações atuais, às necessidades sociais e econômicas da época.

Seu apoio à emenda que limitava a educação das meninas às habilidades básicas, como ler, escrever, e as quatro operações da aritmética, estava alicerçada ao papel que designava às mulheres na sociedade. Além disso, alegou que as mulheres, dotadas com conhecimentos básicos em aritmética e administração doméstica, poderiam proteger melhor os interesses de suas famílias, tanto durante a vida de seus maridos quanto após a viuvez. De forma que a educação orientada a estas deveria priorizar o ensino de habilidades essenciais aos papéis sociais que estavam sendo preparadas para desempenhar: esposas e mães.

O SR. MARQUEZ DE CARAVELLAS: – Muito desejaria eu que podessemos dar às meninas uma instrução geral semelhante á que se determina para os meninos; mas não o podemos conseguir, e estou pelo principio que acabou de emitir o nobre Senador que me precedeu. Temos o exemplo de Solon. Quando foi questionado sobre a bondade das leis seus maridos, entregam-se a caixeiros, que, pela maior parte das vezes, as perdem; o que já não aconteceria se ellas tivessem estes conhecimentos. Em vida mesma de seus maridos não zelarão estas mulheres muito mais os interesses das suas casas do que um guarda livros, que de ordinario é o que maior mal faz á mesma casa? Parece-me que sim. Em todas as noções cultas se dá ás que havia dado aos athenienses, respondeu: – Deilhes as que mais lhes podiam convir. E' necessario legislar segundo as circumstancias. Esta é a grande regra que todo o legislador deve ter diante dos olhos; o contrario é (como costumam dizer) escrever na areia; portanto, sustento a minha emenda (Anais do Senado Federal, sessão de 29 de agosto de 1827, vol. 2, p. 264-265).

Neste contexto, a discussão acerca da emenda ao 6º artigo do projeto de escolas de primeiras letras na 91ª Sessão de 29 de agosto de 1827 foi encerrada sem uma conclusão

definitiva, com os votos do Senado distribuídos igualmente a favor e contra a reedificação do artigo 6º no que tange ao ensino feminino.

Dessas passagens da Lei e das discussões no Senado, observamos uma representação do feminino que era demarcada por normas e valores culturais que ditavam o que era considerado aceitável ao ensino feminino; e, mesmo não generalizado, acabava por limitar os conhecimentos matemáticos aos quais as meninas tinham acesso, conforme observamos mais explicitamente nas arguições e manifestações em relação à emenda na 92ª sessão do Senado realizada no dia seguinte, 30 de agosto de 1827.

O SR. MARQUEZ DE MARICA': – Sou também de opinião que se devem reduzir estes estudos das meninas a ler, escrever, contar e Grammatica portugueza; porque *não sei de que lhes possa servir o aprenderem a pratica de fracções, decimaes e outras operações que não são usuaes*. Se querem que isto passe, então accrescentem também que as mestras ensinem a escripturação de partidas dobradas e singelas. *A mulher é um ente mui diverso do homem, é educada para trabalhos mui differentes. O que ella deve saber é o governo domestico da casa e os serviços a elle inherentes, para que se façam boas mães de familia*; ellas adquirirão o mais, se quizerem, como adquirem as prendas de dançar, tocar, cantar e outras. Assento que o artigo se deve limitar ao que deixo exposto, e *deixemos aos homens essa tarefa das fracções, decimaes e Geometria pratica, inteiramente alheia das funcções para que são destinadas as meninas*. O Sr. Marquez de Inhambupe parece haver sustentado, em um discurso que o tachygrapho não ouviu, que as mestras deviam dar ás meninas os mesmos conhecimentos litterarios designados no artigo setimo para os meninos (Anais do Senado Federal, sessão de 30 de agosto de 1827, vol. 2, p. 276, grifo nosso).

Assim, manifestando-se a favor da emenda, o Sr. Marquez de Marica'⁴⁰ enfatizou as “diferenças” entre mulheres e homens, destacando que cada gênero é educado para desempenhar funções distintas na sociedade. Conjecturando que o papel principal das mulheres é o governo doméstico e os serviços inerentes a este papel, como ser boas mães de família. De forma que, conhecimentos matemáticos, como frações, decimais e geometria prática, deveriam ser deixados para os homens, pois de nada lhes serviria.

Não dá indícios de que as mulheres seriam incapazes de adquirir tais conhecimentos, e sim que não lhes seriam úteis e, portanto, não haveria necessidade de ministrá-los. No entanto, se assim desejassem, poderiam adquiri-los, da mesma forma que habilidades como dançar, tocar instrumentos e cantar eram adquiridas fora das instituições de ensino formal.

Caravellas argumenta, assim como Maricá, que a educação das meninas deveria se concentrar em prepará-las para serem boas mães de família. No entanto, contrapondo-se ao seu tom mais apazível, sugeriu que as mulheres/meninas não possuem capacidades

⁴⁰ Mariano José Pereira da Fonseca (1773-1848), mais conhecido como Marquês de Maricá, foi um político, filósofo e escritor brasileiro, reconhecido por ter contribuído com o pensamento político e filosófico do período imperial brasileiro.

intelectuais para tanto. A título de exemplo, menciona que em países nos quais grande parte do segmento feminino recebe grande instrução, as mulheres que se destacam são vistas como prodígios, de modo que seriam exceções e não a norma.

O SR. MARQUEZ DE CARAVELLAS: – Eu queria, pelo que respeita às meninas, que o artigo eduquem de maneira que venham a ser boas mães de família e, por consequência, basta-lhes o saberem ler, escrever e as quatro primeiras operações da Arithmetica. No que importa que ellas sejam bem instruidas é na economia da casa, para que não aconteça, quando tomarem estado, ver-se o marido obrigado a entrar nos arranjos domesticos, distrahindo-se dos seus negocios. *Diz o illustre Senador que as mulheres são dotadas dos mesmos talentos que os homens. Deve-se dar a isso algum desconto; tanto assim que, nesses paizes onde muitas recebem uma grande educação, se alguma apparece com grandes talentos, é reputada um portento. Essa frivola mania das mulheres se applicarem a estudos para os quaes parece que a natureza as não formou, desviando-se dos verdadeiros fins para que foram creadas e da economia das suas casas,* é que deu motivo á comedia do celebre Molière, *Les Femmes Savantes*, onde elle ridiculariza, com a sua graça costumada, essa *fútil vaidade*, que naquelles paizes tem grassado entre ellas (Anais do Senado Federal, sessão de 30 de agosto de 1827, vol. 2, p. 276, grifo nosso).

Dessa forma, embora reconheça que algumas mulheres possuam as mesmas capacidades intelectuais que os homens, essas constituíam um pequeno segmento da população feminina. E nesse sentido, critica a ideia delas dedicarem-se aos estudos considerados mais avançados, pois estariam desviando-se do pertinente aos papéis sociais que lhes cabiam, em uma “fútil vaidade” e uma “frívola mania”. De modo que conhecimentos matemáticos, como frações, decimais e geometria, eram concebidos como desviados dos fins naturais para os quais teriam sido criadas, a de economia de suas casas.

Assim, considerando que conhecimentos básicos de leitura, escrita e aritmética eram suficientes para as meninas, e que uma instrução adicional era não somente desnecessária, mas também impraticável; Caravellas refletia as representações de gênero do período, nas quais as mulheres eram concebidas como responsáveis pelo lar, como mães e esposas, e que qualquer desvio desse papel era fútil e despropositado.

Dito isso, assim como expressado anteriormente, o Sr. Marquez de Santo Amaro argumentou a favor de dar às meninas as mesmas oportunidades educacionais disponibilizadas aos meninos, expressando surpresa e desapontamento pelos posicionamentos mantidos pelos senadores a favor da emenda. Sua crítica parte das representações femininas abstraídas por eles, que concebiam as mulheres como intelectualmente inferiores aos homens.

O SR. MARQUEZ DE SANTO AMARO: – Eu esperava que a minha reflexão produzisse melhor effeito, e admiro a opposição que tem encontrado em dous illustres senadores, em quem reconheço tantos conhecimentos. *Não me parece conforme com as luzes do tempo em que vivemos, deixarmos de facilitar às brasileiras a aquisição destes conhecimentos. A opposição que se manifesta não póde nascer senão do arraigado e pessimo costume em que estavam os antigos, e que delles herdámos, os quaes nem queriam que suas filhas aprendessem a ler,*

dando para isto uma frívola razão, que a decencia pede que eu deixe em silencio. Diz-se que estes conhecimentos são desnecessarios em uma mulher; que o essencial é que ella se forme boa mãe de familia. Perguntarei agora: uma mulher nunca terá ocasião de fazer a conta a duas terças de panno que mandar comprar? Nunca terá ocasião de mandar fazer uma obra no interior da sua casa para maior commodidade ou ornato della? E, se tiver essa ocasião, não lhe aproveitará o haver adquirido esses conhecimentos de Geometria pratica, propostos nesta lei? *Estes conhecimentos são geraes, servem para todas as mulheres, qualquer que seja o estado e a classe a que venham a pertencer; e, com a emenda do nobre Senador, a lei fica contradictoria e injusta, porque concede aos meninos o que nega às meninas* (Anais do Senado Federal, sessão de 30 de agosto de 1827, vol. 2, p. 277, grifo nosso).

Amaro constitui que tais representações advinham de costumes antigos, herdados de seus antepassados, com uma mentalidade antiquada, frívola e indigna de discussão. Por isso, impor limitações aos conhecimentos que as meninas e mulheres brasileiras teriam acesso, principalmente aqueles igualmente orientados ao segmento masculino, iria contra os avanços do período em que viviam.

Nesse contexto, conjecturamos, que para convencer o Senado, argumentou dando exemplos contextualizados aos papéis designados às mulheres pelos outros senadores, que conhecimentos de geometria e prática de quebrados lhes seriam, sim, úteis à administração de suas casas e termina por condenar uma legislação desigual, que concede acesso a certos conhecimentos aos meninos, enquanto os nega às meninas. Conhecimentos concebidos como “gerais” para a instrução de uma sociedade, de modo que legislar contra sua instrução às mulheres seria contraditório e injusto contra as mesmas.

Sob essa perspectiva, em réplica aos posicionamentos defendidos pelo senador Amaro de igualdade intelectual entre os gêneros, assim como de que a instrução de conteúdos matemáticos seria de algum modo benéfico às mulheres, o Sr. Visconde de Cayru⁴¹ se manifestou, afirmando reconhecer “a igualdade da natureza e da justiça em ambos os sexos”, no entanto, em contradição a este dito reconhecimento, afirma não saber igualar coisas desiguais.

O SR. VISCONDE DE CAYRU': – Sr. Presidente. Não sei igualar cousas desiguaes. Reconheço a igualdade da natureza e da justiça em ambos os sexos. Depois de ouvir tantos elogios da igualdade dos engenhos dos meninos e meninas, e razões da necessidade de seu igual ensino, parecerá talvez exotico contestar eu esses principios, que envolvem o decoro do bello sexo; mas, como tenho assás lido sobre essa controversia em obras de sabios da Europa, que têm escripto sobre educação pratica, estou convencido de que é vão lutar contra a gráo de ensino que os meninos. Tal não creio. Demais, para que se demorará a execução da lei? Achar-se-ão já mestras para as escolas de meninas, mas não tendo conhecimento de Arithmetica e

⁴¹ José da Silva Lisboa (1756-1835), mais conhecido como Visconde de Cayru, foi um influente político, economista, jurista e intelectual brasileiro, reconhecido por ser um defensor do livre comércio e por seu papel na abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional em 1808.

Geometria pratica. O que é extraordinario e exagerado é difficultoso ou impraticavel (Anais do Senado Federal, sessão de 30 de agosto de 1827, vol. 2, p. 277).

Cayru argumenta que essa “igualdade da natureza e da justiça em ambos os sexos” não implicaria necessariamente uma equivalência em suas capacidades intelectuais. Em razão do ensino direcionado a ambos os gêneros, menciona basear-se em obras educacionais europeias para afirmar que embora alguns defendam a igualdade intelectual entre mulheres e homens, a instrução em conteúdos considerados mais avançados, como aritmética e geometria prática, seria “extraordinário e exagerado” para as mulheres. E como o senador Borges argumentou ser difficultoso ou mesmo impraticável a aplicação de tal instrução para as meninas, uma vez que não haveria professoras qualificadas para tanto.

E continua, apoiando-se em determinismo biológico ao alegar diferenças físicas e comportamentais existentes entre meninas e meninos, que justificariam abordagens educacionais distintas, sugerindo que essas diferenças “naturais” deveriam refletirem-se na instrução orientada a ambos os gêneros.

[...] Não sejamos excentricos e singulares. Deus deu barbas ao homem, não á mulher. Os meninos, chegando á puberdade, passam por uma metamorphose que lhes altera a physionomia e a fala; as mulheres tambem sentem mudança, mas para maior belleza e doçura de voz. Os jovens tornam-se mais travessos e atrevidos; porém as donzellas mais recatadas, e manifestam no rubor das faces os sentimentos de pudor a qualquer leve palavra e acção que as offenda. Embora se ensinem aos meninos quebrados e decimaes, porém, quanto ás meninas, acho sufficiente a nossa antiga regra: ler, escrever e contar. Sobre as contas, são bastantes as quatro especies, que não estão fóra do seu alcance, e lhes podem ser de constante uso na vida. *O seu uso de razão é mui pouco desenvolvido nas escolas para poderem entender e praticar operações ulteriores e mais difficeis de Arithmetica e Geometria.* Emquanto a mestra as mortifica com tão arido ensino, empregará melhor o tempo em lhes ensinar o que as ha de constituir boas mães de familia, e servir-lhes de muito na economia domestica (Anais do Senado Federal, sessão de 30 de agosto de 1827, vol. 2, p. 277, grifo nosso).

Desse modo, o limitado currículo feminino se justificaria pela perspectiva das diferenças biológicas existentes entre ambos os gêneros e na razão pouco desenvolvida das meninas em suas escolas. O que por sua vez acabaria por criar um ciclo vicioso no qual as escolas femininas não desenvolveriam o pensamento lógico das meninas, uma vez que esses não eram estimulados em seus currículos, e os currículos não estimulariam tal desenvolvimento por já não existirem a priori.

Contudo, na prática, tais estímulos não seriam aplicados, pois o ensino feminino, como pontuado sucessivamente por praticamente todos os senadores em suas arguições, deveria ser focado em preparar as meninas para constituírem “boas mães de familia, e servir-lhes de muito na economia domestica”, não em desenvolvê-las intelectualmente. Por isso, lhes ensinar conteúdos matemáticos considerados mais avançados seria não somente um

empreendimento “árido” às mestras, mas também um desvio de tempo que poderia ser empregado na instrução de ensinamentos considerados mais úteis às suas atribuições como “boas mães de família”.

Em resumo, Caravellas faz uma arguição final em relação à pertinência da aplicação da emenda, expondo uma representação irônica e depreciativa em relação à educação feminina, minimizando seu valor ao afirmar que tais conhecimentos advindos seriam somente um meio de realçar os seus aspectos físicos. “Tenho ouvido excellentes cousas a respeito das meninas; o pior é que a experiencia as não confirma, antes nos meninas, pelos novos attractivos que estas prendas vão augmentar á sua belleza” (Anais do Senado Federal, sessão de 30 de agosto de 1827, vol. 2, p. 278).

Por fim, o Visconde de Cayru fecha as arguições precedentes à votação da emenda com réplica às argumentações do Sr. Senador Gomide em defesa de uma instrução igualitária entre os gêneros, que infelizmente não foram transcritas pelo taquígrafo⁴². Expressando enfaticamente opinião contrária à instrução geral, também defendida por outros senadores como Amaro, e seu “ardor” que teria-lhe desorientado o “bom senso” para afirmar que as mulheres têm capacidades intelectuais equivalentes aos homens, e mais do que isso, argumentar que estas seriam de algum modo superiores.

O SR. VISCONDE DE CAYRU: – Sr. Presidente. Levanto-me para replicar ao Sr. Senador Gomide, que contrariou a minha emenda. O seu ardor da geral instrucção desorientou-lhe o bom senso. Elle requintou sobre os mais Srs. Senadores, que opinaram pela igualdade do engenho e ensino das meninas e meninos; *affirmou que as meninas eram de engenho superior e precoce. Se não admitto a nivelação, menos estarei pela superioridade do talento feminino sobre o masculino. Fallo no geral, salvo as extraordinarias excepções. Reconheço que communmente as mulheres têm superioridade aos homens em delicadeza e virtude; mas, em vigor de corpo e espirito, os homens preponderam. A natureza destinou as mulheres para differentes fins e empregos.* Tem havido mulheres que até se lançaram ao mar da politica, especialmente depois da revolução da França. Não se têm visto bons resultados. *Bastará nomear a famosa ingleza Volstoncraft, que tambem fez a obra dos "Direitos da Mulher", com igual extravagancia á da obra do celebre Paine sobre os "Direitos do Homem".* Ella, por accusação do marido, foi condemnada em Londres por adultera, e não restabeleceu a sua reputação com casar-se com outro enthusiasta, Godwin, autor da obra revolucionaria a que deu o especioso titulo de "Justiça Politica". *Se formos neste andar, não causará admiração que tambem se requeira que as mulheres possam ir estudar nas universidades os estudos maiores, para termos grande numero de doutoras* (Anais do Senado Federal, sessão de 30 de agosto de 1827, vol. 2, p. 278, grifo nosso).

O senador Cayru afirma não admitir o reconhecimento de igualdade intelectual entre os gêneros, muito menos a ideia de que estas poderiam ser de algum modo superiores aos homens, a não ser em “extraordinárias exceções”, posição igualmente defendida por outros

⁴² Pessoa encarregada de registrar rapidamente discursos, debates e outros eventos importantes. Nesse contexto, estava encarregada de transcrever as arguições e decisões do Senado.

senadores, como observado. Dito isso, recorre aos princípios do determinismo biológico que atribuíam as diferenças intelectuais entre homens e mulheres a fatores naturais e imutáveis.

Sob esse prisma, evoca representações de gênero profundamente enraizadas em representações patriarcais, significando as mulheres como delicadas e virtuosas, remetendo a uma ideia de pureza moral que colaboraria com os destinos que a “natureza” teria-lhes reservado, de cuidadoras, mães e esposas. Enquanto os homens, dotados de “vigor de corpo e espírito”, estariam mais aptos a desempenharem funções que exigissem habilidades intelectuais como as ciências e, sugestivamente, a matemática e a política.

Ademais, censurou a participação de mulheres em instâncias políticas, utilizando como exemplo os movimentos feministas em prol dos direitos das mulheres iniciados na França após a Revolução. A título de exemplo, menciona Mary Wollstonecraft e seu livro *Direito das mulheres* como “extravagantes”, mulher na qual cinco anos depois Nísia Floresta se inspiraria e atribuiria a autoria de sua primeira obra publicada, a tradução intitulada *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, em 1832.

Nesse sentido, Cayru associa as demandas por igualdade educacionais a ações que considera “radicais”. Tanto as demandas “modestas” explicitadas nas arguições dos senadores, que defenderam manter os conteúdos matemáticos nos currículos femininos, como as do Sr. Marquez de Santo Amaro e do Sr. Gomide, como a ideia de demandas mais expressivas, repudiando a possibilidade das mulheres continuarem seus estudos em instituições de ensino superior.

Desse modo, instrumentalizando as representações femininas baseadas em determinismo biológico, sugere opções mais palatáveis ao ensino feminino como alternativa aos conteúdos matemáticos, que considerava inalcançáveis ao desenvolvimento de raciocínio das mulheres/meninas, tendo em vista suas naturezas, que repugnariam o trabalho árduo necessário para adquiri-los. Envolvendo-se somente com o que é “deleitoso”, como História Natural, cantar e dançar, se os senadores insistissem em ampliar os seus currículos.

[...] Em minha opinião talvez conviria que as mestras de meninas tivessem alguns conhecimentos de historia natural, para entreter as discipulas com amostras de plantas com que a natureza enriqueceu a este paiz. Está me occorrendo a bella trepadeira mostra o contrario. Em geral as meninas não têm um desenvolvimento de raciocinio tão grande como os meninos; não prestam tanta attenção ao ensino como estes; finalmente, parece que a sua mesma natureza repugna a quanto é trabalho arido e difficil e que só abraça o deleitoso. Se, além da instrucção litteraria que proponho, querem dar-lhes algumas prendas mais, ensinem-lhes a cantar e tocar. [...] Taes estudos amenos não são fóra da esphera das meninas e podem dar-lhes util divertimento: mas atormental-as com quebrados, decimaes e Geometria pratica, só póde dar occasião a torturas, disciplina e palmatoria, convertendo-se as mestras em megeras (Anais do Senado Federal, sessão de 30 de agosto de 1827, vol. 2, p. 278-279).

Nesse sentido, termina a arguição final antes da votação da emenda sugerindo que insistir para que as professoras ensinem conteúdos tão distantes de suas “naturezas”, faria apenas com que se convertessem em “megeras”. Uma vez que ensinariam frações, decimais e geometria prática às meninas e, essas, sendo impossibilitadas pelas suas disposições “naturais”, não conseguiriam alcançar esses conteúdos. Assim, as professoras recorreriam “a torturas, disciplina e palmatória”, buscando estimular as meninas com esses recursos, com “disciplina físicas”, causando mais danos do que benefícios à instrução feminina.

Nessa perspectiva, para o ensino das meninas, a emenda que limitou os conteúdos matemáticos a aritmética básica, foi aprovada, fundamentada em representações femininas que constituíam expectativas de valores e comportamentos, para as mulheres, que acabaram por instituir papéis de sociais restritos à esfera privada, como: a de esposas e a de boas mães de família.

Representação que por sua vez, acabava por constituir uma violência simbólica para as mulheres, à medida que as confinava a um papel subalterno na sociedade, naturalizando a exclusão de conhecimentos científicos mais amplos, como a matemática. E reforçava as desigualdades de gênero já existentes, assim como a hierarquização entre os gêneros com base no determinismo biológico (Scott, 1995).

No entanto, como evidenciado pelas falas do Sr. Marquez de Santo Amaro e a réplica realizada pelo Visconde de Cayru à arguição do Sr. Senador Gomide não taquigrafada, não são representações generalizadas. Como citado anteriormente, Louro (2004, p. 466) pontua que “seria uma simplificação grosseira compreender a educação das meninas e dos meninos como processos únicos, de algum modo universais dentro daquela sociedade”. Nesse sentido salientamos que estendemos seu apontamento às representações de gênero do período.

De modo que, seria igualmente uma simplificação desconsiderar a existência de pessoas como o Sr. Marquez de Santo Amaro, Sr. Senador Gomide, e de mulheres como Nísia, que desafiavam essas representações dominantes que limitavam as percepções em relação à capacidade intelectual da mulher oitocentista, reforçando relações de poder entre os gêneros ao destiná-las a uma subalternização intelectual.

Como ressalta Perrot (2017), a história das mulheres é também a história de suas resistências, das fissuras abertas nas estruturas de dominação que desafiaram as normas vigentes de um determinado período. No entanto, compreendemos que essas representações que negam o determinismo biológico e a hierarquização entre os gêneros foram exceções no contexto social oitocentista, onde discursos sobre uma “inferioridade” feminina era amplamente institucionalizado.

8. SUBVERSÃO EM FAVOR DAS CIÊNCIAS E, SUGESTIVAMENTE, TAMBÉM DE MATEMÁTICA

Investigar e compreender o contexto educacional em que Nísia viveu e ter uma noção daquilo que ela desafiou, é uma peça chave para fazer a operação historiográfica sobre suas obras, pois os indícios que buscamos durante o tempo da pesquisa foi dentro de um movimento de questionar, a todo momento, o que Nísia quis dizer em cada trecho de sua escrita. Precisávamos conhecer, minimamente, o universo de Nísia, construir um objeto a ser conhecido (Borba; Valdemarin, 2010). Questionamos: o que o capítulo “tal e tal” de Opúsculo nos sugere? O que uma menção às suas alunas quer dizer? Que mensagens ela quis transmitir nas entrelinhas para não ser perseguida ou ter suas obras queimadas? Percorremos um caminho supondo nossas questões, mas sem deixar o método investigativo como nosso norteador.

Foi nesse contexto que tentamos adentrar o mundo de Nísia, seguindo a cronologia de suas obras, buscando entender suas ideias sobre o ensino de ciências, considerando, também, o ensino da matemática; foi nesse contexto que interpelamos Nísia e sua defesa de um ensino mais robusto para as meninas, um ensino que parece ter subvertido as normativas educacionais prescritas na Lei Educacional de 1827.

Nesse sentido, conforme Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), é preciso conhecer o contexto do agente pesquisado para compreendermos os indícios encontrados. Sendo assim, inicialmente apresentamos quem foi Nísia Floresta e sua trajetória. Salientamos que todas as informações bibliográficas referentes à trajetória de Nísia foram pautadas nas obras de Duarte (2019) e Margutti (2019).

Em seguida, abordaremos os indícios identificados, que foram organizados em cinco seções: na 8.2, exploramos a apropriação realizada por Nísia por meio da tradução de *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*. Na 8.3, analisamos sua representação sobre as razões que levaram os homens a restringir a educação feminina, investigando as relações de poder identificadas por ela.

Na 8.4, examinamos os indícios de sua defesa da racionalidade feminina e do acesso das mulheres/meninas às ciências e, sugestivamente, também da matemática. Na seção 8.5, apresentamos a representação de feminilidade construída por Nísia ao longo de suas obras. E, por fim, na sexta e última seção, a 8.6, discutimos os seus argumentos apresentados em *Opúsculo Humanitário* sobre a necessidade de uma reforma na educação feminina no Brasil,

bem como os modelos de ensino dos quais se apropriou para constituir o seu projeto educacional voltado às mulheres/meninas.

8.1 Síntese Bibliográfica sobre Nísia Floresta Brasileira Augusta

Em 1810, o Brasil ainda se encontrava sob domínio de Portugal, que possuía interesses econômicos sobre a colônia, principalmente ligados à extração de recursos naturais. A corte portuguesa encontrava-se instalada no Rio de Janeiro, capital do Brasil desde 1763 e, a partir de março de 1808, também capital do Reino Unido de Portugal e Algarves, após a transferência da corte devido às invasões napoleônicas em Portugal, que ameaçavam a estabilidade do reino português.

Sob o governo de Dom João VI, que até então atuava como príncipe regente de Portugal, tendo ascendido ao trono anos depois, o Brasil passava por mudanças significativas, que impulsionaram o seu desenvolvimento. Como a abertura dos portos às nações amigas, por exemplo, que rompeu o monopólio comercial português e estimulou a imigração de estrangeiros ao país, trazendo novas ideias, conhecimentos e investimentos para diversos setores. Além de medidas voltadas para a modernização da nação, como a criação de instituições de ensino, bibliotecas, tipografias e melhorias na infraestrutura urbana, que impulsionaram a atividade cultural e científica do país.

No entanto, apesar dos avanços proporcionados pela presença da corte no Brasil, os primeiros indícios de movimentos pré-independência se iniciavam. Ideias de autonomia e independência começaram a circular entre intelectuais, comerciantes e líderes locais brasileiros, insatisfeitos com o domínio português. Cenário que favoreceu o florescimento de debates políticos e o fortalecimento de um sentimento nacionalista, que preparou o terreno para os eventos que levariam à independência do país em 1822.

A economia era fortemente baseada no trabalho escravo africano, com uma sociedade estratificada, onde os colonos portugueses ocupavam o ápice da hierarquia, seguidos pelos mestiços (filhos de portugueses com indígenas ou africanos), e nas camadas mais baixas, os indígenas e negros. O Catolicismo Romano marcava sua presença dominando o aspecto religioso, influenciando não apenas a esfera espiritual, mas também a organização social e política do país, impactando diretamente em questões de moralidade, educação e sobre o cotidiano da população.

Nesse cenário, ao norte da corte portuguesa, próximo à aldeia de Papari e à Vila de São José, ambas localizadas na Capitania do Rio Grande do Norte, encontrava-se o sítio Floresta, onde começou a história de Nísia. Segundo Duarte (2019):

[...] era um sítio próspero, localizado em uma região intensamente cultivada e próxima de um lago de água salobra, aliás, reservatório do rio Trairi e de pequenos riachos da região. Segundo Câmara Cascudo, a propriedade teria cerca de 200 braças de comprimento, 400 de fundos e pagava 500 réis de foro anual. Já Adauto da Câmara informa que ela devia ser ainda mais extensa, com dimensões de verdadeiro latifúndio em que hoje estariam algumas cidades (Duarte, 2019 apud Koster, 1942, p. 105; Cascudo, 1940, p. 1; Câmara, 1997, p. 17).

Ainda, conforme a autora, foi às nove horas da noite, do dia 12 de outubro de 1810, que Dionísia Gonçalves Pinto, filha primogênita do casal Antônia Clara Freire e Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa, nasceu. Sua mãe, era uma mulher vinda de uma linhagem abastada da Capitania, uma família que remontava às principais linhagens da região. Já seu pai era um advogado português que, segundo Duarte (2019), teria chegado à região nos primeiros anos do século XIX. Não se sabe como se conheceram. No entanto, a mãe de Dionísia seria viúva na época, já tendo uma filha do primeiro matrimônio, Maria Izabel do Sacramento. O casal, Antônia e Dionísio, ainda teriam mais três filhos, além de Dionísia: “Francisca Clara, Joaquim e um menino cujo nome não é mencionado, pois faleceu ainda criança” (Duarte, 2019, p. 16).

Segundo Duarte (2019), seguindo depoimento de Henry Koster⁴³, Dionísia e suas irmãs cresceram em um ambiente consideravelmente liberal para a época. Koster relata que durante uma visita ao sítio Floresta, durante sua estada em Papari, em novembro de 1810, o “senhor Dionísio” teria-lhe apresentado a esposa, sugerindo também que ela havia se juntado a eles durante o jantar daquela noite, condutas incomuns na época, que apontavam para um ambiente mais progressista do que o habitual, impressão também compartilhada por Duarte (2019) e Margutti (2019).

Já em 1815, o Brasil deixava de ser uma colônia e passava a ser um reino unido a Portugal, adquirindo igualdade jurídica, mas se mantendo sob domínio da coroa portuguesa. Ascensão que fortaleceu sentimentos de autonomia e nacionalismo no país, à medida que os brasileiros se viam cada vez mais como uma entidade política distinta de Portugal, alimentando ideias de independência.

De modo que em 1817, eclodiu a Revolução Pernambucana, representando um dos primeiros grandes movimentos emancipacionistas do “ciclo revolucionário nordestino”, que

⁴³ Registrado em seu livro de viagens *Travels in Brazil* (1816), traduzido posteriormente por Câmara Cascudo em 1842, sob o título *Viagens ao Nordeste do Brasil*.

objetivava estabelecer um governo independente de Portugal, na então capitania de Pernambuco, região que hoje é conhecida como parte dos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas.

De acordo com Duarte (2019), por decorrência do conflito, Dionísia e sua família foram forçados a deixar o sítio Floresta, devido aos ataques direcionados à sua família em decorrência da origem portuguesa de seu pai. Mudaram-se, então, para Goiana, no interior de Pernambuco. Contudo, retornaram ao sítio Floresta dois anos depois, em 1820.

Os anos vividos em Goiana trouxeram não só mais experiência à Nísia menina, como lhe deram – com certeza – a oportunidade de ouvir as primeiras vozes liberais que a marcariam por toda a vida. [...] Tratava-se, sem dúvida, de um importante centro intelectual, um foco de cultura e riqueza que irradiava, para as demais províncias do Nordeste, as ideias liberais e republicanas que ali floresciam [...] o Convento das Carmelitas havia se instalado naquela vila, com sua rica biblioteca. E era nesse espaço que as jovens de famílias abastadas tinham oportunidade de se iniciar nos estudos clássicos, nas línguas europeias, nos trabalhos manuais e no canto. [...] teria Nísia Floresta, nos anos em que aí residiu, usufruído de tais regalias? Provavelmente sim. Além disso, seu pai era um homem culto que deve ter possibilitado aos filhos amplo contato com a cultura europeia. Tanto isso é verdade que, em poucos anos, ela dominava o francês e o italiano, e se ofereceria como mestra de primeiras letras para meninas (Duarte, 2019, p. 20-21).

Paralelamente ao retorno da família ao sítio Floresta, o ano de 1820 seria determinante para a história do país. Com a restauração das monarquias europeias após o fim das guerras napoleônicas, Portugal passou a pressionar Dom João VI para retornar à metrópole portuguesa e jurar fidelidade à Constituição de 1820. No ano seguinte ao seu retorno, em 1822, a coroa passou a pressionar, também, seu filho, Dom Pedro, príncipe regente no Brasil. Exigiam o mesmo dele: que retornasse para Portugal e, como seu pai o fez, que jurasse fidelidade à constituição portuguesa.

No entanto, Dom Pedro decidiu permanecer no país, desafiando as ordens da corte portuguesa e posicionando-se a favor da independência do Brasil, diante da pressão popular brasileira. Sua presença no país consolidou o movimento separatista entre Brasil e Portugal e, no dia 7 de setembro de 1822, sob o célebre “Independência ou Morte!”, marcou-se o início da separação definitiva entre os dois países, reconhecendo, oficialmente, em agosto de 1825, a independência brasileira.

Dois anos antes da célebre independência, Dionísia, então aos seus 13 anos de idade, casou-se com Manuel Alexandre Seabra de Melo, em 1823. Conforme apontado por Duarte (2019) e Margutti (2019), Manuel era um rapaz de pouca instrução, porém proprietário de vastas porções de terra nas proximidades de Papari. A união entre eles duraria pouco menos de um ano, e os eventos que conduziram Dionísia a tal casamento permanecem um mistério,

tendo retornado a morar com sua família no sítio Floresta após esse breve período (Duarte, 2019, p. 22). Conforme a autora, ainda em 1823:

[...] D. Pedro I abriu o debate em torno da educação formal que deveria ser oferecida às meninas, autorizou a abertura de estabelecimentos de ensino não religiosos, e os deputados fizeram propostas de um ensino elementar, tomando como modelo o que era realizado na Europa. As professoras, principalmente vindas da França, Portugal e Alemanha, deviam ensinar as quatro operações e a Língua Pátria, mas com ênfase nos trabalhos de agulha. A sociedade esperava que elas fossem apenas boas donas de casa, esposas e mães de família (Duarte, 2019, p. 22-23).

Em 1824, Dionísia e sua família abandonaram definitivamente o sítio Floresta, impulsionados pelos tumultos separatistas que fervilhavam na região. Movimentos ávidos por estabelecer uma república independente da Coroa Portuguesa e do recém-estabelecido governo imperial brasileiro em Pernambuco. Gerando consequências que chegariam até as portas do sítio Floresta, não dando outra opção à família além de deixar o local mais uma vez. Anos mais tarde, em 1878, conforme apontado por Duarte (2019), Dionísia registraria o momento de abandono do mesmo.

Uma horda de homens desenfreados, que chamávamos de ronda leve, percorria os arredores atirando sobre as casas; uma descarga de fuzil, atravessando a porta exterior de uma sala onde se encontrava o pequeno Brasil, caiu a dez centímetros acima da cabeça desta criança que, meio adormecida num sofá, escapou da morte como por milagre. A consternação de toda a família exposta a tais atentados foi imensa; nosso pai, no horror que lhe inspiravam esses excessos e vendo devastada sua bela propriedade, outrora tão admirada por todos os que aí recebiam o mais hospitaleiro dos acolhimentos, determinou-se com lamento a abandoná-la (Floresta, 2001, p. 48-49).

Após o abandono definitivo do sítio Floresta, a família transitou brevemente por Goiana, cidade do interior de Pernambuco, antes de se mudarem para Olinda e, finalmente, fixarem residência em Recife. Em 17 de agosto de 1828, já morando em Olinda, o pai Dionísio fora assassinado, segundo Duarte (2019) e Margutti (2019), em um aparente ato desproporcional de vingança, cometido por homens poderosos de Olinda que não se conformavam com a perda contra Dionísio de uma grande causa no tribunal. Ainda durante este período, Dionísia passaria a morar com Manuel Augusto de Faria Rocha, estudante de advocacia, com o qual, segundo Duarte (2019), ela deveria ter iniciado um romance anos antes, em uma das ocasiões em que a família residia em Olinda.

Com relação ao primeiro matrimônio, ficou registrada a perseguição do ex-marido, as ameaças que fazia para obrigá-la a viver com ele, e também a fama de “adúltera” na memória popular. Mas a paixão pelo novo companheiro foi mais forte e venceu as pressões. As referências que faz a essa união serão constantes e apaixonadas em quase todos os seus livros, e a autora lembra sempre com carinho o “jovem casal,

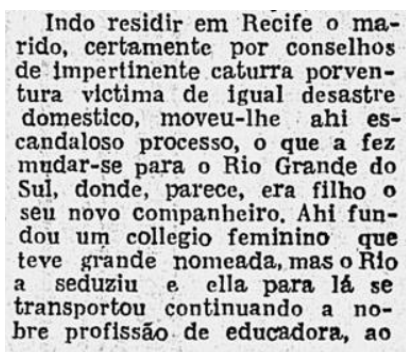
cuja curta existência o estudo e o amor tornavam encantadora, sob as sombras poéticas do aprazível e fresco Beberibe” (Duarte, 2019, p. 26).

No dia 15 de outubro de 1827, Dom Pedro, agora Dom Pedro I, Imperador do Brasil, assinava a lei que posteriormente seria reconhecida como a primeira lei educacional do país. Determinando a criação de “escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio” (Brasil, 1827, s/p). Nesta lei, também se demarcou, conforme artigo 17º, a criação de escolas para meninas em cidades e vilas mais populosas, representando um avanço significativo em direção à educação, após os debates iniciados em 1823 em torno da necessidade de uma educação formal mais abrangente.

Não temos informações do que Dionísia vinha fazendo neste período, embora haja uma suspeita de Duarte (2019) de que talvez ela estivesse dando aulas para meninas. Conforme a autora, entre 29 de abril e 8 de maio de 1829, foram publicadas diversas vezes anúncios no *Diário de Pernambuco*, “de uma professora que residia na [...] Rua das Flores, vizinha da Tipografia, oferecendo-se para dar aulas para meninas” (Duarte, 2019, p. 33). Duarte (2019), conjectura que essa professora poderia ter sido Nísia, uma vez que ela vivia em Olinda na época e que, posteriormente, publicou nessa mesma tipografia a sua primeira obra literária.

Conjectura com a qual corroboramos com duas matérias encontradas em jornais publicados em 1938 e 1981. As matérias que objetivavam apresentar as(aos) leitoras(es) dos jornais quem foi Nísia, nos formassem indícios que sugerem que além da possibilidade de Nísia ter dado aulas em Olinda, como conjecturado por Duarte (2019), ela também teria dirigido um colégio feminino em Recife.

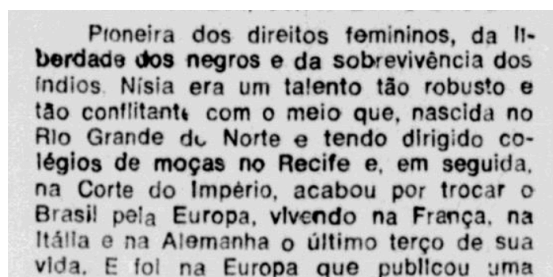
Figura 09 - Trecho de artigo sobre a trajetória de Nísia que sugere a fundação de um colégio feminino por ela em Recife.



Indo residir em Recife o marido, certamente por conselhos de impertinente caturra porventura vítima de igual desastre doméstico, moveu-lhe ahi escandaloso processo, o que a fez mudar-se para o Rio Grande do Sul, donde, parece, era filho o seu novo companheiro. Ahi fundou um collegio feminino que teve grande nomeada, mas o Rio a seduziu e ella para lá se transportou continuando a nobre profissão de educadora, ao

Fonte: Diario Carioca (RJ), Ano 1938/Edição 02963, p. 17.

Figura 10 - Trecho de artigo sobre as viagens de Nísia que relata que ela dirigiu um colégio feminino em Recife.



Pioneira dos direitos femininos, da liberdade dos negros e da sobrevivência dos índios. Nísia era um talento tão robusto e tão conflitante com o meio que, nascida no Rio Grande do Norte e tendo dirigido colégios de moças no Recife e, em seguida, na Corte do Império, acabou por trocar o Brasil pela Europa, vivendo na França, na Itália e na Alemanha o último terço de sua vida. E foi na Europa que publicou uma

Fonte: Jornal do Commercio (RJ), Ano 1981/Edição 00184, p. 13

Dito isso, o ano de 1830 foi, sem dúvida, marcante na vida de Dionísia. No dia 12 de janeiro, ela deu à luz à sua primeira filha com Manuel Augusto de Faria Rocha, a quem deu o nome de Livia Augusta de Faria Rocha. No ano seguinte, viria o segundo filho, que, segundo Duarte (2019, p. 34, apud Nísia Floresta), Dionísia lamentavelmente relatava, foi “cedo arrebatado pela morte’ [...], e do qual não existem mais informações”.

No ano seguinte, os ânimos nacionais brasileiros, inflamados, voltaram a atingir um ponto de ebulição. Em meio aos protestos e à crescente insatisfação, Dom Pedro I renunciou ao trono Imperial Brasileiro em favor de seu filho, Dom Pedro II, que na época tinha somente cinco anos de idade. Dando início a um período de regência por uma junta governativa, que perdurou por nove anos, até 1840, quando Dom Pedro II atingiu a sua maioridade para ascender ao trono imperial.

Na mesma época, as pressões internas e externas pela abolição da escravidão no Brasil começaram a coletar seus primeiros frutos, com a criação da Lei Feijó, que proibiu o comércio transatlântico de escravos para o país, declarando livres aqueles trazidos para terras brasileiras após o seu desenvolvimento. A lei representou um primeiro passo na luta pela abolição, que só seria alcançada 57 anos mais tarde.

Em 1831, Dionísia estreou como escritora. Conforme Duarte (2019, p. 31), ela deu início à sua carreira literária no jornal *Espelho das Brasileiras*, dedicado às mulheres pernambucanas, onde publicou uma série de artigos, que anos depois seriam ampliados e comporiam sua obra de maior importância teórica: *Opúsculo Humanitário*. Ainda segundo essa pesquisadora, as primeiras motivações de Dionísia, para escrever e publicar, teriam surgido a partir de reflexões sobre a condição feminina, como a utilidade social das mulheres e a injustiça da atitude dos homens, temas que seriam retomados em muitas de suas obras subsequentes.

No ano seguinte, em 1832, em meio a uma instabilidade nacional marcada por uma série de conflitos entre liberais que buscavam mais poder para as províncias e uma maior participação popular, e conservadores que defendiam a centralização do poder no governo imperial, Dionísia publicava o seu primeiro livro, *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, apresentado como uma tradução livre do livro *Vindication of the rights of woman*, escrito por Mary Wollstonecraft, em 1792.

É nessa obra que Dionísia assume o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta “que, ao invés de se ocultar sob [...] mais revela de sua personalidade e opções existenciais.” (Duarte, 2019, p. 34). Assim, opta por utilizar *Nísia* como diminutivo de Dionísia; *Floresta*, para se lembrar do local onde nasceu e passou os primeiros anos de sua juventude; *Brasileira*,

como afirmação da sua nacionalidade; e *Augusta*, em homenagem ao seu companheiro, Manuel Augusto de Faria Rocha, demonstrando o seu afeto e admiração por ele.

Mas em cada novo livro, veremos, praticamente ela se reinventa, alterando a própria assinatura e o modo de se identificar. Desde o uso das iniciais N. F. B. A em diversas combinações, como B. A., F. B. A.; N. F. B. Augusta; até Uma Brasileira; Floresta Brasileira Augusta; Brasileira Augusta; Mme. Floresta A. Brasileira; Mme. Brasileira; Mme. Brasileira Augusta; Une Brésilienne; e Telesila (Duarte, 2019, p. 35).

Em novembro de 1832, Manuel Augusto concluía o curso de Direito, em Olinda, e o casal, acompanhado pela mãe de Dionísia e suas irmãs Clara e Izabel, mudaram-se para Porto Alegre. Os motivos por trás dessa mudança repentina não são conhecidos, entretanto, foram objeto de especulação. Segundo Margutti (2019, p. 16), a mudança teria sido motivada pela conduta considerada heterodoxa de Dionísia para uma mulher da época, que teria resultado em uma reputação não muito favorável no Rio Grande do Norte, motivando a família a “mudarem para bem longe, no extremo sul do país”.

Uns acharam que ela foi obrigada a sair de Pernambuco devido às ameaças do primeiro marido, ainda inconformado com o abandono. Armado de razões jurídicas, ele estaria prestes a chegar à cidade para processá-la por abandono de lar e adultério. Outros divulgaram a versão de que Augusto foi para Porto Alegre atendendo ao convite de um irmão que lá morava, Dr. Manuel Antônio Rocha Faria, que havia se casado com Luzia Justiniana de Freitas Rocha. Se foi este ou aquele o motivo da mudança, não há mais como saber; apenas que, em Porto Alegre, nova vida a aguardava (Duarte, 2019, p. 40).

No dia 12 de janeiro de 1833, Dionísia deu à luz ao seu terceiro filho com Manuel Augusto, batizado como Augusto América de Faria Rocha. Segundo Duarte (2019, p. 40-41), Augusto América teria sido registrado como filho legítimo do casal, insinuando que a união havia sido finalmente oficializada, tendo “ocorrido na intimidade da família, talvez após o falecimento do primeiro marido [...]”.

Além disso, Duarte (2019, p. 41) comenta que a certidão de batismo revelou outro fato importante: “o nome da mãe estar aí registrado como Nísia Floresta Brasileira Augusta, ou seja, o que era para ser pseudônimo havia se tornado a principal identidade da mulher. E Dionísia Gonçalves Pinto praticamente não mais será mencionada ao longo de sua vida”.

No entanto, o clima de celebração com a vinda de mais um filho não duraria muito, pois Nísia perderia o seu marido. No dia 29 de agosto de 1833, sete meses após o nascimento de Augusto América, Manuel Augusto faleceu repentinamente aos 25 anos de idade. Sua morte seria lamentada por Nísia em seus escritos durante o resto de sua vida (Duarte, 2019, p. 41).

Ademais, Duarte nos acrescenta que, ainda naquele ano, sairia a segunda edição de *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*. E tem-se a hipótese de que Nísia teria escrito vários artigos, inclusive sobre educação, publicados em um jornal de Porto Alegre, pois esses artigos possuíam similaridades com o estilo de suas ideias e de sua escrita.

Num jornal de Porto Alegre daquele ano, O Recopilador Liberal, há vários artigos anônimos ou assinados por “Quotidiana Fidedigna”, que muito lembram o estilo e as ideias de nossa escritora. Há particularmente um, de 19 de setembro de 1835, intitulado “Pernambuco”, que trata dos deveres e obrigações de um deputado e contém críticas ao comportamento de políticos pernambucanos, que bem poderia ter sido escrito por ela. Também em 2 de setembro de 1837, o jornal gaúcho O Campeão da Legalidade publica um longo artigo sobre a “Educação no Brasil”, que continua em outras edições, que também parece ter sido colaboração de Nísia Floresta, por conter diversas expressões e frases inteiras semelhantes a outras encontradas em seus escritos (Duarte, 2019, p. 44).

Durante os quatro anos seguintes, sua família, agora composta por seus dois filhos, sua mãe e suas irmãs, permaneceu em Porto Alegre, onde, de acordo com Duarte (2019), Nísia também atuou como professora e diretora, tendo dirigido uma das primeiras escolas femininas do Rio Grande do Sul, denominada *Colégio Brasil*.

No livro *Nos tempos da velha escola*, de Kraemer Neto, entre dezenas de nomes masculinos estão registrados também os das primeiras professoras e diretoras de escolas no Rio Grande do Sul, como Nísia Floresta Brasileira Augusta, [...] A escola de Nísia em Porto Alegre, que Roberto Seidl afirma ter se chamado “Colégio Brasil”, localizava-se na Rua Nova, hoje Rua Andrade Neves, talvez no mesmo endereço de sua residência. Na biografia do Marechal Câmara – José Antônio Corrêa da Câmara, Visconde de Pelotas – consta que ele e a irmã Rita de Assis teriam sido alunos de Nísia Floresta. Em seus pertences de estudante, inclusive foram encontrados versos que a professora usava nos ditados, intitulados “Máximas e pensamentos”, que mais tarde foram revistos e incluídos na segunda edição de *Conselhos à minha filha* (Duarte, 2019, p. 42 apud Câmara, 1964, p. 142-143; 379-383).

Em novembro de 1835, decorrente de uma crescente insatisfação popular com as políticas centralizadas do governo imperial, dos altos impostos e por demandas de maior autonomia, rebeldes estabeleceram, em Porto Alegre, um novo governo provisório. A autoproclamada República Rio-Grandense, iniciando oficialmente a Revolução Farroupilha, a maior e mais duradoura revolta separatista da História do Brasil, a qual chegaria ao fim somente em 1845.

Diante desse cenário, em 1837, Nísia e sua família partem em direção ao Rio de Janeiro, dois anos após o conflito ser iniciado, deixando para trás o movimento ainda em seus primeiros anos. No entanto, ao chegarem à capital do Brasil, também encontram um clima de instabilidade política, epicentro de uma série de acontecimentos tumultuados que refletiam a turbulência do país durante o período regencial, caracterizado por disputas de poder entre

liberais e conservadores, com diferentes regentes e grupos buscando assumir o comando e influenciar as decisões do governo e as políticas de todo o país.

Nesse contexto, um ano após a sua transferência para o Rio de Janeiro, em 15 de fevereiro de 1838, Nísia inaugurou o Colégio Augusto, nomeado em homenagem ao seu marido já falecido, onde atuou como diretora por um período de 17 anos, nos quais se dedicaria à instrução de meninas.

Nos cinco anos seguintes a 1838, o Brasil atravessou momentos turbulentos. Na capital da província do Rio Grande do Sul, a Revolução Farroupilha ainda prosseguia, enquanto na Bahia eclodia a Sabinada, revolta separatista que ocorreria apenas por quatro meses, de 6 de novembro de 1837 a 16 de março de 1838, mas que continuaria a impactar a região até o ano seguinte.

Em 1840, culminava o Golpe da Maioridade, antecipando a coroação de Dom Pedro II, que na época tinha 14 anos, encerrando assim o Período Regencial. Esse evento marcou um período de relativa estabilidade no país, chegando ao fim em 1842, com o início da Revolta Liberal que, liderada por radicais insatisfeitos com a elevação do Partido Conservador ao poder, desencadeou conflitos em Minas Gerais e São Paulo.

Durante esses anos tumultuados, Nísia se dedicou à vida como diretora do Colégio Augusto tendo, também, segundo Duarte (2019, p. 52), em 1839, publicado a terceira edição de *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*. Porém, há uma hipótese de sua inexistência, uma vez que nenhum exemplar foi localizado pelas(os) pesquisadoras(es) da educadora. Além disso, também aponta que, durante esses anos, Nísia realizou conferências abolicionistas.

[...] Nísia Floresta faz conferências de caráter abolicionista e republicano, onde prega a emancipação dos escravos, a liberdade de cultos e a federação das províncias. [...] Mas como não foram localizadas notícias de tais palestras nos jornais cariocas, suas ideias abolicionistas e republicanas podem ser hoje conhecidas apenas através do que ela deixou registrado nos livros (Duarte, 2019, p. 55-56).

Em 1842, ela publicou *Conselhos à Minha Filha*, livro dedicado à sua filha, Livia, em decorrência de seu aniversário de 12 anos. De acordo com Duarte (2019):

Foi, seguramente, o texto mais traduzido e que mais edições teve entre todos os seus escritos. Em português foi reeditado em 1845, assinado N. F. B. Augusta, pela Tipografia de Paula Brito, que incluiu ao final “Máximas e Pensamentos para minha filha”. Em italiano, houve duas edições: em Florença, em 1858, e em Mandovi, em 1859. E ainda foi traduzido para o francês em 1859. (Duarte, 2019, p. 56).

Nos dois anos seguintes, o colégio de Nísia seria alvo tanto de críticas como de elogios. Em 1847, ela publicaria três novos livros. O primeiro, intitulado *Daciz ou A jovem completa*, desapareceu. O segundo foi *Fany ou O Modelo das Donzelas*, no qual descreveu o seu modelo ideal de comportamento feminino. O terceiro e último livro, publicado naquele ano, foi o *Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*, no qual, se dirigindo às alunas do Colégio Augusto e às suas mães(e pais), incentivou as jovens a fazerem bom uso do conhecimento, de distinguirem o mérito da vaidade e as instigava a cumprirem seus deveres com a sociedade.

Dois anos depois, em 1849, Nísia publicou o poema intitulado *Lágrima de um Caeté*. Conforme Duarte (2019), a obra abordava a degradação do indígena brasileiro e os eventos da Revolução Praieira (1848-1849), unindo os dramas sociais e políticos, por meio da opressão do colonizador e a perda da identidade do indígena.

Segundo essa pesquisadora, em setembro daquele ano, sua filha, Lívía, sofreu um acidente ao cair enquanto cavalgava. Após o ocorrido, Nísia foi aconselhada por um médico a uma mudança de ares a fim de auxiliar Lívía em sua recuperação. Como resultado, no dia 2 de novembro de 1849, dois meses após o incidente, ela embarcou na galera⁴⁴ francesa Ville de Paris, acompanhada por seus dois filhos, rumo à Europa, onde desembarcaria no dia 24 de dezembro de 1849, e residiria pelos próximos três anos.

[...] entre os passageiros que desembarcavam com passes provisórios, assim ficou registrado: “Mme. Augusta, Nísia Floresta Brasileira – 39 anos, acompanhada de seu filho e sua filha. Origem: Rio de Janeiro. Domicílio real: Rio de Janeiro. Destino: Paris. Profissão: rentière”. Ou seja: ela declara que vivia de rendas. E atenção: quem chegava à Europa não era Dionísia Gonçalves Pinto, mas uma mulher independente que se fez por si e, inclusive, se autoneomeou (Duarte, 2019, p. 78).

Na Europa, seu primeiro destino foi a França, que ainda sentia as repercussões das Revoluções de 1848, também conhecidas como Primavera dos Povos, movimentos reformistas que abalaram várias nações europeias. Em 1850, ano seguinte à sua chegada em terras estrangeiras, publicava-se, no Brasil, seu romance literário em dois volumes, intitulado *Dedicação de uma amiga*, no qual misturava ficção e realidade, fazendo “verdadeiros discursos sobre a educação moral das jovens; o amor puro e desinteressado que deve unir um casal; a honestidade e a ética que devem gerir todo comportamento humano” (Duarte, 2019, p. 81). De acordo com Duarte, ainda naquele ano, Nísia teria viajado até Bolonha, na Itália, enquanto:

No Rio de Janeiro, o periódico *O Liberal* publicava, de 10 de maio a 7 de junho, quatro artigos intitulados “A emancipação da mulher” e, a partir de 28 de junho,

⁴⁴ Tipo de embarcação de propulsão mista, movida por remos e velas.

uma série de artigos sobre “A educação moral dos homens”, todos assinados com três asteriscos. Alguns biógrafos, entre eles Adauto da Câmara, insistem em atribuir a Nísia Floresta a autoria desses trabalhos devido às semelhanças de certas colocações e procedimentos (Duarte, 2019, p. 81-82 apud Câmara, 1997, p. 144).

Já em 1851, Nísia assistia ao Curso de História Geral da Humanidade ministrado por Auguste Comte, em Paris, com quem desenvolveria uma relação de amizade anos mais tarde. E em agosto desse ano, embarcou rumo a Portugal, onde ficaria por um período de seis meses antes de realizar a sua primeira viagem de volta ao Brasil. Conforme Duarte (2019), durante a sua estadia em Portugal, conheceu uma variedade de intelectuais proeminentes da época.

Dentre as personalidades que Nísia conheceu nessa temporada estava Alexandre Herculano, que usufruía de grande prestígio junto à Corte, por ter sido bibliotecário da Biblioteca do Porto e Diretor da Revista Artística e Científica *O Panorama* (1837-1868), da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis de Lisboa, [...] autor de diversos títulos de enorme sucesso, como *Eurico*, *o Presbítero*, *O Monge de Cister* e *Poesias*. Herculano vai granjear ainda mais prestígio ao dar início àquela que será considerada uma de suas obras mais notáveis: *História de Portugal* (1846-1853), que contribui para finalmente introduzir a historiografia científica no país. Nísia Floresta conheceu também o Visconde de Almeida Garrett, escritor, dramaturgo, ministro e secretário de estado, autor de *Camões*, *Viagens na minha terra* e *Folhas caídas* [...] Para completar as personalidades com que conviveu em Portugal, lembro Antônio Feliciano de Castilho, poeta, polemista e pedagogo, cujo *Método Castilho de Leitura* tornou-o ainda mais conhecido (Duarte, 2019, p. 84-85).

Na continuidade de sua história, em 1852, após três anos viajando pela Europa, retornou à sua terra natal, onde Dom Pedro II, completando seu nono ano de reinado, enfrentava uma fase de relativa paz, que se estenderia até por volta de 1860, seguindo a derrota da Revolução Praieira, na província de Pernambuco.

No ano seguinte, 1853, Nísia publicaria a sua obra mais significativa, o *Opúsculo humanitário*, na qual destacou a importância da educação feminina para o progresso social, histórico e cultural de uma civilização, enquanto enfatizava a necessidade de uma reforma profunda no sistema educacional brasileiro para que o país pudesse ser verdadeiramente civilizado. Além disso, de volta ao Brasil, retomou suas atribuições como diretora do Colégio Augusto.

Ainda naquele ano, faleceu a sua meia-irmã Maria Izabel do Sacramento, seguida pela morte da sua mãe, Antônia Clara Freire, em agosto de 1855, após uma pneumonia. De acordo com Duarte (2019), durante esse período foram publicados dois artigos em anonimato, ambos no *Diário do Rio de Janeiro*, que especulam terem sido escritos por Nísia, pelas similaridades apresentadas entre as ideias definidas e o estilo de escrita de suas outras obras. O primeiro artigo teria sido publicado em 21 de janeiro de 1854, intitulado *A emancipação*, e o segundo, no dia 2 de fevereiro, intitulado *A Mulher*.

Entre 1855 e 1856, ela publicou uma série de artigos. Segundo Duarte (2019, p. 105), “nos dias 14 e 30 de março; 15 e 30 de abril; 15 e 31 de maio; e 15 e 30 de junho de 1855, ela

se antecipa aos pensadores mais lúcidos e conscientes do país ao abordar o tema tabu da escravidão”, publicando *Páginas de uma vida obscura* no jornal *O Brasil ilustrado*. Texto no qual, segundo Duarte (2019), narra a história de Domingos, um escravo cujas virtudes contrastam com a crueldade do sistema escravocrata, com o intuito de denunciar a opressão e questionar a prática cristã das(os) senhoras(es), buscando sensibilizar a elite para uma mudança humanística nas relações de escravidão.

Posteriormente, em 30 de abril de 1855, publicou, no mesmo jornal, o poema *Um improviso*. E em 15 de julho, o texto intitulado *Passeio ao Aqueduto da Carioca*, narrativa em que descreveu um passeio no Rio de Janeiro de um viajante imaginário, apresentando-lhe as belezas naturais da metrópole, enquanto habilmente entrelaçava observações sobre os problemas sociais enfrentados pela população local (Duarte, 2019).

Em 24 de setembro de 1855, publicou no *Correio Mercantil* o texto intitulado *Um apelo à caridade feminil*, no qual incentiva mulheres a se unirem em apoio à crise que recaía sobre o Rio de Janeiro, decorrente de um surto repentino de cólera-morbo que paralisava a cidade. Conforme Duarte (2019), em resposta a essa tragédia, Nísia se voluntariou no Hospital de Nossa Senhora da Conceição e, por meio do texto publicado, buscava inspirar outras mulheres a seguirem o seu exemplo. Em 31 de março de 1856, voltou a publicar no jornal *O Brasil Ilustrado*, com um texto nomeado *O pranto filial*. E lança, no mesmo ano, *Pensamentos*, livro em formato de coletânea de versos.

Em 10 de abril de 1856, Nísia decide embarcar rumo a uma segunda viagem pela Europa, acompanhada somente por sua filha, Lívia, com destino a Paris. De acordo com Duarte (2019, p. 120), “O Colégio Augusto ainda anunciou seus cursos nos jornais daquele ano, mas foram as últimas notícias. Após dezessete anos de funcionamento, o Colégio de Nísia Floresta fechava finalmente suas portas.”.

De volta à França, após um intervalo de cinco anos, Nísia e sua filha encontram em Paris um cenário político profundamente alterado desde a sua última visita. Na ausência delas, após terem partido para Portugal em 1851, Louis-Napoleon Bonaparte, também conhecido como Napoleão III, havia se autoproclamado imperador, marcando o início do Segundo Império Francês (1852-1870). Evento que traria transformações substanciais para a França e impactariam o contexto em que Nísia e Lívia se inserirem ao retornarem ao país.

Conforme Duarte (2019), ainda em 1856, no mesmo ano de sua chegada ao país, Nísia já publicava uma carta na revista francesa *Idéal des Peuples* (Ideal dos Povos), intitulada *Lettre au Brésil* (Carta ao Brasil). Também teria viajado pela Alemanha entre agosto e setembro. Viagem que lhe renderia um livro no ano seguinte, publicado sobre o

título de *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* (Itinerário de uma viagem à Alemanha), uma obra composta por cartas endereçadas às suas irmãs e ao filho, onde compartilha suas reflexões e experiências durante a viagem. Além disso, durante o período de 1856 a 1857, desenvolveria uma relação de amizade com Auguste Comte.

Em 1858, após um breve retorno a Paris, Nísia embarcou rumo à Itália, uma viagem que se estenderia de 19 de março daquele ano até cerca de 1861. Essa experiência, conforme Duarte (2019), não foi somente extensa em duração, mas também em amplitude, permitindo-lhe explorar vastamente o país.

[...] o que lhe permite percorrer praticamente todo o país... Roma, Florença, Veneza, Verona, Milão, Livorno, Pádua, Mântua, Pisa, Mombasilio e Mandovi foram as cidades visitadas, algumas mais de uma vez. Também conhece a Sicília, Palermo, Siracuse, Messine, e ainda tem fôlego para ir à Grécia, e conhecer Pireu, Atenas, Elêusis, Esparta, Argos, Corinto, Mesolóngi... O espírito aventureiro de Nísia Floresta estava mais livre que nunca, assim como sua inspiração (Duarte, 2019, p. 137).

Segundo esta autora, a experiência de percorrer praticamente toda a Itália e a Grécia não só estimulou o espírito aventureiro de Nísia, como também foi uma considerável fonte de inspiração, que culminou em uma série de publicações.

Daí a temporada italiana render diversos livros, como *Scintille d'un'anima brasiliana* [Cintilações de uma alma brasileira], publicado em Florença, em 1859, assinado Floresta Augusta Brasileira; *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce* [Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia], em dois volumes, assinados por Une Brésilienne, publicados em Paris em 1864 e 1872; e as traduções *Consigli a mia figlia*, *Conseils à ma fille* e *Le lagrime d'un Caeté*. Além disso, ainda publicou artigos na imprensa italiana, como o ensaio “*Alcune dottrine sull'Educazione ed istruzione della donna*” [Algumas doutrinas sobre educação e instrução da mulher], que circulou no jornal *L'Arte*, de Florença, nos dias 11, 14 e 18 de fevereiro de 1857. *Consigli a mia figlia*, cuja versão para o italiano foi feita pela própria autora, teve não só uma, mas duas edições italianas. A primeira surgiu em Florença, em 1858, e a segunda em Piemonte, no ano seguinte, sob o patrocínio da Associação da Propaganda de Valença, para ser adotada nas escolas da região. A recepção nos jornais logo se manifestou, e *L'Età Presente*, de 14 de agosto de 1858, de Veneza, e *L'Imparziale Fiorentino*, de 26 de outubro do mesmo ano, de Florença, foram pródigos em elogios (Duarte, 2019, p. 137-138).

Neste sentido, Duarte (2019) destaca que a obra de maior inspiração produzida por Nísia durante esse período foi *Cintilações de uma Alma Brasileira*, uma coletânea de cinco ensaios: *Il Brasile – O Brasil*; *L'Abisso sotto i fiori della civiltà – O abismo sob as flores da civilização*; *La donna – A mulher*; *Viaggio magnetico – Viagem magnética*; e *Una passeggiata al giardino di Lussemburgo – Um passeio no Jardim de Luxemburgo*.

Em 1859, Duarte (2019, p. 156) apurou que Nísia, enquanto residia em Florença, participou de um curso de Botânica do “sábio professor Parlatore”; e que, no ano seguinte, participou de “cursos em agremiações intelectuais florentinas sobre Dante”, além de um “um

curso de Física, com Monsieur Govi”, e que, anteriormente, em Paris, teria “assistido aulas de Química do conhecido cientista Henri Victor Regnault”.

Após explorar por aproximadamente três anos o território italiano, Nísia voltou a residir em Paris, em 1861, onde publicou, em 1864, o primeiro volume de *Trois ans em Italie, suivis d'un voyage en Grèce* (*Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia*), seguido do segundo volume publicado em 1867 (Duarte, 2019).

Paralelamente, em 1855, era publicada a tradução inglesa realizada por Livia dos ensaios de *Scintille: La Donna*, traduzida para *Woman*. Em 1857, Nísia publicou *Parsis*, romance que, segundo Duarte (2019, p. 169), parece ter sido perdido de forma definitiva, não sendo possível encontrar referências a ele nos catálogos da Biblioteca Nacional de Paris, contudo “costuma ser incluído entre as publicações da autora por quase todos que listam sua obra”. E, em 1871, era publicada a tradução do ensaio *Le Brésil*, feita por Livia.

De acordo com Duarte (2019), no dia 31 de maio de 1872, Nísia partiu de Paris com destino ao Rio de Janeiro, movida pelo clima de instabilidade política que havia irrompido na França no ano anterior, quando, em 19 de julho, Napoleão III declarou guerra imprudentemente à Prússia. Conflito que culminou em um cerco a Paris pelas forças prussianas durante quase cinco meses, de 17 de setembro de 1870 até 28 de janeiro de 1871, quando Paris finalmente se rende. Contudo, essa rendição não representou um fim aos conflitos na cidade.

Após o término do Cerco de Paris e a rendição às forças prussianas, a política parisiense se dividiu entre os que desejavam continuar resistindo e aqueles que preferiam se render. Esse cenário culminou na formação da Comuna de Paris, em 18 de março de 1871, governo revolucionário e socialista, que manteve Paris sob seu controle por cerca de dois meses antes de ser brutalmente reprimido pelas forças do governo francês. O trágico episódio chegou ao fim em maio de 1871, com a chamada "Semana Sangrenta", quando o exército francês retomou a cidade, resultando em milhares de mortes.

Nesse cenário de horror, Nísia e Livia teria decidido deixar Paris e regressar ao Brasil. Seguindo primeiramente para Londres, onde passaram alguns meses antes de ir para Lisboa, onde embarcaria sozinha em direção ao Rio de Janeiro. Livia teria optado por permanecer na metrópole portuguesa, “como preceptora dos filhos de uma família conhecida” (Duarte, 2019, p. 172). Contudo:

“[...] a estada em terras brasileiras passou rápido. E, numa “tempestuosa e lúgubre manhã de 24 de março de 1875”, após trinta e três meses e 27 dias, pouco mais de dois anos – foi ela quem fez as contas – Nísia Floresta retorna à Europa em

definitivo [...] Seu primeiro destino foi a Inglaterra, onde a filha a aguardava” (Duarte, 2019, p. 178).

Ainda naquele ano, no dia 9 de novembro, seu irmão, Joaquim Pinto Brasil, faleceu no Rio de Janeiro vítima de pleuropneumonia, e por consequência da distância, Nísia receberia a notícia somente semanas depois. “Após alguns meses em Londres, Nísia Floresta segue para Lisboa, onde permaneceu ainda algum tempo antes de retornar à França” (Duarte, 2019, p. 179). Em 1878, aos 68 anos de idade, publica em Paris o seu último trabalho, intitulado *Fragments d'un ouvrage inédit – Notes biographiques (Fragmentos de uma obra inédita – Notas biográficas)*. Que foi, segundo Duarte (2019):

Dedicado à irmã F. Clara de Medeiros, a obra em princípio devia tratar apenas do irmão Joaquim Pinto Brasil. Mas a profusão de informações biográficas sobre a própria autora, assim como a exposição de seu estado emocional, torna o livro quase um memorial de Nísia Floresta. Na primeira parte, dividida em treze pequenos capítulos, a autora rememora sua infância e juventude ao lado do irmão, narrando a própria trajetória de vida, as residências em Paris, Florença, Lisboa, Londres e Alemanha; a dramática experiência vivenciada em Paris, até o momento em que decide retornar ao Brasil. A segunda parte, intitulada “Notas biográficas”, contém episódios da vida de Joaquim Pinto Brasil desde o nascimento (Duarte, 2019, p. 183).

Por fim, após 1878, Nísia se muda para Rouen, “uma bonita cidade medieval do interior da França, que dista hoje de Paris cerca de hora e meia de trem.”, onde Nísia teria vivido de maneira “quase reclusa em sua casa na Grande Route, 120, idosa e começando a ter problemas de saúde” (Duarte, 2019, p. 184). Paralelamente, no Rio Grande do Norte:

Isabel Gondim, uma escritora também nascida em Papari [...] através de cartas e de um texto intitulado “Notícia de sua individualidade”, de 1884, acusava a conterrânea de ser leviana, mestiça e adúltera, lançando dúvidas também sobre a autoria de seus trabalhos (Duarte, 2019, p. 184).

Conforme a pesquisadora (2019, p. 186), a campanha difamatória empreendida por Isabel é efetiva, de tal modo que Nísia seria esquecida, e “durante algumas dezenas de anos vão predominar comentários maldosos, o desprezo e a dúvida, principalmente entre os norte-rio-grandenses. Nísia Floresta não era motivo de orgulho, mas de vergonha para muitos”.

Contudo, aventa-se que Isabel Gondim “deve ter construído seu julgamento a partir de informações desencontradas, trazidas pelas poucas pessoas que viajavam, e as imaginadas pelos que aí ficavam.”. E assim, deixando-se ser influenciada, “sempre austera e rígida em seus princípios morais, tenha apenas dado forma aos boatos e verbalizado o preconceito da maioria de seus contemporâneos” (Duarte, 2019, p. 184).

Aos 75 anos de idade, em “24 de abril de 1885, numa quarta-feira de muita chuva, às nove horas da noite, Nísia Floresta Brasileira Augusta morria em Rouen, vitimada por uma pneumonia” (Duarte, 2019, p. 187), como sua mãe. Sendo enterrada poucas semanas depois em um jazigo no Cemitério de Bonsecours, localizado próximo de Rouen.

8.2 Os Primeiros Passos de Nísia no Debate Sobre a Educação Feminina e a Tradução como Apropriação

Conforme Duarte (2019), em 1831, quatro anos após a promulgação da Lei Educacional de 1827, Nísia estreava como autora no jornal *Espelho das Brasileiras (PE)*, publicando artigos que seriam posteriormente expandidos e reunidos em sua obra de maior relevância, *Opúsculo Humanitário*, publicada 22 anos depois, em 1853. Como já mencionado, dentre esses textos conseguimos localizar somente um, que embora incompleto evidencia o seu notável compromisso com uma reforma do ensino feminino no Brasil oitocentista, uma vez que ela possuía apenas 21 anos de idade em sua publicação.

No artigo que encontramos, ela critica a educação destinada às mulheres/meninas, argumentando que sua inadequação não somente restringia o desenvolvimento intelectual feminino, mas também comprometia a harmonia social e familiar das mulheres/meninas. Sugerindo que uma formação deficiente acarretaria desentendimentos conjugais, decepções familiares e até tragédias, como a morte de pais profundamente decepcionados, além de agravar a estabilidade emocional das mulheres/meninas. Argumentos que rebatiam diretamente as representações femininas inscritas e reproduzidas na Lei Educacional de 1827, que reduziam a representação da mulher aos papéis de mãe e esposa.

Era precisamente nesse diálogo que, em nossa interpretação, seu maior mérito se encontrava. Pois por meio deste ela subvertia os argumentos que defendiam que as mulheres/meninas não necessitavam de um ensino amplo, ou mais cuidadoso, por estarem destinadas essencialmente aos papéis sociais de mães e esposas, premissa que havia sido mobilizada como já demonstrado⁴⁵, na estruturação de um currículo feminino limitado em relação ao masculino na Lei Educacional de 1827. Em uma reconfiguração, ela mostrava que eram estas precisamente as razões para que fosse oferecido às mulheres/meninas um ensino de melhor qualidade, uma vez que os problemas decorrentes de uma educação precária afetaria não apenas as próprias mulheres/meninas, mas também seus pais e futuros maridos.

⁴⁵ Ver análise realizada no capítulo 6 “A EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL OITOCENTISTA”, seção 6.1 “Lei Educacional de 15 de outubro de 1827”.

Argumento subversivo que identificamos estar presente em todas as suas obras subsequentes⁴⁶, – com as quais dialogaremos posteriormente – e por meio do qual, supomos, buscava captar a atenção do segmento masculino da população, que detentores do poder político, teriam os meios de proporcionar às mulheres/meninas uma educação mais apropriada, uma vez motivados por sua importância fundamental a um bem-estar concebido como coletivo, mas essencialmente constituído a partir de suas necessidades e interesses próprios.

Nesse sentido, podemos interpretar o argumento de Nísia como uma prática cultural (Barros, 2011; Chartier, 2002) que, ao mesmo tempo em que parecia dialogar com as representações hegemônicas de gênero, na verdade as rebatia, uma vez que ao dirigir-se aos homens ela não somente reconhecia a autoridade política e social que detinham, mas também a utilizava como uma ferramenta para amplificar sua mensagem. E, ao fazê-lo, Nísia não se limitava a reproduzir o discurso dominante, ela apropriava-se dele, reinterpretava os significados culturais vigentes, atribuindo-lhes novos sentidos que serviam aos seus propósitos de modificar a educação feminina no Brasil (Chartier, 2002).

Sua estratégia pode ser melhor compreendida a partir das lutas de representações, tal como proposto por Chartier (2002). Ao inserir-se no campo discursivo dominado pelos homens, Nísia engajava-se em uma disputa simbólica pela definição dos significados culturais associados à educação e ao papel das mulheres na sociedade. Seu argumento, aparentemente conciliador, escondia uma crítica às estruturas de poder que perpetuavam a desigualdade de gênero.

Assim, ao apresentar a educação feminina como um benefício coletivo, ela não somente legitimava seus argumentos perante um público masculino, como também rebatia as representações tradicionais da mulher como ser passivo e confinado ao espaço doméstico, propondo uma nova representação da mulher como sujeito ativo, intelectual e capaz de contribuir para um bem-estar comum. Dado que as lutas de representações são tão importantes quanto as lutas materiais, pois envolvem a disputa pela imposição de uma determinada representação do mundo social (Chartier, 2002).

Nessa perspectiva, em 1832, Nísia publicava a tradução do livro *La femme n'est pas inférieure à l'homme* (*A mulher não é inferior ao homem*), que havia sido publicado em 1739, sob o pseudônimo de Sophia, intitulada *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*. Obra que consideramos ter influenciado significativamente a sua formação e as pautas que

⁴⁶ Salientamos que esta análise se restringe às obras selecionadas para compor o corpus da presente pesquisa.

levantou durante a sua vida, como a reivindicação de uma educação feminina de qualidade e dos direitos das mulheres, visto que entrou em contato com a obra em tenra idade, aos seus 22 anos.

Nesse sentido, conforme Chartier (2002), compreendemos seu trabalho de tradução – mesmo que este tenha se dado segundo Margutti (2019) de modo literal – como uma apropriação. Caracterizada pela ressignificação constituída por Nísia das questões abordadas no livro, reinterpretadas e adaptadas a partir de suas próprias experiências e do contexto social e cultural brasileiro, o que ficou, posteriormente, demarcado nas demais obras de Nísia.

Nas quais ela usou um tom mais ameno para tratar de temas polêmicos – justificável, conforme conjecturamos, pelo reconhecimento do contexto conservador e religioso em que estava inserida, pela necessidade de evitar possíveis repercussões ao adotar uma postura mais radical e pela adaptação de suas abordagens a um público-alvo – ainda que mantivesse seus posicionamentos e sua proposta educacional para as mulheres/meninas, bem como seu caminho para a emancipação feminina, ambas questões tratadas em *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* de forma mais assertiva do que em suas obras futuras – discutiremos, essa mudança de posicionamento de Nísia, mais a frente.

A obra em questão pode ser interpretada como um manifesto das ideias que Nísia almejava ver instituídas na sociedade brasileira, especialmente com relação à educação das mulheres/meninas e à valorização intelectual delas. Mas que encontravam-se distantes de uma concretização, considerando o contexto social e cultural do Brasil em 1832, que era marcado por uma estrutura patriarcal rigidamente estabelecida, na qual a educação das mulheres era vista como praticamente dispensável.

[...] o Brasil de 1832 havia acabado de sair do período colonial e, naquela época, ainda era possível observar dois países distintos para as mulheres: o Brasil da mulher branca e da classe dominante e o Brasil da mulher negra e escrava. De acordo com Teles (2017), a mulher branca era explorada de maneira que o patriarcado pudesse utilizá-la a serviço do recente capitalismo que se desenvolvia no país. Ou seja: casavam muito novas com homens que eram escolhidos pelos seus pais, assumindo o papel de esposa de senhores pertencentes à classe dominante - geralmente homens que eram proprietários de terras e donos de escravos (TELES, 2017, p. 29), e de mães. Ainda segundo a autora, as atividades do lar também eram de responsabilidades da mulher tais como organizar a cozinha e cuidar das crianças, além de outras atividades e ocupação como a fição, a tecelagem e o cuidado com o pomar (Coelho, 2019, p. 88 apud Talles, 2017).

E que ainda se encontraria distante 21 anos depois, conforme apontado por ela em *Opúsculo Humanitário*, em 1853, “enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado – emancipação da mulher – nossa débil voz se levanta, na capital do império de Santa Cruz,

clamando – educai as mulheres!” (Floresta, 2019, p. 17). Isso evidencia a permanência de uma negligência educacional em relação às mulheres/meninas no Brasil, mesmo após duas décadas da publicação de sua tradução, que contrastava com os avanços a favor da emancipação das mulheres, que começavam a ganhar força em outras partes do mundo. Desse modo:

A literatura era o meio pelo qual Nísia Floresta poderia falar sobre seus anseios pelos direitos das mulheres. Ela seria, portanto, seu gênero promocional, que através de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, a autora brasileira pôde "recontextualizar" as questões de poder existentes na época. Por que haviam se estabelecido diferenças entre homens e mulheres? Sob quais justificativas? A obra em inglês, *Woman not inferior to man*, traz algumas das crenças existentes na época, que viriam a se encaixar perfeitamente no contexto brasileiro (Coelho, 2019, p. 68-69).

Interpretação reforçada pela dedicatória – citada abaixo – e pelo prefácio da tradução, que segundo Margutti (2019), são as únicas partes da obra cuja autoria é de Nísia. Passagens nas quais expressa o seu desejo de incentivar as mulheres/meninas a buscarem tanto uma instrução moral quanto intelectual, ao mesmo tempo que criticava a opressão intelectual imposta a elas pelo segmento masculino da população, premissas recorrentes em suas obras subsequentes, como pode se observar em excerto de seu prefácio.

E de vós, mocidade Acadêmica, em quem a Nação tem depositado as mais belas esperanças, que sabereis corresponder à sua expectativa, igualmente espero, que atendendo o estado a que nosso infeliz sexo tem sido injustamente condenado, privado das vantagens de uma boa educação, longe de criticardes a minha temeridade, lamentareis a nossa sorte, pois que até em pequenas empresas não podemos desenvolver nossos talentos naturais. Assim como [espero] que, algum dia nas horas vagas de vossos altos ministérios, lançareis vistas de justiça sobre nosso sexo em geral, se não empreender uma metamorfose na ordem presente das coisas, ao menos para conseguirmos uma melhor sorte, de que não duvidareis, somos dignas (Floresta, [s.d.], p. 111-112).

Também indicava o público-alvo que tinha em mente: “às brasileiras e mocidade Acadêmica”. Contudo, assim como no artigo publicado no *Espelho das Brasileiras* e em *Opúsculo Humanitário* nota-se uma estratégia discursiva que sugeria uma intenção mais ampla de alcançar o público masculino, que uma vez sensibilizado, detinha o poder político e intelectual necessário para promover mudanças concretas no cenário educacional e social brasileiro.

[...] Apesar de os vocativos indicarem o Opúsculo como uma obra direcionada a um auditório variado, sentimos a necessidade de problematizar um pouco esta questão [...] esta obra, inicialmente, foi publicada em jornais de grande circulação do século XIX, isto é, ocupavam o espaço público, que, por sua vez, era dominado, majoritariamente, pelos homens e que, possivelmente, eram lidos por eles em primeira mão. A argumentatividade do texto de Nísia, além das numerosas referências que a autora faz a escritores, poetas, filósofos, líderes governamentais,

[...] além de questões contextuais, fazem-nos pensar que, possivelmente, seu público imediato real seria composto majoritariamente por homens [...] Questionamos se, nessas condições, as mulheres conseguiriam ter acesso ou, ainda, se, realmente, compreenderiam, criticamente, o Opúsculo, mais complexo e rebuscado [...] Assim, acreditamos que os vocativos que mostram auditórios variados presentes no Opúsculo representariam mais a vontade da autora de disseminar, vastamente, seu pensamento do que sua percepção a respeito dos leitores imediatos reais (Silva, 2020, p. 185-186).

A apropriação realizada em *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* é ressaltada, uma vez que os argumentos presentes nessa obra são retomados e reelaborados, de modo que Nísia fez uma apropriação de *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* e logo passou a representá-la por meio de suas obras subsequentes (Chartier, 2002). Mas, conforme já mencionado, em obras subsequentes ela utilizará um tom mais brando, visto que seu texto objetivava reivindicar uma emancipação feminina mais relacionada às ideias de direitos civis e uma igualdade legal.

Nísia, por sua vez, embora dialogasse diretamente com esse movimento - como demonstraremos posteriormente ao expor os seus pensamentos educacionais - , direcionava a sua atuação para a defesa de uma reforma educacional voltada às mulheres/meninas no Brasil, conforme apontado por ela em *Opúsculo Humanitário*: “Deixemos a Wollstonecraft, Condorcet, Sieyes, Legouv   etc⁴⁷. a defesa dos direitos do sexo; a nossa tarefa    outra, e cremos que mais conveniente ser      sociedades modernas: a educa  o da mulher” (Floresta, 2019, p. 33).

Sob essa perspectiva, supomos que os artigos escritos para o jornal *Espelho das Brasileiras* tamb  m tenham sido influenciados pela apropria  o de *La Femme n’est pas inf  rieure    l’Homme*, ao conjecturarmos a possibilidade de que foram elaborados paralelamente    tradu  o da obra. Hip  tese refor  ada pelo curto intervalo de tempo entre as publica  es, bem como pela breve men  o no artigo em quest  o de “autores de grande nomeada” que, segundo N  sia, escreveram sobre uma educa  o para mulheres/meninas mais enriquecedoras do que aquela oferecida no Brasil.

Refer  ncia que tamb  m sugeria um di  logo com as ideias europeias sobre a instru  o feminina, uma vez que esta era negligenciada at   ent  o no Brasil, ao mesmo tempo que sinalizava uma inten  o de contrastar o atraso educacional brasileiro em rela  o a outras na  es, objetivando ressaltar a necessidade de reformas na educa  o orientada as mulheres/meninas no Brasil, que foi efetivada em *Op  sculo Humanit  rio*.

⁴⁷ Mary Wollstonecraft (1759-1797), Nicolas de Condorcet (1743-1794), Emmanuel Siey  s (1748-1836) e Ernest Legouv   (1807-1903) foram pensadoras(es) cujas obras influenciaram o debate sobre os direitos das mulheres entre os s  culos XVIII e XIX.

Ainda, nesse sentido, podemos conjecturar que os artigos, bem como suas obras posteriores, especialmente *Opúsculo Humanitário*, foram também influenciados pela obra *A vindication of the rights of woman* (Reivindicação dos direitos da mulher), escrita por Mary Wollstonecraft, em 1792, e o movimento que se iniciava com ela; uma vez que Nísia, ao traduzir *La femme n'est pas inférieure à l'homme*, atribuiu a autoria a Wollstonecraft, fato que por muito tempo fez com que o livro fosse considerado uma tradução livre da obra escrita pela autora inglesa (Margutti, 2019).

A publicação de Direito das Mulheres e Direitos dos Homens foi uma publicação de Nísia Floresta, mas não foi uma tradução “livremente inspirada” em *Vindication of the rights of woman* de Mary Wollstonecraft, como ela mesma indicou na primeira edição, foi uma publicação livremente inspirada nas iniciativas dessa escritora, a qual deixou marcos na história, especialmente do movimento feminista no mundo. Provavelmente por essa importância associada ao nome de Mary Wollstonecraft é que Nísia Floresta ousou referenciá-la em sua obra, traduzida integralmente do original *La femme n'est pas inférieure à l'homme*, com autoria assinada por Sophia (Coelho, 2019, p. 90).

8.3 A Resistência Masculina à Educação das Mulheres

Por que os homens negam às mulheres a educação? Porque “déspotas querem escravos que se submetam humilde e cegamente à execução de suas vontades, e não inteligências que se oponham a eles e ensinem aos povos a sacudir o seu jugo” (Floresta, 2019, p. 20-21). E assim, a manutenção de uma ignorância feminina não é apenas uma simples consequência de um contexto social e cultural, mas um projeto deliberado de dominação, que visa perpetuar uma hierarquização de gênero, uma subordinação feminina dentro de uma sociedade patriarcal.

Dado que o gênero é, conforme Scott (1995), um elemento constitutivo das relações de poder, historicamente instrumentalizado para justificar desigualdades e naturalizar a exclusão das mulheres do saber e de espaços políticos, a marginalização e/ou exclusão feminina no acesso ao conhecimento, também naquele tempo, não foi acidental. A marginalização é e foi o resultado de um processo histórico que busca e buscava silenciar as mulheres/meninas e mantê-las em uma posição de subalternidade (Perrot, 2017).

Partindo da idealização de uma representação androcêntrica de mundo, Nísia criticou em *Opúsculo Humanitário*, contundentemente, a representação (Barros 2011) de mulher constituída e endossada pelos homens, que as restringiam a funções de cuidado, obediência e procriação, negando-lhes a autonomia e o acesso ao conhecimento, que lhes asseguravam a dominação masculina como fundamento estruturante da sociedade, princípio autenticado “em

duas palavras do sábio e austero Catão [...] ‘Tratemos as mulheres como nossas iguais, e, para logo, elas tornar-se-ão nossas senhoras, e exigirão como tributo o que hoje recebem como uma graça.’” (Floresta, 2019, p. 21). Crítica que se faz igualmente presente em *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, onde Nísia denunciou como os homens tratavam as mulheres como suas posses, legitimando sua subordinação.

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens [...] parecem concluir que todas as outras criaturas foram formadas para eles, ao mesmo tempo em que eles não foram criados senão quando tudo isto se achava disposto para seu uso (Floresta, [s.d.], p. 123).

Dessa forma, a crítica feita por Nísia se alinha à compreensão de Scott (1995) e Perrot (2017) ao evidenciar que a negação do acesso feminino ao conhecimento e à autonomia não era somente uma consequência da organização social, mas um instrumento ativo de dominação, que estruturava e legitimava a desigualdade de gênero. Dito isso, em *Opúsculo Humanitário*, ela aponta a instrumentalização da força física, o determinismo biológico, como o mecanismo de imposição de poder manipulado pelos homens no intuito de manter as mulheres/meninas na ignorância, negando-lhes acesso à educação, segundo ela:

[...] “o homem, ainda semisselvagem, arrogou a si a preeminência da força física; e tudo lhe foi submetido, a moral, assim como a inteligência da mulher, que ele quis [que] permanecesse sempre inculta, para que mais facilmente desempenhasse a humilhante missão a que a destinava” (Floresta, 2019, p. 19).

Com isso, ao associar uma suposta superioridade masculina à força física, os homens, segundo Nísia, não apenas justificavam a subordinação das mulheres/meninas com base em sua alegada fraqueza física que as tornavam “inferiores”, como também utilizavam de tal argumento para sustentar a ideia de uma inferioridade intelectual feminina.

Dessa forma, pode-se interpretar que a força física era instrumentalizada como critério determinante para a capacidade intelectual de um indivíduo, que por sua vez reforçava a exclusão das mulheres/meninas do saber e naturalizava sua posição de submissão. Essa leitura do pensamento de Nísia sugere que, ao atrelar a força física à inteligência, os homens justificavam a inferiorização feminina e a privação de seu acesso ao conhecimento.

Contrapondo-se a essa concepção, Nísia afirma em *Opúsculo Humanitário* que “não é a natureza física, como pretende Helvecio, que faz a superioridade do homem, mas sim a inteligência [...] E a inteligência, que não tem sexo, pode ser igualmente superior na mulher” (Floresta, 2019, p. 53). A partir dessa afirmação, pode-se interpretar que Nísia rejeitava os

discursos que vinculavam o determinismo biológico a uma inferioridade intelectual feminina, pois compreendia que a inteligência não estava condicionada à força física. Assim, sua crítica sugere que a suposta superioridade masculina não poderia ser justificada com base em diferenças biológicas, mas sim pelas oportunidades desiguais de acesso ao conhecimento concedidas às mulheres/meninas e aos homens/meninos.

Com isso em mente, ela relaciona as barreiras e limitações educacionais que segregavam as mulheres/meninas sob um manto de projeto social e político que visava mantê-las na ignorância. Segundo ela, a privação do conhecimento funcionava como um instrumento de controle que facilitava imposições absolutistas. Dessa forma, os argumentos e discursos masculinos contrários à educação feminina não se baseavam somente em supostas diferenças biológicas que buscavam inferiorizar as mulheres/meninas, mas também no temor de que o acesso ao saber lhes concedesse autonomia e poder de contestação, desestabilizando a ordem patriarcal e autoritária masculina, conforme observado em *Opúsculo Humanitário*:

Quanto mais ignorante é um povo, tanto mais fácil é a um governo absoluto exercer sobre ele o seu ilimitado poder. É partindo deste princípio, tão contrário à marcha progressiva da civilização, que a maior parte dos homens se opõe a que se facilite à mulher os meios de cultivar o seu espírito. Porém, é este um erro, que foi e será sempre funesto à prosperidade das nações, como à ventura doméstica do homem. O país onde o soberano é mais absoluto é justamente aquele em que o seu poder está menos seguro (Floresta, 2019, p. 51).

Ela ainda argumentava que ao restringir o acesso das mulheres/meninas à educação, os homens incentivavam preocupações superficiais voltadas para a beleza e a aparência. Compreendidas em *Fany ou o Modelo das Donzelas*, como um “fútil e frágil atrativo que não tinha merecimento” (Floresta, 2023b, p. 10); o que, por sua vez, consolidaria uma representação (Barros, 2011) de feminilidade baseada na beleza estética, que (segundo ela) não apenas reduzia as mulheres/meninas a meros objetos de prazer, destinadas a agradar e subjugar os homens por meio da aparência, mas também as despojava de suas dignidades, impedindo-as de desenvolver a sua inteligência e autonomia.

A falta de uma boa educação é a causa capital que contribui para que a mulher, no meio da corrupção da sociedade, perca esse norte, o qual não é outro mais que a moral. Procurando-se sempre prender-lhe a inteligência, enfraquecer-lhe os sentidos, inabilitam-na para ocupar-se, como devia, antes de tudo do cuidado de purificar o seu coração, o que nunca poderá ela vantajosamente conseguir se a sua inteligência permanecer sem cultura. Bem diversas desta doutrina são as de Rousseau e Gregory, quando lhe aconselham cultivar o gosto pelos adornos (que ambos pretendem ser natural às mulheres) e embelecer os dotes do corpo, tirando da beleza física e do artifício os meios para subjugar os homens. Todos os que têm escrito sobre a educação da mulher, pregando tão errôneas doutrinas e considerando-a debaixo do ponto de vista puramente material, não têm feito mais do que tirar-lhe toda a dignidade de sua natureza (Floresta, 2019, p. 52).

Nesse sentido, Tedeschi (2012) discute como essas representações, ao priorizarem a beleza e a docilidade como características essenciais da feminilidade, negam o potencial das mulheres como agentes pensantes e atuantes na sociedade. A crítica de Nísia, portanto, não se limitava apenas à exclusão das mulheres/meninas do campo do saber, mas também apontava para um projeto social mais amplo, que buscava manter as mulheres/meninas em posições subordinadas. Isso, por sua vez, restringiam suas possibilidades de ação e reafirmava uma hierarquia de gênero que perpetuava o controle masculino. Assim, a imposição de padrões estéticos e a busca pela conformidade com esses padrões não eram apenas uma questão de aparência, mas funcionavam como ferramentas para garantir a perpetuação de uma ordem patriarcal, limitando as mulheres/meninas à passividade e à subordinação (Scott, 1995).

Dito isso, ao reduzir a representação de feminilidade a um “ponto de vista puramente material”, reforçava-se a ideia de que o “valor” das mulheres/meninas estava diretamente vinculado à beleza estética, em detrimento de suas capacidades intelectuais. Representação que, quando incutida, segundo Nísia, desviava-lhes a atenção do desenvolvimento intelectual, e fortalecia o mecanismo de controle social que as mantinham subjugadas. Desse modo, ela concebia a educação feminina como um meio de romper com esse ciclo de opressão, estruturado deliberadamente para perpetuar a subordinação das mulheres/meninas e garantir a manutenção das hierarquias de gênero existentes.

Nessa perspectiva, ao estudar a História Social da Cultura das Mulheres, foi possível compreender todo um jogo social, cultural e, ainda, político, de exclusão das mulheres. Nísia criticou essa exclusão das mulheres/meninas, que as limitavam atingir diversos campos do saber, e denunciou a instrumentalização do conhecimento como uma forma de dominação masculina. Ao abordar as formas pelas quais a educação feminina era restrita, Nísia revelou como a manutenção da ignorância das mulheres/meninas não era apenas consequência de um contexto cultural e social, mas também parte de um projeto político que visava perpetuar as hierarquias de gênero. Ela entendia o gênero como um elemento constitutivo das relações de poder, no qual a subordinação feminina se dava por meio da exclusão do acesso ao conhecimento, o que estava diretamente ligado à manutenção de um sistema patriarcal.

Assim, ao rejeitar a vinculação da inferioridade feminina ao determinismo biológico, ao afirmar que a inteligência não tem sexo e que as mulheres/meninas são igualmente capazes de alcançar uma dita superioridade intelectual, ao se opor ao discurso de que a mulher deveria se restringir a um papel submisso, ela estava em sintonia com uma crítica mais ampla à representação da feminilidade reduzida à beleza estética e à docilidade.

8.4 O Acesso às Ciências e, Sugestivamente, da Matemática

Rejeitando argumentos fundamentados no determinismo biológico, que sustentou representações de uma suposta inferioridade feminina, Nísia defendeu mais coincidentemente, em *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, a racionalidade das mulheres/meninas, reivindicando o seu acesso delas às ciências e, sugestivamente, também a matemática. Questionou o discurso masculino que retratava as mulheres/meninas como “inimigas da reflexão”, ao mesmo tempo que evidenciava um mecanismo de dominação simbólica, no qual a própria linguagem era empregada como uma ferramenta para restringir o acesso das mulheres às esferas de conhecimento e decisão.

Em primeiro lugar, dizem eles, a maior parte do nosso sexo tem bons intervalos, não há dúvida, mas são de pouca duração; são relâmpagos passageiros de razão, que desvanecem-se rapidamente; somos semelhantes à Lua, que obstante por si mesma, não brilha senão por uma luz emprestada; não temos mais que um falso resplendor mais próprio a surpreender a admiração do que a merecê-la; nós somos inimigas da reflexão; a maior parte de nós pensa senão por acaso, ou por arrebatamento, e não falta senão por uma rotina. Eis as graves acusações intentadas contra a maior parte das mulheres (Floresta, [s.d.], p. 131).

Ela refuta os discursos que apresentavam as mulheres/meninas como desprovidas de razão ou reflexão, afirmando que tal representação era, na verdade, uma construção masculina destinada a deslegitimar o pensamento feminino, uma vez que tais afirmações não eram, condizentes com a realidade das capacidades humanas. Visto que a real diferença entre os sexos residia em condições externas, como a educação, o ambiente social e as oportunidades que lhes eram disponibilizadas, e não em uma suposta aptidão intelectual (Floresta, [s.d.], p. 132). De modo que a negação das mulheres/meninas ao acesso às ciências e, sugestivamente à matemática, dizia mais respeito às dinâmicas e processos de poder do que qualquer limitação real de suas capacidades intelectuais. Como pode se observar em excerto de *Direito das Mulheres Injustiça dos Homens*:

Donde concluem com tanta sabedoria, que tem sido necessário que a Providência Divina e seu senso superior concorram igualmente para nos apartar das ciências, governos e cargos públicos. É por uma indagação exata e sem prejuízo que se pode ver se este argumento tem alguma solidez. Para reconhecer, pois, se as mulheres são menos capazes que os homens para as ciências, é preciso atender qual é o princípio que conduz a este conhecimento; se ele não existe nas mulheres, ou se existe num grau menos perfeito, não se faz necessário mais provas para demonstrar que os homens têm razão. Porém, se ele é perfeito em um como em outro sexo, então deve-se supor os homens invejosos e pode-se dizer, sem temeridade, que a única razão porque nos fecham o caminho às ciências é temerem que nós as levemos a maior perfeição que eles. Todos sabem que a diferença dos sexos só é relativa ao corpo e não existe mais que nas partes propagadoras da espécie humana; porém, a alma que não concorre senão por sua união com o corpo, obra em tudo da mesma maneira sem atenção ao sexo (Floresta, [s.d.], p. 132).

Dessa forma, Nísia não somente questionava os argumentos que sustentavam a exclusão das mulheres/meninas do acesso ao conhecimento, mas também os subvertia sugerindo que a verdadeira motivação para tal exclusão não era a suposta inferioridade feminina, e sim um medo enraizado no segmento masculino da população de que elas pudessem vir a superá-los, e assim inverter as hierarquias de poder que lhes concediam uma posição de domínio. Esse movimento de Nísia nos parece uma construção cultural em que ela vai tecendo suas representações, promovendo um novo caminho que muitas mulheres/meninas podem ter se apropriado.

Reforçando suas críticas às estruturas de poder vigentes, – sustentadas pelo patriarcado, pelo monopólio masculino sobre o conhecimento e pelas instituições educacionais excludentes – Nísia demonstrava que a exclusão das mulheres não se baseava em critérios fundamentados no determinismo biológico, e sim em um sistema de opressão que garantia a perpetuação dos privilégios masculinos, uma vez que as limitações imposta às mulheres/meninas não apenas restringia as suas oportunidades educacionais, mas também representava uma barreira para alcançarem espaços privados, e consequentemente um progresso social.

Ela desconstrói a lógica excludente que sustentava a ideia de que as ciências e, por extensão, a matemática, eram supostamente inúteis para as mulheres/meninas por não ocuparem funções públicas. Nísia evidencia a contradição desse argumento, que operava como um ciclo vicioso de exclusão: as mulheres eram privadas do acesso às ciências sob a justificativa de que não exerciam cargos públicos, enquanto sua ausência nesses espaços era, por sua vez, utilizada como prova de sua falta de aptidão e consequente desqualificação. Raciocínio que não apenas legitimava a desigualdade, mas também a perpetuava ao longo das gerações.

É um grande absurdo pretender que as ciências são inúteis às mulheres, pela razão de que elas são excluídas dos cargos públicos, único fim a que os homens se aplicam. A virtude e a felicidade são tão indispensáveis na vida privada, como na pública, e a ciência é um meio necessário para se alcançar uma e outra. É por ela que se consegue a exatidão do pensamento, a pureza da expressão, a justeza das ações; sem ela não se pode jamais ter um verdadeiro conhecimento de si mesmo; é ela que nos põe em estado de distinguir o bem do mal, o verdadeiro do falso, é ela que nos torna capazes de regular nossas paixões, mostrando-nos que a verdadeira felicidade e virtude consiste em restringir nossos desejos, do que em aumentar o que possuímos. Além disto, seja-me permitido notar o círculo vicioso em que esse desprezível modo de pensar tem colocado os homens sem o perceberem. Por que a ciência nos é inútil? Porque somos excluídas dos cargos públicos; e por que somos excluídas dos cargos públicos? Porque não temos ciência (Floresta, [s.d.], p. 135-136).

Com isso, Nísia não apenas argumentava contra os discursos que fundamentavam a exclusão das mulheres/meninas das ciências e, sugestivamente, da matemática, como também ampliava a noção de sua importância; uma vez que para ela a ciência (abarcando a matemática e outras áreas) e a educação eram instrumentos essenciais para o desenvolvimento da razão, da virtude e da moralidade, aspectos que muito contribuiriam para a formação de sujeitos críticos e autônomos. De modo que seu acesso não deveria ser restrito aos homens que ocupavam espaços públicos, mas sim entendido como um direito fundamental de todos os indivíduos, independentemente de seu gênero.

Ainda nesse sentido, Nísia refuta em *Direito das Mulheres Injustiça do Homens* outro argumento recorrente na exclusão feminina: a ideia de que o estudo e as ciências e, sugestivamente, também a matemática, tornavam as mulheres/meninas ativas e moralmente desviantes. Representação que, segundo ela, não era nada além de um pretexto “desprezível e extravagante”, uma vez que o conhecimento em si não era o que corrompia o caráter, mas sim o seu mau uso e superficialidade, de modo que uma educação bem direcionada não somente aperfeiçoaria as capacidades intelectuais das mulheres/meninas, mas também reforçaria valores como humildade, disciplina e virtude. Dessa forma, ela subvertia a lógica misógina que via a instrução como ameaça, demonstrando que o verdadeiro perigo não residia no avanço intelectual feminino, e sim na ignorância imposta a elas como forma de controle social.

[...] O pretexto que eles alegam é que o estudo e as ciências nos tornariam ativas e viciosas; mas este pretexto é tão desprezível e extravagante e bem digno do seu modo de obrar. Não, só o falso saber e os conhecimentos superficiais são os que produzem tão mau efeito; porque o verdadeiro e sólido conhecimento não pode tornar as mulheres, assim como os homens, senão mais submissas e mais virtuosas. É preciso confessar que se um conhecimento superficial tem tornado vaidosa algumas mulheres, tem igualmente feito insuportáveis muitos homens; mas isto não é razão para se recusar o sólido saber nem a uns, nem a outros. Deve-se pois procurar com todo empenho aperfeiçoar as disposições que se lhes conhece para as ciências, fazer conceber o gosto para elas e ensinar-se-lhes a fundo (Floresta, [s.d.], p. 133-134).

Ao interrogar essas passagens, vamos observando a construção de Nísia em *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, visando dentre tantas reivindicações, também a de acesso às ciências e, supostamente, à matemática. Trechos que vão mostrando parte de suas apropriações – baseada em outras autoras – assim como de suas próprias reflexões diárias, retiradas de um universo de inconformidade vivido no Brasil. A história por si só não nos contaria tudo isso. Foi de uma História Social da Cultura das Mulheres que pudemos interpretar Nísia, compreendê-la, trazer detalhes que outros não captaram – pois não fizeram

as mesmas interrogações –, por exemplo, o detalhe de uma Nísia educadora, professora, que defendeu o acesso das mulheres às ciências e, sugestivamente, à matemática, mas não só isso, uma defesa de acesso de ensino mais a fundo.

Sob essa perspectiva, ela argumentava que as mulheres/meninas não somente eram tão aptas quanto os homens a aprender as ciências e, sugestivamente, também a matemática, mas também a ensiná-las, “ao menos ao nosso sexo” (Floresta, [s.d.], p. 145). Questão que sugeria uma proposta concreta de emancipação feminina por meio do ensino que poderia romper com o ciclo de ignorância imposto a elas. A ideia de mulheres educando mulheres emergia como uma alternativa à dependência da instrução masculina, uma vez que ela questionava diretamente a legitimidade da exclusão feminina dos espaços acadêmicos e profissionais, afirmando que as mulheres/meninas poderiam ensinar e praticar diversas ciências, como a “Medicina, Filosofia, ou Teologia, na qualidade de professora de uma Universidade” (Floresta, [s.d.], p. 144). Conforme excertos de *Direito das Mulheres Injustiça dos Homens*:

Nós podemos, pois, facilmente concluir que, se nosso sexo, como se tem visto até o presente, tem todos os talentos e requisitos para aprender e ensinar as ciências, que põem os homens em estado de possuir o poder e as dignidades, elas são igualmente capazes de reduzir seu saber à prática no exercício de seu poder e dignidades (Floresta, [s.d.], p. 153).

[...] não há ciência, empregos e dignidades, a que as mulheres não tenham tanto direito de pretender como os homens; pois que eles não podem alegar outra superioridade que a força do corpo, para justificar o cuidado que têm de arrogar a si toda autoridade nas mulheres, que possa privá-lo de seu direito, senão a que resulta da injusta opressão dos homens, que é fácil refutar (Floresta, [s.d.], p. 159).

Assim, para ela, a ausência de mulheres/meninas nesses campos não era resultado de falta de mérito, mas sim da “violência com que os homens se sustentam nesses lugares em nosso prejuízo” (Floresta, [s.d.], p. 148). Denúncia que expunha a estrutura de poder patriarcal que impedia a participação feminina nos círculos intelectuais, e que reforçava o seu argumento de que a exclusão das mulheres/meninas do saber, especificamente das ciências e, sugestivamente, também da matemática, não se fundamentava em incapacidade intelectual, ou que seria prejudicial a uma formação moral, mas sim em uma estrutura social que lhes negava oportunidades de instrução e profissionalização (Scott, 1995; Perrot, 2017).

Posteriormente a obra traduzida, *Direito das Mulheres Injustiça dos Homens*, Nísia publicou em, em 1842, sua primeira obra autoral, *Conselhos à Minha Filha* – 15 anos depois de *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* –. Nessa segunda obra, ela manteve o seu posicionamento em relação ao acesso das mulheres/meninas às ciências e, sugestivamente, também à matemática. Embora o fizesse de maneira mais cautelosa e ressignificada se

comparada à defesa contundente encontrada em *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*.

Em *Conselhos à Minha Filha*, ao se dirigir à sua filha e a um público jovem feminino, ela reafirma a importância da educação, mas coloca uma ênfase considerável em virtudes morais que deveriam acompanhar o aprendizado científico, sugerindo que a educação científica para as mulheres/meninas deveria estar alinhada com virtudes e com a modéstia. Dessa forma, Nísia mantinha a reivindicação do acesso das mulheres/meninas às ciências e, sugestivamente, também à matemática, mas a ressignificava de modo a preservar as expectativas de feminilidade do período, argumentando ao se referenciar à vaidade que as ciências e, sugestivamente, também a matemática, não deveriam fazer com que as mulheres/meninas esquecessem a sua missão moral.

Se procuro abrir e facilitar para você o caminho das ciências, se me esforço para que você tenha uma educação, que entre nós, é negada ao nosso sexo, é, sem dúvida, na esperança de que você, tendo acesso às saudáveis lições da sabedoria, procure dar ao seu espírito o realce das virtudes que o enobrecem, pois é o único caminho para torná-lo digno da estima e dos respeitos da sociedade. E como não pretendo dar à sua alma apenas uma leve ideia da ciência, que, dizem alguns, não ser necessária à mulher, eu não temo que a vaidade, vício desprezível que, geralmente, se atribui ao nosso sexo, infeccione o seu coração. O verdadeiro sábio, você já deve ter ouvido falar, é aquele que mais julga não saber. Entretanto, enquanto não chegamos a esse momento que eu tanto sonho para você, fique atenta e não deixe a vaidade te acorrentar. A vaidade pode fazê-la perder as qualidades do coração sem as quais nada pode brilhar em uma mulher (Floresta, 2023, p. 17-18).

Essa manutenção da crítica à exclusão feminina demonstra a coerência e a persistência de Nísia em sua defesa da educação das mulheres, ainda que com adaptações ao longo do tempo. Em *Pensamentos para Minha Filha*, publicado originalmente em 1832 e posteriormente incorporado à segunda edição de *Conselhos à Minha Filha* em 1845, ela não apenas reafirma que a negação do acesso das mulheres/meninas às ciências e, sugestivamente, à matemática era uma injustiça, mas também argumentou que essa exclusão era prejudicial aos próprios homens. Uma vez que para ela, impedir as mulheres de terem acesso ao conhecimento significava limitar o desenvolvimento intelectual e moral da sociedade como um todo, como trataremos posteriormente.

XV
Os homens que pretendem, egoístas,
Das ciências proibir-nos os arcanos,
Contra si pronunciam som ao crerem,
Sentença que lhes traz terríveis danos!
(Floresta, 2023a, p. 31).

Nessa perspectiva, ao olhar a trajetória de Nísia é possível observar que suas representações sobre o papel das mulheres/meninas nas ciências e, sugestivamente, na

matemática se modificaram ao longo do tempo, ainda que sutilmente. Essa mudança de postura aponta, ao que tudo indica, um ajuste ao contexto social e cultural em que estava inserida, demonstrando uma habilidade de navegar nas tensões da época. Em suas primeiras obras, como *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, Nísia adotou uma postura firme e incisiva, denunciando a exclusão das mulheres dos espaços intelectuais como uma violência que se perpetuava por meio das estruturas de poder patriarcais. Ela enfatizou que a ausência das mulheres nessas áreas não era resultado de sua falta de mérito, mas de uma estrutura social que as mantinha afastadas do conhecimento.

Contudo, com a publicação de *Conselhos à Minha Filha* em 1842, 15 anos após *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, observa-se um tom mais cauteloso e ressignificado em sua abordagem. Embora Nísia continue a afirmar a importância da educação para as mulheres/meninas, ela passou a introduzir a ideia de que o aprendizado científico deveria ser equilibrado com a formação moral e as virtudes da feminilidade, sugerindo que as mulheres/meninas não deveriam se desviar de suas funções morais e sociais. De modo que, a educação científica deveria estar alinhada com a modéstia e a moralidade, aspectos que, naquele contexto, ainda eram essenciais para a aceitação social das mulheres.

Essa mudança de postura pode ser entendida como uma adaptação de Nísia às pressões e expectativas sociais de sua época. Ao tratar da vaidade, ela reafirmava seu compromisso com a educação das mulheres/meninas, mas ressignifica sua defesa das ciências e, sugestivamente, da matemática, para que não fosse vista como uma ameaça às normas e expectativas de gênero da época. Dessa forma, ela mantinha sua luta pelo acesso das mulheres ao saber, incluindo a matemática, mas adaptava suas críticas para não desafiar diretamente as normas sociais que subjugavam as mulheres/meninas.

8.5 Representações de Feminilidade

Conforme Barros (2011), um sistema educativo é influenciado pela cultura da sociedade em que está inserido, refletindo suas normas e valores. Assim, ele não é um processo isolado ou neutro, mas um espaço de reprodução cultural que expressa os interesses e valores de grupos dominantes. Dessa forma, não somente caracteriza um meio de transmissão de conhecimento, mas também um mecanismo de reprodução cultural, ao incutir determinadas representações moldadas por motivações e necessidades sociais do contexto em que se insere, moldando e influenciando padrões de comportamento e perspectivas individuais.

Nesse contexto, um sistema educativo e/ou um currículo de ensino são estruturados mediante as necessidades sociais de um determinado período, refletidas nas práticas cotidianas de uma sociedade, e essas necessidades, por sua vez, são condicionadas pelas representações de gênero existentes no ambiente explorado. No contexto da presente pesquisa, no Brasil oitocentista, de modo que são constituídas com base nos valores de uma sociedade hierarquizada, na qual os homens detinham o poder dominante.

Dito isso, o sistema educativo (e/ou o currículo brasileiro oitocentista) era delineado mediante distinções com base no gênero das(os) alunas(os), instituídas conforme as habilidades consideradas necessárias para o desempenho dos papéis sociais que lhes eram atribuídos, bem como as representações de gênero que se buscava incutir; uma vez que se tratava conforme excerto da arguição do Sr. Marquez de Santo Amaro⁴⁸ de proporcionar “à mocidade de um e outro sexo os conhecimentos mais necessarios” (Anais do Senado Federal, sessão de 29 de agosto de 1827, vol. 2, p. 264).

Com isso em mente, discutimos a representação (Barros, 2011; Chartier, 2002) de feminilidade constituída por Nísia através da delineação de virtudes e/ou qualidades que considerava exemplares e essenciais a uma mulher/menina da época. Seu arquétipo ideal de comportamento feminino, delineado em suas obras: *Conselhos à Minha Filha*, *Pensamentos para Minha Filha*, *Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta* e *Fany ou O Modelo das Donzelas*, nas quais se dirigindo a um público jovem feminino apresentava uma lista de virtudes e/ou qualidades que caracterizam a sua representação feminina idealizada.

E pautando-nos em Barros (2011), observamos que essas obras buscaram inculcar os valores de Nísia às suas educandas, bem como à sua filha, inferindo, ainda, o modelo educacional e o perfil de mulher que sua proposta pedagógica almejava formar. Para ela, as virtudes e/ou qualidades femininas deveriam se fundamentar em uma moral cristã, sendo a religião concebida como uma bússola moral que orientaria as mulheres/meninas na construção de suas personalidades e caráter. Ao mesmo tempo, associava as virtudes femininas a uma missão divina que as mulheres estariam destinadas a desempenhar na sociedade. Conforme os excertos de *Concelhos a Minha Filha*:

Como são as virtudes cristãs que eu desejo te inspirar, é importante que eu baseie na religião todos os exemplos que te ofereço. É nesta santa religião que tento elevar sua alma, buscando te mostrar a necessidade de segui-la para ser feliz nesta vida ilusória, onde todas as coisas são escolhas; e em que, sem uma sábia orientação, a virtude mais profunda naufragará (Floresta, 2023a, p. 19).

⁴⁸ Indícios encontrados nas transcrições das reuniões do Senado realizadas em agosto de 1827.

Sacrifique tudo, menos a virtude! A virtude, minha filha, é o mais precioso dom da vida, o primeiro, o mais poderoso atrativo de uma jovem, e o único escudo com que poderá triunfar das infelicidades da vida! A virtude, repito, é o que você deve preferir nesse mundo a todas as conquistas vazias, afinal, é o que te levará a habitação celestial preparada pelas mãos da Divindade. Filha do céu, tendo nela o seu trono, não poderá ser perturbada pelas mãos profanas dos mortais (Floresta, 2023a, p. 24).

Podemos interpretar que essas virtudes instituídas dentro de uma moral cristã operavam a partir da perspectiva de Scott (1995), como parte de um discurso de gênero que naturalizava papéis sociais específicos para as mulheres/meninas. Ao mesmo tempo, em que as colocavam como guardiãs da moralidade e da ordem social. Conforme Scott (1995), o gênero aponta como as relações de poder são construídas e mantidas mediante normas e expectativas culturais, no caso de Nísia, a ênfase em virtudes cristãs não somente moldava sua representação de feminilidade, mas também posicionava as mulheres/meninas dentro de uma hierarquia patriarcal que lhes conferia reconhecimento social, desde que aderissem ao modelo de feminilidade proposto.

Assim, as virtudes e/ou qualidades cristãs operavam como um mecanismo de controle, estabelecendo expectativas de gênero que limitavam a autonomia das mulheres, ao mesmo tempo, em que as valorizavam simbolicamente como pilares da moralidade familiar e social. Além disso, ao associar as virtudes femininas a uma missão divina, Nísia reforçava a ideia de que as mulheres deveriam se sacrificar em prol de um bem maior, perpetuando a noção de que o papel das mulheres/meninas na sociedade era subordinado e complementar ao dos homens/meninos. Essa construção discursiva, como aponta Scott (1995), não somente refletia as relações de poder existentes, mas também as legitimava, ao apresentá-las como naturais e divinamente estabelecidas.

Nessa perspectiva, as virtudes filiais, compreendidas por nós como as qualidades, comportamentos e deveres que as filhas deveriam ter com suas mães e pais, foi caracterizada por Nísia como um conjunto de atitudes de respeito, gratidão, obediência, cuidado e amor filial, retratadas em *Conselhos à Minha Filha* como as virtudes “que servem de base para todas as outras” (Floresta, 2023a, p. 13), e referida repetidas vezes em suas obras posteriores. Em *Fany ou O Modelo das Donzelas*, Nísia sugere serem qualidades intrínsecas a uma mulher, inscritas por Deus em seus corações (Floresta, 2023b, p. 10). Ademais, ainda é mencionada no *Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*, como uma virtude que buscou incutir frequentemente em suas alunas do Colégio Augusto. Assim, em *Conselhos à Minha Filha*, ela caracterizou as virtudes filiais como:

‘Ser obediente a seus pais, mesmo quando eles forem intratáveis e austeros; amá-los, apesar de seus vícios grosseiros e ingratidões, é uma virtude rara e de grande merecimento’ [...] A obediência é uma virtude que muita realça em um filho [...] Obedece, porém, pelo amor que tem por você mesma, nunca porque teme as repreensões de sua mãe ou de seu mestre, pessoas que deve olhar com igual respeito enquanto ouvir suas lições. Obedecer por medo é uma obediência de escravo, por isso, deixa de ser virtude. Obedece pelo prazer de estar realizando todos os seus deveres. Do mesmo modo, pratica o bem pela doce satisfação de o fazer e foge do mal pela dolorosa impressão que ele deixa na alma de quem o pratica, assim como pelas horríveis consequências que ele traz (Floresta, 2023a, p. 19-20).

Em seguida, temos a modéstia, caracterizada por Nísia como a renúncia de sentimentos como a vaidade ou o orgulho. Descrita em *Fany ou O Modelo das Donzelas* como o aspecto que ressaltaria todas as outras virtudes e/ou qualidades, enquanto é sugerido que sem esta as demais “qualidades de uma mulher/menina” perderiam o seu valor; de modo que assim como as virtudes filiais são caracterizadas em *Conselhos à Minha Filha* tal qual a base para a obtenção de todas as outras, a modéstia é concebida em *Fany ou O Modelo das Donzelas* como a mais significativa que se possa vir a obter, uma vez que “a mais perfeita modéstia resalta todas as outras virtudes” (Floresta, 2023b, p. 10). Em *Conselhos à Minha Filha*, Nísia reforçou essa ideia ao aconselhar:

Seja sempre natural e simples: a simplicidade deve comandar as ações e os adereços de uma jovem em todos os estados e circunstâncias da vida, afinal, ela é a filha progênita da virtude. Seja amável sem pretensão de agradar, aja assim com sua mãe, sua família, suas companheiras e todos os que te rodeiam; mas não faça isso visando ser enaltecida. Espero que a vaidade, essa escolha terrível da mocidade que tantas vezes assassinou a inocência, não se apossa de você jamais! Apesar das minhas tentativas de te educar longe do turbilhão do mundo, algumas vezes a linguagem da lisonja vem ferir seus ouvidos. Ela é tão perigosa a uma jovem quanto a fraqueza de seus órgãos, pois dificulta distinguir o falso do verdadeiro e, por consequência, conhecer o veneno que esses elogios possuem (Floresta, 2023a, p. 17).

Paralelamente ao enaltecimento da modéstia como uma virtude e/ou qualidade que atribuiria maior valor e legitimidade às demais, Nísia adverte as mulheres/meninas sobre os perigos da vaidade, retratando-a em *Fany ou O Modelo das Donzelas* como uma ameaça à inocência e ao julgamento moral, como um “monstro devorador das qualidades das mulheres” e meninas, capaz de contaminar todas as outras virtudes e/ou qualidades (Floresta, 2023b, p. 10). Enquanto condenava a vaidade como um traço de “alma pequena” e “educação medíocre”.

Nessa perspectiva, ela valorizava a abnegação e o altruísmo como características a serem cultivadas, por meio de um discurso que refletia expectativas sociais do período oitocentista sobre a mulher/menina. Que tinha por base uma autoanulação para servir uma(um) próxima(o), ao mesmo tempo que idealizava uma felicidade que seria encontrada na satisfação de outras(os). Conforme excerto de *Concelhos a Minha Filha*:

Seja condescendente e se habitue a sofrer com resignação às inconveniências da vida. Mantenha-se sempre boa e solícita em satisfazer as suas companheiras, mesmo que isso seja como um sacrifício de sua vontade, procure provar a todos que você é mais feliz em satisfazer os desejos dos outros do que os seus próprios; faça com que as pessoas te amem pela sua generosidade, suas atenções e suas bondades, mas lembre-se de não se achar superior a ninguém. A vaidade só serve em uma alma pequena, em alguém que carrega uma educação medíocre (Floresta, 2023a, p. 21).

Representação que refletia um mecanismo de manutenção das hierarquias de poder existentes, visto que tal anulação em prol de um bem-estar coletivo estava condicionada às dinâmicas de poder e, por consequência, às de gênero (Scott, 1995). Nesse contexto, tal anulação dava-se inicialmente em detrimento às normas, desejos e necessidades masculinas, em seguida, se estendia a uma subordinação dentro de suas estruturas familiares e sociais, reforçando por meio deste “sacrifício” de boa vontade a posição subalterna atribuída às mulheres/meninas no Brasil oitocentista.

Da mesma forma, a gratidão, a generosidade e a caridade eram concebidas intrinsecamente vinculadas a uma abnegação e a uma moralidade cristã. A gratidão era caracterizada em *Concelhos a Minha Filha* como “a maior virtude que honra a humanidade”, base para todas as outras boas ações, um princípio de reciprocidade moral que orientaria as interações humanas (Floresta, 2023a, p. 23).

Já a generosidade e a caridade são descritas na obra, sinônimas uma da outra, como “a primeira das virtudes cristãs” (Floresta, 2023a, p. 21). Alinhadas a uma representação feminina que valorizava a renúncia pessoal em detrimento de um bem-estar concebido como coletivo, ao mesmo tempo que operava como um dispositivo de conformação (Scott, 1995). Uma vez que o bem deveria ser praticado “pelo prazer de fazer com que o seu próximo se sinta feliz”, sugerindo um afastamento das mulheres/meninas de qualquer atitude de contestação (Floresta, 2023a, p. 22).

Sobre as manifestações de Nísia em relação à obediência, gratidão, modéstia, generosidade e caridade, nota-se que, em suas obras posteriores, ela adotou um tom mais ponderado do que em *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*. Essa mudança parece decorrer de, pelo menos, quatro fatores: as condições sociais e culturais da época, que possivelmente influenciaram diretamente sua escrita e seu posicionamento; seu amadurecimento pessoal (inclusive, como mãe) e intelectual ao longo de sua trajetória como mãe, educadora e escritora; a percepção do contexto conservador e religioso em que estava inserida, levando-a a ajustar sua abordagem; e a necessidade de adequar seu discurso para evitar possíveis repercussões ao assumir uma postura mais radical, garantindo assim maior

alcance junto ao seu público-alvo: jovens mulheres/meninas (como sua filha e suas alunas do Colégio Augusto) e um público masculino dominante.

Dessa forma, sua representação sobre o feminino e a vida de meninas/mulheres foi se moldando, supostamente ao longo do tempo, não somente pelos desafios impostos pela sociedade, mas também por sua própria transformação como pensadora. Isto é, a representação cultural dos diferentes momentos históricos pode ter impactado mudanças na escrita de Nísia, que passou de uma postura inicialmente mais combativa para uma abordagem mais conciliadora e ajustada às normas vigentes.

Nesse perspectiva, em *Fany ou O Modelo das Donzelas*, Nísia ressaltou outras virtudes/qualidades tradicionalmente associadas à feminilidade e expectativas de gênero que atribuíam às mulheres/meninas posições de passividade e submissão, sendo elas: doçura, gentileza, bondade, sensibilidade e timidez, características que não somente consolidam uma representação feminina fundamentada na delicadeza, mas que também reforçam a submissão e a abnegação como atributos desejáveis na formação moral das mulheres/meninas.

Por fim, abordamos a última das virtudes/qualidades a serem cultivadas segundo Nísia, o “sentimento maternal”, idealizado como a mais elevada e nobre das “funções” femininas, por meio da qual as mulheres/meninas encontrariam propósito e sentido de realização na vida. Sua exaltação como algo superior a todas “as paixões humanas” e a ideia de que somente uma “mãe é capaz dos maiores sacrifícios” sem esperar nada em troca consolidavam uma representação da mulher como essencialmente abnegada e altruísta. Conforme excerto de *Concelhos a Minha Filha*:

[...] o sentimento maternal está além de todas as paixões humanas. Afinal, só uma mãe é capaz dos maiores sacrifícios sem ganhos, sem recompensas, nada mais do que o próprio amor [...] uma mãe é o título mais terno e mais doce que há na natureza, é o único que exprime todos os sentimentos da alma, os mais puros afetos. Se há no mundo um título que enobreça a mulher é, sem dúvida, o de mãe: é ele que lhe dá verdadeira importância na sociedade. Feliz é aquela que sabe, dignamente, preencher com sentimento de grandeza todas as suas obrigações! Doces obrigações, cujo exercício ameniza o complicado caminho da vida e torna suportável o peso da desgraça e da tristeza que tanto oprimem (Floresta, 2023a, p. 11).

Ao exaltá-lo como o “título” mais enobrecedor de uma mulher, Nísia acabou por sugerir que a verdadeira importância de uma mulher na sociedade decorreria de sua capacidade de gerar e cuidar de uma vida. Atribuindo à maternidade um valor social que transcenderia outras formas de reconhecimento feminino, o que por sua vez reforçava uma representação feminina condicionada à sua relação com suas(seus) filhas(os), e consequentemente, sua dedicação à família. Uma representação que privilegiava, conforme *Fany ou O Modelo das Donzelas*, a domesticidade e a renúncia pessoal em prol de um

bem-estar concebido como coletivo, ao mesmo tempo em que constituía essa mulher, mãe, como a educadora primária de suas(seus) filhas(os) (Floresta, 2023b).

Nessa perspectiva, a representação de feminilidade constituída por Nísia em suas obras posteriores a *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, especialmente em *Conselhos à Minha Filha* e *Fany ou O Modelo das Donzelas*, se estruturou na construção de um ideal de mulher submissa à moral cristã. Com uma gama de virtudes/qualidades como a obediência, modéstia, generosidade, caridade e o sentimento maternal, que ressoavam com as expectativas de comportamento feminino tradicionalmente atribuído às mulheres/meninas da época.

Sugerindo a representação de uma mulher voltada a uma função de educadora moral e guardiã de valores familiares e sociais, ao mesmo tempo que reforçava uma representação de gênero que subordinava as mulheres a um papel de sacrifício e anulação de suas próprias necessidades em favor de uma dita estabilidade social e familiar, que mantinha as mulheres/meninas restritas às esferas domésticas. Uma vez que a maternidade era exaltada como o ápice da realização feminina e o maior reconhecimento social possível de ser alcançado.

Mas, a partir de nosso fazer historiográfico, nos perguntamos: por que essa mudança de escrita? Por que Nísia deixou de afirmar explicitamente o direito das meninas e mulheres ao estudo, ao ensino e ao acesso às ciências (incluindo a matemática)? Em que momento de sua vida e em qual contexto social estava inserida para construir uma representação de feminilidade tão distinta daquela que, até então, desafiava as normas vigentes?

Inferimos que, nesse período, Nísia vivia uma fase de maior estabilidade familiar, sem mudanças frequentes de residência ou perseguições na imprensa. Esse cenário permitiu-lhe concentrar-se mais em sua própria identidade como mulher, mãe, educadora e filha. Além disso, no Brasil do século XIX, a conjuntura política e social era marcada pelo fortalecimento de ideais conservadores, especialmente no que dizia respeito ao papel da mulher na sociedade. A educação feminina, ainda que discutida, atrelava-se a valores morais e religiosos que reforçavam a domesticidade e o papel maternal como vocações naturais da mulher.

Ao longo de sua trajetória intelectual, Nísia demonstrou uma habilidade notável em adaptar seu discurso à realidade sociopolítica de seu tempo, negociando com os limites impostos às mulheres que escreviam e publicavam. Se em seus primeiros textos havia um tom mais incisivo na defesa da educação como meio de emancipação feminina, nas obras voltadas às suas alunas percebe-se um discurso mais ajustado às expectativas sociais,

ênfatizando a formação moral e a maternidade como funções essenciais da mulher na construção da sociedade.

De modo que, sua escrita reflete tanto suas experiências pessoais quanto às condições históricas e culturais que influenciaram a recepção de suas ideias. Isso não significa, porém, que ela tenha abandonado completamente a defesa da educação feminina. Pelo contrário, ao investir na formação moral e intelectual das mulheres/meninas dentro dos limites aceitáveis pela sociedade da época, Nísia pode ter encontrado uma estratégia para garantir que suas alunas tivessem acesso ao conhecimento sem necessariamente romper com os padrões estabelecidos. Assim, mesmo ao reafirmar a maternidade como elemento central da identidade feminina, sua obra continuou a dialogar com as necessidades de instrução do período (Barros, 2011), ainda que em uma perspectiva discursiva mais conciliatória.

8.6 A Educação das Mulheres Segundo Nísia

Considerando as questões previamente discutidas: as razões identificadas em *Opúsculo Humanitário* para a negação da educação às mulheres, sua defesa do acesso das mulheres/meninas às ciências e, sugestivamente, da matemática em *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* e *Conselhos à Minha Filha*, bem como sua construção de uma representação feminina ao longo de suas obras, passamos agora à análise da reforma educacional que almejava para o ensino feminino. Segundo Duarte (2019), sistematizada em *Opúsculo Humanitário*. Obra que articulou reflexões sobre a educação feminina que já vinham sendo desenvolvidas desde os seus primeiros escritos, publicados em 1831, quando tinha somente 21 anos de idade.

[...] no Opúsculo humanitário encontra-se a síntese do pensamento de Nísia Floresta sobre a educação formal e informal de meninas, acrescido de sua experiência no magistério, além dos conhecimentos trazidos de suas viagens pela Europa, como a convicção de que a escravidão era inadmissível em um país que se dizia liberal, assim como a dizimação dos povos indígenas (DUARTE, 2019, p. 92).

Iniciamos a apresentação de sua proposta educacional para a educação feminina destacando os motivos apontados por Nísia para a necessidade de uma reforma educacional voltada às mulheres/meninas no Brasil. Em sua concepção, a educação feminina não era somente uma questão individual, mas um reflexo direto do grau de civilização de uma nação. De modo que uma formação deficiente, como ela identificava na sociedade brasileira, impactava negativamente o progresso moral, intelectual e social do país, impedindo o seu

desenvolvimento em direção a uma verdadeira civilização. Em *Opúsculo Humanitário* ela diz:

Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo? Em todos os tempos, e em todas as nações do mundo, a educação da mulher foi sempre um dos mais salientes característicos da civilização dos povos (Floresta, 2019, p. 17).

Nísia recorreu aos exemplos históricos para fundamentar a sua argumentação, instrumentalizando⁴⁹ a educação feminina em antigas civilizações como o Egito, Grécia e Roma, além de regiões da África, Ásia e povos que considerava “bárbaros”, como contraexemplos de nações civilizadas. Ao mesmo tempo que se apropriou (Barros, 2011; Chartier, 2002) da condição feminina nessas sociedades, destacando a maneira como as mulheres eram vistas e tratadas, como a representação feminina era constituída; com o objetivo de reforçar os seus argumentos de que a subjugação feminina era um obstáculo ao progresso e à civilização.

Com isso, ela estabeleceu uma relação direta entre a condição feminina e o nível de civilização de um povo, argumentando que sociedades que relegavam as mulheres à ignorância e à subjugação jamais poderiam alcançar um verdadeiro estado de civilização. Reforçando a ideia de que a instrução das mulheres era o “barômetro” capaz de medir o grau de civilização de uma sociedade.

Para Nísia, civilizações como o Egito, assim como outras regiões da África e da Ásia, perpetuavam uma representação feminina que reduzia as mulheres/meninas a um objeto de prazer ou a uma serva submissa. Representações que mantinham os homens, detentores do poder, ignorantes a “respeito da educação que convém à mulher” e, conseqüentemente, “sempre em profunda ignorância” em relação a uma verdadeira civilização, que segundo ela, “só podia ser transmitida ao mundo pela emancipação da mulher, não conforme o filosofismo dos socialistas, mas como a compreendeu a sabedoria Divina, elevando até a si a mulher, quando encarnou em seu seio o Redentor do mundo” (Floresta, 2019, p. 17-18).

Nesse contexto, ela se distanciou dos movimentos que buscavam a emancipação feminina por meio da luta por direitos sociais, políticos e econômicos, como o direito ao voto e de uma participação ativa na esfera política, como a apresentada em *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. Ela a ressignificou seus argumentos e reivindicações dentro de um

⁴⁹ Utilizamos o termo “instrumentalizando” porque Nísia inicialmente emprega exemplos históricos como estratégia argumentativa, sem necessariamente ressignificá-los em um movimento de apropriação para o contexto brasileiro, mas para reforçar a necessidade de uma reforma educacional para as mulheres.

contexto cristão, no qual a emancipação das mulheres/meninas se daria por meio de uma elevação espiritual e simbólica, fundamentada na redenção da humanidade por Jesus Cristo.

Para tanto, recorrendo a uma alegoria religiosa, Nísia expressou os princípios que fundamentaram a sua representação (Barros, 2011; Chartier, 2002) de emancipação feminina. Por meio da figura de Maria, mãe de Jesus, Nísia argumentou que as mulheres tinham um papel significativo na história espiritual e humana, pois a escolha divina de Maria para ser a mãe do Redentor do mundo mostrava a importância das mulheres na redenção da humanidade. De modo que, para ela, a emancipação feminina estava mais ligada a uma necessidade espiritual e moral, enraizada em princípios cristãos, especialmente no Catolicismo, do que em uma reivindicação de direitos políticos e econômicos.

Desse modo, ela defendeu que a verdadeira civilização de uma nação só poderia ser alcançada quando as mulheres/meninas fossem educadas e elevadas a uma posição de dignidade, com base na “sabedoria divina”, que teria elevado as mulheres/meninas ao conceder-lhes o papel de gerar o Redentor do mundo (Jesus). Assim, sua argumentação colocava as mulheres/meninas e sua educação como pilares essenciais para a sociedade, uma vez que as concebia como responsáveis por sua moralidade.

Argumentos que refletiam uma apropriação (Barros, 2011) de elementos religiosos para justificar a proposta de uma reforma educacional, uma vez que reforçavam a necessidade de uma instrução feminina pautada dentro de um ideal de civilização guiado por valores morais e religiosos. Ao mesmo tempo que legitimava e reforçava o papel das mulheres/meninas na sociedade, entendendo-as como responsáveis pela transmissão de virtudes e valores essenciais para a civilização de uma nação. Conforme excerto de *Opúsculo Humanitário*:

É uma verdade incontestável que a educação da mulher muita influência teve sempre sobre a moralidade dos povos, e que o lugar, que ela ocupa entre eles é o barômetro que indica os progressos de sua civilização [...] educação as mulheres, que Deus havia tão altamente enobrecido na Divina Mãe do mesmo Cristo! [...] A caridade, virtude personificada no sexo pela mãe do Redentor do mundo, e o heroísmo com que algumas santas mulheres suportavam o martírio, na esperança de uma vida melhor, podiam então somente consolar a mulher cristã. Feliz aquela que de fato o era, porque achava na fé, essa luz divina que nos esclarece a alma, um poderoso antídoto contra a degeneração do homem, e um porto seguro de salvação! (Floresta, 2019, p. 22-24).

Assim, a educação das mulheres/meninas foi concebida por Nísia como a medida da verdadeira civilização de uma nação, de modo que sociedades que falhavam em educar as mulheres/meninas, mantendo-as em ignorância e subjugação, permaneceriam em um estado de barbárie. Contudo, essa instrução só seria verdadeira se fundamentada em princípios morais cristãos. Ao examinar a Grécia, por exemplo, ela reconheceu avanços, tanto em

relação às representações (Barros 2011; Chartier, 2002) femininas quanto à educação orientada às mulheres/meninas, que começavam a conquistar as ciências e, sugestivamente, também a matemática, mas considera-os insuficientes por carecerem de uma base moral cristã (Floresta, 2019).

Dessa forma, por meio de seus argumentos, Nísia não somente justificava a necessidade de uma reforma educacional voltada às mulheres/meninas, como também buscava sensibilizar a sociedade para a urgência dessa mudança. Argumentos, supomos, que tinham como seu principal propósito persuadir os homens, que detinham o poder político e social para mobilizar esforços para a sua melhoria. Convencendo-os, nesse sentido, de que essa transformação contribuiria para o engrandecimento do país e sua inserção entre as nações tidas como civilizadas, a exemplo das europeias.

Nesse contexto, objetivando articular uma proposta de reforma educacional voltada às mulheres/meninas no Brasil, Nísia se apropriou (Barros, 2011) de elementos dos modelos de educação feminina adotados em países como a Alemanha, Grã-Bretanha, França e Estados Unidos das Américas, ressignificando e adaptando os aspectos que considerava positivos para a realidade cultural e social do Brasil.

Seu foco de análise se concentrava nas representações (Barros 2011; Chartier, 2002) femininas constituídas em tais nações, nas virtudes e/ou qualidades que essas mulheres/meninas possuíam, que lhes teriam sido inculcadas através de sua educação. De modo que a sua apropriação de tais sistemas educacionais se fundamentava a partir dos papéis sociais conferidos às mulheres/meninas, das representações femininas constituídas, das virtudes e/ou qualidades que lhes buscavam inculcar (Barros, 2011).

Sob essa perspectiva, destacamos as apropriações (Barros, 2011) realizadas por Nísia em relação a cada um desses países. No que se refere à Alemanha, ela ressaltou que sua educação feminina era marcada por uma valorização da formação moral e intelectual das mulheres/meninas, que promovia o desenvolvimento de um caráter virtuoso e disciplinado. Enfatizando o cultivo de virtudes domésticas voltadas para a formação de esposas e mães exemplares, que seriam as educadoras primárias de suas(seus) filhas(os). Conforme trecho presente em *Opúsculo Humanitário*:

Os Alemães, mais entusiásticos que fanáticos, mais pensadores que galantes, concederam à mulher privilégios reais, baseados na educação sólida desse povo por demais profundo e morigerado, para compreender toda a importância da mãe de famílias, da matrona esclarecida edificando os filhos e o sexo com exemplos de uma sã moral, derramando em torno deles as luzes de um espírito reto e superior, os efeitos de um coração bem formado e generoso (Floresta, 2019, p. 25).

A partir desta, três aspectos fundamentais emergem do arquétipo feminino ideal que Nísia buscava formar: a mulher como esposa, mãe e como educadora primária de suas(seus) futuras(os) filhas(os). Nesse sentido, ela elogiou a Alemanha por oferecer exemplos marcantes do sentimento materno, que descreveu como uma “centelha divina”, novamente estabelecendo uma conexão com Maria e o Redentor (Jesus), reforçando uma valorização feminina vinculada a um ideal de maternidade transcendental.

Além disso, Nísia também salientou o apreço pelo sentimento de “ternura filial”, presente em seu arquétipo feminino e na sociedade alemã, onde, segundo ela, encontrava-se “o verdadeiro tipo do espírito de família, e do respeito tributado à velhice” (Floresta, 2019, p. 26), uma virtude de respeito intergeracional que era concebida como um aspecto essencial de uma educação moral.

Quanto à Grã-Bretanha, ela destacou a importância atribuída pelo país de uma educação baseada em princípios religiosos e éticos rigorosos, que fomentava uma consciência de dignidade, autonomia e decoro, que concedia, segundo ela, às mulheres/meninas inglesas uma moralidade superior comparada às mulheres/meninas de outras nações, como da França e da Inglaterra, que seriam excessivamente vigiadas para garantir a sua pureza. Enquanto as inglesas não precisariam dessa tutela, uma vez que sua formação as tornavam naturalmente discretas e altivas, despertando-lhes uma consciência que as faziam melhor compreender “a importância dos sagrados deveres de esposa e de mãe”, representação (Barros 2011; Chartier, 2002) que novamente exaltava tais papéis atribuídos às mulheres/meninas de uma missão divina (Floresta, 2019, p. 30). Tal como exposto em *Opúsculo Humanitário*:

A mulher Inglesa, educada nos severos princípios de uma sã e esclarecida moral, dá provas desde sua mais tenra mocidade de uma discrição e modesta altivez, que as mulheres das outras nações não lhe podem disputar. Gravando-se-lhe no espírito, quase logo ao sair do berço, a consciência de sua própria dignidade, ela compreende muito cedo a nobreza do sexo a que pertence e a importância do cumprimento de seus deveres (Floresta, 2019, p. 28-29).

A educação da mulher inglesa é, como a liberdade política dos ingleses, fundada em sua moral: e assim como a verdadeira base de um governo é a liberdade política, conforme observa o ilustre autor do Espírito das Leis, assim também a religião deve ser a base da educação da mulher. O povo inglês compreendeu, e mais que nenhum outro demonstra, praticamente, esta verdade; daí a causa primária das vantagens de sua educação sobre a dos outros povos (Floresta, 2019, p. 31).

Ao analisar o modelo educacional feminino britânico, Nísia se apropriou (Barros, 2011) de sua fundamentação em princípios religiosos como base moral. Que reforçavam uma representação (Barros 2011; Chartier, 2002) de feminilidade associada à modéstia, ao cumprimento dos deveres domésticos e à subordinação consciente das mulheres/meninas ao

papel de esposa e mãe, além de virtudes e/ou qualidades como: dignidade, autonomia, decoro, discrição e altivez. O modelo educacional feminino britânico buscava formar mulheres/meninas moralmente e “capacitá-las” para o desempenho dos papéis sociais que eram tradicionalmente atribuídos a elas.

Depois disso, ainda no seu livro *Opúsculo Humanitário*, ela vai mencionar a educação francesa como um exemplo de sociedade onde as mulheres/meninas participavam ativamente das artes, ciências e, sugestivamente, também da matemática. O modelo educacional feminino francês promovia um ambiente no qual o conhecimento não era mais restrito aos homens/meninos, representando um ideal de progresso no qual as mulheres/meninas podiam acessar a educação e a cultura de modo mais equitativo. Ao destacar a inserção das mulheres/meninas francesas nos círculos intelectuais e artísticos, Nísia apropriou-se (Barros, 2011) desse contexto para reforçar a importância de uma educação que transcendesse uma instrução moral vinculada aos papéis domésticos ou religiosos. Como destacado em *Opúsculo Humanitário*:

A mulher francesa reina de fato pelo espírito, e muita vez mais plenamente que as soberanas de direito sobre os outros povos Sem embargo de todos os antagonistas do desenvolvimento intelectual da mulher, entre os quais tão despoticamente sobressai a célebre Córsego, acérrimo inimigo da superioridade do espírito feminino, a França esclarecida compreendeu a distância que mediava dela à França feudal, e as luzes das ciências espalharam-se por todas as inteligências, sem distinção de sexo nem de classes (Floresta, 2019, p. 33).

Desse modo, Nísia ressignifica o modelo educacional feminino francês ao apropriar-se (Barros, 2011) dos seus princípios para defender um ensino mais igualitário entre os gêneros, fundamentado tanto em valores morais quanto em pressupostos científicos, que ampliava o acesso das mulheres/meninas ao conhecimento. Apropriação que reforçava a reivindicação de um ensino feminino também pautado na intelectualidade, sugerindo uma formação não somente para os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres/meninas, mas também para uma emancipação intelectual.

Por fim, com relação aos Estados Unidos, país onde a educação estava fortemente ligada à prática e ao utilitarismo, a educação das mulheres/meninas transcorria, segundo Nísia, em “uma situação intermédia, na qual ela [a mulher] goza das vantagens da educação que herdou da metrópole, sem imitar os costumes aristocráticos da Europa” (Floresta, 2019, p. 38). Desse modo, o ensino prezava por uma educação voltada para o desenvolvimento de habilidades práticas, isto é, voltadas para ao utilitarismo.

[...] o amor do útil a tal ponto que, sendo a sua nação uma das que possuem maior número de escolas primárias e secundárias, de sociedades científicas e literárias,

aprofundam somente as ciências de que podem tirar resultados aplicáveis ao engrandecimento do seu país (Floresta, 2019, p. 38).

As mulheres/meninas americanas conseguiram ressignificar, segundo Nísia, os benefícios de uma educação adquirida a partir dos valores europeus à realidade e às necessidades da sociedade americana, que oferecia oportunidades de maior liberdade no desenvolvimento das mulheres/meninas, especialmente no que se refere a áreas como o trabalho e a participação social comparado às nações europeias. Nesse sentido, Nísia se apropriou (Barros, 2011) da ideia de uma educação voltada ao desenvolvimento de habilidades práticas, ao mesmo tempo que inspirada pelo ativismo de mulheres americanas, sugere que esta também deveria estar comprometida com a justiça e os direitos humanos.

Outro escritor diz ainda: “Em nenhuma parte a mulher é mais completamente a companheira do homem; em nenhuma parte é ela mais livre de dispor do seu coração e de sua mão; mas em parte alguma também ela tem um sentimento mais profundo de seus deveres, da santidade de sua missão providencial, quando transpõe o limiar da casa conjugal” (Floresta, 2019, p. 39).

Além disso, se apropriou da representação de feminilidade americana, que atribuía às mulheres/meninas o papel de conselheiras de seus maridos e de pilares centrais dentro da esfera doméstica, ao mesmo tempo que eram respeitadas pela sociedade. Essa representação da educação feminina promovia uma espécie de equilíbrio entre os papéis domésticos tradicionalmente atribuídos às mulheres/meninas e um respeito social, que ao serem apropriados (Barros, 2011) em sua proposta educacional enfatizavam a representação (Barros 2011; Chartier, 2002) de uma educação feminina que envolvia tanto o cuidado com a família quanto uma contribuição para a sociedade.

Conforme as apropriações (Barros, 2011) realizadas, a proposta educacional de Nísia apresentada em *Opúsculo Humanitário* fundamentava-se centralmente em uma formação pautada em princípios morais cristãos, com ênfase no desenvolvimento do caráter e na promoção de virtudes e/ou qualidades como dignidade, respeito, discrição e devoção à família. Sem, no entanto, se distanciar de uma formação intelectual e científica, como indicado pelas apropriações realizadas dos modelos educacionais francês e americano.

Sua proposta conciliava a valorização da moralidade cristã com uma ampliação do acesso ao conhecimento, sugerindo uma educação que objetivava preparar as mulheres/meninas para desempenharem os papéis sociais que lhes eram atribuídos, como esposas, mães e educadoras primárias de suas(seus) filhas(os). Ao mesmo tempo que lhes proporcionava uma formação intelectual que pudesse vir a ampliar suas possibilidades de atuação na sociedade.

Nesse sentido, a proposta educacional de Nísia indicava a necessidade de instrução das meninas em ciências e, possivelmente, em matemática, de modo a aproximá-las do ensino oferecido aos meninos. Essa intencionalidade pode ser inferida a partir de sua defesa por uma educação feminina mais abrangente, alinhada aos modelos educacionais estrangeiros que se apropriou. Embora não tenhamos acesso à estrutura curricular do colégio que fundou e administrou, é possível conjecturar que houve um esforço para incluir disciplinas tradicionalmente reservadas ao ensino masculino com base na reforma educacional proposta em *Opúsculo Humanitário*.

Sua defesa de um modelo educacional baseado na racionalidade e na autonomia intelectual reforçava esse compromisso com a instrução feminina para além das atividades domésticas, permitindo um preparo mais amplo para que as mulheres/meninas pudessem interagir no meio social e científico. Essa perspectiva torna-se evidente quando Nísia enfatizou a necessidade de o Brasil acompanhar os avanços educacionais das nações europeias e dos Estados Unidos, que promoviam um ensino mais amplo e acessível. Como ela declara em *Opúsculo Humanitário*:

Copiemos antes de tudo a educação que naqueles países se dá à mocidade; imitemos principalmente os ingleses no respeito à religião e à lei; os alemães no hábito de pensar e no empenho de elevar-se acima de todos os povos pelo estudo e pela reflexão; os franceses em seu espírito inventor e em suas generosas inspirações civilizadoras: a todos no gosto pelo trabalho e no desejo sempre progressivo de engrandecerem-se por seu engenho e atividade. Quando vemos naquelas nações tomarem-se todos os dias novas medidas para se melhorar mais a educação de sua mocidade, a qual tão inferior se acha e se achará talvez por séculos ainda a nossa, o coração se nos contrai no peito ao contemplarmos o nosso Brasil tão rico, tão grandiosamente excedendo a todas as nações do mundo em recursos naturais, precisando lutar ainda no século XIX com grandes dificuldades para oferecer às suas mulheres uma tênue parte da instrução, que as classes mais baixas daqueles países da Europa e dos Estados Unidos podem facilmente obter! (Floresta, 2019, p. 78, grifo nosso).

Dessa forma, a pedagogia nisiana pode ser compreendida como um projeto educacional que, embora estivesse ancorado em princípios morais e cristãos, também propunha uma expansão significativa do acesso ao conhecimento para as meninas, promovendo uma educação mais ampla e inclusiva, alinhada com os movimentos educacionais modernos da época. Seu legado aponta para uma educação feminina que, mesmo sem romper totalmente com os padrões sociais vigentes, buscava conceder às mulheres um maior nível de instrução e possibilidades de inserção social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da investigação realizada ao longo desta pesquisa, retomamos aqui os principais achados e reflexões que emergiram do estudo sobre o ensino de ciências e matemática no Brasil oitocentista, segundo as obras de Nísia Floresta Brasileira Augusta. A pesquisa teve por objetivo geral investigar a vida e as obras dessa educadora, escritora e feminista, buscando identificar uma defesa do ensino de ciências, especialmente da matemática, para as mulheres/meninas no Brasil oitocentista, que subvertia as diretrizes prescritas pela Lei Educacional de 15 de outubro de 1827. Para isso analisou as obras: *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832), *Máximas e Pensamentos* (1832), *Conselhos à Minha Filha* (1842), *Discurso que às Suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta* (1847), *Fany ou O Modelo das Donzelas* (1847), e *Opúsculo Humanitário* (1853).

Pela pesquisa, a obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* se mostrou como um marco na trajetória intelectual de Nísia, tanto por apresentar uma defesa contundente da educação feminina, quanto por representar a sua inserção em um movimento mais amplo de discussões sobre os direitos das mulheres, uma vez que a educação foi concebida como um meio de reivindicação de direitos. E embora o texto seja uma tradução literal de *La femme n'est pas inférieure à l'homme*, identificamos nele um processo de apropriação, pois Nísia escolhe, de alguma maneira, as palavras da tradução e, ainda, traz um prefácio e dedicatória que são escritos originalmente por ela. Essa apropriação imprimirá, em seus textos, a representação do feminino, adaptando suas ideias ao contexto cultural e social brasileiro, admitindo ora um tom mais ameno, ora mais combativo.

Pela tradução, inferimos duas possibilidades: a primeira de que ela começava a expor suas ideias e que essa foi realizada paralelamente à publicação de seus primeiros textos no jornal *Espelho das Brasileiras*, em 1831. Onde, aos 21 anos de idade, já demonstrava uma preocupação com a educação feminina brasileira e apontava a necessidade de uma reforma educacional voltada às mulheres/meninas no Brasil; e a segunda possibilidade é de que a tradução não ocorreu simultaneamente à publicação de seus artigos. Em ambos os casos, pode-se supor que Nísia teve um acesso anterior à obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, antes de escrever para o jornal, em razão do intervalo de somente um ano entre as publicações. Possibilidade que levanta questões sobre o processo de construção intelectual de Nísia e o modo como as suas primeiras reflexões sobre a educação feminina foram formuladas.

Supomos que, caso ela tenha tido acesso prévio à obra *La femme n'est pas inférieure à l'homme* antes de escrever os artigos para o *Espelho das Brasileiras*, inferimos que as suas ideias já estivessem sendo influenciadas por essa leitura, indicando um contato prévio com o pensamento feminista europeu e uma ressignificação da obra em relação ao contexto cultural e social brasileiro. Além desta, também temos a obra *Vindication of the Rights of Woman*, escrita por Mary Wollstonecraft que, assim como *La femme n'est pas inférieure à l'homme*, teria influenciado os seus artigos iniciais e obras subsequentes.

Por outro lado, se a tradução de *La femme n'est pas inférieure à l'homme* foi realizada posteriormente a quando ela escreveu os artigos no *Espelho das Brasileiras*, então inferimos que os artigos publicados nesse jornal já refletiam uma fase inicial de sua trajetória intelectual e evidenciavam a sua posição vanguardista nas discussões educacionais no Brasil. Sua defesa da educação feminina e os primeiros argumentos que desenvolveu nesse sentido podem ter surgido de maneira independente e vindo a convergir com as ideias presentes em *La femme n'est pas inférieure à l'homme*, traduzida por Nísia como *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*.

Dito isso, em ambas as inferências evidenciamos que *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* representou um marco significativo na constituição dos pensamentos educacionais de Nísia, funcionando como um elo entre as suas primeiras manifestações públicas e a formulação mais complexa e fundamentada de suas ideias nos anos seguintes em obras autorais, especialmente em *Opúsculo Humanitário*.

Destacamos as diferenças nos posicionamentos acerca da reivindicação dos direitos das mulheres presentes nessas duas obras mencionadas (*Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* e *Opúsculo Humanitário*), fundamentais à compreensão da extensão da apropriação realizada por Nísia, bem como da identificação dos pontos de convergência entre essas perspectivas e o seu projeto de reforma educacional. As duas defendem a emancipação feminina por meio da educação, mas partem de princípios distintos.

Em *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, a educação é apresentada como um meio para que as mulheres conquistem espaços políticos, econômicos e sociais, objetivos que vão muito além dos apresentados em *Opúsculo Humanitário*, no qual Nísia concebeu a educação feminina como um processo vinculado à moralidade, à virtude e ao aperfeiçoamento intelectual, sem questionar diretamente às expectativas e normas sociais estabelecidas que atribuíam, às mulheres/meninas, os tradicionais papéis de esposas e mães.

Assim, enquanto em *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* a emancipação feminina foi concebida como um rompimento com as restrições impostas às mulheres, que

possibilitava a sua participação ativa na sociedade e a conquista de uma autonomia política e econômica, em *Opúsculo Humanitário* essa emancipação estava condicionada à adequação aos valores morais e sociais vigentes, às representações de feminilidade tradicionalmente atribuídas às mulheres/meninas, restringindo-se, assim, a um aperfeiçoamento intelectual dentro dos limites da feminilidade idealizados no século XIX.

Diante das representações distintas de emancipação feminina, inferimos duas suposições: a primeira é que sua representação de emancipação feminina estava, de fato, alinhada à expressa em *Opúsculo Humanitário*, ou seja, que defendia uma emancipação mediada pela educação, mas sem questionar as representações femininas existentes, apontamento que foi reforçado ao considerarmos outras obras da autora, como *Conselhos à Minha Filha* e *Fany ou O Modelo das Donzelas*, as quais dialogou diretamente com essa perspectiva ao constituir representações femininas que valorizavam virtudes e/ou qualidades tradicionalmente atribuídas às mulheres, que por sua vez reforçavam os papéis de filha, esposa e mãe.

E a segunda suposição é de que essa diferença decorreu de uma adaptação ao contexto social e cultural brasileiro. Nísia teria optado por adotar uma postura mais conservadora nesse sentido, em *Opúsculo Humanitário*, buscando tornar as suas reivindicações educacionais e os seus argumentos da igualdade intelectual entre os gêneros mais aceitáveis à sociedade oitocentista, não desafiando explicitamente os valores predominantes da época, estratégia que talvez tenha lhe permitido difundir suas ideias de forma mais ampla e conquistado maior aceitação para as suas propostas.

De todo modo, essas interpretações sugerem que em obras subsequentes a *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, Nísia adotou uma postura mais moderada ou ajustada ao contexto social e cultural brasileiro com relação à sua reivindicação de emancipação feminina. Seja para tornar a sua proposta mais aceitável dentro dos discursos patriarcais da época, ou porque (opção que nos parece tão possível quanto) ela entendia a educação feminina como um meio de aperfeiçoamento das virtudes e/ou qualidades tradicionalmente atribuídas às mulheres.

Então podemos, com esses indícios, buscar uma sistematização da representação feminina de Nísia que não desafiou as expectativas de gênero vigentes, mas sim as ressignificou, atribuindo às mulheres um papel de guardiãs da moral e educadoras primárias de suas(seus) futuras(os) filhas(os). Nesse sentido, ela constituiu uma representação de feminilidade em suas obras, especialmente em *Conselhos à Minha Filha* e *Fany ou O Modelo das Donzelas*, alinhada aos valores e expectativas sociais do Brasil oitocentista. Uma

representação que se estruturava a partir de uma moral cristã que orientava a formação do caráter feminino, mas que ampliava as possibilidades de atuação das mulheres/meninas ao reconhecer nelas a capacidade intelectual e a importância da educação.

Dessa forma, embora Nísia não tenha rompido diretamente com os padrões de gênero de sua época, ela os ressignificou ao defender uma instrução mais ampla para as mulheres, legitimando seu papel na formação moral e intelectual da sociedade. Seus escritos sugerem, portanto, uma visão que conciliava os ideais tradicionais com a valorização da educação feminina como meio de progresso individual e coletivo.

Dito isto, a ênfase nas virtudes/qualidades da obediência, modéstia, generosidade, caridade e no sentimento maternal inferem a construção de um modelo de feminilidade que reforçava a noção da mulher como pilar da harmonia social, ao mesmo tempo que limitava a sua atuação em esferas específicas, como a doméstica e a educacional. Tais características ressoavam com as expectativas de gênero da época, que prescreviam às mulheres/meninas um comportamento baseado na renúncia pessoal. Contudo, ao mesmo tempo que reiterava esses valores tradicionais, Nísia também introduziu nuances em sua representação de feminilidade ao enfatizar a importância da instrução e do desenvolvimento moral das mulheres, que apontam a possibilidade de um reconhecimento social distinto daquele que era tradicionalmente reservado às mulheres do período.

Essa suposição é reforçada em *Opúsculo Humanitário*, onde Nísia argumentou que a educação feminina é o “barômetro” para medir o grau de civilização de uma nação. Ela defendeu que sem a inclusão das mulheres/meninas na educação, uma nação jamais alcançaria um verdadeiro estado civilizatório, que seria atingido por meio da emancipação feminina, sem representar uma ruptura com as representações femininas tradicionais. Assim, seria somente pela promoção da educação das mulheres/meninas, que uma sociedade poderia alcançar um nível mais elevado de civilização.

As suas reflexões sobre a educação feminina indicam uma representação profundamente enraizada em princípios morais e religiosos, mas também oferecem uma crítica ao *status quo* educacional do Brasil. Inferimos que ao propor uma reforma que visava transformar a sociedade por meio da educação das mulheres/meninas, a sua proposta de reforma educacional representou um marco na luta pela educação feminina no Brasil e um ponto de partida para as discussões que viriam a se intensificar ao longo dos séculos seguintes.

Nísia subverteu, em suas obras, alguns dos principais argumentos que, segundo ela, eram utilizados pelos homens para justificar a exclusão das mulheres/meninas ao acesso do

saber, das ciências e, sugestivamente, também da matemática. Ela problematizou e questionou os discursos masculinos que afirmavam que as mulheres/meninas não necessitavam de uma educação mais aprofundada, uma vez que seu papel na sociedade estava restrito aos ambientes domésticos e familiares.

Além disso, instrumentalizou tal lógica excludente, argumentando justamente o contrário: que era precisamente por exercerem tais funções que as mulheres/meninas precisavam de uma sólida educação, uma vez que uma formação deficiente não somente traria malefícios para as próprias mulheres/meninas, como também implicaria consequências negativas para os seus pais e futuros maridos, que sofreriam com a falta de preparo das mulheres/meninas para desempenhar os papéis que a sociedade havia lhes atribuído: boas filhas, esposas e mães.

Estratégia argumentativa que está presente em todas as suas obras, mas que ganhou maior destaque no artigo publicado no jornal *Espelhos das Brasileiras*, e nos livros *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* e *Opúsculo Humanitário*, textos voltados a um público mais amplo, comparado às outras obras que compõem o corpus da presente pesquisa, que tinham como público-alvo jovens mulheres/meninas. De modo que tal subversão e o destaque identificado nas obras mencionadas, inferem terem por objetivo não somente justificar a necessidade de uma reforma educacional voltada às mulheres/meninas no Brasil, como também buscar sensibilizar e mobilizar o segmento masculino da sociedade, que, detentor do poder político, possuía os meios para efetivar tais mudanças.

Ainda nesse sentido, ela também argumentou que a negação do acesso das mulheres ao conhecimento não era somente uma consequência do contexto social e cultural do período, e sim um projeto deliberado de dominação masculina - que tinham o intuito de preservar as hierarquias de gênero existentes, que lhes concediam uma posição de poder e privilégio. Os homens, instrumentalizavam a força física, alegando assim uma suposta superioridade masculina, fundamentada no determinismo biológico, que implicava em uma suposta inferioridade feminina e, consequentemente, também em uma inferioridade intelectual.

Argumento que, ao ser naturalizado, servia como justificativa para a exclusão das mulheres/meninas da educação. Nesse sentido, Nísia também evidenciou o uso da ignorância como um mecanismo de dominação, pois ao manter as mulheres/meninas afastadas do saber, os homens asseguravam a sua submissão e impossibilitavam possíveis formas de contestação. Inferimos que, para ela, essa estratégia não somente reforçava a hierarquização de gênero, mas também comprometia o progresso da sociedade como um todo, uma vez que a educação

feminina foi concebida por ela como fundamental para o desenvolvimento moral e intelectual de uma nação.

Pelos indícios, Nísia rejeitou as justificativas biologicistas que sustentavam a subordinação feminina, argumentando que a inteligência não tinha gênero e que as desigualdades entre as mulheres e homens eram, portanto, resultado das oportunidades desiguais de acesso ao conhecimento. Ela refutou os discursos que negavam às mulheres/meninas a capacidade de raciocínio sobre as ciências e, sugestivamente, também a matemática, ao afirmar que tal exclusão não se baseava em limitações inatas, e sim em uma construção social que utilizava a noção de diferenças “naturais” entre os gêneros como justificativa para restringir o acesso feminino ao saber e, conseqüentemente, às esferas de poder e decisão.

Assim, a proposta de reforma educacional voltada às mulheres/meninas no Brasil, idealizada por Nísia, sugeriu uma mudança radical nas estruturas de poder que sustentavam a exclusão feminina da educação. Dado que, ao afirmar que a educação das mulheres era essencial para o progresso da nação, ela propunha uma nova forma de ver a mulher/menina como uma agente ativa na transformação social e intelectual de uma sociedade.

Essa reformulação educacional não implicava em uma quebra abrupta com as relações existentes entre os gêneros da época, com as hierarquias de poder, mas sim em uma adaptação dos valores tradicionais, buscando ampliar as possibilidades de emancipação feminina dentro dos limites da cultura e da moral cristã do período. Ela concebia que a educação deveria ser um meio para as mulheres/meninas se tornarem, ao mesmo tempo, cuidadoras de uma moral cristã e defensoras do progresso social.

Nesse sentido, sua defesa do ensino de ciências e, sugestivamente, de matemática, não representava um rompimento com as normas sociais vigentes, mas uma tentativa de demonstrar que o conhecimento poderia fortalecer as representações femininas tradicionais, tornando as mulheres mais preparadas para educar suas(seus) filhas(os) e contribuir para a sociedade. Dessa forma, ela buscou conciliar a valorização do conhecimento científico e, sugestivamente, de matemática, com uma educação pautada dentro de princípios morais cristãos.

Diante disso, postulamos a questão norteadora: que indícios podem ser lidos nos textos de Nísia Floresta acerca de argumentos a favor do ensino de ciências, especialmente da matemática para mulheres/meninas no Brasil, que subvertiam os assuntos prescritos pela Lei Educacional de 1827?

Como identificado em suas obras, Nísia não se referiu diretamente ao ensino de matemática, contudo, argumentou a favor das ciências e, assim, sempre incluímos a matemática dentro desse conhecimento das ciências, pois era um dos assuntos pautados na Lei de 1827.

E Nísia buscou subverter a Lei Educacional de 1827 ao ampliar a representação da importância da educação feminina, propondo um sistema educacional mais inclusivo, não condicionado às limitações impostas ao currículo feminino em relação ao masculino. Ela sugeriu que o ensino de ciências e, por extensão, o da matemática, deveria fazer parte da formação feminina. Reivindicação que se opunha à ideia de que as mulheres/meninas eram intelectualmente incapazes de lidar com conhecimentos mais avançados.

Desse modo, ao se expressar por meio de seus escritos, suas ações e sua maneira de viver, Nísia não somente desafiava a cultura predominantemente masculina do período, como também participava ativamente na criação de novos significados e assim na constituição de representações culturais. Ademais, ao reconhecermos Nísia como produtora cultural, também nos compreendemos como produtoras por meio do nosso fazer historiográfico. Ao entrarmos em contato com seus escritos, estamos os recriando por meio de nossas análises e interpretações, moldadas por nossa subjetividade e pelo contexto histórico em que nos inserimos.

Essas foram as principais interpretações que desenvolvemos nesta pesquisa, que buscaram identificar e analisar os indícios das subversões realizadas por Nísia com relação às normas educacionais e sociais vigentes, especialmente no que diz respeito ao ensino das ciências e, em particular, da matemática para mulheres/meninas, e suas contribuições para a educação no Brasil oitocentista. No entanto, os objetivos aqui apresentados abrem um vasto campo de possibilidades para futuras investigações.

Uma possibilidade seria pesquisar o Colégio Augusto, fundado por Nísia, podendo aprofundar a análise das práticas pedagógicas ali aplicadas, buscando indícios de que no mesmo eram ministrados conteúdos matemáticos semelhantes aos ministrados em colégios masculinos no período. Também há abertura para se pesquisar as influências intelectuais de Nísia, que ainda podem ser exploradas, inferindo novas conexões e elementos que podem vir a reforçar a sua reivindicação do ensino de ciências e, sugestivamente, de matemática para as mulheres/meninas.

Outra linha promissora seria a análise da recepção de seus pensamentos por outros intelectuais e educadores do período, bem como o impacto direto do seu trabalho na formação de novas gerações de mulheres. Caminhos de pesquisa que não somente

permitiriam uma compreensão mais ampla do legado de Nísia, como também das condições históricas e culturais que moldaram a educação feminina no Brasil. Por fim, um estudo muito interessante seria o da contribuição/repercussão de Nísia na história do tempo presente, trabalho que ampliaria o alcance do seu projeto de educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Daniela Maçaneiro. A MULHER NA CIÊNCIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS. **Criar Educação**, v. 6, n. 2, 2017.

ANNAES do Senado do Imperio do Brasil: Segunda Sessão da Primeira Legislatura de 16 de Junho a 12 de Setembro de 1827. Tomo segundo . ed. Rio de Janeiro: [s. n.], 1911. 339 p.

ARAÚJO, Lorna Beatriz de. **Direito internacional à equidade de gênero e o pioneirismo antidiscriminatório de Nísia Floresta**. Dissertação (Mestrado em Constituição e Garantia de Direitos) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Natal–RN, p. 98. 2022.

ARAÚJO, Lucas Freitas de. **O mundo dos homens e o segundo sexo: do essencialismo de gênero à transcendência**. Dissertação (Mestrado em Ética) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Filosofia, Natal–RN, p. 140. 2022.

ASHMORE, Richard D.; DEL BOCA, Frances K.; WOHLERS, Arthur J. Gender Stereotypes. In: ASHMORE, Richard D.; DEL BOCA, Frances K. **The Social Psychology of Female-Male Relations: A Critical Analysis of Central Concepts**. [S. l.: s. n.], 1986. cap. 69-119.

ASSUNÇÃO, Ricardo Gomes. **Processos de exclusão pela matemática: enunciados de alunos e alunas do Ensino Médio Integrado e do Ensino Superior**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Instituto de Matemática, Campo Grande–MS, p. 372, 2022.

BARROS, José D'Assunção. A História Social: seus significados e seus caminhos. **LPH - Revista de História da UFOP**, [S. l.], v. 15, p. 1-23, 2005.

BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, [S. l.], v. 12, n. 16, p. 38-63, 2011.

BARROS, José D'Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. **TEXTOS DE HISTÓRIA**, [S. l.], v. 11, n. 1/2, p. 145-171, 2003.

BARROS, José D'Assunção. Os Campos da História: uma introdução às especialidades da História. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 16, dez, p. 17-35, 2004.

BARROS, José D'Assunção. Os conceitos na história: considerações sobre o anacronismo. **OpenEdition Journals**, [S. l.], p. 155-180, 2017.

BARROS, José D.'Assunção. Fontes Históricas:: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. **Cadernos do tempo Presente**, v. 11, n. 02, p. 03-26, 2020.

BATTISTELLA, Laura Sánchez Pereira. **Nísia Floresta: memória e história da mulher intelectual oitocentista**. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Letras e Saúde, Foz do Iguaçu–PR, p. 110. 2017.

BLOCH, M. A crítica. In: BLOCH, March. **Apologia da História: ou o ofício de historiador**. [S.l.]: Jorge Zahar Editor Ltda, 1997, cap. III, p. 89-109.

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827, sancionando Ato do Poder Legislativo**. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Coleção das Leis do Império do Brasil de 1827 – Primeira parte. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, p. 71-73, 1878.

BRITO, Amital Aminadab Santos. **Subjetivação e regime de verdade: percurso que perpassaram as mulheres da educação matemática**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Caruaru, p. 81. 2021.

BRITO, Michele Christiane Alves de. **O silenciamento de gênero nas aulas de matemática na perspectiva dos discursos docentes**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Campina Grande–PB, p. 131, 2023.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** [s.l.] Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2021.

CARDOSO, Evelyn Rosana. **Afetividade, gênero e escola: um estudo sobre a exclusão de meninos no 6º ano do ensino fundamental, com enfoque na disciplina de matemática**. Tese

(Doutorado em Educação para a Ciência e a Matemática) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Exatas, Maringá, p. 227, 2015.

CASAGRANDE, Lindamir Salete. **Entre silenciamentos e invisibilidades:** relações de gênero no cotidiano das aulas de matemática. Tese (Doutorado em Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, p. 258, 2011.

CASTANHA, A. P. **Edição crítica da legislação educacional primária do Brasil imperial:** a legislação geral e complementar referente à Corte entre 1827 e 1889. Francisco Beltrão: Unioeste – Campus de Francisco Beltrão; Campinas: Navegando Publicações, 2013.

CAVALARI, Mariana Feiteiro. **A Matemática é feminina? Um estudo histórico da presença da mulher em institutos de pesquisa em Matemática do estado de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, p. 156, 2007.

CAVALCANTI, Edlamar Souza Leal. **Diferenças de gênero na apreensão do conhecimento escolar.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, p. 142, 2002.

CAVALCANTI, Erika Caroline de Oliveira. **Direitos das mulheres pela educação na perspectiva do silenciamento:** funcionamento discursivo de Nísia Floresta e da ONU Mulheres. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, p. 236. 2022.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIERE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. **A pesquisa qualitativa:** Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis - RJ: VOZES, 2008. p. 295-316.

CHARTIER, R. **A História Cultural:** entre práticas e representações. [S. l.]: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude.** Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

COELHO, Catarina Alves. **Direito das mulheres e injustiça dos homens:** a tradução utópico-feminista de Nísia Floresta. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) –

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, São Paulo, p. 97. 2019.

CORDEIRO, Jane Cleide de Almeida. **Entre mitos e interditos: uma reflexão sobre a segregação feminina na Matemática.** Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Campina Grande–PB, p. 78, 2019.

CORRÊA, Maria Lúcia. **Uma intervenção pedagógica na educação básica com potencial de ampliar a visibilidade da produção científica feminina.** Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, p. 260. 2024.

DA SILVA, Joasey Pollyanna Andrade; DO CARMO, Valter Moura; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, v. 7, n. 1, p. 101-122, 2021.

DA SILVA, Sergio Gomes. O conflito identitário: sexo e gênero na constituição das identidades. **Revista brasileira de sexualidade humana**, v. 10, n. 1, 1999.

DE CARVALHO, João Bosco et al. Euclides Roxo e o movimento de reforma do ensino de Matemática na década de 30. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 81, n. 199, 2000.

DE CERTEAU, M. **A operação historiográfica.** In: Michel de Certeau. A escrita da história. Forense Universitária, 1982. pp. pp. 56-104.

DIAS, Andre Luis Mattedi. **Engenheiros, mulheres, matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896-1968).** Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, p. 320, 2002.

DUARTE, Constância Lima. **#NÍSIAFLORESTA PRESENTE: uma brasileira ilustre.** 1. ed. Natal - RN: Mariana Hardi, 2019. 254 p.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta.** [S. l.]: Massangana, 2010.

FENELON, Dea Ribeiro. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, p. 73-90, 1993.

FERNANDES, Ana Carolina dos Reis. **Vozes subalternas**: produções de autoria feminina na pós-colonização do Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara–SP p. 99. 2013.

FERNANDES, Jairo Fernando Calister. **A presença feminina no curso de matemática de Ilha Solteira**. Dissertação (Mestrado em Ensino e Processos Formativos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Ilha Solteira, p. 114. 2020.

FERNANDES, Maria da Conceição Vieira. **A inserção e vivência da mulher na docência de matemática: uma questão de gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, João Pessoa–PB, p. 108. 2006.

FILHO, José Mário da Silva. **Estudos de gêneros na Educação Matemática: as expectativas construídas pelos/as docentes**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Caruaru, p. 102, 2019.

FLORESTA, Nísia. **Conselhos à minha filha**. [S. l.: s. n.], 2023a. 44 p

FLORESTA, Nísia. **Fany ou o Modelo das Donzelas**. [S. l.: s. n.], 2023b. 23 p.

FLORESTA, Nísia. **Fragmentos de Uma Obra Inédita**: Notas Biográficas. [S. l.]: UnB, 2021. 152 p.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. Prefácio de Maria da Conceição Lima Alves; notas de Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares. Brasília: Senado Federal, 2019. 119 p.

GARCIA, Liciania Gai. **Matemática no programa Mulheres SIM: inclusão e cidadania.** Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) – Universidade Regional de Blumenau, Centro de Ciências Exatas e Naturais, Blumenau–SC, p. 89, 2017.

HIRANO, Ligia Kaori Matsumoto. **(Des)igualdade de gênero na área de STEM (Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática).** Dissertação (Mestrado em Administração) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 79. 2021.

LEANDRO, Everaldo Gomes; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglioni. O paradigma indiciário para análise de narrativas. **Educar em Revista**, v. 37, p. e74611, 2021

LEITE, Angelita de Souza. **Constituir-se professora primária no interior do estado da Bahia – Caetité (1926-1956): relações de gênero, conhecimento matemático e poder.** Tese (Doutorado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte–MG, p. 338. 2021.

LEITE, Eudes. (Nova) História cultural. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (org.). **Dicionário crítico de gênero.** 2. ed. Dourados–MS: Universidade Federal da Grande Dourados, p. 355-360, 2019.

LIMA DUARTE, Constância; PESSOA, Udyamar. **Nísia Floresta Brasileira Augusta: Uma mulher à frente do seu tempo.** [S. l.]: Fundação Ulysses Guimarães, p. 202, [s.d.].

LIMA, Adriane Raquel Santana de. **Educação para mulheres e processos de descolonização da América Latina no século XIX: Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências e Educação, Belém, p. 262, 2016.

Linhas de Pesquisa - Educação Matemática. Disponível em:

<<https://ppgedumat.ufms.br/linhas-de-pesquisa/>>. Acesso em: 29 set. 2024.

LONZA, Gabriel Battazza. **Nísia Floresta e educação das mulheres no Brasil: a experiência do Colégio Augusto (1838-1849).** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 89, 2019.

LOPES, Maria Maroni. **O ensino de Matemática na Escola Doméstica de Natal: contribuições para um diálogo sobre o papel da mulher Norte-rio-grandense (1911 – 1961).**

Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, p. 332, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. A construção escolar das diferenças. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2003. cap. 3, p. 57-87.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. **Uma perspectiva pós-estruturalista Guacira Lopes Louro** - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36.

LOURO, Guacira Lopes. MULHERES NA SALA DE AULA. *In*: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 465-505.

MAIATO, Alexandra Moraes. **Atividades laboratoriais: desenvolvimento do autoconceito e das crenças de autoeficácia e a minimização dos estereótipos de gênero na escolha profissional das meninas na área das ciências**. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, p. 228. 2012.

MARGUTTI, Paulo. **Nísia Floresta, uma brasileira desconhecida: Feminismo, positivismo e outras tendências**. Porto Alegre - RS: Fi, 2019. 374 p.

MENEZES, Ana Kelly Cavalcante. **Algumas reflexões acerca da educação e disciplinarização feminina nas obras de Nísia Floresta (1827-1856)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, p. 102, 2022.

MENEZES, Danusa Nunes de. **Um olhar sobre os discursos do campo nos livros didáticos de matemática dos anos finais do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Instituto de Matemática, Campo Grande - MS, p. 105. 2022.

MENEZES, Leopoldina. **Gênero, ensino e pesquisa em matemática: um estudo de caso.** Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Salvador, p. 212, 2016.

MENEZES, Marcia Barbosa de. **A Matemática das mulheres: as marcas de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia (1941-1980).** Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, p. 383, 2017.

MONARCHA, Carlos. A instrução pública no Brasil Imperial (1822-1889). **Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática**, v. 8, n. 1, 2015.

MOREIRA, Murilo César. **Investigando vieses de gênero a respeito de profissões entre alunos das áreas de ciências exatas e humanas.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, p. 70. 2020.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral de. Historiografia e gênero. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (org.). **Dicionário crítico de gênero.** 2. ed. Dourados-MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 379-382.

OGANDO, Ana Carolina Freitas Lima. **Da república sem mulheres à modernização patriarcal: origens e metamorfoses das relações de gênero no Brasil.** Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciência Política, Belo Horizonte, p. 307. 2012.

OLIVEIRA, Alana Lima de. **Direito das mulheres: um enfoque sobre Nísia Floresta e a política da tradução cultural.** Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas) – Universidade Federal de Parnaíba, Centro de Ciências Jurídicas, João Pessoa, p. 93. 2015.

OLIVEIRA, Daniele Aparecida de. **Percepção de barreiras e suportes na carreira acadêmica dos estudantes de matemática: um estudo de gênero.** Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Universidade Federal de Itajubá, Itajubá-MG, p. 142, 2021.

OLIVEIRA, Iara Leticia Leite de. **Vozes com rostos, reluzentes silhuetas: histórias de vida, formação e atuação docente de mulheres educadoras da região de Ouro Preto–MG**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro–SP, p. 377. 2021.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Conhecendo alguns tipos de pesquisa. *In*: OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2007. cap. 3, p. 65-75.

OLIVEIRA, Otávio Henrique Braz de. **A aula de matemática: a didática do feminino e do masculino**. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília–DF, p. 299, 2013.

OPENAI. **Informação fornecida por assistente virtual sobre Antoinette Fouque**. Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

OPENAI. **Informação fornecida por assistente virtual sobre Hubertine Auclert**. Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

OPENAI. **Informação fornecida por assistente virtual sobre Mary Wollstonecraft**. Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

OPENAI. **Resposta à consulta sobre “o que é alta cultura”**. Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

OPENAI. **Resposta à consulta sobre “o que é androcêntrico”**. Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 28 de novembro de 2024.

OSORIO, Fernando. **Mulheres farroupilhas**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935.

PAULA, Lorryne Ferreira dos Santos de. **Matemática e docência feminina: descortinando alguns aspectos emblemáticos envolvidos às relações de poder**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Educação, Seropédica, p. 94. 2023.

PEREIRA, Crislanda Lima. **Hypatia de Alexandria: narrativas e contribuições acerca da filósofa, matemática, astrônoma e mestra da Antiguidade Tardia**. Dissertação (Mestrado em

Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal de São Paulo, Diadema, p. 169, 2024.

PEREIRA, Juliana Cardoso. **A inserção das mulheres na ciência**: efeito de um dispositivo de visibilidade. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Departamento de Bioquímica, Porto Alegre, p. 118. 2019.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Editora Paz e Terra, 2017.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 1-184.

PETIT, Annie. **Genèse de la classification des sciences d'Auguste Comte**. Revue de synthèse, v. 115, n. 1-2, p. 71-102, 1994.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 159-189, janeiro-abril/2009.

RABELO, Ingrid de Sales. **O impacto do gênero dos docentes nas escolhas de carreira**: estudo em escolas de educação profissional integrada ao nível médio no Ceará. Dissertação (Mestrado em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Recife, p. 55. 2023.

RAIMUNDI, Priscilla Sousa Frigo. **Trajetórias profissionais de mulheres cientistas em cargos de chefia**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais) – Universidade de Taubaté, Taubaté–SP, p. 112. 2019.

RODRIGUES, Duciâny Batista da Silva. **Relações de gênero e ensino de matemática**: uma análise do projeto as “minas” da matemática. Dissertação (Mestrado em Matemática) – Universidade Federal do Tocantins, Campus Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, Arraias–TO, p. 91, 2021.

ROSA, Graziela Rinaldi da. **Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”**: contradições na filosofia de educação nissiana. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, São Leopoldo, p. 352, 2012.

ROSENTHAL, Renata. **Ser mulher em Ciências da Natureza e Matemática**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade de São Paulo, Instituto de Biociências, Instituto de Física, Instituto de Química, Faculdade de Educação, São Paulo, p. 106, 2018.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie et al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SACHS, Juliane Priscila Diniz. **Uma proposta para a formação inicial de docentes acerca de uma educação científica equitativa em gênero**. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, p. 552. 2019.

SANTARELLI, Iohana Souza. **História da ciência na perspectiva das mulheres: o domínio da natureza e da mulher em Carolyn Merchant**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, p. 96, 2023.

SANTI, Tailine Audilia de. **Narrativas de vida de educadoras matemáticas paranaenses: marcas de gênero em um diário de uma feminista**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro–SP, p. 382. 2021.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99**, 1995.

SILVA, Andréia Moreira da. **Em direção a uma ciência feminista**. Dissertação (Mestrado em Ensino, História das Ciências e da Matemática) – Universidade Federal do ABC, Santo André–SP, p. 105. 2018.

SILVA, Bárbara Amaral da. **Negociando distâncias em defesa da educação para as brasileiras em Nísia Floresta**. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, p. 268, 2020.

SILVA, Elizabeth Maria da. **Mulheres emancipai-vos!:** um estudo sobre o pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Caruaru, p. 215, 2014.

SILVA, Lêda Valéria Alves da. **José Veríssimo: ciência e educação feminina no século XIX.** Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Ciências, Belém, p. 55, 2012.

SILVA, Renata Caterine Gambaro Cleto da. **O ensino de matemática para mulheres no Colégio Piracicabano (1881-1908).** Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro–SP, p. 136. 2020.

SOUZA, André Cristovão. **As questões de gênero, raça e classe em livros didáticos de Matemática: uma análise a partir da Educação Ciência, Tecnologia e Sociedade – CTS.** Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal de São Carlos, Centro de Ciências Agrárias, Departamento de Ciências da Natureza, Matemática e Educação, Araras–SP, p. 116. 2023.

SOUZA, Cinthia Raquel de. **Cientistas negras nos cursos de ciências exatas: (re)existências.** Tese (Doutorado em Educação em Ciências e em Matemática) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, p. 233. 2024.

SOUZA, Juliana Boanovac. **A invisibilidade do gênero nas discussões das mulheres professoras de matemática.** Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Porto Alegre, p. 97. 2020.

SOUZA, Luiza Gabriela Razêra de. **Quem calculava:** representações de gênero na relação mulher-matemática na obra O homem que calculava de Malba Tahan. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, p. 74, 2013.

SOUZA, Marcos Vinícius dos Santos. **Estilhaçando as máscaras epistemológicas das Anastácias da atualidade:** compreendendo os impactos das produções de mulheres africanas para a Matemática no século XX e XXI. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia; Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, p. 120, 2023.

SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de. **Gênero e matemática(s): jogos de verdade nas práticas de numeramento de alunas e alunos da educação de pessoas jovens e adultas**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, p. 317, 2008.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica**, 2012.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 28-62, 1994.

TREVISAN, Andreia Cristina Rodrigues. **Educação matemática e multiculturalismo: uma análise de imagens presentes em livros didáticos**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá–MT, p. 130. 2013.

TRINDADE, Carolina Antonia Silva. **Escolarizar para civilizar: o Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes em Santo Amaro da Purificação - Bahia, século XIX**. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Salvador, p. 192, 2018.

VALENTE, W. R. **História da Educação Matemática: interrogações metodológicas**. REVEMAT - Revista Eletrônica de Educação Matemática, UFSC, v. 2.2, p. 28-49, 2007.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Gênero, educação e cotidiano feminino na sociedade brasileira oitocentista. **Dimensões**, n. 23, 2009.

VERONA, Elisa Maria. **Da feminilidade oitocentista**. Editora Unesp, 2013.

WITTER, Geraldina Porto. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA, PESQUISA DOCUMENTAL E BUSCA DE INFORMAÇÃO. **Estudos de psicologia**, v. 7, n. 1-2, p. 05-30, 1990.

XAVIER, Vivienne Adriana. **“O menino, com o mínimo de interesse, consegue; a menina tem muito mais afazeres”**: percepção docente sobre o hiato de gênero no desempenho em Matemática. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, p. 117, 2018.

APÊNDICE A

Tabela 01 - Pesquisas resultantes da palavra-chave: “ensino para meninas”

Autor	Título	Ano	Tipo
Elizaeth Maria da Silva	Mulheres emancipai-vos!: um estudo sobre o pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta	2014	Dissertações de Mestrado em Educação Contemporânea
Carolina Antonia Silva Trindade	Escolarizar Para Civilizar: O Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes em Santo Amaro da Purificação - Bahia, Século XIX	2018	Dissertações de Mestrado em Língua e Cultura
Graziela Rinaldi da Rosa	Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”: contradições na filosofia de educação nisiana	2012	Tese de Doutorado em Educação

Tabela 02 - Pesquisas resultantes da palavra-chave: ensino para meninas + matemática

Autor	Título	Ano	Tipo
Vivienne Adriana Xavier	"O menino, com o mínimo de interesse, consegue; a menina tem muito mais afazeres": percepção docente sobre o hiato de gênero no desempenho em Matemática	2018	Dissertações de Mestrado em Educação
Evelyn Rosana Cardoso	Afetividade, gênero e escola: um estudo sobre a exclusão de meninos no 6º ano do ensino fundamental, com enfoque na disciplina de matemática	2015	Tese de Doutorado em Educação para a Ciência e a Matemática
Valeria Aparecida Monteiro de Oliveira	“Deixe para os meninos”: Gênero e desistência na ciência e na tecnologia	2019	Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Comunitário
Renata Caterine Gambaro Cleto da Silva	O ensino de matemática para mulheres no Colégio Piracicabano (1881-1908)	2020	Dissertação de Mestrado em Educação Matemática
José Mário Da	Estudos de gêneros na Educação Matemática:	2019	Dissertações de

Silva Filho	as expectativas construídas pelos/as docentes		Mestrado em Educação em Ciências e Matemática
Otávio Henrique Braz de Oliveira	A aula de matemática: a didática do feminino e do masculino	2013	Dissertações de Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde
Daniele Aparecida de Oliveira	Percepção de barreiras e suportes na carreira acadêmica dos estudantes de matemática: um estudo de gênero	2021	Dissertações de Mestrado em Educação em Ciências
Renata Rosenthal	Ser mulher em Ciências da Natureza e Matemática	2018	Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências
Alexandra Moraes Maiato	Atividades laboratoriais: desenvolvimento do autoconceito e das crenças de autoeficácia e a minimização dos estereótipos de gênero na escolha profissional das meninas na área das ciências	2019	Tese de Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde
Lindamir Salete Casagrande	Entre silenciamentos e invisibilidades: relações de gênero no cotidiano das aulas de matemática	2011	Tese de Doutorado em Tecnologia
Michele Christiane Alves de Brito	O silenciamento de gênero nas aulas de matemática na perspectiva dos discursos docentes	2023	Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática
Lorrayne Ferreira dos Santos de Paula	Matemática e docência feminina: descortinando alguns aspectos emblemáticos envolvidos às relações de poder	2023	Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática
Carla de Oliveira Romão	Identificações do feminino em materiais didáticos contemporâneos		Dissertação de Mestrado em Educação
Edlamar Souza Leal Cavalcanti	Diferenças de gênero na apreensão do conhecimento escolar.	2002	Dissertação de Mestrado em Educação
Maria Lúcia Corrêa	Uma intervenção pedagógica na educação básica com potencial de ampliar a visibilidade da produção científica feminina	2024	Tese de Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática

Tabela 03 - Pesquisas resultantes da palavra-chave: “matemática” + “mulher”

Autor	Título	Ano	Tipo
Renata Rosenthal	Ser mulher em Ciências da Natureza e Matemática	2018	Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências
Andre Luis	Engenheiros, mulheres, matemáticos: interesses	2002	Tese de Doutorado em

Mattedi Dias	e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896-1968)		História Social
Juliana Boanovac Souza	A invisibilidade do gênero nas discussões das mulheres professoras de matemática	2020	Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde
Liciana Gai Garcia	Matemática no programa Mulheres SIM: inclusão e cidadania	2017	Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática
Maria da Conceição Vieira Fernandes	A inserção e vivência da mulher na docência de matemática: uma questão de gênero	2006	Dissertação de Mestrado em Educação
Renata Caterine Gambaro Cleto da Silva	O ensino de matemática para mulheres no Colégio Piracicabano (1881-1908)	2020	Dissertação de Mestrado em Educação Matemática
Duciâny Batista da Silva Rodrigues	Relações de gênero e ensino de matemática: uma análise do projeto as “minas” da matemática	2021	Dissertação de Mestrado em Matemática
Ligia Kaori Matsumoto Hirano	(Des)igualdade de gênero na área de STEM (Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática)	2021	Dissertação de Mestrado em Administração
Iohana Souza Santarelli	História da ciência na perspectiva das mulheres : o domínio da natureza e da mulher em Carolyn Merchant	2023	Dissertação em Ensino de Ciências e Matemática
Mariana Feiteiro Cavalari	A Matemática é Feminina? Um Estudo Histórico da Presença da Mulher Em Institutos de Pesquisa em Matemática do Estado de São Paulo	2007	Dissertação de Mestrado em Educação Matemática
Marcia Barbosa de Menezes	A Matemática das mulheres: as marcas de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia. (1941-1980)	2017	Tese de Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo
Amital Aminadab Santos Brito	Subjetivação e regime de verdade: percurso que perpassaram as mulheres da educação matemática	2021	Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática
Leopoldina Menezes	Genêro, ensino e pesquisa em matemática: um estudo de caso	2016	Tese de Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo

Jane Cleide de Almeida Cordeiro	Entre mitos e interditos: Uma reflexão sobre a segregação feminina na Matemática	2019	Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática
Marcos Vinícius dos Santos Souza	Estilhaçando as máscaras epistemológicas das Anastácias da atualidade: compreendendo os impactos das produções de mulheres africanas para a Matemática no século XX e XXI	2023	Dissertação de Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências
Daniele Aparecida de Oliveira	Percepção de barreiras e suportes na carreira acadêmica dos estudantes de matemática: um estudo de gênero	2021	Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências
Lorrayne Ferreira dos Santos de Paula	Matemática e docência feminina: descortinando alguns aspectos emblemáticos envoltos às relações de poder	2023	Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática
Luiza Gabriela Razêra de Souza	Quem calculava : representações de gênero na relação mulher-matemática na obra O homem que calculava de Malba Tahan	2024	Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática
Cinthia Raquel de Souza	Cientistas negras nos cursos de ciências exatas: (re)existências	2024	Tese de Doutorado em Educação em Ciências e em Matemática
Maria Maroni Lopes	O ensino de Matemática na Escola Doméstica de Natal: contribuições para um diálogo sobre o papel da mulher Norte-rio-grandense (1911 – 1961)	2020	Tese de Doutorado em Educação Matemática
Otávio Henrique Braz de Oliveira	A aula de matemática: a didática do feminino e do masculino	2013	Dissertação de Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde
Iara Leticia Leite de Oliveira	Vozes com rostos, reluzentes silhuetas: histórias de vida, formação e atuação docente de mulheres educadoras da região de Ouro Preto – MG	2021	Tese de Doutorado em Educação Matemática
Jairo Fernando Calister Fernandes	A presença feminina no curso de matemática de Ilha Solteira	2020	Dissertação de Mestrado em Ensino e Processos Formativos
Lindamir Salete Casagrande	Entre silenciamentos e invisibilidades: relações de gênero no cotidiano das aulas de matemática	2011	Tese de Doutorado em Tecnologia
Angelita de Souza Leite	Constituir-se professora primária no interior do estado da Bahia – Caetité (1926-1956): relações de gênero, conhecimento - matemático e poder	2021	Tese de Doutorado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social
Juliana Cardoso Pereira	A inserção das mulheres na ciência: efeito de um dispositivo de visibilidade	2019	Tese de Doutorado em Educação em Ciências:

			Química da Vida e Saúde
Priscilla Sousa Frigo Raimundi	Trajetórias profissionais de mulheres cientistas em cargos de chefia	2019	Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais
Ricardo Gomes Assunção	PROCESSOS DE EXCLUSÃO PELA MATEMÁTICA: enunciados de alunos e alunas do Ensino Médio Integrado e do Ensino Superior	2022	Tese de Doutorado em Educação Matemática
Tailine Audilia de Santi	Narrativas de vida de educadoras matemáticas paranaenses: marcas de gênero em um diário de uma feminista	2021	Dissertação de Mestrado em Educação Matemática
Andreia Cristina Rodrigues Trevisan	Educação matemática e multiculturalismo : uma análise de imagens presentes em livros didáticos	2013	Dissertação de mestrado em Educação
Maria Celeste Reis Fernandes de Souza	Gênero e matemática(s): jogos de verdade nas práticas de numeramento de alunas e alunos da educação de pessoas jovens e adultas	2008	Tese de Doutorado em Educação
André Cristovão Sousa	As questões de gênero, raça e classe em livros didáticos de Matemática: uma análise a partir da educação Ciência, Tecnologia e Sociedade – CTS	2023	Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática
Crislanda Lima Pereira	Hypatia de Alexandria: narrativas e contribuições acerca da filósofa, matemática, astrônoma e mestra da Antiguidade Tardia	2024	Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática
Danusa Nunes De Menezes	Um Olhar Sobre os Discursos do Campo nos Livros Didáticos de Matemática dos Anos Finais do Ensino Fundamental	2022	Dissertação de Mestrado em Educação Matemática
Lêda Valéria Alves da Silva	José Veríssimo: ciência e educação feminina no século XIX	2012	Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas
Andréia Moreira da Silva	Em direção a uma ciência feminista	2018	Dissertação de Mestrado em Ensino, História das Ciências e da Matemática
Murilo César Moreira	Investigando vieses de gênero a respeito de profissões entre alunos das áreas de ciências exatas e humanas	2020	Dissertação de Mestrado em Psicologia
Juliane Priscila Diniz Sachs	Uma proposta para a formação inicial de docentes acerca de uma educação científica equitativa em gênero	2019	Tese de Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática
Alexandra	Atividades laboratoriais: desenvolvimento do	2012	Tese de Doutorado em

Moraes Maiato	autoconceito e das crenças de autoeficácia e a minimização dos estereótipos de gênero na escolha profissional das meninas na área das ciências		Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde
Ingrid de Sales Rabelo	O impacto do gênero dos docentes nas escolhas de carreira: estudo em escolas de educação profissional integrada ao nível médio no Ceará	2023	Dissertação de Mestrado em Ciências Econômicas
Edlamar Souza Leal Cavalcanti	Diferenças de gênero na apreensão do conhecimento escolar.	2002	Dissertação de Mestrado em Educação

Tabela 04 - Pesquisas resultantes da palavra-chave: “Nísia Floresta”

Autor	Título	Ano	Tipo
Laura Sánchez Pereira Battistella	Nísia Floresta: memória e história da mulher intelectual oitocentista	2017	Dissertação de Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras
Bárbara Amaral da Silva	Negociando distâncias em defesa da educação para as brasileiras em Nísia Floresta	2020	Tese de Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso
Alana Lima de Oliveira	Direito das mulheres: um enfoque sobre Nísia Floresta e a política da tradução cultural.	2015	Dissertação de Mestrado em Ciências Jurídicas
Gabriel Battazza Lonza	A educação das mulheres no Brasil: Nísia Floresta e a experiência do Colégio Augusto (1838-1849)	2019	Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais
Catarina Alves Coelho	Direito das mulheres e injustiça dos homens: a tradução utópico-feminista de Nísia Floresta	2019	Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução
Elizabeth Maria da Silva	Mulheres emancipai-vos!: um estudo sobre o pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta	2014	Dissertação de Mestrado em Educação Contemporânea
Lorna Beatriz de Araújo	Direito internacional à equidade de gênero e o pioneirismo antidiscriminatório de Nísia Floresta	2022	Dissertação de Mestrado em Constituição e Garantia de Direitos
Ana Kelly Cavalcante Menezes	Algumas reflexões acerca da educação e disciplinarização feminina nas obras de Nísia Floresta (1827-1856)	2022	Dissertação de Mestrado em Educação

Erika Caroline de Oliveira Cavalcanti	Direitos das mulheres pela educação na perspectiva do silenciamento: funcionamento discursivo de Nísia Floresta e da ONU mulheres.	2022	Tese de Doutorado em Ciências da Linguagem
Adriane Raquel Santana de Lima	Educação para mulheres e processos de descolonização da América latina no século XIX: Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper	2016	Tese de Doutorado em Educação
Lucas Freitas de Araújo	O mundo dos homens e o segundo sexo: do essencialismo de gênero à transcendência	2022	Dissertação de Mestrado em Ética
Ana Carolina dos Reis Fernandes	Vozes subalternas: produções de autoria feminina na pós-colonização do Brasil	2013	Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais
Ana Carolina Freitas Lima Ogando	Da república sem mulheres à modernização patriarcal: origens e metamorfoses das relações de gênero no Brasil	2012	Tese de Doutorado em Ciência Política
Graziela Rinaldi da Rosa	Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”: contradições na filosofia de educação nisiana	2012	Tese de Doutorado em Educação

Tabela 05 - Pesquisas resultantes da palavra-chave: “Colégio Augusto”

Autor	Título	Ano	Tipo
Gabriel Battazza Lonza	A educação das mulheres no Brasil: Nísia Floresta e a experiência do Colégio Augusto (1838-1849)	2019	Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais
Graziela Rinaldi da Rosa	Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”: contradições na filosofia de educação nisiana	2012	Tese de Doutorado em Educação

APÊNDICE B

Fontes encontradas no Repositório LABIM

Autor	Título	Ano	Descrição
CÂMARA, Adauto da	História de Nísia Floresta	1941	Item não encontrado em formato digital. O original se encontra na biblioteca do IHGRN.
DUARTE, Constância Lima	Nísia Floresta: vida e obra.	2002	Item não encontrado em formato digital. O original pertence ao NEH (Núcleo de Estudos Históricos).
PEREIRA, Valdir Tomaz	Contribuições de Nísia Floresta para a educação brasileira no século XIX.	1999	Monografia
LINS, Sandra Regina de Sousa	Nísia Floresta: as mulheres, o progresso e a educação do Rio Grande do Norte no século XIX (1832-1885).	2002	Monografia
—	DN Educação - Nísia Floresta Brasileira Augusta	Mar -2006	Diário de Natal Educação - Nísia Floresta Brasileira Augusta, A primeira feminista do Brasil.
—	Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras - 1972	1972	Texto em celebração a Nísia com poemas sobre ela, informações biográficas, entre outras.
Walter Wanderley	Orações Acadêmicas	1970	Breve apresentação de escritores norte-rio-grandenses, com curta menção a Nísia no início e uma parte dedicada a Isabel Gondim.
Leonam Lucas Nogueira Cunha	Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras - 2020	Mar-2020	Artigo sobre ela, intitulado “Nísia Floresta: feminista quando nem se falava sobre isso no Brasil (II)”, páginas 87-93.
—	Revista do IHGRN 1948-1950	1950	Menção na página 153 de um possível romance platônico entre Nísia e Inácio Pinheiro. Artigo escrito por Adauto da Câmara, intitulado <i>O Tumulo De Nísia Floresta</i> , páginas 159-165.

—	Revista do Centro Polymathico do Rio Grande do Norte	—	Menção a ela e suas obras na página 20 do PDF. Parece que no arquivo há dois documentos diferentes, as menções a ela iniciam de um relato do Desembargador J. Ferreira Chaves, que não são coesos entre si.
Nilo Pereira	Revista da Academia Norte-Rio-grandense de Letras - 1977	1977	Artigo intitulado <i>Nísia Floresta</i> , páginas 47-51 (biografia).
WANDERLE Y, Ezequiel	Poetas do Rio Grande do Norte	1922	Item não encontrado.
—	O Porvir 1926-1929	1926	Página 73 do PDF, verbete incompleto sobre ela.
Hélio Galvão	Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras - 1970	1970	Artigo intitulado <i>Nísia e Henrique</i> , páginas 46-60.
Maria Simonetti Gadelha Grilo	Revista do IHGRN - Edição Comemorativa do Centenário 1902-2002	2011	Artigo intitulado <i>Nísia Floresta</i> , páginas 295-298 (biografia).
Grácio Barbalho	Revista do IHGRN 1983-1984	1989	Breves Traços de Nísia Floresta, páginas 70-71 (biografia).

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

APÊNDICE C

Buscas realizadas na Hemeroteca Digital Brasileira, por pesquisa LOCAL segundo a palavra-chave: “Nísia Floresta”.

Tabela 1 - Busca realizada por LOCAL AM, com 171 acervos, tiveram 15 ocorrências

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
Jornal do Commercio (AM) - 1905 a 1979	139385	10	Ano 1947\Edição 14348 - p. 5	Menção a Nísia como uma “escritora machona”
			Ano 1963\Edição 18150 - p. 9	Menção a livro de João Batista Cascudo sobre as “pioneiras femininas de vários países” que incluía Nísia
			Ano 1972\Edição 20971 - p. 16	Descrição de livro de São João da Barra na qual Nísia é citada
Jornal do Commercio (AM) - 1980 a 2007	127940	5	Ano 1986\Edição 33840 - p. 27	Menção a Nísia como uma das primeiras mulheres a começar a se manifestar por meio da imprensa em uma matéria intitulada “A mulher na constituinte II: A luta das mulheres pelo voto feminino”
			Ano 1986\Edição 33910 - p. 22; Ano 1987\Edição 34258 - p. 18	Menção a morte de Nísia em uma cronologia
			Ano 1991\Edição 35396 - p. 12	Menção a Nísia como a primeira feminista do Brasil em matéria intitulada “A inserção da mulher no poder jurídico”

Tabela 2 – Busca realizada por LOCAL CE, com 276 acervos, teve 2 ocorrências

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
A Ordem : Trabalho e justiça (CE) - 1916 a 1933	3746	1	Ano 1920\Edição 00046 - p. 4	Matéria sobre ela intitulada “Quem foi a professora do feminismo no Brasil”, na qual consideram ela “a precursora do feminismo no Brasil”

Tabela 3 – Busca realizada por LOCAL DF, com 14 acervos e 133 ocorrências

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
Correio Braziliense (DF) - 2002 a 2009	245970	83	Ano 2005\Edição 15537	Menção aos pensamentos de Nísia em relação à educação no Brasil por meio de uma passagem do Opúsculo Humanitário em matéria intitulada “Um Fertilizador do Inusitado”
			Ano 2005\Edição 15537; Ano	Menção a uma homenagem a Nísia no 12º Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de

			2005\Edição 15538; Ano 2006\Edição 15634; Ano 2006\Edição 15638; Ano 2006\Edição 15645; Ano 2006\Edição 15647; Ano 2006\Edição 15652; Ano 2006\Edição 15654; Ano 2006\Edição 15657; Ano 2006\Edição 15659; Ano 2006\Edição 15661; Ano 2006\Edição 15663; Ano 2006\Edição 15666; Ano 2006\Edição 15668; Ano 2006\Edição 15670; Ano 2006\Edição 15673; Ano 2006\Edição 15675; Ano 2006\Edição 15677; Ano 2006\Edição 15680; Ano 2006\Edição 15684; Ano 2006\Edição 15689; Ano 2006\Edição 15691; Ano 2006\Edição 15696; Ano 2006\Edição 15700B; Ano 2006\Edição 15702; Ano 2006\Edição 15704; Ano	Redação / Projeto Memória, mencionada como “uma brasileira a frente do seu tempo”
--	--	--	--	---

			2006\Edição 15707; Ano 2006\Edição 15709; Ano 2006\Edição 15711; Ano 2006\Edição 15714; Ano 2006\Edição 15716; Ano 2006\Edição 15718; Ano 2006\Edição 15721; Ano 2006\Edição 15723; Ano 2006\Edição 15725; Ano 2006\Edição 15728; Ano 2006\Edição 15730; Ano 2006\Edição 15732; Ano 2006\Edição 15735; Ano 2006\Edição 15737; Ano 2006\Edição 15744; Ano 2006\Edição 15749; Ano 2006\Edição 15751; Ano 2006\Edição 15753; Ano 2006\Edição 15757; Ano 2006\Edição 15758; Ano 2006\Edição 15760; Ano 2006\Edição 15763; Ano 2006\Edição 15765; Ano 2006\Edição 15768; Ano 2006\Edição 15770; Ano	
--	--	--	---	--

			2006\Edição 15772; Ano 2006\Edição 15776; Ano 2006\Edição 15782; Ano 2006\Edição 15790; Ano 2006\Edição 15792; Ano 2006\Edição 15794; Ano 2006\Edição 15796; Ano 2006\Edição 15799; Ano 2006\Edição 15803; Ano 2006\Edição 15806; Ano 2006\Edição 15809; Ano 2006\Edição 15810; Ano 2006\Edição 15876; Ano 2006\Edição 15880; Ano 2006\Edição 1588; Ano 2006\Edição 15908; Ano 2008\Edição 16629; Ano 2009\Edição 17011	
			Ano 2006\Edição 15883	Menção a Nísia em matéria intitulada “Resgatadas do Silêncio”, nela é discutido a invisibilidade de mulheres na história do brasil, especialmente das escritoras do século XIX
			Ano 2008\Edição 16366	Menção em matéria do dia internacional das mulheres na qual pediram a “pesquisadores que listassem mulheres consideradas imortais”, Nísia é referida como “Feminista percursora na Historia do Brasil, ainda que hoje alguns de seus pocissiomaneteos pareçam conservadores. Foi uma cientista brilhante, em uma época em que as mulheres tinham menos acesso ainda às ciências”

			Ano 2008\Edição 16445	Menção a Nísia em matéria intitulada “Educadores em Foco”
			Ano 2008\Edição 16445	Menção a Nísia em matéria intitulada “Educadores em Foco”
			Ano 2008\Edição 16645	Menção ao livro Direitos das Mulheres Injustiça dos Homens em matéria intitulada “O feminismo no Brasil e no mundo”, uma cronologia que se inicia com a tradução realizada por Nísia
Correio Braziliense (DF) - 1970 a 1979	131996	16	Ano 1971\Edição 03526 - p. 8	Menção a Nísia em artigo que busca falar obras escritas por mulheres intitulado “ <i>Pequena Pesquisa</i> ”. “As razões da reduzida frequência da mulher brasileira, na poesia, ao passar de séculos de atividade literária certamente residem em ponderáveis aspectos de ordem social, que revestiram a civilização que se formou, no Brasil, sob o influxo de causas diversas de largos impedimentos culturais”
			Ano 1973\Edição 04220 - p. 40	Menção a manuscritos de Nísia não publicados encontrados na casa de Auguste Comte em Paris, em artigo intitulado “Livros inéditos de Nísia Floresta vão ser editados em NR”
			Ano 1978\Edição 05477 - p. 5	Artigo “José de Alencar Bacharel de Olinda”, ele teria “referenciado de corpo e alma” relações de Nísia com a Faculdade de Direito de Olinda
			Ano 1979\Edição 06072 - p. 35	Artigo “Reitor Poeta: Um jovem dirige a Universidade Federal do Rio Grande do Norte”, menção sobre obras de Nísia estarem sendo reeditadas
Correio Braziliense (DF) - 2010 a 2014	160035	15	per028274_2010_1 7360 - p. 42	Menção a Nísia ter sido homenageada em uma edição passada do Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação
			per028274_2010_1 7384 - p. 7	Nísia consta na lista de mulheres que seriam homenageadas em festa na Esplanada dos Ministérios no dia da posse de Dilma Rouseff. Ela é referida como “considerada a primeira feminista do Brasil”
			per028274_2011_1 7454 - p. 10; per028274_2011_1 7454 - p. 91	Nota bibliográfica de Nísia, junto notas de outras mulheres: Madalena Caramu, Maria Quitéria, Ana Néri, e Anita Garibaldi. “Nísia foi provavelmente a primeira mulher a publicar textos em jornais em um tempo que mal existia imprensa no Brasil. A primeira feminista

				do país [...] Não existem na América Latina registros de publicação com ideias feministas”
			per028274_2011_1 7454 - p. 93	Nota sobre possíveis contribuições de Nísia ao movimento feminino sufragista com a publicação do livro Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens, “que é provavelmente o primeiro documento do movimento feminista da América Latina”
			per028274_2012_1 8108 - p. 27	Menção a uma homenagem que recebeu em uma edição posterior a apresentada no artigo da Amostra Drummond
			per028274_2014_1 8533 - p. 54	Menção a Nísia em peça Casarão ao Vento na qual “Francisco Alves criou os diálogos com um pé na história e no combate de Nísia Floresta, outro em sua própria sensibilidade”
			per028274_2014_1 8782 - p. 25	Menção a Nísia em matéria intitulada “Crônicas da Cidade”, referida como “provavelmente a primeira mulher brasileira a publicar textos na imprensa, em meados do século 19”
Correio Braziliense (DF) - 1980 a 1989	140038	11	Ano 1982\Edição 07184 - p. 32	Menção em artigo intitulado “O direito da mulher é livre”, sobre lançamento do livro escrito pelo professor João Batista Cascudo Rodrigues, “A Mulher Brasileira - Direitos Políticos e Cíveis”. Nísia é referenciada em relação a “tradução da obra mais importante do feminismo nacional” direito das mulheres injustiça dos homens, por meio desta ela é considerada como “a precursora do feminismo no Brasil”
			Ano 1984\Edição 07848 - p. 20	Menção em artigo intitulado “O voto feminino completa 100 anos” como uma das pioneiras nas lutas pelos direitos femininos junto a Bertha Lutz
			Ano 1989\Edição 09464 - p. 47	Menção a um ensaio sobre ela em livro intitulado “O comércio das Palavras” do escritor Américo de Oliveira Costa, as informações então no artigo “Comercio das Palavras sai ainda este mês”
			Ano 1989\Edição 09534 - p. 29	Menção a ela em matéria intitulada “Livro didático ensina preconceitos”, menção ao relançamento de Opusculo Humanitário e em matéria “Mulher de muitos nomes e vida” a uma breve biografia

			Ano 1989\Edição 09546 - p. 68	Matéria (extensa) sobre ela intitulada “A redescoberta de uma autora feminista”, contem releitura dela (desenho)
Fatos e Fotos (DF) - 1961 a 1985	93206	7	–	–
Correio Braziliense (DF) - 1960 a 1969	47564	1	Ano 1961\Edição 00231 - p. 15	Matéria (extensa) sobre ela intitulada “Nísia Floresta”

Tabela 4 – Busca realizada por LOCAL ES, com 99 acervos e 1 ocorrência

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
A Província do Espírito-Santo : Jornal consagrado aos interesses provinciaes, filiado à escola liberal (ES) - 1882 a 1889	8323	1	Ano 1885\Edição 00808	obituário

Tabela 5 – Busca realizada por LOCAL FRA, com 1 acervo e 11 concorrências

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
Ilustração Brasileira (FRA) - 1901 a 1958	--	11	Ano 1928\Edição 00100 - p. 57-61	Matéria (extensa) sobre ela intitulada “Nísia Floresta”, biografia
			Ano 1938\Edição 00039 - p. 5	Menção em matéria intitulada “Pioneira do feminismo entre nos”, breve biografia
			Ano 1950\Edição 00180 - p. 39	Menção a Nísia em matéria intitulada “Perfil da mulher brasileira”, sobre uma conferência em Nova York na qual o Dr. José Bettencourt Machado “discorreu sobre as mais destacadas personalidades femininas da história do Brasil” onde Nísia foi apresentada
			Ano 1951\Edição 00199 - p. 9	Menção em matéria intitulada “A mulher na evolução do Brasil”
			Ano 1953\Edição 00222 - p. 4	Artigo intitulado “Um governador do seculo XVIII apelidado lentilhas”, menção relacionada ao fato de Nísia não estar em sua residência no Rio Grande do Norte quando Kester, visitava seu pai
			Ano 1955\Edição 00235 - p. 28	Artigo intitulado “O “travesti” no passado homens vestidos de mulher

				nos bailes e teatros nos seculos XVIII e XIX” menção relacionada ao fato de Nísia não estar em sua residência no Rio Grande do Norte quando Kesten, visitava seu pai
			Ano 1957\Edição 00251 - p. 13	rtigo “A academia e as Mulheres”, o artigo aborda diversas escritoras Nísia é referida como “ensaísta, romancista e tradutora”, como “um dos nomes que poderiam patrocinar uma das 10 cadeiras femininas” da Academia das Letras

Tabela 6 – Busca realizada por LOCAL GO, com 39 acervos teve 1 ocorrência

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
Correio Official de Goyaz (GO) - 1837 a 1921	8340	1	Ano 1872\Edição 00433 - p. 4	Matéria intitulada “D. Nísia Floresta”, sobre o aparecimento do manuscrito do segundo volume de Trois Ans Italie em Paris, breve relato do seu estado aos setenta e dois anos e de seus obras publicadas até então

Tabela 7 – Busca realizada por LOCAL MA, com 208 acervos e 6 ocorrências

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
Jornal do Maranhão : Semanario de Orientação Catolica - Jornal a serviço da Família e do Povo (MA) - 1954 a 1971	5284	4	—	—
O Paiz (MA) - 1863 a 1889	12864	1	Ano 1880\Edição 00059 - p. 2	Artigo intitulado “variedades”, sobre pseudônimos assumidos por escritoras(es), segundo este “Nísia Floresta Brasileira Augusta rubricar com as iniciais B. A.”
O Combate (MA) - 1925 a 1965	29614	1	Ano 1954\Edição 05829B - p. 3	Artigo (extenso) intitulado “Nísia Floresta”, biografia entre outras informações

Tabela 8 – Busca realizada por LOCAL Madri-ESP, com 1 acervo e 2 ocorrências

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
--------	---------	------------	---------------------	-----------

Revista de Cultura Brasileira (Madri - ESP) - 1962 a 2007	—	2	Ano 1974\Edição 00037 - p. 50-51	Publicação de enxerto de Lágrima de um Caeté, mais notas sobre
			Ano 1975\Edição 00041 - p. 68-69	Artigo “El Positivismo en Brasil” de Ivans Lins, sobre o positivismo no Brasil, é mencionado o relacionamento de amizade entre Nísia e Auguste Comte

Tabela 9 – Busca realizada por LOCAL MG, com 983 acervos e 6 ocorrências

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
O Reporter (MG) - 1955 a 1963	6785	1	Ano 1959\Edição 03233 - p. 3	Artigo “substituição, competição ou cooperação?”, como uma ocupante do Petit Trianon da Academia Feminina das Letras
O Mercantil (MG) - 1844 a 1847	4864	1	Ano 1847\Edição 00017 - p. 2-3	Artigo “Instrução Pública. Revista dos Collegios da Capital II”, menção ao Collegio Augusto e a Nísia junto a outros collegios femininos da época
Liberal Mineiro (MG) - 1882 a 1889	3108	1	Ano 1885\Edição 00066 - p. 3	Obituário, intitulado “brasileira ilustre”
Pharol (MG) - 1876 a 1933	42243	1	Ano 1885\Edição 00121 - p. 1	Obituário (extenso)
Voz Diocesana (MG) - 1965 a 1978	1967	1	Ano 1969\Edição 00675 - p. 3	Artigo intitulado “Esposa e mãe”, “vulto projeto nacional, Barbara Elidora tem seu nome gravado e alcandorado na Galeria das personalidades marcantes de nossa história”, o nome de Nísia é mencionado como pertencente a galeria.

Tabela 10 – Busca realizada por LOCAL Nova Iorque, EUA, com 3 acervos e 1 ocorrência

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
O Novo Mundo : Periodico Illustrado do Progreso da Edade (Nova Iorque, EUA) - 1870 a 1879	2387	1	Ano 1872\Edição 00020 - p. 5	Artigo (extenso) “D. Nísia Floresta”, sobre manuscrito de Troins Ans en Italie encontrado em Paris, mais breve biografia e lista de suas obras publicadas até então. Também contem uma ilustração da educadora.

Tabela 11 – Busca realizada por LOCAL PA, com 143 acervos e 4 ocorrências

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
--------	---------	------------	---------------------	-----------

O Liberal do Para (PA) - 1869 a 1889	22148	1	Ano 1875\Edição 00190 - p. 2	Menção de Nísia a lista de pessoas que tiveram seus retratos feitos
O Liberal (PA) - 1946 a 1989	22622	1	Ano 1989\Edição 22416 - p. 38	Artigo intitulado “Música, mulher e política”, breve biografia citando livros publicados e menção a republicação de “Direito das mulheres injustiça dos homens”, por Constância Lima Duarte

Tabela 12 – Busca realizada por LOCAL PE, com 344 acervos e 203 ocorrências

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
Diario de Pernambuco (PE) - 1970 a 1979	148362	61	Ano 1970\Edição 00225 - p. 4	Artigo “O desafio e o biográfico”, menção a Nísia junto a outros intelectuais pernambucanos em artigo que discute a conceção do título de cidadão pernambucano ao escritor Nilo Pereira
			Ano 1971\Edição 00004 - p. 4	Matéria intitulada “Luis da Câmara Cascudo”, Nísia é citada como sua contemporânea
			Ano 1973\Edição 00226 - p. 2	Matéria intitulada “Nilo fala de Nísia”, sobre uma conferência sobre Nísia Floresta ministrada pelo professor Nilo Pereira na Academia Pernambucana das Letras no curso de Cultura e Religião
			Ano 1973\Edição 00227 - p. 17 e 25; Ano 1973\Edição 00229 - p. 61	Nota sobre a conferência sobre Nísia Floresta na Academia Pernambucana das Letras
			Ano 1975\Edição 00336 - p. 54	Matéria intitulada “A Dimensão Humana”, sobre novo livro de Nilo Pereira que menciona “Napoleão e Pernambuco” junto a “Nísia Floresta e Recife”
			Ano 1976\Edição 00271 - p. 32	Matéria intitulada “Hora de comer e presentear”, onde o Rio Grande do Norte é citado como a terra de “Nísia Floresta”, Auta de Souza e Cascudo
			Ano 1977\Edição 00113 - p. 7	Matéria intitulada “Carteira estudantil tem prazo dilatado”, exposição de tem um retrato de Nísia na Galeria dos Brasileiros

				Ilustres do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Sociais, o escritor Nilo Pereira falou sobre a ela
			Ano 1977\Edição 00140 - p. 6	Artigo “Retrato de Mulher”, sobre a exposição do retrato de Nísia na Galeria dos Brasileiros Ilustres do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Sociais “Nilo Pereira disse que foi admitido “naquele salão de glórias brasileiras, virilmente masculino, e agora romanticamente feminino, o retrato de Nísia Floresta”
			Ano 1977\Edição 00154 - p. 26	Artigo (extenso), “Nísia Floresta na galeria dos brasileiros ilustres”, sobre a exposição do retrato de Nísia na Galeria dos Brasileiros Ilustres do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Sociais, dito como a primeira mulher a ser exposta na galeria. Breve biografia.
			Ano 1978\Edição 00021 - p. 11	Artigo (extenso), “A proposta de José Alencar, de Olinda”, Nísia é mencionada em relação a Nilo Pereira
			Ano 1979\Edição 00162 - p. 11	Artigo “Outras ligações com o Rio G, do Norte”, Nísia é mencionada em relação à Oliveira Lima, “Tornei-me admirador de Auta de Sousa. E admirador - segundo Oliveira Lima - de Nísia Floresta”
Diario de Pernambuco (PE) - 1950 a 1959	61168	42	Ano 1950\Edição 00096 - p. 3	Artigo intitulado “Os dentes dos meninos do interior”, sobre a doutora Juraci Mendes Bezerra, Nísia é mencionada como uma inspiração as jovens. “Nísia Floresta continua uma espécie de inspiradora de moças brasileiras que não se conformam em ser apenas "belo sexo" mas querem também agir e ser uteis como educadoras, como técnicas e como cientistas”
			Ano 1954\Edição 00181 - p. 8	Menção aos despojos de Nísia

			Ano 1954\Edição 00194 - p. 4	Artigo intitulado “A volta de Nísia Floresta”, sobre a transladação dos seus despojos para o Brasil
			Ano 1954\Edição 00200A - p. 3	Artigo intitulado “Comitiva de escritores acompanhara a Natal o corpo de Nísia Floresta”, sobre a chegada dos despojos de Nísia a Natal
			Ano 1954\Edição 00197 - p. 3	Artigo intitulado, “Elogio de Nísia Floresta na Academia Pernambucana: o corpo seguirá para Natal ainda esta semana”, sobre os despojos de Nísia
			Ano 1954\Edição 00198 - p. 3	Artigo intitulado, “Foi grande enfermeira durante a epidemia do cólera no Rio de Janeiro”, “Aspectos singulares da personalidade de Nísia Floresta – Participou de todos os movimentos do seu tempo – Fala ao DIARIO o presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras, sr. Paulo Viveiros”
			Ano 1954\Edição 00201 - p. 4	Artigo intitulado, “Um brasileiro de Pernambuco entre brasileiros do Rio Grande do Norte”, sobre Nilo Pereira, Nísia é mencionada como um de seus interesses
			Ano 1954\Edição 00201 - p. 10	Artigo intitulado “Reuniu-se a Academia Pernambucana de Letras: Homenagem a Nísia Floresta – Discurso do academico Araujo Filho”, titulo autoexplicativo
			Ano 1954\Edição 00201 - p. 34	Artigo intitulado “Versos escritos na capela de Saint Alfieri, em Napoles: Nísia Floresta”, tradução livre de poema de Nísia realizada por Palmira Wanderley (me parece)
			Ano 1954\Edição 00203 - p. 3	Artigo intitulado, “Nísia Floresta na sua cidade de nascimento”, sobre o retorno dos restos mortais de Nísia a sua terra natal
			Ano 1954\Edição 00207 - p. 29-30	Artigo em duas partes intitulado, “Percursora dos Direitos da Mulher” e “Nísia Floresta e a Academia”, reflexões sobre a vida de Nísia

			Ano 1954\Edição 00213 - p. 21	Artigo intitulado, “Já em sua terra natal os restos mortais de Nísia Floresta”, título autoexplicativo
			Ano 1954\Edição 00213 - p. 36	Artigo intitulado, “Uma Brasileira Internacional”, reflexões sobre sua personalidade
			Ano 1954\Edição 00231 - p. 21	Artigo intitulado, “Selo comemorativo da transladação dos restos mortais de Nísia Floresta”, título autoexplicativo
			Ano 1954\Edição 00265 - p. 36	Artigo intitulado, “Nísia Floresta”, sobre o translato dos restos mortais de Nísia mais algumas reflexões sobre a autora
			Ano 1955\Edição 00077 - p. 19	Artigo intitulado, “Inauguração do monumento a Nísia Floresta”, título autoexplicativo
			Ano 1956\Edição 00033 - p. 11	Menção a Nísia nas “seções solenes”, sobre uma homenagem prestada pela Casa de Carneiro Vilela
			Ano 1957\Edição 00113 - p. 14	Menção em artigo intitulado “Enfermeiras”
Diário de Pernambuco (PE) - 1980 a 1989	165206	38	Ano 1980\Edição 00231 - p. 25	Menção do selo feito em homenagem a Nísia
			Ano 1981\Edição 00123 - p. 13	Menção a Nísia em matéria intitulada, “Oliveira Lima, inspirador do movimento regionalista?”
			Ano 1981\Edição 00205 - p. 9	Artigo intitulado, “Feminismo acadêmico”, os livros de Nísia são mencionados como “ensaios do seu feminismo literário”
			Ano 1982\Edição 00311 - p. 28	Artigo intitulado, “Fagundes de Menezes no Recife”, é mencionado um ensaio (texto ou livro) sobre Nísia
			Ano 1985\Edição 00298 - p. 7	Artigo intitulado, “Hugo na imprensa”, sobre prêmio recebido por Nilo Pereira, é mencionado que ele falara sobre Nísia no Instituto de História e Geografia em Natal
			Ano 1987\Edição 00118 - p. 32	Menções a Nísia em artigo (extenso) sem título, ela é mencionada como um “símbolo da emancipação existencial da mulher”. É lamentando o fato das

				gerações do período referente ao artigo não a conhecerem. Também é mencionado um trabalho de Adauto da Câmara sobre ela publicado em 1941.
			Ano 1987\Edição 00136 - p. 20	Artigo intitulado, “Instituto Historico Precisa de Incentivo para promover cultura”, menção a uma efígie dela exposta na galeria 1 do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Norte
			Ano 1987\Edição 00136 - p. 59	Artigo intitulado “Nísia Floresta”, sobre a republicação de Opúsculo Humanitário
			Ano 1989\Edição 00112 - p. 36	Menção a republicação de Opúsculo Humanitário
			Ano 1989\Edição 00113 - p. 64	Artigo intitulado “Opúsculo Humanitário”, título autoexplicativo
			Ano 1989\Edição 00336 - p. 28	Menção em artigo (extenso) intitulado “Direito ao voto: a grande conquista da mulher”, e dito que ela era “chamada de “machona” pelas sinhazinhas dengosas do século XIX”
Diario de Pernambuco (PE) - 1960 a 1969	77145	19	Ano 1961\Edição 00095 - p. 13	Menção em artigo intitulado “Diário artístico”, e falado que os romances dela e de Domingos Olímpio “passaram despercebidos quando publicados e que só começaram a existir para a literatura quando os investigadores de outras gerações realçaram se valor”
			Ano 1961\Edição 00242 - p. 4	Menção em artigo intitulado “imagens de Mossoró”, como defensora do voto feminino
			Ano 1965\Edição 00059 - p. 22	Curta menção em artigo (extenso) intitulado “Um poeta e seu grupo”
			Ano 1966\Edição 00071 - p. 4	Curta menção em artigo (extenso) intitulado “Apelo a jovens professora”
			Ano 1966\Edição 00251 - p. 4	Menção em artigo (extenso) intitulado “Mulher... nas academias”, ela é uma das mulheres homenageadas na Academia de Letras Estadual do

				Rio Grande do Norte, junto a Auta de Sousa e de Isabel Gondim, as três estão na lista dos como patronos.
			Ano 1967\Edição 00164 - p. 4	Curta menção em artigo intitulado “A agenda”
Diário da Manhã (PE) - 1970 a 1979	27042	14	Ano 1975\Edição 0306 - p. 7	Menção em artigo (extenso) intitulado “Planejamento familiar é meta do Conselho Nacional de Mulheres no Brasil”, é citada como exemplo de mulher “empenhada na campanha em defesa dos seus direitos”
			Ano 1977\Edição 0604 - p. 7	Artigo extenso sobre ela intitulado “Em 1954 voltava da França o corpo da poetisa Nísia Floresta”
Diário de Pernambuco (PE) - 1940 a 1949	37038	8	Ano 1946\Edição 00300 - p. 4	Menção sobre ela em folhetim, é mencionado que José Augusto representante do Rio Grande do Norte admira Nísia, ela é mencionada como uma “escritora machona”
			Ano 1947\Edição 00269 - p. 4	Artigo intitulado “Emissões graves”, sobre emissões de indivíduos em um livro “com pretensões a tentativa de síntese como Interpretação do Brasil”, Nísia seria um dos nomes omitidos
Diário de Pernambuco (PE) - 1930 a 1939	35716	4	Ano 1933\Edição 00117 - p. 1	Artigo intitulado “Incentivando o estudo das coisas do nordeste: uma oferta do diário de Pernambuco as alunas da Escola Normal”, sobre exemplares do livro do Nordeste entregues às alunas do 4º ano da Escola Normal, no livro a um trabalho sobre Nísia intitulado “Uma figura literária do Nordeste: Nísia Floresta”
			Ano 1938\Edição 00141 - p. 12	Menção a Nísia em texto sem título, ela é mencionada como “a maior poetisa mystica do Brasil [...] no conceito de Oliveira Lima, a maior intellectuases brasileiras”
Pequeno Jornal : Jornal	92165	4	Ano 1911\Edição 00028 - p. 3	Menção em artigo (extenso) intitulado “De Palmares”, o artigo parece um desabafo em

Pequeno (PE) - 1898 a 1955				relação a críticas proferidas contra a autora, Nísia é citada entre outras mulheres que ficaram conhecidas por seus feitos.
			Ano 1920\Edição 00160 - p. 2	Artigo (extenso) intitulado “Vida Feminina: a mulher brasileira”, o artigo discorre sobre as representações da mulher brasileira desde a “descoberta” da América, Nísia é citada brevemente como uma mulher na qual outras se inspiraram
			Ano 1953\Edição 00026 - p. 4	Menção ao “túmulo esquecido de Nísia Floresta” em texto curto sem título
			Ano 1954\Edição 00208 - p. 1	Nota sobre o traslado do corpo de Nísia para Natal
Diário da Manhã (PE) - 1940 a 1948	12245	3	Ano 1941\Edição 0329 - p. 3	Nota sobre palestra ministrado por Dioclecio Duarte sobre “Nísia Floresta e o sentimento nacional”
Diário de Pernambuco (PE) - 1870 a 1879	23880	2	Ano 1872\Edição 00137 - p. 2	Nota sobre uma nova edição do jornal ilustrado Novo Mundo publicado em Nova York, que chegava às livrarias, no qual tinha um retrato de Nísia
			Ano 1875\Edição 00173 - p. 2	Artigo intitulado “Novo Mundo”, sobre o jornal ilustrado Novo Mundo publicado em Nova York, é mencionado o retrato de Nísia e de outro indivíduos
Diário de Pernambuco (PE) - 1910 a 1919	21737	1	Ano 1919\Edição 00328 - p. 2	Artigo extenso intitulado “Nísia Floresta”, o texto e uma conferência ministrada por Oliveira Lima sobre Nísia, remodela como uma peça literária
Diário de Pernambuco (PE) - 1920 a 1929	27958	1	Ano 1926\Edição 00158 - p. 3	Menção de uma “velha e rara photographia de Nísia Floresta”, em texto sem título
Diário da Manhã (PE) - 1927 a 1929	9128	1	Ano 1928\Edição 0401 - p. 11	Artigo intitulado “O sr. Oliveira Lima em Washington: seus quadros, photographia, esculturas e objectos de arte brasileira”, menção de uma “velha e rara photographia de Nísia Floresta”

Diário da Manhã (PE) - 1930 a 1939	37839	1	Ano 1935\Edição 1020 - p. 15	Artigo intitulado “Actividades da Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino”, Nísia é mencionada como “a mais notável mulher de letras que o Brasil tem produzido, quer pela amplitude de visão, quer pela suavidade de estilo”, segundo Oliveira Lima
A Provincia (PE) - 1920 a 1933	28341	1	Ano 1920\Edição 00059 - p. 3	Artigo intitulado “Publicações”, sobre a publicação de um novo periódico intitulado “Revista do Centro Polymatico do Rio Grande do Norte” que teria um texto sobre a personalidade de Nísia
Jornal do Recife (PE) - 1858 a 1938	124859	1	Ano 1872\Edição 00139 - p. 2	Nota intitulada “Novo Mundo” que menciona uma biografia de Nísia

Tabela 13 – Busca realizada por LOCAL PR, com 202 acervos e 15 ocorrências

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
Diário do Paraná: Orgao dos Diários Associados (PR) - 1955 a 1983	149248	4	Ano 1976\Edição 06176 - p. 4	Artigo intitulada “Nísia Floresta”, uma homenagem a ela no dia internacional das mulheres, ela é descrita como uma “mulher de rica e curiosa personalidade”, também há uma menção ao Colégio Augusto, segundo a autora o colégio “foi bem reputado, embora não deixasse de sofrer o combate das más línguas e a pasquinadas dos invejosos que escarneciam dos estudos de latinidade e etc, imposto as meninas”. Menção aos homens que Nísia manteve contato fora do Brasil: Auguste Comte, Lamartine, Manzori, Alexandre Herculano, e Duvernoy.
O Dia (PR) - 1923 a 1961	108658	3	Ano 1941\Edição 05473 - p. 1	Artigo intitulado “Uma lei e uma mulher”, sobre o sufrágio feminino promulgado no Rio Grande do Norte, Nísia é mencionada como a primeria feminista da “capitania das reinvidicações femininas”

			Ano 1941\Edição 05622 - p. 4	Artigo intitulado “Movimento Cultural do Paraná: livros e impressos”, é mencionado um livro denominado “História de Nísia Floresta”, o livro seria a prova da autoestima da(o) autora(o) a Adauto da Câmara
			Ano 1950\Edição 08389 - p. 3	Menção ao falecimento de Nísia em um efemérides (sequência de datas e os acontecimentos que ocorreram nelas)
Correio de Notícias : A serviço do Paraná (PR) - 1990 a 1992	19862	1	Ano 1991\Edição 00020 - p. 12	Menção ao falecimento de Nísia em “nesta data” (acontecimentos que ocorreram naquele mesmo dia em outros anos”

Tabela 14 – Busca realizada por LOCAL RJ, com 2611 acervos e 3350 ocorrências

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
Jornal do Brasil (RJ) - 1960 a 1969	146950	597	Ano 1961\Edição 00264 - p. 6	Artigo intitulado “Atividades Femininas”, artigo sobre Barros Vital que publicou um livro sobre as “precursoras brasileiras”, Nísia é citada como uma dessas mulheres que foram que evocam “o feminismo em nossa terra” que é “um movimento vitorioso”
			Ano 1964\Edição 00118 - p. 21	Artigo intitulado “A importância de Comte no Brasil”, artigo sobre livro de Ivã Lins acerca da influência do positivismo no Brasil, Nísia é citada como uma personalidade que impulsionou o movimento positivista no país.
			Ano 1968\Edição 00135 - p. 27	Artigo intitulado “Nísia Floresta: qual é o verdadeiro nome da escritora?”, título autoexplicativo
Jornal do Brasil (RJ) - 1950 a 1959	110212	527	Ano 1950\Edição 00177 - p. 33	Artigo intitulado “Nísia Floresta: a primeira feminista do brasileira”, é mencionado que a “Sociedade Bradielria de Filosofia escolheu-a como patrona da caderia 2”, além disso também é mencionado o livro escrito por Adauto da

				Camera sobre ela “Historia de Nísia Floresta”
			Ano 1950\Edição 00177 - p. 34	Artigo intitulado “Nísia Floresta, Primeira feminista Brasileira” é mencionado que “seu feminismo era restrito à elevação da mulher pela educação e pelo trabalho”
			Ano 1951\Edição 00019 - p. 5	Artigo Intitulado “mulheres brasileiras”, sobre uma publicação feita por Valentim Benício da Silva, “uma coletânea verdadeiramente atraente dos nomes femininos mais afamados em nossa terra”, Nísia é citada como um dos nomes a compor a coletânea. é mencionada no artigo como “a professora do feminismo entre nós”
			Ano 1951\Edição 00177 - p. 26; Ano 1951\Edição 00180 - p. 59	Nota, “Obras de Nísia Floresta”, um anúncio buscando obras de Nísia Floresta para comprar em “qualquer estado e em qualquer língua”
			Ano 1951\Edição 00206 - p. 9	Menção a autorização do traslado dos despojos de Nísia para o Brasil
			Ano 1952\Edição 00211 - p. 10	Artigo intitulado “Camera dos Deputados”, é mencionado a aprovação para uma abertura de crédito para custear o traslado dos restos mortais de Nísia
			Ano 1953\Edição 00143 - p. 8	Matéria intitulada “Translato dos restos mortais de Nísia Floresta”, aprovação do traslado
			Ano 1953\Edição 00224 - p. 1; Ano 1953\Edição 00224 - p. 5	Sobre o decreto presidencial para o traslado dos restos mortais de Nísia e de sua filha da França para o Brasil
			Ano 1954\Edição 00070 - p. 9	Artigo intitulado “A vida e a obra de Nísia Floresta”, sobre a inauguração de uma exposição no Centro Norte-Rio-Grandense em homenagem a Nísia

			Ano 1954\Edição 00071 - p. 9	Nota sobre a inauguração da exposição no Centro Norte-Rio-Grandense em homenagem a Nísia
			Ano 1954\Edição 00091 - p. 8	Menção em “notas sociais”, o artigo fala sobre eleições que se aproximam, e sobre as “curiosas” candidaturas de uma senhora e um militar. Nísia é mencionada como “o princípio básico da campanha feminista que teve por resolução a emancipação política da mulher”
			Ano 1954\Edição 00094 - p. 8	Nota sobre encerramento da exposição no Centro Norte-Rio-Grandense em homenagem a Nísia
			Ano 1954\Edição 00213 - p. 5	Artigo intitulado “Um Pernambucano no Rio Grande do Norte”, é mencionado que Nísia foi recifense
			Ano 1957\Edição 00092 - p. 29	Artigo intitulado “Uma mulher brasileira conseguiu invadir o pensamento histórico de nossa pátria”, artigo sobre Tetrá da Silva “foi a única mulher a conseguir candidatar-se a suplente de senador com Monarte Largo, Nísia é mencionada como a responsável pela “primeira manifestação pública de feminismo”, com a publicação de Direito das mulheres injustiça dos homens
			Ano 1958\Edição 00170 - p.14	Menção a um livro ou ensaio intitulado ““Nísia Floresta” com um pequeno prefácio de Luís Newton Beleza, com capa de Gipson de Freitas”
			Ano 1958\Edição 00170 - 18	Artigo “Nísia Floresta Brasileira Augusta”, sobre sua vida e obras, é mencionado seu trabalho no Colégio Augusto e os intelectuais que se relacionou durante sua vida
			Ano 1958\Edição 00179 - p. 102	Menção a uma coleção de livros intitulada “Nísia Floresta”, o primeiro volume

				foi publicado por Maria Madalena Pereira, nomeado de “memórias de uma sinhá moça”
Jornal do Brasil (RJ) - 1970 a 1979	255191	276	Ano 1971\Edição 00279 - p. 46	Artigo “O Humanismo das Civilizações”, artigo sobre livro escrito por Paulo Berreto Carneiro nomeado “Vers un Nouvel Humanisme”, Nísia é mencionada em um dos ensaios do livro, “no capítulo Auguste Comte e o Brasil”. No antigo é descrito que Nísia “inscreveu-se entre os primeiros discípulos brasileiros de Auguste Comte”, o artigo ainda diz segundo o livro escrito por Carneiro que ela “publicou ainda em vida do filósofo um opúsculo pela abolição da escravatura no Brasil”.
			Ano 1978\Edição 00301 - p. 53	Artigo “O charme e a mulher inteligente”, sobre uma escola de samba que homenageou as 12 mulheres relacionadas a Academia Brasileira de Letras, Nísia foi uma delas
Jornal do Brasil (RJ) - 1930 a 1939	98239	270	Ano 1933\Edição 00271 - p. 12	Matéria sobre uma monografia escrita por Roberto Seldi que tem como tema Nísia, a(o) autora(or) da matéria se refere a Nísia como a “precursora da liberdade intelectual e social da mulher”
			Ano 1934\Edição 00151 - p. 12	Menção a Nísia como uma precursora do movimento feminista no “discurso primunciado nna festa da vitoria, realizada Auto-Movel-Club pela Federação B. pelo progressro feminino”
			Ano 1934\Edição 00158 - p. 19	Menção a um livro intitulado “Nísia Floresta” no “Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal: obras recebidas como doação em 1933”
			Ano 1936\Edição 00192 - p. 5	Artigo “Mulheres na Academia”, sobre a entrada de Colette na academia, Nísia é

				mencionada junto a outras “ensaístas da palavra escrita que foram raras” no Brasil em épocas anteriores à escrita do artigo. É falado que Nísia “se correspondia com os astros de sua época”.
			Ano 1936\Edição 00207 - p. 14	Artigo “Mulheres na Academia”, sobre a admissão de mulheres a Academia Brasileira de Letras, Nísia é mencionada como uma das mulheres que poderiam “formar imediatamente uma luzida e valorosa academia que seria por certo a leader máxima do pensamento feminino”
			Ano 1937\Edição 00262 - p.5	Artigo “Nísia Floresta”, sobre uma reunião na Federação das Academias de Letras do Brasil, na qual Aduato da Câmara propôs a reedição dos livros de Nísia
			Ano 1937\Edição 00263 - p. 13	Artigo “Federação das Academias de Letras do Brasil”, sobre uma reunião na Federação das Academias de Letras do Brasil, na qual Aduato da Câmara apresentou “uma indicação no sentido da Federação, pediu ao sr. Ministro da Educação [...] que entre os autores que virão a ter pelo ministro reedição de obras se inclua Nísia Floresta”
			Ano 1938\Edição 00010 - p. 5	Menção a republicação do poema escrito por Nísia, Lágrimas de um Caeté, na Revista das Academias de Letras, por iniciativa de Aduato da Câmara
			Ano 1938\Edição 00023 - p. 5	Artigo sobre ela intitulado “A Primeira Escritora do Brasil”, título autoexplicativo
			Ano 1938\Edição 00037 - p. 11	Artigo “Federação das Academias de Letras” é mencionado que Aduato da Câmara ocupará a tribuna na sessão seguinte para “tratar da

				ilustre intelectual Nísia Floresta Brasileira Augusta”
			Ano 1938\Edição 00062 - p. 10	Nota sobre as conferências da Academias de Letras, é pontuado que Adauto da Câmara ocupará a tribuna discorrendo “sobre a vida e obras de Nísia Floresta: poetisa e pensadora que foi das primeiras penas que entre nós se abateram pela abolição”
			Ano 1938\Edição 00077 - p. 30	Artigo “Federação das Academias de Letras do Brasil”, sobre a segunda serie de conferencias do ano, é mencionada a ministrada por Adauto da Câmara “Nísia Floresta Brasileira Augusta”
			Ano 1938\Edição 00092 - p. 5	Artigo “Notícias do Rio Grande do Norte”, é mencionada uma coluna com um medalhão em homenagem a Nísia que havia sido removida por governos anteriores. O “secretário geral apelou para o prefeito municipal” restabelecê-la
			Ano 1938\Edição 00110 - p. 13	Artigo “Federação das Academias de Letras”, lista das cadeiras da academias e seus patronos, Nísia é a segunda patrona, do acadêmico Henrique Castriciano
Jornal do Brasil (RJ) - 1940 a 1949	64964	175	Ano 1940\Edição 00244 - p. 9	Menção em “notas sociais”, mencionada como uma das mulheres exploradas em palestra ministrada por D. Raquel Prado pela Sociedade Brasileira de Filosofia sobre o “Aspecto filosófico da obra das três principais precursoras do feminismo no Brasil - Nísia Floresta, Deolinda Daltro, Júlia Lopes de Almeida”
			Ano 1941\Edição 00058 - p. 5	Artigo “Uma série de conferências no palco Tiradentes”, uma das conferências realizadas era sobre Nísia, intitulada “Nísia Floresta e o sentimento

				nacional” foi ministrada pelo Dr. Deoclecio Duarte
			Ano 1941\Edição 00073 - p. 9	“As Conferências no D. I. P.”, resumo da palestra realizada pelo Dr. Deoclecio Duarte intitulada “Nísia Floresta e o sentimento nacional”
			Ano 1941\Edição 00123 - p. 5	Sem título, Contextualização sobre o que “representou no cenário da literatura brasileira”, mais comentários sobre a biografia escrita por Adauto da Câmara “História de Nísia Floresta”
			Ano 1941\Edição 00145 - p. 35	Artigo “Das Alterosas: Bandeirantes Do Passado”, sobre o livro escrito por Adauto da Câmara “História de Nísia Floresta”
			Ano 1941\Edição 00301 - p. 8	Artigo “Das Alterosas: cincoentenario esquecido”, sobre os 50 anos de falecimento de Augusto América, ele foi mencionado no livro escrito por Adauto da Câmara “História de Nísia Floresta”
			Ano 1942\Edição 00115 - p. 6	Informe do “Departamento de educação nacionalista”, menção a uma nota biográfica de Nísia Floresta, no programa de Educação Cívica, na Radio-Difusora da prefeitura
			Ano 1945\Edição 00241 - p. 5	Artigo “Informações acerca de Nísia Floresta”, é mencionado seu relacionamento com Auguste Comte, a troca de cartas entre ambos, suas obras e vida.
			Ano 1947\Edição 00097 - p. 32	Artigo “Centenário natalício de Vieira Fazenda”, menção à localização do Colégio Augusto, “na esquina da Travessa do Paço (antiga dos Madeireiros) funcionava em sobrado de dois andares, desde 1832, um colégio para meninas, dirigido por D. Nísia Floresta Brasileira Augusta, que foi uma das mais ilustres mulheres de seu tempo e notável professora”

			Ano 1948\Edição 00197 - p. 35	Artigo “Nísia Floresta: precursora da liberdade por povos e da independência da mulher”, sobre sua vida e seus posicionamentos, teve como referência o livro “Perfis Femininos”
			Ano 1949\Edição 00233 - p. 5	Artigo “Livros de Mulher”, sobre as dificuldades enfrentadas por mulheres para terem seus textos reconhecidos pois “bastava mesmo que dissessem que era de mulher para que ninguém os quisessem ler”, Nísia é mencionada como uma pioneira na literatura feminina ao publicar “Direito das mulheres injustiça dos homens”
Diário de Notícias (RJ) - 1950 a 1959	88849	108	Ano 1950\Edição 08349 - p. 11	Menção em coluna “Senhoras: Leitura rápida de interesse para mulheres”, curta apresentação
			Ano 1950\Edição 08365 - p. 7	“Centro Norte-Rio-Grandense (antiga associação potiguar)”, Nísia foi uma das pessoas que recebeu uma seção especial em sua sede social
			Ano 1950\Edição 08451 - p. 16	Artigo “Associações culturais e científicas”, Nísia foi mencionada na tópico referente a Associação Brasileira de Filosofia, que descreve as decisões de patronos realizadas em uma sessão, Nísia é citada como patrona de Cesar Xavier
			Ano 1950\Edição 08459 - p. 29	Artigo “Visita ao túmulo de Nísia Floresta Brasileira Augusta”, sobre a viagem feita pelo jornalista Orlando Ribeiro Dantas, à cidade de Ruão em procura do túmulo de Nísia. É a descrição de como o encontrou.
			Ano 1950\Edição 08483 - p. 17	Artigo “Iniciativa de um jornalista”, sobre a descoberta do túmulo de Nísia em Rouen, na França, pelo jornalista Orlando Dantas
			Ano 1950\Edição 08484 - p. 9	Artigo “Pesquisando sobre a vida de Nísia Floresta”, sobre investigações realizadas pelo

				jornalista Orlando Ribeiro Dantas “no sentido de esclarecer diversos aspectos da vida da grande escritora” na França
			Ano 1950\Edição 08487 - p. 4	Artigo “O aniversário do “Diário de Notícias””, sobre “voto de congratulação da Academia Carioca de Letras”, ao jornal Diário de Notícias pelo aniversário e ao seu diretor Orlando Ribeiro Dantas por ter localizado o túmulo de Nísia
			Ano 1950\Edição 08508 - p. 3	“Transladação dos restos mortais de Nísia Floresta”, sobre apresentação de um projeto de lei pelo deputado Café Filho para traslado dos despojos de Nísia
			Ano 1950\Edição 08511 - p. 5	Artigo “Homenagem a Nísia Floresta”, sobre homenagem prestada pela Sociedade Brasileira de Filosofia á Nísia no intuito de restituir sua memória, seu nome foi acrescentado à lista de patronos
			Ano 1950\Edição 08511 - p. 12	Artigo “Associações culturais e científicas”, Nísia foi mencionada na topico referente a Associação Brasileira de Filosofia, menção a um voto de congratulação ao jornalista Orlando Ribeiro Dantas que descobriu o túmulo de Nísia e ao deputado Café Filho que apresentou um projeto de lei para traslado dos despojos de Nísia
			Ano 1950\Edição 08550 - p. 3	“Getulio Vargas: Escravidão”, Nísia é mencionada como “a menos citada dos nossos abolicionistas”
			Ano 1950\Edição 08591 - p. 45	Artigo “Augusto America de Faria Rocha, um educador esquecido”, artigo escrito por Adauto da Câmara sobre o filho de Nísia
			Ano 1950\Edição 08593 - p. 9	Artigo “Histórias que Ficaram na História: Nísia Floresta”,

				breve apresentação da vida de Nísia
			Ano 1951\Edição 08762 - p. 6	Artigo “Exercite sua memória”, atividade de entretenimento com perguntas e respostas, as obras de Nísia foram tema de uma pergunta, a nota em questão é a resposta. “De quem são as obras [...] De Nísia Floresta”
			Ano 1951\Edição 08854 - p. 3	Artigo “Mais sete cargos de ministro do Itamarati”, menção sobre a aprovação do “projeto que autoriza o Poder Executivo a proceder com a transladação, para o Brasil, dos restos mortais da escritora Nísia Floresta e sua filha”
			Ano 1951\Edição 08859 - p. 4	Artigo “Diversas: Nísia Floresta”, sobre a aprovação do transladação, para o Brasil, dos restos mortais da escritora Nísia Floresta e sua filha
			Ano 1952\Edição 08995 - p. 3	Artigo “Em duas sessões, o Senado discutiu e vetou as emendas ao novo estatuto dos funcionários”, menção a aprovação do transladação, para o Brasil dos restos mortais da Nísia Floresta e sua filha na seção “comissão de finanças”
			Ano 1952\Edição 09005 - p. 3	Artigo “Conferência para aquisição de duzentas unidades elétricas destinadas a Central do Brasil”, menção a aprovação do transladação, para o Brasil, dos restos mortais de Nísia Floresta
			Ano 1952\Edição 09021 - p. 3	Artigo “Até hoje não tomou a iniciativa, que lhe compete, de pedir ao Congresso a abertura do crédito para aquele fim”, menção a aprovação do transladação, para o Brasil, dos restos mortais de Nísia Floresta e sua filha
			Ano 1952\Edição 09116 - p. 3	Artigo “Determinou a liberação da exportação do mate para o Uruguai com sérios prejuízos para economia dos Estados do

				Sul - nenhuma consulta do SNM”, menção a aprovação do traslado, para o Brasil, dos restos mortais de Nísia Floresta e sua filha
			Ano 1953\Edição 09271 - p. 47	Artigo “Quatro Pioneiras”, uma correção, resposta, a crítica feita em uma artigo sobre a Oitava Conferência Internacional de Mulheres sobre a omissão da sra. Amelia de Castilho Lédon. Nísia é mencionada como o primeiro nome inesquecível das “heróicas antecessoras que abriram para a mulher patricia os caminhos do jornalismo e de outras profissões”
			Ano 1953\Edição 09282 - p. 1	Artigo “Túmulo de Nísia Floresta”, sobre a descoberta do túmulo de Nísia por Orlando Dantas
			Ano 1953\Edição 09283 - p. 6	Artigo “Como se manifestou a imprensa...”, menção sobre a descoberta do túmulo de Nísia por Orlando Dantas e suas investigações sobre suas conexões com Vitor Hugo e Augusto Comte
			Ano 1953\Edição 09290 - p. 3	“Um dos paradigmas da imprensa Brasileira”, sobre a descoberta do túmulo de Nísia por Orlando Dantas
			Ano 1953\Edição 09291 - p. 4	Artigo “Verdadeiro Homem de Imprensa”, artigo pela metade menção a uma reverencia a memória de Nísia Floresta, não está compreensível quem reverenciou
			Ano 1953\Edição 09295 - p. 3	Artigo “Novas manifestações sobre a memória de Orlando Dantas”, menção a sua descoberta do túmulo de Nísia (Orlando Dantas)
			Ano 1953\Edição 09296 - p. 3	Artigo “Homem Obstinado”, transcrição de artigo publicado no Jornal Monitor Campista, intitulado “Dantas - o rochedo”, menção a sua descoberta do

			túmulo de Nísia (Orlando Dantas)
		Ano 1953\Edição 09320 - p. 4	Artigo “Passará...”, menção da descoberta do túmulo de Nísia por Orlando Dantas
		Ano 1953\Edição 09353 - p. 3	Artigo “Crédito especial para reforço de dotação orçamentária”, menção a abertura de crédito especial para traslado dos despojos de Nísia Floresta
		Ano 1953\Edição 09362 - p. 3	Artigo “O plano do carvão nacional”, menção a abertura de crédito especial para traslado de Nísia Floresta
		—	Artigo “Trasladação dos restos mortais de Nísia Floresta”, promulgado pelo sr. Café Filho a abertura de crédito para traslado dos despojos de Nísia Floresta
		Ano 1953\Edição 09402 - p. 48	Artigo “Oliveria Lima, Crítico Literário”, menção a Nísia como “uma estranha e notável figura das letras femininas no Brasil”
		Ano 1953\Edição 09423 - p. 9	Artigo “Serão traslatafos para o Brasil os restos mortais de Nísia Floresta”, sobre a assinatura do ato que determinava o traslado dos restos mortais de Nísia pelo ministro da educação
		Ano 1953\Edição 09455 - p. 9	Artigo “Trasladação dos restos mortais de Nísia Floresta”, sobre abertura de crédito destinada a trasladação dos restos mortais de Nísia
		Ano 1953\Edição 09481 - p. 4	Artigo “Decretos assinados, ontem, pelo chefe do governo”, menção a abertura de crédito destinada a trasladação dos restos mortais de Nísia, para a cidade Nísia Floresta no Rio Grande do Norte
		Ano 1954\Edição 09628 - p. 9	Artigo “Exposição de obras e autógrafos de Nísia Floresta”, sobre a inauguração da exposição de obras e autógrafos

				de Nísia Floresta na sede do Centro Norte-Riograndense
			Ano 1954\Edição 09630 - p. 2	Artigo “Homenagem do Centro Norte-Riograndense a memória de Nísia Floresta”, sobre a exposição documentária sobre a vida e as obras de Nísia Floresta na sede do centro Norte-Riograndense
			Ano 1954\Edição 09631 - p. 9	Artigo “Inaugurada a exposição sobre a vida e a obra de Nísia Floresta”, título autoexplicativo
			Ano 1954\Edição 09654 - p. 9	Artigo “Comemorações do 20º aniversário do Centro Norte-Riograndense”, menção ao encerramento da exposição sobre a vida e a obra de Nísia Floresta
			Ano 1954\Edição 09659 - p. 55	Artigo “Nísia Floresta Brasileira Augusta”, apresentação bibliográfica de Nísia como justificativa da transladação dos seus restos mortais da França para o Brasil
			Ano 1954\Edição 09663 - p. 3	Artigo “Por oitenta e quatro votos contra sessenta e seis, o plenário manteve o ato do Tribunal de Contas que negava registro ao contrato”, menção a Nísia no tópico “Homenagem à memória de uma escritora”. “Foi prestada uma homenagem pelo sr. Dioclecio Duarte a memória da escritora norte-riograndense Nísia Floresta, tendo requerido que a câmara se faça presente no desembarque da urna que trará as cinzas daquela intelectual”
			Ano 1954\Edição 09668 - p. 2	Artigo “Exaltada, na Câmara dos Deputados à memória de Nísia Floresta”, discurso proferido pelo deputado Dioclecio Duarte a Câmara requerendo uma comissão de três deputados para para receber a urna que trazia as cinzas de Nísia

		Ano 1954\Edição 09677 - p. 23	Coluna “Filatélica”, menção a emissão de um selo em homenagem a Nísia
		Ano 1954\Edição 09745 - p. 2	Artigo “Em viagem para a pátria, os restos mortais de Nísia Floresta”, título autoexplicativo
		Ano 1954\Edição 09749 - p. 2	Artigo “Voltam à terra natal os despojos de Nísia Floresta”, sobre a chegada dos despojos de Nísia ao Brasil
		Ano 1954\Edição 09762 - p. 9	Artigo “Embarque dos despojos de Nísia Floresta: autorizado o transporte no Pirapiá do Recife para Natal”, título autoexplicativo
		Ano 1954\Edição 09766 - p. 9	Artigo “Despojos de Nísia Floresta”, relato da passagem do submarino Pirapiá com seus restos mortais pelo recife
		Ano 1954\Edição 09774 - p. 9	Artigo “Nísia Floresta: Voltam a terra natal os despojos da escritora”, chegada do submarino “Piranha” de Recife ao porto de Natal
		Ano 1954\Edição 09791 - 46	Artigo “Selo de Nísia Floresta”, título autoexplicativo
		Ano 1954\Edição 09797 - p. 9	Artigo “Encerramento da comemoração da transladação dos despojos de Nísia Floresta”, sobre o encerramento da comemoração da transladação dos despojos, e o lançamento do selo postal em homenagem a Nísia
		Ano 1954\Edição 09800 - p. 3	“Instalada uma agência de DCT na sede do Centro Norte-Riograndense”, menção ao selo postal em homenagem a Nísia
		Ano 1954\Edição 09803 - p. 42	Artigo “Trasladação dos despojos de Nísia Floresta”, sobre o selo em homenagem a Nísia, e um carimbo comemorativo
		Ano 1954\Edição 09832 - p. 42	Artigo “Filatelia: Carimbos comemorativos autorizados pelo DCT no ano de 1954”, o selo de Nísia é listado na lista

			Ano 1955\Edição 09866 - p. 15	Artigo “Acontecimentos de grande importância ocorreram em 1954, no país e no mundo”, menção a chegada dos despojos de Nísia a Natal
			Ano 1955\Edição 09878 - p. 28	Artigo “Nos domínios da filatelia: retrospectiva dos selos comemorativos de 1954”, o selo feito em homenagem a Nísia é listado
			Ano 1956\Edição 10195 - p. 64	Artigo “Poltrona, mas não da academia” Nísia é mencionada como uma das patronas da Sociedade Brasileira de Filosofia
			Ano 1957\Edição 10720 - p. 72	Artigo “Auguste Comte”, Nísia é mencionada como uma das mulheres que compareceram ao seu enterro, e como “interessante prenúncio da influência que teria o Positivismo no Brasil”
			Ano 1958\Edição 10957 - p. 63	Artigo “Edições Pongetti”, é mencionada uma coleção de livros nomeada “Nísia Floresta” (não fica evidente se a coleção tem relação com Nísia)
			Ano 1959\Edição 11132 - p. 57	Artigo “Outras datas centenárias ou meio centenárias”, Nísia é mencionada como um dos dois nomes que precisam ser lembrados do Brasil oitocentista, o outro é Paula Brito
			Ano 1959\Edição 11167 - p. 65	Menção da “comemoração do centenário de Nísia Floresta” na coluna “Cactus”
Jornal do Brasil (RJ) - 1980 a 1989	297025	99	Ano 1980\Edição 00032A - p. 40; Ano 1980\Edição 00032B - p. 40	Artigo “Brasileira Augusta”, sobre a vida e as obras de Nísia, além disso o artigo também explora uma reedição de suas obras
			Ano 1980\Edição 00119 - p. 34	Artigo “Auguste Comte”, menção a Nísia como “a quem [ele] distinguiu com sua confessada admiração”
			Ano 1981\Edição 00296 - p. 45	Artigo “Um drama de amor na revolução de 30”, sobre a vida

				de Anayde Beiriz, a uma menção mínima a Nísia a quem ela, Anayde, “não raro se referia” como uma inspiração
			Ano 1981\Edição 00016B - p. 11	Artigo “o feminismo”, Nísia é mencionada como uma figura da fase idealista do movimento, sua menção é mínima
			Ano 1982\Edição 00055 - p. 32	Artigo “Três perfis”, Nísia é mencionada como uma pioneira em “feminismo-feminino”, também é mencionado uma síntese biografia sobre ela escrita por Socorro Trindade
			Ano 1989\Edição 00145 - p. 40	Artigo “Joia Feminista: Livro em defesa da mulher redescobre Nísia Floresta”, sobre expociação do livro “Direito das mulheres injustiça dos homens” na estante da Editora Cortez, de Natal na IV Bienal Internacional do Livro, também é mencionada a primeira reedição do século XX do livro relizada pela mesma editora que “desencava raízes históricas do feminismo no Brasil e coloca no papel uma figura atuante no século passado na organização das mulheres”
A Cruz : Orgão da Parochia de S. João Baptista (RJ) - 1919 a 1923	16761	89	Ano 1936\Edição 00015 - p. 2	Artigo “Almas”, sobre livro escrito por Leontina Licínio Cardoso, intitulado “Almas” sobre a história das mulheres na literatura brasileira, Nísia é uma das mulheres invocadas pela autora “a depor em fase dessa geração feminista, a que deseja integrar na consciencia de seus deveres, no conhecimento do seu valor, na certeza dos seus destinos mortais”
			Ano 1954\Edição 01961 - p. 1-2	Artigo “Repousam na terra natal os restos mortais de Nísia Floresta”, sobre a trasladação dos restos mortais de Nísia (artigo incompleto) na página um. Na página dois apresentação da vida e obra de

				Nísia, também a uma menção ao Colégio Augusto
Correio da Manhã (RJ) - 1950 a 1959	113531	81	Ano 1952\Edição 18120 - p. 3	Artigo “Na comissão do senado”, menção a aprovação do projeto de transladação dos restos mortais de Nísia
			Ano 1954\Edição 18711 - p. 10	Artigo “Escritores e livros: Nísia Floresta”, sobre a inauguração de uma exposição de Nísia no Centro Norte-Riograndense em decorrência a transladação dos seus restos mortais
			Ano 1954\Edição 18724 - p. 3	Artigo “Potiguares no Rio”, relato de uma viagem ao Rio de Janeiro, com a descrição de uma visita a exposição e Nísia no Centro Norte-Riograndense
			Ano 1954\Edição 18745 - p. 6	Artigo “Recusado...”, ele está incompleto é a continuação de outro, Nísia é mencionada na seção “outros assuntos”. O sr. Dioclécio Duarte teria feito um elogio a ela e pedido a Câmara para estar presente na chegada de seus restos mortais ao Brasil
			Ano 1954\Edição 18848 - p. 8	Artigo “Nísia Floresta uma figura romântica”, uma apresentação da vida e dos posicionamentos de Nísia tendo em mente a chegada dos seus restos mortais ao Brasil
			Ano 1954\Edição 18855 - p. 21	Artigo “Rumo a Natal: os restos mortais de Nísia Floresta”, sobre o traslado de seus despojos para Natal partindo de Recife, é mencionada uma “sessão solene na Academia Pernambucana de Letras, tendo falado o acadêmico Nilo Pereira”
			Ano 1954\Edição 18856 - p. 6	Artigo “Em Natal os restos mortais de Nísia”, sobre a chegada dos restos mortais de Nísia a Natal
			Ano 1954\Edição 18880 - p. 20	Artigo “Comemorações da transladação dos restos mortais de Nísia Floresta Brasileira Augusta”, sobre a emissão do

				selo postal em comemoração a trasladação
			Ano 1954\Edição 18885 - p. 70	Artigo “Mundo dos selos Brasil”, sobre a emissão do selo postal de Nísia e de um carimbo “obliterado” em comemoração a trasladação de seus restos mortais da França para o Brasil
			Ano 1954\Edição 18940 - p. 10	Artigo “Escritores Livros: Balanço”, menção a inauguração de uma exposição sobre Nísia no Centro Norte-Rio-Grandense
			Ano 1955\Edição 19177 - p. 9	Artigo “Associações: Sociedade Brasileira de Filosofia”, sobre uma reunião para “organização do quadro de patronos”, a Nísia foi concedida a segunda cadeira, sendo assim patrona de Cesar Feliciano
			Ano 1957\Edição 19808 - p. 18	Artigo “O Positivismo”, ela é mencionada brevemente para contextualizar seu cunhado José Medeiros
			Ano 1958\Edição 20084 - p. 7	Artigo “Uma conquista que não foi fácil”, sobre como as mulheres alcançaram o direito ao voto, Nísia é citada brevemente, sendo sua terra o primeiro lugar onde foi reconhecida “a capacidade política da mulher e seu direito de gozar dessa prerrogativa política elementar”
			Ano 1959\Edição 20268 - 17	Artigo “Vida cultural: Nísia Floresta Brasileira Augusta”, sobre a vida e as obras de Nísia
Monitor Campista (RJ) - 1834 a 2009	121822	63	Ano 1885\Edição 00124 - p. 2	Artigo “Noticiário”, nota sobre o falecimento de Nísia
			Ano 2001\Edição 00232 - p. 12	Artigo “Fatos Histórico-Literário”, é uma cronologia de fatos que ocorreram no dia 12 de outubro, é citado o nascimento de Nísia
			Ano 2006\Edição 00079 - p. 7; Ano 2006\Edição 00083 - p. 8; Ano	Divulgação do “12º Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação/Projeto Memória”,

			2006\Edição 00085 - p. 7; Ano 2006\Edição 00087 - p. 6; Ano 2006\Edição 00090 - p. 7; Ano 2006\Edição 00092 - p. 14; Ano 2006\Edição 00096 - p. 3; Ano 2006\Edição 00098 - p. 6; Ano 2006\Edição 00100 - p. 6; Ano 2006\Edição 00104 - p. 6; Ano 2006\Edição 00106 - p. 6; Ano 2006\Edição 00111 - p. 7; Ano 2006\Edição 00112 - p. 6; Ano 2006\Edição 00115 - p. 8; Ano 2006\Edição 00119 - p. 6; Ano 2006\Edição 00126 - p. 6; Ano 2006\Edição 00129 - p. 8; Ano 2006\Edição 00131 - p. 7; Ano 2006\Edição 00133 - p. 6; Ano 2006\Edição 00138 - p. 6; Ano 2006\Edição 00140 - p. 3; Ano 2006\Edição 00143 - p. 8; Ano 2006\Edição 00145 - p. 6; Ano 2006\Edição 00147 - p. 6; Ano 2006\Edição 00150 - p. 8; Ano 2006\Edição 00156 - p. 8; Ano 2006\Edição 00160 - p. 6; Ano 2006\Edição 00163 - p. 3; Ano 2006\Edição 00165 - p. 3; Ano 2006\Edição 00167 - p. 3; Ano 2006\Edição 00172 - p. 7; Ano 2006\Edição 00174 - p. 6; Ano 2006\Edição 00174 - p. 18; Ano 2006\Edição 00170B - p. 8; Ano 2006\Edição 00178 - p. 6; Ano 2006\Edição	Nísia é a personalidade homenageada nesta edição do prêmio
--	--	--	---	---

			00180 - p. 6; Ano 2006\Edição 00183 - p. 8; Ano 2006\Edição 00184 - p. 25; Ano 2006\Edição 00187 - p. 6; Ano 2006\Edição 00190 - p. 8; Ano 2006\Edição 00192 - p. 6; Ano 2006\Edição 00194 - p. 6; Ano 2006\Edição 00197 - p. 8; Ano 2006\Edição 00202 - p. 6; Ano 2006\Edição 00206 - p. 6; Ano 2006\Edição 00208 - p. 6; Ano 2006\Edição 00211 - p. 18; Ano 2006\Edição 00213 - p. 6; Ano 2006\Edição 00215 - p. 6; Ano 2006\Edição 00218 - p. 8; Ano 2006\Edição 00220 - p. 6; Ano 2006\Edição 00222 - p. 6; Ano 2006\Edição 00225 - p. 8; Ano 2006\Edição 00227 - p. 6; Ano 2006\Edição 00229 - p. 6	
			Ano 2007\Edição 00005 - p. 9	Artigo “Navegando no Passado”, sobre o site “ www.memoriaviva.com.br ”, Nísia era um dos “grandes nomes” explorados no site
			Ano 2007\Edição 00039 - p. 13	Artigo “Arte ao pé da letra”, sobre a professora de caligrafia Nísia Bravos, é citado que seu nome foi escolhido em homenagem a Nísia Floresta
			Ano 2007\Edição 00256 - p. 16	Artigo “Vida e obra de Nísia Floresta em exposição”, divulgação de uma amostra sobre Nísia realizada pela Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima
			Ano 2007\Edição 0025x - p. 14	Artigo “Recomenda”, uma exposição sobre Nísia realizada no Palácio da Cultura está entre as recomendações

Diario de Noticias (RJ) - 1940 a 1949	49860	49	Ano 2007\Edição 00260 - p. 1	Artigo “Mais Cultura”, nota sobre uma exposição sobre Nísia realizada no Palácio da Cultura
			Ano 2007\Edição 00260 - p. 13	Artigo “Memórias de uma Guerreira”, sobre uma exposição sobre Nísia realizada no Palácio da Cultura, com uma apresentação da autora
			Ano 1940\Edição 05379 - p. 14	Artigo “Movimento Literário no Rio Grande do Norte: Palestra Lida ao microfone do ministério da educação”, transcrição da palestra ministrada por Dioclécio D. Duarte, Nísia é citada como objeto de estudo de Adauto da Câmara, seu “biógrafo seguro”
			Ano 1941\Edição 05602 - p. 4; Ano 1941\Edição 05635 - p. 4; Ano 1941\Edição 05639 - p. 4; Ano 1941\Edição 05642 - p. 4; Ano 1941\Edição 05645 - p. 4; Ano 1941\Edição 05647 - p. 4	No artigo “Conferências”, é citada uma palestra ministrada pelo sr. Dioclécio Duarte intitulada “Nísia Floresta e o sentimento nacional”
			Ano 1941\Edição 05649 - p. 4	Artigo “Nísia Floresta e o sentimento nacional”, sobre uma palestra ministrada pelo sr. Dioclécio Duarte, cujo o título é o mesmo do artigo
			Ano 1941\Edição 05649 - p. 8	Artigo “Programas para hoje”, é citado entre as programações a palestra ministrada pelo sr. Dioclécio Duarte intitulada “Nísia Floresta e o sentimento nacional”
			Ano 1941\Edição 05650 - p. 3	Artigo “Nísia Floresta e o sentimento nacional: A conferência do sr. Dioclécio Duarte, ontem no Palácio Tiradentes”, relato da palestra ministrada pelo sr. Dioclécio Duarte intitulada “Nísia Floresta e o sentimento nacional”
			Ano 1941\Edição 05752 - p. 14	Artigo “Nísia Floresta”, sobre livro publicado por Adauto da Câmara sobre a escritora

			Ano 1947\Edição 07594 - p. 11	Artigo “No lar e na sociedade”, em nota do falecimento do Dr. Henrique Castriçano é mencionado a cadeira que Nísia “ocupava” como patrona na Federação de Academia de Letras do Brasil, sugerindo que ela deixou de ser uma das patronas
			Ano 1947\Edição 07689 - 26	Artigo “Omissões Graves”, sobre omissões de um livro que tinha como objetivo a “tentativa de síntese como “Interpretação do Brasil”, as omissões teriam ocorrido no capítulo dedicado à “arte e a literatura de sentido social”, Nísia é citada como um dos nomes omitidos
			Ano 1948\Edição 07864 - p. 16	Artigo “Associações culturais e científicas”, é mencionada uma tese escrita pela sra. Fernanda Brito sobre Nísia, sua patrona na “Ala Feminina de Letras da Casa Juvenal Galeno”
			Ano 1949\Edição 08153 - p. 7	Artigo “Direto Animado: as trigêmeas de Recife”, sobre a formação de três mulheres na Faculdade de Direito de Recife, Nísia é mencionada junto a outras duas mulheres como referências da “emancipação mental e social” das mulheres
			Ano 1949\Edição 08164 - p. 26	Artigo “A propósito de Dona Veridia”, sobre mulheres que desejam ser mais do que “simples sinhás e laias”, Nísia é citada como uma dessas mulheres, como uma “bacharela”
			Ano 1949\Edição 08279 - p. 12	Artigo “Diário Escolar: Em memória de Nísia Floresta”, sobre uma conferência realizada por Adauto da Câmara sobre Nísia em “comemoração ao 140º aniversário do seu nascimento em Papari”
			Ano 1949\Edição 08325 - p. 33	Artigo “Nísia Floresta Brasileira Augusta”, biografia de Nísia tendo como referencial

				o livro escrito por Aduato da Câmara
Jornal do Comercio (RJ) - 2000 a 2009	129993	41	Ano 2001\Edição 00250 - p. 19	Artigo “Memória”, é mencionada a apresentação do projeto de lei para trasladação dos despojos de Nisia na câmara
			Ano 2006\Edição 00223 - p. 8; Ano 2006\Edição 00225A - p. 9; Ano 2006\Edição 00226 - p. 38; Ano 2006\Edição 00228 - p. 36; Ano 2006\Edição 00230 - p. 21; Ano 2006\Edição 00232 - p. 36; Ano 2006\Edição 00234A - p. 40; Ano 2006\Edição 00236 - p. 19; Ano 2006\Edição 00238 - p. 19; Ano 2006\Edição 00240 - p. 40; Ano 2006\Edição 00242 - p. 19; Ano 2006\Edição 00244 - p. 19; Ano 2006\Edição 00246 - p. 37; Ano 2006\Edição 00248 - p. 19; Ano 2006\Edição 00250 - p. 19; Ano 2006\Edição 00252 - p. 36; Ano 2006\Edição 00254A - p. 33; Ano 2006\Edição 00254B - p. 21; Ano 2006\Edição 00256A - p. 44; Ano 2006\Edição 00256B - p. 36; Ano 2006\Edição 00258A - p. 52; Ano 2006\Edição 00258A - p. 54; Ano 2006\Edição 00258B - p. 40; Ano 2006\Edição 00260A - p. 56; Ano 2006\Edição 00260B - p. 44; Ano 2006\Edição 00262A - p. 35; Ano 2006\Edição 00262B - p. 23; Ano 2006\Edição 00264A - p. 47; Ano 2006\Edição 00264B - p.	Divulgação do “12º Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação/Projeto Memória”, Nisia é a personalidade homenageada nesta edição do prêmio

			38; Ano 2006\Edição 00266A - p. 27; Ano 2006\Edição 00266B - p. 19; Ano 2006\Edição 00268A - p. 71; Ano 2006\Edição 00268B - p. 60; Ano 2006\Edição 00270A - p. 43; Ano 2006\Edição 00270B - p. 36; Ano 2006\Edição 00272A - p. 10; Ano 2006\Edição 00273A - p. 43; Ano 2006\Edição 00274A - p. 12; Ano 2006\Edição 00274B - p. 12	
Correio da Manhã (RJ) - 1940 a 1949	51403	35	Ano 1941\Edição 14235 - p. 4	Artigo “Homens de Outrora”, tem como foco o livro póstumo de Manoel Dantes “Homens de Outrora”, quarto livro de uma coleção que busca contar a história dos intelectuais do Rio Grande do Norte, empreendida pela Biblioteca de História Norte Riograndense. É mencionado que Nísia está entre esses “ilustres riograndenses”
			Ano 1941\Edição 14287 - p. 4	Artigo “Nísia Floresta e sua obra”, sobre o livro biográfico escrito por Aduato da Câmara “História de Nísia Floresta”, quinto livro de uma coleção que busca contar a história dos intelectuais do Rio Grande do Norte, empreendida pela Biblioteca de História Norte Riograndense. Além de citar o livro, o artigo apresenta resumidamente sua vida e obras.
			Ano 1941\Edição 14288 - p. 4-5	Artigo “Dona Nísia”, escrito por Ivan Lins, apresenta uma série de trabalhos (artigos, livros, conferências) já realizados sobre Nísia
			Ano 1941\Edição 14294 - p. 4	Artigo “Homens e Mulheres”, inicia discorrendo sobre um grupo de homens que falavam contra a participação feminina

				em funções públicas, em seguida passa a falar dos desafios enfrentados pelas mulheres para adentrar nesses espaços e como foi esse enfrentamento, especialmente os aspectos educacionais. Nísia é citada como uma “primeira voz que, entre nós, ergueu reivindicando a emancipação da mulher”.
			Ano 1946\Edição 15786 - p. 32	Artigo “Sobre a vida do índio brasileiro: a exposição que se inaugura amanhã no ministério de educação”, título auto explicativo. Nísia é mencionada “como defensora dos índios”, também é mencionado seu poema “Lágrimas de um Caeté”
			Ano 1947\Edição 16090 - p. 2	Artigo “Estigarribia”, sobre uma visita na “semana do índio” a sede do Serviço de Proteção aos Índios, Nísia é mencionada uma vez pelo “general Rondon, presidente do Conselho Nacional de proteção aos Índios”, como “nome que é um poema, vida que é um livro encantador, de páginas empregadas desse perfume suave que a bondade e o saber, o amor e a ternura conseguem compor o filtrar em deliciosa essência”
			Ano 1947\Edição 16175 - p. 12	Artigo “Sociais: Homenagem”, sobre homenagem realizada pela Federação das Academias de Letras ao falecido Dr. Henrique Castriciano. É mencionado que Nísia foi patrona da cadeira que Castriciano ocupava, sugerindo que ela deixou de ser uma das patronas
			Ano 1948\Edição 16321 - p. 3	Artigo “Desapareceu um grande sertanista brasileiro: o falecimento de Antônio Estigarribia”, título autoexplicativo. É mencionado a fundação de um “Posto

				Indígena Nísia Floresta” (suponho que foi nomeado em homenagem a Nísia)
			Ano 1949\Edição 17226 - p. 3	Artigo “Nísia Floresta”, entrevista com o coronel Fonseca no Serviço de Proteção aos Índios, na qual foi perguntado pelos jornalistas o porquê o nome Nísia Floresta foi escolhido para nomear um dos Postos Indígenas.
			Ano 1949\Edição 17354 - p. 12	Artigo “Vida e Cultura: comemorações”, é mencionado o 140º aniversário de nascimento de Nísia
			Ano 1949\Edição 17230 - p. 3	Artigo “Marlieri e a Casa do Índio” entrevista com o Estigarribia sobre Marlieri, Nísia é brevemente citada antes do início do relato em relação à “última pequena reportagem” realizada pelo jornal na qual tinha sido mencionada pelo entrevistado
Almanaque do Garnier (RJ) - 1903 a 1914	7583	35	Ano 1903\Edição 00001 - p. 65; Ano 1903\Edição 00001 - p. 88; Ano 1905\Edição 00003 - p. 65; Ano 1906\Edição 00005 - p. 67; Ano 1906\Edição 00005 - p. 90; Ano 1907\Edição 00007 - p. 64; Ano 1907\Edição 00007 - p. 87; Ano 1909\Edição 00009 - p. 65; Ano 1909\Edição 00009 - p. 88; Ano 1910\Edição 00011 - p. 68; Ano 1910\Edição 00011 - p. 91; Ano 1911\Edição 00012 - p. 67; Ano 1911\Edição 00012 - p. 90; Ano 1912\Edição 00014 - p. 66; Ano 1912\Edição 00014 - p. 89; Ano 1914\Edição 00016 - p. 65; Ano 1914\Edição 00016 - p. 88	É mencionada no “Índice do Almanaque Garnier”, “Nísia Floresta Brasileira Augusta - Constâncio Alves A. B. G. 1911 pp. 221-226”

			Ano 1903\Edição 00001 - p. 93; Ano 1905\Edição 00003 - p. 93; Ano 1907\Edição 00007 - p. 92; Ano 1909\Edição 00009 - p. 93; Ano 1910\Edição 00011 - p. 96; Ano 1911\Edição 00012 - p. 95; Ano 1912\Edição 00014 - p. 94; Ano 1914\Edição 00016 - p. 93	É mencionada no “Índice do Almanaque Garnier”. “Castriciama, H. Nísia Floresta, A. B. G. 1908, p. 118-119”
			Ano 1908\Edição 00009 - p. 118-119	Artigo “Nísia Floresta”, sobre sua vida e obras
			Ano 1908\Edição 00009 - p. 308-309	Artigo “Educação Feminina no Rio”, citação de Opúsculo Humanitário sobre “o quadro demonstrativo do estado da instrução primaria e secundaria das provincias do Imperio e do município da Corte”
			Ano 1911\Edição 00013 - p. 225-30	Artigo “Nísia Floresta Brasileira Augusta”, menção a inauguração de um monumento em sua homenagem em Papari, mais informações sobre sua vida e obras. Também a citações de suas obras.
O Jornal (RJ) - 1960 a 1974	127617	33	Ano 1961\Edição 12273 - p. 4	Artigo “Nísia Floresta”, escrito por Ivan Lins. Sobre as pesquisas já realizadas sobre Nísia até aquele momento, quem as realizou. E as obras publicadas por Nísia
			Ano 1961\Edição 12309 - p. 21	“Folhinha Literária”, cronologia de acontecimento que ocorreram naquela mesma data em outros anos (24/04), o falecimento de Nísia é mencionado
			Ano 1961\Edição 12470 - p. 16	Artigo “Natal, Rio de Janeiro e Paris”, sobre a visita à escritora a Natal, onde visitou uma exposição sobre Nísia
			Ano 1963\Edição 12849 - p. 12; Ano 1964\Edição 13163 - p. 12; Ano 1965\Edição 13512 - p. 12; Ano 1966\Edição 13671 - p. 16; Ano	“Folhinha”, cronológica de acontecimento que ocorreram em 24 de abril em outros anos, o falecimento de Nísia é mencionado

			1967\Edição 13978 - p. 14; Ano 1968\Edição 14285 - p. 12	
			Ano 1966\Edição 13816 - p. 26	“Folhinha”, cronológica de acontecimento que ocorreram em 12 de outubro em outros anos, o nascimento de Nísia é mencionado
			Ano 1965\Edição 13564 - p. 7	Artigo “Positivismo na Guanabara: poucos mas fiéis adeptos”, é mencionado que Nísia frequentou um dos cursos ministrados por Comte, o curso de História Geral da Humanidade. Além disso, também é mencionado que ela “queria trazer o filósofo ao Brasil para aqui fundar o primeiro salão positivista, sendo impedida pela morte de Comte, em 1857”
			Ano 1969\Edição 14521 - p. 7	Artigo “Um dos maiores mestres da historiografia brasileira”, ensaio em comemoração ao 70º aniversário de Luiz da Câmara. Nísia é mencionada como uma de suas contemporâneas
Jornal do Comercio (RJ) - 1940 a 1949	49114	30	Ano 1940\Edição 00135 - p. 8	Artigo “Livros novos”, livro publicado por Adauto Câmara e João Cabral, intitulado “Conferências”, o primeiro ensaio é sobre a vida e as obras de Nísia a “mais notável mulher de letras do Brasil”
			Ano 1941\Edição 00179 - p. 6	“Academia Carioca de Letras”, sobre uma série de palestras realizadas, Nísia foi o foco de uma delas
			Ano 1941\Edição 00186 - p. 1; Ano 1941\Edição 00191 - p.1; Ano 1941\Edição 00192 - p. 1	“Publicaremos nos próximos domingos”, nota sobre próximas publicações do jornal, uma delas é uma conferência realizada por Dioclécio Duarte intitulada “Nísia Floresta e o sentimento nacional”
			Ano 1941\Edição 00198 - p. 4	Artigo “Nísia Floresta e o sentimento nacional”, transcrição de conferência

				realizada por Dioclécio Duarte sobre Nísia
			Ano 1941\Edição 00270 - p. 14	Artigo “De leve: uma precursora”, sobre o livro “História de Nísia Floresta” escrito por Adauto da Câmara
			Ano 1941\Edição 00300 - p. 5	Artigo “Cultura Potiguar”, sobre obras que não são normalmente abordadas entre elas o ensaio biográfico de Nísia escrito por Adauto da Câmara
			Ano 1942\Edição 00042 - p. 2	Artigo “As homenagens da Prefeitura”, Nísia é mencionada como uma das patronas do Departamento de Educação Nacionalista da Prefeitura
			Ano 1947\Edição 00023 - p. 4	Artigo “Henrique Castriciano e Nísia Floresta”, sobre a vida e as obras de Henrique Castriciano, ele investigou a vida de Nísia
			Ano 1949\Edição 00010 - p. 7	Nota sobre uma conferência ministrada por Adauto da Câmara sobre Nísia em comemoração ao 140º aniversário do seu nascimento
O Jornal (RJ) - 1950 a 1959	82498	27	Ano 1950\Edição 09165 - p. 39	Artigo “Brasileira Augusta, Aci Carvalho”, sobre as duas mulheres Norte-Rio-Grandenses que lutaram por diversas causas sociais
			Ano 1951\Edição 09618 - p. 8	Artigo “Serão trazidos para o Brasil: trasladação dos despojos de Nísia Floresta”, título autoexplicativo, também a uma apresentação de quem foi Nísia
			Ano 1951\Edição 09623 - p. 3	Artigo “Críticas à comissão nacional do trigo - votados ontem 2 projetos”, o projeto para a trasladação dos despojos de Nísia e sua filha foi votado
			Ano 1952\Edição 09769 - p. 3	Artigo “Protestos dos parlamentares contra violências praticadas nos Estados”, menção a autorização da trasladação dos despojos de

				Nísia para o Brasil pelo Poder Executivo
			Ano 1952\Edição 09785 - p. 3	Nota “Ordem do dia”, menção a abertura de crédito para promover o traslado dos despojos de Nísia
			Ano 1952\Edição 09880 - p. 3	Artigo “Crédito de 20 milhões de cruzeiros para construção de sanatório modelo”, menção a aprovação da lei para traslado dos despojos de Nísia, que será encaminhada para a Câmara
			Ano 1954\Edição 10344 - p. 17	Artigo “Cartas do Recife: Miss leão”, Nísia é mencionada brevemente como um exemplo feminismo
			Ano 1954\Edição 10376 - p. 10	“Recepção dos despojos de Nísia Floresta”, sobre uma reunião para organizar a recepção dos restos mortais de Nísia
			Ano 1954\Edição 10435 - p. 12	“Transportados os restos mortais”, curta menção a passagem dos despojos de Nísia em Recife
			Ano 1955\Edição 10601 - p. 10	Menção a inauguração do mausoléu de Nísia Floresta
			Ano 1955\Edição 10628 - p. 3	“Flashes”, curta menção a Nísia como um dos intelectuais favoritos do sr. Deoclécio Dantas Duarte junto a Augusto Severo
			Ano 1958\Edição 11540 - p. 15	“Nomes, fatos, notícias”, menção ao falecimento de Nísia em “feriades”
			Ano 1958\Edição 11685 - p. 26	“Folhinha: hoje e amanhã”, cronológica de acontecimentos passados. Menção ao nascimento e morte de Nísia
			Ano 1959\Edição 11785 - p. 37	Sem título, menção curta falando que tinha um colégio para moças
			Ano 1959\Edição 11852 - p. 13	“Folhinha do dia”, cronológica de acontecimento que ocorreram em 24 de abril em outros anos, o falecimento de Nísia é mencionado

Correio da Manhã (RJ) - 1960 a 1969	107701	24	Ano 1960\Edição 20688 - p. 2	“O positivismo no Brasil, o que foi a conferência de Ivan Lins na “Maison de France””, título autoexplicativo. É mencionado brevemente a influência intelectual que Comte teria exercido sobre Nísia
			Ano 1962\Edição 21378 - p. 83	“A academia e as mulheres”, sobre o ingresso de mulheres na Academia Brasileira de Letra, Nísia é uma das mulheres mencionadas que poderia patrocinar uma das cadeiras femininas
			Ano 1963\Edição 21486 - p. 2	“A mulher e seus direitos”, sobre livro publicado por João Batista Cascudo Rodrigues, Nísia é mencionada como uma das personalidades exploradas
			Ano 1964\Edição B21791 - 38	“O positivismo no Brasil”, sobre ensaio intitulado História do Positivismo no Brasil, escrito por Ivan Lins, é mencionado que um de seus capítulos é dedicado a Nísia
			Ano 1964\Edição B21837 - p. 10	“Autor certa obra certa”, sobre livros escritos por Cruz Costa sobre o positivismo no Brasil, Nísia é mencionada como um dos nomes explorados no livro
			Ano 1964\Edição 21862 - p. 77	“Você sabia”, coluna sobre personalidades intelectuais, Nísia é um dos nomes citados.
			Ano 1965\Edição 22085 - p. 25	“O positivismo no Brasil”, sobre Auguste Comte e o positivismo no Brasil, Nísia é citada brevemente como sua amiga e discípula
Revista do Livro (RJ) - 1939 a 2015	12813	23	Ano 1940\Edição 00008 - p. 9	Menção de conferência realizada por Adauto da Câmara e João Cabral intitulada “Nísia Floresta e a vis poética na literatura piauiense”
			Ano 1957\Edição 00005 - 204; Ano 1958\Edição 00009 - p. 230; Ano 1958\Edição 00009 - p. 231; Ano 1958\Edição 00009 - 240; Ano	Menção a Nísia em uma lista autores, talvez, não está claro do que se trata. Contudo, aparenta ser uma lista de referências

			1958\Edição 00012 - p. 261;	
			Ano 1968\Edição 00033 - p. 28	“Criptonímia”, sobre uso de pseudônimos, iniciais ou nomes codificados para disfarçar a verdadeira identidade do autor de uma obra, o nome de Nísia é usado como um dos exemplos
			Ano 2006\Edição 00047 - p. 70	“O papel da leitura e da literatura no século XXI”, título autoexplicativo, Nísia é mencionada como um nome que “jamais poderá ser esquecido na luta pela liberdade feminina”
			Ano 2009\Edição 00053 - p. 6	“Mulheres de Letras” é mencionado seu pioneirismo na “paulatina afirmação feminina” em tempos “trevosos”
			Ano 2009\Edição 00053 - p. 7	Menção de texto em sumário do livro “Dossiê mulheres escritoras”, o texto é intitulado “Que caso os homens fazem das mulheres”
			Ano 2009\Edição 00053 - p. 21	“A conquista do espaço: a prosa de ficção brasileira escrita por mulheres”, Nísia é uma das mulheres mencionadas
			Ano 2009\Edição 00053 - p. 54, 57, 61	“Mulheres que foram a luta”, sobre mulheres escritoras partir do século XVIII, Nísia é uma das mencionadas
			Ano 2009\Edição 00053 - 116-121	“Nísia Floresta Brasileira Augusta a primeira feminista do Brasil”, artigo de Constância Lima Duarte sobre Nísia
			Ano 2009\Edição 00053 - p. 117	“Que caso os homens fazem das mulheres”, texto curto de Nísia republicado
Almanak Laemmert : Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940	122275	22	—	Sem ocorrências
Tribuna da Imprensa (RJ) - 1949 a 1959	48044	21	Ano 1951\Edição 00495 - p. 8	“Restos mortais de Nísia Floresta”, sobre o projeto de lei para a trasladação de seus despojos para o Brasil

			Ano 1954\Edição 01375 - p. 21	“Olho de Boi”, sobre a emissão de selos comemorativos, o selo emitido em comemoração a transladação dos despojos de Nísia é mencionado
			Ano 1954\Edição 01434 - p.2	“Homenagem “post-mortem” a Nísia Floresta”, sobre a chegada dos despojos de Nísia ao Rio de janeiro vindos de Recife
			Ano 1954\Edição 01445 - p. 22; Ano 1954\Edição 01451 - p. 22; Ano 1954\Edição 01451 - p. 46; Ano 1954\Edição 01457 - p. 22; Ano 1954\Edição 01457 - p. 46; Ano 1954\Edição 01463 - p. 22; Ano 1954\Edição 01463 - p. 46;	“Ôlho de Boi”, sobre selo e carimbo comemorativo a transladação dos despojos de Nísia para Papari
			Ano 1955\Edição 01629 - p. 22; Ano 1955\Edição 01629 - p. 46	“Ôlho de Boi: a casa da moeda arruinado a filateria”, sobre problemas nas emissões de selos que estava fazendo com que ficassem arruinados, o selo de Nísia é descrito como o “campeão das feiuras”
Jornal do Comercio (RJ) - 1950 a 1959	58861	21	Ano 1951\Edição 00292 - p. 5	Sem título, curto comentário de Adauto da Câmera sobre ela
			Ano 1952\Edição 00146 - p. 3	“Ordem do dia”, menção ao projeto de lei para promover a transladação dos despojos de Nísia para o Brasil
			Ano 1952\Edição 00219 - p. 3	“Comissão de Educação e Cultura”, menção a autorização da transladação dos restos morais de Nísia
			Ano 1952\Edição 00251 - p. 3	“Redações finais aprovadas”, menção a aprovação da transladação dos restos morais de Nísia
			Ano 1953\Edição 00230 - p. 27	“Livreria J, Leite”, menção ao livro Historia de Nísia Floresta escrito por Adauto da Câmera
			Ano 1953\Edição 00303 - p. 7	“Varias noticias”, menção a aprovação de abertura de crédito especial para

				transladação dos restos morais de Nísia
			Ano 1954\Edição 00148 - p. 3	“Nísia Floresta: sua vida e sua obra - exposição documentaria que hoje se inaugura no Centro Norte-riograndense - dados biográficos da escritora e educadora”, título autoexplicativo
			Ano 1954\Edição 00149 - p. 11	“Nísia Floresta”, sobre exposição documentaria, inaugura no Centro Norte-riograndense
			Ano 1954\Edição 00182 - p. 3	“Câmara dos Deputados”, menção a aproximação da chegada dos despojos de Nísia a capital
			Ano 1954\Edição 00293 - p. 2; Ano 1954\Edição 00293 - p. 2	“Interior: chegou a Natal o corpo da escritora Nísia Floresta”, título autoexplicativo
			Ano 1954\Edição 00293 - p. 6	“Varias noticias”, menção a chegada dos despojos de Nísia a Natal
			Ano 1957\Edição 00104 - p. 6	“Pedro Velho, um suave organizador da autoridade”, transcrição de conferência realizada por Dioclécio Duarte, Nísia é mencionada brevemente como uma “figura de mulher extraordinária” ligada a “ideia da abolição [que] era proclamada como mandamento de ordem social e humanidade”
Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil (RJ) - 1839 a 2021	201064	20	Ano 1946\Edição 00192 - 114	“A princesa Isabel e as três regentes”, Nísia é mencionada brevemente como uma das mulheres que talvez seria capaz de se igualar a ela
			Ano 1952\Edição 00216 - p. 185	“Comemoração de Osório”, Nísia é brevemente mencionada como uma “testemunha tanto de inteligência de largo horizonte como força de caráter em desfalecimento”
			Ano 1969\Edição 00285 - p. 268; Ano 1970\Edição 00289 - p. 195; Ano 1970\Edição 00289 - p. 200; Ano	“Revista do instituto Histórico e Geografico Brasileiro”, menção ao contato mantido entre Nísia Floresta e Auguste Comte

			1971\Edição 00291 - 141;	
			Ano 1971\Edição 00291 - p. 149	“Os arquitetos do Rio Grande do Norte”, é mencionado que Nísia “levou sua pequenina terra a várias partes do mundo”
			Ano 1997\Edição 00395 - p. 271	“Acréscimos e Retificações ao Dicionário Bibliográfico Brasileiro de Sacramento Blake”, curta menção a Nísia em lista com nomes completos de personalidades, datas de nascimento e falecimento.
			Ano 1997\Edição 00397 - p. 152	“III - Bibliografia: resenhas e resenhas”, menção a Nísia e suas obras
			Ano 1998\Edição 00401 - p. 300	Menção ao livro Historia de Nísia Floresta, escrito por Adauto da Câmara. Parece ser um catálogo ou lista de livros
			Ano 2000\Edição 00409 - p. 302	Menção a uma pesquisa que explora 92 mulheres “já resgatadas pela história”, Nísia seria uma delas
			Ano 2002\Edição 00414 - p. 126	Menção aos pensamentos de Nísia relativos à prostituição em nota de rodapé
			Ano 2004\Edição 00424 - p. 77	“As mulheres e a escrita em si”, menção aos apontamentos de Nísia em relação à educação
			Ano 2006\Edição 00433 - p. 339	Menção a uma pesquisa que explora a vida e as obras de oito mulheres, Nísia era uma delas
			Ano 2007\Edição 00437 - p. 414	Menção a conferência ministrada por Marilda Correia Ciribelli intitulada “Nísia Floresta: educação e cultura”
			Ano 2012\Edição 00457 - p. 247	“A imperatriz Teresa Cristina: um olhar italiano”, menção a Nísia como um “testemunha direta da realidade napolitana daqueles anos [...] uma das maiores figuras do panorama intelectual brasileiro da segunda metade de Oitocentos”
Diario de Noticias (RJ) - 1960 a 1969	88878	17	Ano 1960\Edição 11421 - p. 18	“Nísia Floresta Brasileira Augusta”, menção do repatriamento dos restos

				mortais de Nísia, sua vida e obras publicadas
			Ano 1960\Edição 11470 - p. 10	“Escola em Laranjeiras tem nome de Nísia Floresta”, sobre escola nomeada em homenagem a Nísia e menção ao Colégio Augusto “onde inaugurou novos processos pedagógicos, que foram considerados revolucionários para época”
			Ano 1964\Edição 12810 - p. 59	“A proposito de “História do Positivismo no Brasil””, curta menção a investigação de Orlando Dantes em busca da sepultura de Nísia na França
			Ano 1967\Edição 13709 - p. 17	Menção ao livro escrito por Adauto da Câmara a História de Nísia Floresta e de que ela “merecia mais do que já teve” em relação a obras que tratam da mesma
Tribuna da Imprensa (RJ) - 1960 a 1969	40472	17	—	Sem ocorrências
A Noite (RJ) - 1950 a 1959	46046	15	Ano 1950\Edição 13428 - p. 9	“Divulgando nossa cultura nos Estados Unidos”, sobre conferência realizada em Nova York por José Bettencourt Machado, uma das “figuras” referidas foi Nísia como “precursora do feminismo”
			Ano 1951\Edição 13772 - p. 2	“Hoje na história do Brasil”, breve menção bibliográfica da sua vida e seu falecimento
			Ano 1952\Edição 14137 - p. 30	“Superioridade Intelectual”, sobre estudos realizadas a fim de determinar qual gênero seria superior intelectualmente, Nísia é mencionada em uma lista com outras mulheres consideradas exemplos de “inteligencia feminina de valor incontestável”
			Ano 1954\Edição 14666 - p. 11	Sem título, menção a abertura de uma exposição sobre Nísia na qual falaria o “escritor Peregrino Junior, contemporâneo a ela”

			Ano 1954\Edição 14667 - p. 3; Ano 1954\Edição 14667 - p. 30	Sobre a abertura de uma exposição sobre Nísia no Centro Norte-Riograndense
			Ano 1954\Edição 14832 - p. 2	“Transladação dos despojos de Nísia Floresta Brasileira Augusta”, sobre o encerramento das comemorações em decorrência da traslação de seus restos mortais para o Brasil e a emissão de selos comemorativos sobre
			Ano 1954\Edição 14840 - p. 14	“Carimbo comemorativo”, sobre Carimbo comemorativo a trasladação dos despojos de Nísia para o Brasil
			Ano 1954\Edição 14846 - p. 11	“Filatelia”, sobre o selo comemorativo a trasladação dos despojos de Nísia para o Brasil, mais breve biografia
			Ano 1954\Edição 14853 - p. 13	“Filatelia: síntese biográfica do selo comemorativo da trasladação da França para o Brasil, dos despojos de Nísia Floresta Brasileira Augusta”, título autoexplicativo
Gazeta de Notícias (RJ) - 1940 a 1949	46571	14	Ano 1941\Edição 00034 - p. 16	“Nísia Floresta”, sobre tradução de “Direito das mulheres injustiça dos homens”, mais síntese bibliográfica
			Ano 1941\Edição 00071 - p. 13	“Gazeta nos studios”, menção a conferência ministrado por Dioclécio Duarte intitulada “Nísia Floresta e o sentimento nacional”
			Ano 1948\Edição 00137 - p. 6	“Na Casa de Juvenal Galeno”, sobre posse da poetisa cearense Fernanda Brito de cadeira da Ala Feminina de Letras patrocinada por Nísia, é mencionada que sua tese foi sobre a escritora e foi intitulada como “Nísia Floresta Brasileira Augusta”
O Jornal (RJ) - 1940 a 1949	53173	14	Ano 1941\Edição 06768 - p. 6	“Ministério da Educação”, lista de obras registradas na Biblioteca Nacional, o livro bibliográfico escrito por Aduauto da Câmara sobre Nísia, intitulado “História de Nísia Floresta” foi uma delas

			Ano 1945\Edição 07722 - p. 4	“Vida Literária: o bom pastor”, sobre produções textuais femininas, Nísia é mencionada como uma precursora de uma época na qual mulheres publicarem era um “caso excepcional”
A Noite (RJ) - 1940 a 1949	61111	14	Ano 1942\Edição 10924 - p. 12	“Nísia Floresta”, menciona os pesquisadores que exploraram sua vida e suas obras, contudo o foco principal é o Colégio Augusto e o cuidado que dirigia a instrução moral de suas alunas
			Ano 1946\Edição 12416 - p. 2; Ano 1946\Edição 12416 - p. 15	“Falecimento”, sobre o falecimento de Antonio do Reis Carvalho, é mencionado um texto escrito pelo mesmo sobre Nísia intitulado “Nísia Floresta Brasileira Augusta”, listado entre muitas outras produções do autor
			Ano 1948\Edição 13019 - p. 20	“As precursoras brasileiras”, sobre obras escrita por Barros Vital que “realça em cada ramo da atividade o elemento feminismo que lhe foi precursor”, Nísia é mencionada como precursora do feminismo
			Ano 1949\Edição 13309 - p. 4	Menção a comemoração do 104º aniversário de Nísia com a realização de uma conferência ministrada por Adauto da Câmara
			Ano 1950\Edição 06766 - p. 2	“Transladação do corpo de Nísia Floresta para o Brasil”, título autoexplicativo
Diario Carioca (RJ) - 1950 a 1959	49551	13	Ano 1950\Edição 06766 - p. 3	“Câmara dos deputados”, menção a abertura de crédito especial para custear o translator dos despojos de Nísia para o Brasil
			Ano 1951\Edição 07118 - p. 3	“Restos mortais”, sobre aprovação do projeto que reitera a transladação dos despojos de Nísia para o Brasil
			Ano 1952\Edição 07264 - p. 5	Curte menção da transladação dos despojos de Nísia em matéria incompleta

			Ano 1952\Edição 07280 - p. 7; Ano 1952\Edição 07375 - p. 3	“Ordem do dia”, autorização transladação dos despojos de Nísia
			Ano 1953\Edição 07605 - p. 4	“Efemérides”, cronologia de acontecimento ocorridos no dia 24 de abril em anos anteriores, menção do falecimento de Nísia
			Ano 1953\Edição 07740 - p. 6	“Decretos Assinados”, menção da abertura de crédito para transladação dos despojos de Nísia
Diario de Noticias (RJ) - 1930 a 1939	41882	13	Ano 1935\Edição 02529 - p. 21	“Mulheres de Letres”, sobre Isabel Gondim, Nísia é brevemente mencionada como uma escritora antecessora a ela
			Ano 1935\Edição 02601 - p. 19	“Nísia Floresta”, síntese biográfica. É mencionado que ela teria dirigido “vários colégios no Rio de Janeiro, quando diretora do Colégio Brasil e mais tarde do Colégio Augusto”
			Ano 1936\Edição 05804 - p. 9	Resposta de Leontina Luciano Cardoso a enquete realizada pelo jornal sobre poetas e escritores, é mencionado livro escrito pela mesma intitulado “Almas”, no qual explora escritoras brasileiras, Nísia é citada como uma delas”
			Ano 1936\Edição 02906 - p. 19	“Rio Grande do Norte Mental”, elogio a intelectualidade do Rio Grande do Norte proferido por Adauto da Câmara, Nísia é uma das intelectuais mencionadas
			Ano 1937\Edição 03188 - p. 5	“Instalou-se ontem Academia Norte-Riograndense de Letras”, sobre a instalação da academia e sua composição de 25 cadeiras, Nísia é mencionada como patrona da 16ª cadeira, pertencente a Henrique Castriciano
			Ano 1938\Edição 03669 - p. 19	“Nísia Floresta”, sobre seu poema “Lgrimas de um Caeté” republicado pela Academia de Letras

			Ano 1938\Edição 03719 - p. 9	Menção a conferência da Academia de Letras, na qual Adauto da Câmara estudaria “a individualidade de Nísia Floresta Brasileira Augusta”
			Ano 1938\Edição 03721 - p. 3	“Nysia Floresta, grande vulto da literatura brasileira: a conferência do Sr. Adauto da Câmara lida no club militar”, título autoexplicativo
			Ano 1938\Edição 03740 - p. 5	“Federação da Academia de Letras do Brasil”, sobre reunião da federação, o obituário de Nísia em Ruão foi um dos assuntos tratados
			Ano 1939\Edição 05024 - p. 9	“Dr. Adauto da Câmara” sobre homenagem que seria realizada por seus amigos em decorrência de seu aniversário, é mencionado suas pesquisas sobre Nísia brevemente
Jornal do Brasil (RJ) - 2000 a 2009	299889	12	Ano 2000\Edição 00063 - p. 46	“Análise da literatura feminina”, sobre coletânea de ensaios organizada por Cristina Ramalho, é mencionado ensaio de Constância Lima Duarte sobre os apontamentos de Maria Lucia Pallares Burke em relação à tradução de “Direitos das mulheres injustiça dos homens”
			Ano 2001\Edição 00264 - p. 29	“A primeira crítica da literatura brasileira: centenário de Lucia Miguel Pereira chama atenção para o desenvolvimento intelectual de uma mulher que lentamente se libertou de pensamentos conservadores”, Lucia é comparada ao “fenômeno” que foi Nísia no século XIX
			Ano 2001\Edição 00264 - p. 30	“Flores esquecidas nas estufas do passado”, “obras de Julia da Costa e Ana Luiza de Azevedo Castro mostram como ideias românticas se refletiram na vida das escritoras do século 19”. Nísia é mencionada como exemplo em censura a movimentos que buscam

				“demolir essas pioneiras”, sua menção é relacionada a insistência do plágio que teria cometido em vez de darem “detrimento da sua prática inovadora como educadora do Brasil”
			Ano 2002\Edição 00334 - p. 40	“Revisão de um personagem: considerada a primeira feminista brasileira, Nísia Floresta ousou em pleno século 19 forçar as portas do mundo”, síntese bibliográfica
			Ano 2003\Edição 00174 - p. 14	Menção a abertura de crédito especial para transladação dos restos mortais de Nísia para o Brasil
			Ano 2004\Edição 00333 - p. 70	Menção em cronologia de reivindicações femininas no Brasil, é pontuado a publicação de “Direito das mulheres injustiça dos homens”
			Ano 2007\Edição 00034 - p. 72	“O panteão feminista”, é referida como “vulto canônico do nosso feminismo foi Nísia Floresta, autora da fraude em que se fez passar como tradutora”
			Ano 2007\Edição 00224 - p. 62	“Documento: Filme trará figuras da identidade nacional”, Nísia é listada entre elas
			Ano 2008\Edição 00049B - p. 47	“JB Recomenda Filme”, sobre filme exibido pelo projeto Teste de Audiência, intitulado “Nísia, Paulo e Josué: oficina de memórias”
Jornal do Comercio (RJ) - 1930 a 1939	62505	12	Ano 1933\Edição 00049 - p. 11	“Livros Novos”, menção a monografia escrito por Roberto Seidl sobre a vida e as obras de Nísia que “completa em muito os estudos de seus antecessores sobre a personalidade”
			Ano 1936\Edição 00088 - p. 11	“Livros Novos”, menção a livro escrito por Leontina Licínio Cardoso que aborda seis mulheres “singulares” brasileiras, intitulado “Almas”. Nísia e uma delas

			Ano 1938\Edição 00161 - p. 13	“Federação das Academias de Letras do Brasil”, menção ao obituário de Nísia não localizado em Ruão
			Ano 1938\Edição 00188 - p. 3	“A abolição da escravatura no Brasil”, Nísia é listada como um do “heróis da cruzada” pela abolição da escravatura no Brasil, é citada como “a excepcional individualidade feminina que simboliza o concurso da mulher na campanha libertadora”
			Ano 1939\Edição 00220 - p. 3	“Rio Grande do Norte”, menção de novas edições dos livros de poesia de Nísia
Correio da Manhã (RJ) - 1970 a 1974	40027	11	Ano 1971\Edição 24081 - p. 29	“Cronologia”, cronologia de eventos que ocorreram dia 12 de outubro em anos anteriores, é mencionado o nascimento de Nísia.
			Ano 1972\Edição 24379 - p. 42	“Uma religião positivista”, Nísia é mencionada brevemente como discípula de Auguste Comte
A Manhã (RJ) - 1925 a 1953	63390	11	Ano 1926\Edição 00023 - p. 3	“A feminina”, sobre a fundação da Academia Feminina de Letras, é mencionada leitura de poesias de Nísia em suas seções
			Ano 1941\Edição 00054 - p. 7	“A mulher na literatura brasileira”, título autoexplicativo, Nísia é mencionada como exemplo
			Ano 1951\Edição 03067 - p. 8; Ano 1951\Edição 03102 - p. 8; Ano 1952\Edição 03264 - p. 8; Ano 1952\Edição 03359 - p. 7	Menção ao projeto para transladação dos despojos de Nísia para o Brasil
			Ano 1952\Edição 03363 - p. 8	“Propugnando por um novo sentido social e político”, sobre VIII Assembleia da Comissão Internacional de Mulheres, Nísia foi mencionada como uma das “mulheres brasileiras que se destacaram na história”
O Cruzeiro : Revista (RJ) - 1928 a 1985	225198	10	Ano 1954\Edição 0004 - p. 34	“Filateria”, menção a selo comemorativo do centenário de Nísia

			Ano 1954\Edição 0008 - p. 41; Ano 1954\Edição 0029 - p. 37; Ano 1955\Edição 0018 - p. 65	“Filateria”, menção ao selo comemorativo da transladação dos despojos de Nísia
			Ano 1954\Edição 0031 - p. 3	“O cruzeiro”, menção de artigo escrito por Raquel de Queiroz intitulado “Nísia Floresta”
			Ano 1954\Edição 0031 - p. 91	Artigo escrito por Raquel de Queiroz intitulado “Nísia Floresta”, sobre a transladação de seus despojos para o Brasil, sua vida e seus posicionamentos. Também é mencionado um artigo em um jornal diferente a respeito do seu trabalho no Colégio Augusto
			Ano 1978\Edição 2429 - p. 40	“Portela: mulher a brasileira”, menção a homenagem prestada a Nísia por escola de samba
Revista da Semana (RJ) - 1930 a 1939	24836	10	Ano 1933\Edição 00048 - p. 16	“Nísia Floresta”, trabalho publicado por Roberto Seidl sobre vida e obras de Nísia. Síntese bibliográfica, mais comentários sobre seus livros e posicionamentos mantidos
			Ano 1936\Edição 00038 - p. 11	“Curiosidades”, sobre escritoras brasileiras. Nísia é citada como “discípula de Auguste Comte e ilustre escritora, foi cognominada a Madame Sévigné brasileira”
			Ano 1938\Edição 00016 - p. 28	“Nísia Floresta”, sobre palestra ministrada por Adauto da Câmara no club militar sobre Nísia Floresta
			Ano 1938\Edição 00041 - p. 18	“Antigos Collegios cariocas”, título autoexplicativo, Nísia é citada como uma das “educadoras do tempo [...] ilustre e viajada”
			Ano 1939\Edição 00052 - p. 30, 31,33,47	“Nísia floresta, a precursora do feminismo no Brasil”, reflexões sobre sua vida e síntese bibliográfica. Continuação em páginas seguintes sobre o título “As continuadoras de suas Obras”

			Ano 1938\Edição 00052 - p. 27	“Nísia Floresta: Opúsculo Humanitário”, sobre visita do escritor a Papari, e suas indagações sobre Nísia em sua terra natal. Contem imagem da dedicatória escrita por Nísia em exemplar de “Opusculo Humanitário” entregue a Alexandre Herculano
Correio da Manhã (RJ) - 1936 a 1939	55657	10	Ano 1934\Edição 12140 - p. 24	“Sobre a vida gloriosa de João Caetano”, menção ao livro escrito por Roberto Seidl sobre Nísia
			Ano 1938\Edição 13296 - p. 6	“Conferencias”, conferencia ministrada por Adatao da Câmara sobre “a individualidade de Nísia Floresta”
Diario Carioca (RJ) - 1940 a 1949	39486	10	Ano 1941\Edição 03997 - p. 18	“Grandes figuras de nossa história: Nísia Floresta Brasileira Augusta”, síntese bibliográfica
O Jornal (RJ) - 1930 a 1939	54381	10	Ano 1934\Edição 04565 - p. 3	“Três épocas e três mulheres”, menção a mudança de nome da cidade de Papari para Nísia Floresta
			Ano 1936\Edição 05272 - p. 35	“Uma mulher”, síntese bibliográfica
Jornal do Brasil (RJ) - 1990 a 1999	332222	9	Ano 1999\Edição 00079 - p. 49	“A voz das outras”, sobre livro intitulado “Escritoras Brasileirinhas do Seculo 19”, Nísia é uma das mulheres abordadas no livro
Gazeta de Noticias (RJ) - 1950 a 1956	26401	9	Ano 1951\Edição 00209 - p. 4; Ano 1952\Edição 00166 - p. 2	Menção ao projeto de transladação dos despojos de Nísia para o Brasil
			Ano 1954\Edição 00069 - p. 4	“Obras de Nísia Floresta”, sobre uma exposição realizada no Centro Norte-Riograndense sobre a vida e as obras de Nísia
			Ano 1954\Edição 00077 - p. 3 e 8	“Nísia Floresta”, exposição de objetos relacionado a Nísia como um retrato e cartas trocadas com Auguste Comte no Centro Norte-Riograndense
			Ano 1954\Edição 00092 - p. 2	“Encerramento da exposição sobre a vida e a obra de Nísia Floresta”, titulo autoexplicativo

Ultima Hora (RJ) - 1951 a 1984	128707	9	Ano 1953\Edição 00651 - p. 14	“Transladação dos despojos de Nísia Floresta”, autorização da translação dos restos mortais de Nísia
			Ano 1954\Edição 00989 - p. 6	Artigo com título ilegível sobre a translação dos restos mortais de Nísia. Contem, uma síntese de sua biografia, informações sobre suas obras e sobre selo comemorativo da transladação
Manchete (RJ) - 1952 a 2007	316057	8	Ano 1953\Edição 0070 - p. 26	“As grandes mulheres do Brasil”, sobre participação feminina em jornais depois da Segunda Guerra Mundial, Nísia é mencionada como uma das poucas “senhoras que fugiram a rotina, exercendo atividades intelectuais”
			Ano 1982\Edição 1585 - p. 178	“Uma lei pelos direitos das mulheres”, sobre lei que torna contravenção penal a discriminação contra a mulher, é mencionado que o deputado que a apresentou queria que fosse nomeada em homenagem a Nísia. Contudo, não foi possível, pois as normas no congresso estabelecem que as leis devam levar o nome de seu autor
			Ano 1992\Edição 2114 - p. 74	Menção de livro escrito por Veríssimo de Melo, constituído de dez textos sobre personalidades da literatura brasileira intitulado “Dos Grandes Um Pouco”, Nísia é mencionada como um deles
Dom Casmurro (RJ) - 1937 a 1946	4010	8	Ano 1911\Edição 00208 - p. 9; Ano 1911\Edição 00230 - p. 9	“Excertos: Nísia Floresta”, título autoexplicativo
			Ano 1911\Edição 00210 - p. 11	“Nísia Floresta e o Sentimento Nacional”, matéria incompleta sobre conferência realizada por Dioclécio Duarte
			Ano 1911\Edição 00212 - p. 9	“Uma precursora”, elogio ao livro “História de Nísia Floresta” escrito por Adauto da Câmara, que permitiu a autora da matéria conhecer a

				percursora do feminismo no Brasil
			Ano 1911\Edição 00226 - p. 9	“Ideias precursoras” sentimento de agradecimento ao livro “História de Nísia Floresta” escrito por Adauto da Câmara que apresentou Nísia a escritora da matéria
			Ano 1911\Edição 00229 - p. 3	“Rio Grande do Norte Literário”, menção a Nísia junto a outras personalidades que foram “individualidades marcantes em todos os setores da atividade intelectual e fora dela”
			Ano 1942\Edição 00238 - p. 2	“Reeditemos Nísia Floresta”, síntese bibliográfica
O Malho (RJ) - 1902 - 1953	103654	8	Ano 1945\Edição 0071 - p. 46	“Vidas Brasileiras”, serie de volumes de ensaios sobre “personalidades ilustres do nosso passado histórico” escritos por José Teixeira de Oliveira, Nísia é um deles
			Ano 1951\Edição 0135 - p. 38	“Mulher sempre a mulher”, sobre o feminismo, Nísia é uma das mulheres mencionadas a lutar pelo direito das mulheres
			Ano 1952\Edição 0147 - p. 42	“Mulher!... Sempre a mulher”, sobre mulheres que “saíram para a luz de publicidade para mostrar de que tempera é feita a alma feminina em nossa terra”, Nísia é uma das mulheres mencionadas
Jornal do Comercio (RJ) - 1960 a 1969	62390	8	Ano 1963\Edição 00022 - p. 4	“Jose Carlos Rodrigues e a revista “O Novo Mundo”, de Nova York”, sobre segundo volume da revista brasileira nos Estados Unidos, é mencionado a “publicação de biografias ilustradas de notáveis brasileiros”, Nísia é uma das personalidades que exploradas
			Ano 1964\Edição 00229 - p. 22	“História do Positivismo no Brasil”, Nísia é citada brevemente como uma das principais adeptas do comtismo no Brasil

			Ano 1964\Edição 00004 - p. 26	“O Positivismo no Brasil”, Nísia é citada brevemente como uma das pessoas que realizou cursos na Europa, entrando em contato com Auguste Comte por meio destes
			Ano 1965\Edição 00032 - p. 18	“Mulheres compositoras”, sobre mulheres compositoras no Brasil, Nísia é mencionada brevemente como exemplo de mulher marcante na história brasileira
			Ano 1969\Edição 00176 - p. 4	“Mulheres na nossa história”, título autoexplicativo, Nísia é mencionada como “um nome que penetrou na história, uma extraordinária autodidata que emergiu de um canto provinciano do Rio Grande do Norte”
Jornal do Commercio (RJ) - 1970 a 1979	70000	8	Ano 1976\Edição 00084 - p. 4	“Nísia Floresta”, homenagem a Nísia no dia das mulheres, síntese bibliográfica
Boletim de Ariel (RJ) - 1931 a 1977	2760	7	Ano 1933\Edição 00003 - p. 20; Ano 1933\Edição 00003 - p. 28	“Roberto Seild - Nísia Floresta - Imprensa moderna - Rio - 1933”, menção a ensaio sobre Nísia, título autoexplicativo
			Ano 1936\Edição 00005 - p. 21	Menção ao livro escrito por Leontina Licinio Cardoso sobre figuras históricas consagradas, intitulado “Almas”. Nísia é uma das personalidades exploradas no ensaio
			Ano 1937\Edição 00002 - p. 16	Menção de ensaio bibliográfico escrito por Roberto Seild sobre Arthur Azevedo. Nísia é mencionada como um tema abordado
			Ano 1938\Edição 00001 - p. 24	“O meu estado também tem homens de letras”, sobre livros que listam nomes de intelectuais relevantes. Nísia é um dos dois nomes femininos registrados no livro “Noções de Literatura Brasileira” escrito por Afrônio Pixote, o outro é Auta da Souza

Diario Carioca : O máximo de jornal, no mínimo de espaço (RJ) - 1960 a 1965	24111	7	Ano 1960\Edição 09760 - p. 6	Curta menção ao falecimento de Nísia
			Ano 1960\Edição 09906 - p. 6	“Registros”, cronologia de eventos históricos, o nascimento e o falecimento de Nísia é citado
			Ano 1963\Edição 10876 - p. 7	“Quem foi Nísia Floresta”, síntese bibliográfica
Tribuna da Imprensa (RJ) - 1970 a 1979	37974	7	Ano 1974\Edição 07431 - p. 2	“Natal criou museu de imagem e som”, título autoexplicativo. Nísia é um dos nomes lembrados no museu como uma “poeta consagrada”
			Ano 1975\Edição 07896 - p. 14	“Uma antologia dos Fantasmas”, Nísia é mencionada junto a outros nomes considerados de grandes intelectuais do Rio Grande do Norte
			Ano 1977\Edição 08420 - p. 9	“Mulheres”, curta menção a Nísia junto a outras mulheres em texto breve que descreve sobre o combate do autor contra “os que queriam fazer das mulheres os homens de emergência do pós-guerra”
			Ano 1978\Edição 08674 - p. 7	“Portela: o tema foi mulher”, homenagem de escola de samba a personalidades femininas, Nísia foi uma das mulheres homenageadas
Revista da Semana (RJ) - 1940 a 1949	29815	6	Ano 1940\Edição 00002 - p. 39	“Reerguida a Herma de Nísia Floresta”, sobre reportagem escrita por Barros Vital, intitulada “Nísia Floresta, a percursora do feminino no Brasil”
			Ano 1941\Edição 00024 - p. 12	“Livros Novos”, entre eles a “História de Nísia Floresta” escrito por Adauto da Câmara
			Ano 1943\Edição 00018 - p. 10	“A Academia Feminina, Molière e a sofisticada...”, Nísia é mencionada na lista “da diretoria e patronos da Academia”, como patrona da cadeira 34º

			Ano 1945\Edição 00031 - p. 23	“Nísia Floresta”, sobre visita de Nísia ao Arsenal de Veneza em 1863
			Ano 1947\Edição 00023 - p. 25	“Escragnolle Doria”, é mencionado que “para comemorar as únicas relações conhecidas de Comte com brasileiros, a pedra fundamental da Capela da Humanidade encerrou um exemplar das cartas dirigidas por Comte a brasileira Nísia Floresta”
			Ano 1949\Edição 00024 - p. 10	“Vultos Célebres: biografias escritas por Chiquinha Neves Lobo”, título autoexplicativo, Nísia é o foco de um dos trinta e dois trabalhos bibliográficos contidos no segundo volume da série
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - 1844 a 1885	61370	6	Ano 1849\Edição 00006 - p. 591	“Acréscimos, alterações, etc”, não tenho certeza sobre o que se trata. Contudo, é mencionado em lista “Collegio Augusto, dirigido por D. Nísia Floresta Brasileira Augusta, r, de D. Manoel, entrada pela travessa do Poço, 23”
			Ano 1850\Edição 00007 - p. 267	“Collegios de meninas”, lista de matérias ensinadas no Collegio Augusto, mais lista de outros collegios femininos da época
			Ano 1851\Edição 00008 - 310	“Collegios de meninas”, lista de colégios femininos abertos em 1851
			Ano 1853\Edição 00010 - p. 374	“Collegios d’Educação de Meninas”, lista de colégios femininos abertos em 1853
			Ano 1854\Edição 00011 - 378	“Collegios de meninas”, lista de colégios femininos abertos em 1854
			Ano 1855\Edição 00012 - 418	“Collegios de meninas”, lista de colégios femininos abertos em 1855
O Tico-Tico : Jornal das crianças (RJ) - 1905 a 1961	52935	5	Ano 1938\Edição 1706 - p. 22	Breve menção a Nísia como “uma das primeiras mulheres, em cultura intelectual do seu tempo
			Ano 1941\Edição 1871 - p. 34	“Comemorativo: Nísia Floresta”, curta apresentação

			Ano 1942\Edição 1883 - p. 27	“Outubro Comemorativo”, curta apresentação
			Ano 1952\Edição 2003 - p. 20	“Pioneira”, breve apresentação
Vida Juvenil (RJ) - 1949 a 1959	13144	5	Ano 1957\Edição 00155 - p. 2 e 71	“Quadros Brasileiros: Nísia Floresta”, vida de Nísia em quadrinhos
			Ano 1957\Edição 00163 - p. 20	Breve menção a transladação dos despojos de Nísia
Diario da Noite (RJ) - 1950 a 1959	73851	5	Ano 1951\Edição 05132 - p. 12	“Congresso nacional: senado”, breve menção a transladação dos despojos de Nísia
			Ano 1954\Edição 05814 - p. 2	“Notas pitorescas”, breve menção a transladação dos despojos de Nísia
			Ano 1954\Edição B05707 - p. 26	“Selo comemorativo da transladação dos despojos de Nísia Floresta”, titulo autoexplicativo
Walkyrias (RJ) - 1934 a 1960	7730	5	Ano 1934\Edição 0001 - p. 43-44	“Federação Brasileira pelo Progresso Feminino: Discurso da Sra. Maria Eugenia Celso”, sobre o movimento de emancipação feminina, é mencionado o percussionismo de Nísia com a publicação de “Direito das mulheres injustiça dos homens”
			Ano 1934\Edição 0004 - p. 18 e 45	“Nísia Floresta”, breve apresentação de Nísia seguida por excertos de “Direito das mulheres injustiça dos homens”. Também a excertos da biográfica escrita por Roberto Seild sobre ela
			Ano 1938\Edição 0044 - p. 52	“Federação das Academias de Letras do Brasil e Nísia Floresta Brasileira Augusta”, sobre abertura das séries de conferências que ocorriam naquele ano. A primeira seria ministrada por Adauto da Câmara sobre Nísia Floresta, contém síntese bibliográfica sobre ela
Jornal do Commercio (RJ) - 1880 a 1889	24285	5	Ano 1885\Edição 00145 - p. 2	“Falecimentos”, nota sobre o falecimento de Nísia
			Ano 1885\Edição 00150 - p. 1	Matéria extensa sobre o falecimento de Nísia, com

				menção de sua vida, dos intelectuais com quem teve contato, e suas obras.
			Ano 1885\Edição 00154 - p. 4	“Nísia Floresta Brasileira Augusta”, compilado de matérias sobre o falecimento de Nísia, escritas por diferentes jornais
			Ano 1885\Edição 00161 - p. 6	Convite para missa em memória de Nísia na matriz de Santa Rita, realizado pela professora Paiva Mendes, quem Nísia teria sido “professora e amiga”
			Ano 1885\Edição 00174 - p. 4	Convite para missa em memória de Nísia na igreja da Terceira Ordem da Imaculada, feito pelos professores do Collegio Augusto (“mãe do diretor do mesmo)
Jornal do Comercio (RJ) - 1920 a 1929	51497	5	Ano 1920\Edição 00163 - p. 11	O texto está bem apagado, dificultando a leitura, de modo que não compreendemos o contexto. Contudo, ela é citada brevemente “A vossa tocante composição está irrevogavelmente colocada na gaveta sagrada que só contém a correspondência excepcional (AUGUSTO COMTE. Carta a D. Nísia Floresta Brasileira Augusto de 17 de Guttenberg de 69 - 29 de Agosto de 1837)”, também pode ser de 1857
			Ano 1923\Edição 00349 - p. 8	“A conferência cívica do General Gemes de Castro”, sobre conferência realizada em “festa cívica promovida pelo ilustre General Gomes de Castro”, a conferência ministrada pelo mesmo tinha como tema “Duplo e sagrado dever de gratidão, doméstica e cívica, que me prende inteiramente ao caro Rio Grande do Sul”. Nísia é mencionada associada a Augusto Comte
			Ano 1926\Edição 00013 - p. 3	“Publicações”, menção a livro publicado pelo”Diario de

				Pernambuco” intitulado “Livro do Nordeste, livro que reúne diversos trabalhos, sendo um deles referentes a Nísia, nomeado “Uma figura literária do nordeste (Nísia Floresta)”
			Ano 1926\Edição 00141 - p. 10	Excerto do Livro “Trois ans en Italie suives d’n voyage em grece”, de Nísia Floresta, tom. 1, pág. 14
			Ano 1928\Edição 00264 - p. 6	“Tardes do Instituto: pensadores e poetisas brasileiras”, “conferencia realizada no Instituto Histórico e Geographio Brasileiro pela Sra. Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça” sobre “as remotas escriptoras do Brasil”. Nísia é mencionada como “uma prosadora notável do seu tempo”
Jornal do Commercio (RJ) - 1980 a 1989	86215	5	Ano 1981\Edição 00184 - p. 13	“Machado de Assis e as escritoras de seu tempo”, reflexões sobre a vida de Nísia em conjunto a uma censura por seu nome não ter sido “lembrado para patrocinar uma das cadeiras desta Academia. Patronos bem mais obscuros seriam lembrados e aceitos. Mas Dionisia ou Nísia, tinha contra si a condição de mulher”. Ademais, é mencionado que ela dirigiu um colégio para meninas em Recife e outro na Corte Imperial.
			Ano 1985\Edição 00115 - p. 22	“Tobias Barreto e Silvio Meira: uma avaliação”, titulo autoexplicativo. É mencionado brevemente “que no nordeste mesmo, a rigor, apenas Nísia Floresta se fez positivista ortodoxa, quase um outra Clotilde de Vaux”
Jornal do Commercio (RJ) - 1990 a 1999	124734	5	Ano 1992\Edição 00261 - p. 34	“Dos Grandes Um Pouco”, sobre livro publicado por Veríssimo Melo com mesmo titulo “com curtos e primorosos ensaios sobre figuras como [...] Nísia Floresta”

A Luta Democrática : Um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar (RJ) - 1954 a 1987	75587	4	Ano 1954\Edição 00179 - 2	“Chega a Recife Corpo o Nísia Floresta”, título autoexplicativo
			Ano 1954\Edição 00187 - p. 4	“Chegou a Natal o Corpo da Escritora Nísia Floresta”, título autoexplicativo
Caretta (RJ) - 1909 a 1964	113764	4	Ano 1944\Edição 1886 - p. 36	“Estante de Livros”, sobre a obra “Dicionário Brasileiro de Datas Históricas” escrito por José Teixeira de Oliveira, sugere que dados relacionados a Nísia e suas obras foram adicionados ao mesmo
			Ano 1954\Edição 2388 - p. 17	“Movimento das Letras e da Arte”, menção a inauguração de uma exposição sobre a vida e as obras de Nísia no Centro Norte-Riograndense
			Ano 1955\Edição 2450 - p. 13	“Contos e pontos”, sobre dificuldades que ocorreram durante a trasladação dos despojos de Nísia até sua cidade natal e até sua chegada ao cemitério de Papari
Diário Carioca (RJ) - 1930 a 1939	41309	4	Ano 1938\Edição 02963 - p. 17	“Nísia Floresta: A maior figura literária do Brasil”, é “considerada a figura feminina de maior vulto da literatura brasileira”. A matéria é uma síntese sobre sua vida. Com menção a abertura de um colégio em Recife
			Ano 1938\Edição 02995 - p. 11	Nota sobre conferência realizada no clube militar por Adauto da Câmara intitulada “Nísia Floresta Brasileira Augusta”
Diário do Rio de Janeiro (RJ) - 1860 a 1878	25208	4	Ano 1877\Edição 00019 - p. 3; Ano 1877\Edição 00034 - p. 6; Ano 1877\Edição 00047 - p. 6; Ano 1877\Edição 00062 - p. 6	Curta menção ao filho de Nísia em uma lista intitulada “Freguezia de Santo Antonio 1º quarterão”, acho que é um senso. Ele é mencionado em 158º, “Augusto America de Faria Rocha, 42 anos, casado, professor, filho de Nísia Floresta Brasileira Augusta, rua

				do Torre n. 4, renda 2:400, elegível, sabe ler”
O Imparcial (RJ) - 1920 a 1929	38593	4	Ano 1920\Edição 01371 - p. 4	“Nota Bibliográfica”, “registramos aqui o último numero da “Revista do Brasil” (São Paulo) com um estudo de Oliveira Lima sobre Nísia Floresta, a maior escriptora brasileira”
			Ano 1921\Edição 01422 - p. 2	“O direto do voto e o tiro feminino”, Nísia é mencionada junto a outras mulheres como exemplos feminismo
			Ano 1923\Edição 03946 - p. 2	“Centro de Cultura Brasileiro”, menção a republicação das obras de Nísia “pelo futuro governo de Dr. José Augusto”
			Ano 1924\Edição 04202 - p. 4	“Vesperais”, sobre conferências realizadas pela Academia de Letras Fluminense sobre a cultura brasileira no salão do club militar, o quarto vespéral teria uma palestra sobre Nísia ministrada por Rei Carvalho
Letras e Artes : Suplemento de A Manhã (RJ) - 1946 a 1954	3852	4	Ano 1952\Edição 00289 - p. 5; Ano 1954\Edição 00294 - p. 6	“As mulheres na Literatura Brasileira”, é mencionado que Nísia realizava conferencias publicas sobre emancipação feminina e ideias revolucionarias
			Ano 1954\Edição 00299 - p. 11	“Transladação dos restos mortais de Nísia Floresta”, titulo autoexplicativo
			Ano 1954\Edição 00303 - p. 7	“Nísia Floresta e Augusto Comte”, síntese sobre sua vida e relação com Comte
A Noite: Suplemento : Secção de Rotogravura (RJ) - 1930 a 1954	49935	4	Ano 1945\Edição 00858 - p. 20	“Gente de rádio e suas novidades”, sobre programa de rádio do Ministério da Educação, “Mulheres Imortais”, “uma série de biografias radiografadas”, uma delas seria sobre Nísia
			Ano 1945\Edição 00877 - p. 57	“Academia Feminina”, a cadeira 13º é denominada Nísia Floresta
			Ano 1954\Edição 01319 - p. 35	“Exposição Nísia Floresta”, titulo autoexplicativo, realizada no Centro Norte-Riograndense.

				Breve síntese bibliográfica, com fotos da exposição e da faixa do Colégio Augusto
Diário da Noite (RJ) - 1960 a 1969	40242	4	Ano 1963\Edição 11736 - p. 17; Ano 1964\Edição 12049 - p. 17	“Calendário do Mundo”, é uma cronologia, o falecimento de Nísia esta entre os eventos citados
			Ano 1969\Edição 13602 - p. 17	“Efemérides”, é uma cronologia, o falecimento de Nísia esta entre os eventos citados
Carioca (RJ) - 1935 a 1954	62364	4	Ano 1941\Edição 00300 - p. 9	“Movimento Literário”, o livro escrito por Adauto da Câmara “História de Nísia Floresta” é mencionado
Revista da Semana (RJ) - 1950 a 1959	28540	3	Ano 1950\Edição 00023 - p. 9	“Puxe pelo cérebro”, um teste (jogo) de perguntas com pontuação para quem acertá-las, uma delas é sobre Nísia. “Quem foi Nísia floresta?”
			Ano 1954\Edição 00029 - p. 10	“Puxe pelo cérebro”, um teste (jogo) de perguntas com pontuação para quem acertá-las, uma das respostas tem Nísia como opção. “Qual a brasileira que possui um monumento erguido pelos italianos na própria Itália?”
Leitura (RJ) - 1923 a 1973	10732	3	Ano 1946\Edição 00038 - p. 23	“A terra Potiguar e os Poetas”, menção a um livro escrito por Silvo Romero, intitulado “História da Literatura Brasileira”, no qual Nísia seria uma das personalidades exploradas
			Ano 1957\Edição 00002 - p. 27	“A Literatura Potiguar”, Nísia é mencionada como um “nome digno de nota” da literatura do Rio Grande do Norte
Aspectos : mensario de letras, artes, ciencias, política ... (RJ) - 1937 a 1943	4432	3	Ano 1938\Edição 00007 - p. 142; Ano 1938\Edição 00008-09 - p. 135	Menção a conferência realizada no club militar pela Academia de Letras no Brasil intitulada “Nísia Floresta Brasileira Augusta”, ministrada por Adauto da Câmara
			Ano 1940\Edição 00031 - p. 203	Menção ao livro “História de Nísia Floresta” escrito por Adauto da Câmara

O Paiz (RJ) - 1910 a 1919	45614	3	Ano 1910\Edição 09410 - p. 3	“Conferencias”, sobre conferência ministrada por Adrien Delpech intitulada “Mulher Brasileira na História”, Nísia é citada como um exemplo de “mulher distinta brasileira do seculo XIX”
			Ano 1911\Edição 09663 - p. 5	Menção a inauguração de monumento em homenagem a Nísia “no jardim publico da Ribeira” em Natal
Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - 1848 a 1868	29822	3	Ano 1849\Edição 00299 - p. 8	“Movimento do porto”, lista de pessoas que saíram do porto e entraram também. É mencionada a saída de Nísia acompanhada por seus dois filhos no dia dois, tendo como destino a Paris
			Ano 1855\Edição 00274 - p. 1	“Noticias diversas”, breve nota sobre atividade na “enfermaria particular da rua Quitanda da esquina da do Cano”, é mencionado que Nísia estaria auxiliando as “irmãs da caridade”
			Ano 1855\Edição 00321 - p. 2	“Agradecimento”, agradecimento de José Antônio da Rocha a equipe da enfermaria da rua Quitanda após seus cuidados quando o mesmo contraiu “moléstia reinante”, Nísia é listada como um dos agradecidos
Fon Fon : Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiante (RJ) - 1907 a 1958	154674	3	Ano 1937\Edição 00033 - p. 30	“Mulheres celebres: Nísia Floresta”, breve apresentação de Nísia
			Ano 1945\Edição 00045 - p. 4	“Mulheres e os problemas sociais”, é uma conclusão, artigo incompleto. É criticado a invisibilização das mulheres na história, Nísia é mencionada como uma exceção junto a Chiquinha Gonzaga
			Ano 1953\Edição 02429 - p. 62	Menção aos restos mortais de Nísia e sua transladação para o Brasil
Anuario das Senhoras (RJ) - 1934 a 1958	5848	3	Ano 1953\Edição 00020 - p. 86-88	“Nísia Floresta”, síntese bibliográfica

Jornal do Commercio (RJ) - 1870 a 1879	22456	3	Ano 1872\Edição 00095 - p. 4	“Escriptores Brasileiros”, lista de escritores mencionados no “Diccionario Bibliographico Portuguez de Innocencio Francisco da Silva”, Nísia é um dos escritores listados
			Ano 1875\Edição 00083 - p. 4	“Passageiros”, lista de passageiros do “paquete inglez Neva”, Nísia é mencionada tendo como destino “Southampton”
			Ano 1875\Edição 00191 - p. 1	“O novo mundo”, sobre periódico com mesmo nome, no qual o retrato de Nísia teria sido reproduzido
Periodico dos Pobres (RJ) - 1850 a 1871	3177	3	Ano 1850\Edição 00013 - p. 3; Ano 1850\Edição 00016 - p. 4; Ano 1850\Edição 00019 - p. 4	Nota sobre “Historia offerecida ás educandas do Collegio Augusto pela sua diretora Nísia Floresta”, intitulada “Daciz ou a Jovem Completa” que se encontraria a venda na rua Olividor n. 158
O Auxiliador da Administração do Correio da Corte (RJ) - 1856 a 1857	814	3	Ano 1856\Edição 00001 - p. 278; Ano 1856\Edição 00001 - p. 285; Ano 1857\Edição 00001 - p. 444	“Auxiliador da Administração do Correio da Corte: para o ano de 1856”, ela é citada como “Nísia Floresta Brasileira, Trav. do Poço 23”
O Radical (RJ) - 1932 a 1943	27577	3	Ano 1933\Edição 00232 - p. 3	“Quem foi a percursora do feminismo no Brasil”, Nísia é citada como ela
O Brasil (RJ) - 1922 a 1927	13731	2	Ano 1923\Edição 00519 - p. 4	“Acções do Centro de Cultura Brasileiro”, sobre o Centro e Cultura Brasileiro, que tem como finalidade “incentivar a preocupação pelos assuntos e interesses nacionais”, menciona a recuperação de intelectuais que estão caindo no esquecimento, Nísia é mencionada como um deles
			Ano 1925\Edição 01070 - p. 2	“Movimentadores da Estética”, curta menção a Nísia
Jornal do Brasil (RJ) - 1910 a 1919	56533	2	Ano 1915\Edição 00286 - p. 5	“Nísia Floresta Brasileira Augusta”, breve apresentação de Nísia
			Ano 1919\Edição 00349 - p. 5	“Uma visita ao Rio Grande do Norte”, breve menção de Nísia

Anuário do Museu Imperial (RJ) - 1940 a 1995	6857	2	Ano 1943\Edição 00004 - p. 70	Sem título, curta menção ao posicionamento de Nísia em relação a D. Pedro
			Ano 1946\Edição 00007 - p. 149	Menção do ““melancólico amoroso Rio comprido” de Nísia Floresta”, não fica claro o contexto, talvez uma descrição feita por ela do rio
Flan: O Jornal da Semana (RJ) - 1953 a 1954	2734	2	Ano 1954\Edição 00051 - p. 19	“Porta de Livraria”, sobre uma exposição realizada no Centro Norte-Riograndense sobre a vida e as obras de Nísia
O Fluminense (RJ) - 1980 a 1989	84913	2	Ano 1985\Edição 25080 - p. 20	Menção de uma exposição sobre a vida de Nísia na Biblioteca Nacional
			Ano 1985\Edição 25081 - p. 17	Menção a homenagem que estão sendo prestadas a Nísia na Biblioteca Nacional
Gazeta de Noticias (RJ) - 1930 a 1939	24736	2	Ano 1938\Edição 00038 - p. 4; Ano 1938\Edição 00063 - p. 8	“Federação das Academias de Letras do Brasil”, menção a conferência ministrada por Adauto da Câmara sobre Nísia
Imprensa Popular (RJ) - 1951 a 1958	16192	2	Ano 1952\Edição 01109 - p. 3	“Ira a Plenário o Projeto de Lei que Suprime o Atestado de Ideologia”, contem uma menção ao projeto para transladação dos despojos de Nísia da França para o Brasil
			Ano 1954\Edição 01359 - p. 11	“Na Abolição e na República”, sobre o papel das mulheres brasileiras na “defesa dos escravos oprimidos”. Nísia é mencionada como uma dessas mulheres
O Jornal (RJ) - 1920 a 1929	47946	2	Ano 1924\Edição 01680 - p. 6	“Cultura Brasileira”, sobre uma série de conferências realizadas no club militar, no quarto e último dia de conferências Reis Carvalho ministrou uma sobre Nísia
			Ano 1924\Edição 01766 - p. 3	“4º e ultima vespéral de cultura brasileira”, menção de palestra realizada por Reis Carvalho sobre Nísia
Para Todos (RJ) - 1919 a 1958	33949	2	Ano 1921\Edição 00117 - p. 8	“Quem foi a percursora do feminismo no Brasil”, Nísia é mencionada como ela

Revista Brasileira (RJ) - 1861 a 1979	24242	2	Ano 1943\Edição 00005 - p. 113	Menção a Nísia como uma inspiração de Gomes de Souza
			Ano 1960\Edição 00028 - p. 9	Nísia é mencionada como intelectual feminina junto a outras que “não faziam má figura dentro do país ou no estrangeiro”
O Semanário (RJ) - 1956 a 1964	4806	2	Ano 1962\Edição 00301 - p. 3	“A Participação nas Lutas Patrióticas do Brasil”, título autoexplicativo. Nísia é mencionada como uma “entre as muitas escritoras de valor”
Vida Carioca (RJ) - 1921 a 1963	8698	2	Ano 1953\Edição 0292 - p. 9	“Uma poetisa libertaria”, sobre Narcisa Amalia de Campos, autora do livro de versos “Nebulosa”, ela é descrita como a precursora do movimento feminista no Brasil depois de Nísia
			Ano 1955\Edição 0310 - p. 17	“Nísia Floresta”, síntese bibliográfica
Visão Brasileira (RJ) - 1941 a 1949	2011	2	Ano 1945\Edição 0078 - p. 25	“Roteiro Poético”, lista de poetas do Rio Grande do Norte, Nísia é listada entre eles
			Ano 1948\Edição 0108 - p. 26	“Nísia Floresta”, breve síntese bibliográfica
Festa : Mensario de Pensamento e Arte (RJ) - 1927 a 1935	468	2	Ano 1928\Edição 00008 - p. 20	“Edições”, republicação de livros custeada pelo governo, “a assembleia do Rio Grande do Norte aprovou a colecção completa de Nísia Floresta”
			Ano 1934\Edição 00005 - p. 8	“Meia hora com Itiberê da Cunha”, Nísia é mencionada como um caso excepcional de intelectualidade
Excelsior (RJ) - 1928 a 1935	16741	2	Ano 1936\Edição 0099 - p. 33-24	Nota sobre o livro “Almas”, escrito por Leontina Cardoso, Nísia é uma das personalidades exploradas no livro
Vamos Lêr! (RJ) - 1936 a 1947	29734	2	Ano 1945\Edição 0465 - p. 58; Ano 1945\Edição 0465 - p. 122	“Educação da mulher”, sobre a história da educação feminina no Brasil, a escola fundada por Nísia é uma das mencionadas como “de disseminar a instrução fundamental” as meninas em 1822
Gazeta de Campos (RJ) - 1872 a 1875	1520	2	Ano 1873\Edição 00012 - p. 2	“Literattura”, matéria falando sobre a publicação de textos escritos por mulheres, visto

				como um feito raro, Nísia é mencionada como uma dessas exceções raras
			Ano 1875\Edição 00066 - p. 1	“Transcrição: O Novo Mundo”, sobre o periódico “Novo Mundo” que produz retratos de brasileiros ilustres, Nísia seria um deles
Almanach Eu Sei Tudo (RJ) - 1922 a 1958	10601	2	Ano 1954\Edição 00000 - p. 44	Menção a descoberta do tumulo de Nísia em Paris por Olando Dantes
			Ano 1958\Edição 00038 - p. 193	“Literatura”, lista de obras publicadas entre 1848 a 1900, é mencionado publicação de “Viagens (na Itália, Sicília e Grécia)” por Nísia
Jornal do Commercio (RJ) - 1840 a 1849	14871	2	Ano 1843\Edição 00342 - p. 3	“Publicações a pedido: Collegio Augusto”, sobre exames realizados no colégio dirigido por Nísia e a premiação de algumas de suas alunas
			Ano 1847\Edição 00355 - p. 3	“Collegio Augusto”, nota sobre os exames que serão realizados no colégio. Com informe das disciplinas referentes e os aplicadores das provas
O Globo : Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ) - 1874	6854	2	Ano 1875\Edição 00187 - p. 1	Sem título, sobre o periódico “Novo Mundo” que produz retratos de brasileiros ilustres, Nísia seria um deles
			Ano 1875\Edição 00311 - p. 3	Nota de agradecimento da família de Nísia a amigos que acompanharam até o cemitério os despojos do seu pai, Joaquim Pinto Brazil (parece que tanto ela quanto sua mãe e irmãs não puderam comparecer)
O Mercantil (RJ) - 1872 a 1892	6099	2	Ano 1883\Edição 00007 - p. 3	Sem título, sobre a “elevação pela instrução e pela sciencia”, Nísia é mencionada como uma mulher “que tem e muito enobrecido o nome brasileiro”
			Ano 1885\Edição 00039 - p. 1	Nota curta com informe do falecimento de Nísia
Revista da Semana (RJ) - 1921 a 1929	19701	1	Ano 1922\Edição 00017 - p. 20	“No Velho Rio”, sobre a história do “corpo” do Rio de Janeiro, mais especificamente da Travessa do Poço, local onde

				ficava localizada a casa de Nísia
Autores e Livros : suplemento literario de A Manhã (RJ) - 1941 a 1950	3036	1	Ano 1948\Edição 00007 - p. 12	Nota de falecimento de Roberto Seidl, é mencionado que ele terminou estudos sobre Nísia
Correio da Manhã (RJ) - 1920 a 1929	43787	1	Ano 1924\Edição 09233 - p. 2	“Vesperais de Cultura Brasileira”, menção de vespéral sobre Nísia realizado por Reis Carvalho
Diário do Rio de Janeiro (RJ) - 1821 a 1858	46925	1	Ano 1849\Edição 08243 - p. 4	“Movimento do porto”, lista de passageiros que entram e deixam o país. Nísia e seus filhos estão listados na galera francesa com destino a “Ville de Paris”
O Fluminense (RJ) - 1960 a 1969	32174	1	Ano 1964\Edição 21921 - p. 23	“Uma página da História do Ceara”, é mencionado que Nísia como defensora das pessoas escravizadas junto a outros nomes
Gazeta de Noticias (RJ) - 1875 a 1879	6717	1	Ano 1875\Edição 00101 - p. 3	Pedido da família de Nísia a amigos para que acompanhem o enterro de seu pai, Joaquim Pinto Brazil, pois estavam “ausentes”
Gazeta de Noticias (RJ) - 1880 a 1889	16741	1	Ano 1885\Edição 00149 - p. 4	Convite dos filhos de Nísia e seus conjugues para “as missas em suffragio” a alma de Nísia
Gazeta de Noticias (RJ) - 1900 a 1919	48801	1	Ano 1910\Edição 00191 - p. 6	“Sabbado Literario: a mulher brasileira na história”, titulo autoexplicativo, Nísia é mencionada como um exemplo, uma mulher distinta do século XIX
O Imparcial (RJ) - 1940 a 1942	9679	1	Ano 1941\Edição 01789 - p. 7	“Conferências”, sobre conferências realizadas pela Sociedade de Medicina e Cirurgia. Uma delas é intitulada “Nísia Floresta e o sentimento nacional” ministrada pelo Sr. Dioclécio Duarte
Intervalo (RJ) - 1963 a 1972	30780	1	Ano 1963\Edição 00036 - p. 20	Uma menção a ela em uma lista seguindo a mesma formatação, “Mulheres Celebres - HOJE: Nísia Floresta Brasileira

				Augusta, escritora”, não está claro sobre o que se trata
Jóia: Revista Feminina Quinzenal (RJ) - 1957 a 1969	18526	1	Ano 1963\Edição 00113 - p. 78	“Os direitos das mulheres”, sobre livro escrito por João Batista Cascudo Rodrigues, intitulado “A Mulher Brasileira - Direitos Políticos e Cívicos”, Nísia é mencionada com suas ideias feministas
Jornal das Moças (RJ) - 1950 a 1959	32961	1	Ano 1955\Edição 02089 - p. 46	“Mulher Alma da Pátria”, menção a Nísia e suas obras
O Momento Feminino (RJ) - 1947 a 1956	1906	1	Ano 1952\Edição 00095 - p. 12	“Nísia Floresta”, síntese bibliográfica
Nação Brasileira (RJ) - 1923 a 1947	7704	1	Ano 1946\Edição 00273 - p. 11	“As edições brasileiras”, sobre problemas editoriais brasileiros, Nísia é mencionada junto a uma lista de outros escritores brasileiros
Revista do Rádio (RJ) - 1948 a 1970	49163	1	Ano 1956\Edição 00334 - p. 11	“Qual é a figura de nossa história que gostaria de ser?”, foi perguntado a nove pessoas, uma mulher chamada Maria Muniz respondeu “Nísia Floresta, porque ela foi uma pioneira da educação no Brasil”
Rio (RJ) - 1943 a 1956	14505	1	Ano 1952\Edição 0154 - p. 44	“Uma professora”, sobre mulheres que se destacaram para além da beleza, Nísia é uma das mencionadas
Cultura Política (RJ) - 1941 a 1945	14785	1	Ano 1941\Edição 00005 - p. 297	“Movimento bibliográfico”, “relação de livros publicados no Brasil, em maio de 1941”. O livro bibliográfico escrito por Adauto da Câmara “História de Nísia Floresta” é listado
Diario Portuguez (RJ) - 1884 a 1885	1138	1	Ano 1885\Edição 00194 - p. 3	Matéria curta sobre o falecimento de Nísia, com menção a suas obras e os intelectuais que teve contato
O Paiz (RJ) - 1890 a 1899	24297	1	Ano 1890\Edição A02061 - p. 1	Nota breve, sobre volta de Nísia ao Brasil após um período em Paris, sua volta era devido à perda de seu esposo em Paris
O Paiz (RJ) - 1900 a 1909	22179	1	Ano 1906\Edição 08067 - p. 1	“Paginas Lidas”, o texto está bem apagado, não há como ler por inteiro. Contudo, parece ser sobre dificuldades encontradas

				pela autora em localizar os livros de Nísia em bibliotecas
O Paiz (RJ) - 1920 a 1929	40966	1	Ano 1921\Edição 13390 - p. 3	“Sabbatinas”, Nísia é mencionada como a primeira discípula de Augusto Comte
Revista de Lingua Portuguesa (RJ) - 1919 a 1935	12793	1	Ano 1923\Edição 00024 - p. 109	“Nísia Floresta Brasileira Augusta”, breve apresentação da autora, com lista de suas obras
Sintese (RJ) - 1942 a 1946	5070	1	Ano 1944\Edição 00030 - p. 47	Sem título, sobre escolha de nomes. O nome escolhido por Nísia é mencionado, mais especialmente o “Floresta” como naturalista
Brazileia (RJ) - 1917 a 1933	1317	1	Ano 1932\Edição 0013 - p. 16	“Sonetos de Leoncio Correia”, um dos sonetos é sobre Nísia
Provinciano : Jornal agricola, commercial, literário e noticioso (RJ) - 1874 a 1885	1140	1	Ano 1875\Edição 00002_00009 - p. 1	Sem título, sobre o periódico “Novo Mundo” que produz retratos de brasileiros ilustres, Nísia seria um deles
A Reforma : Órgão Democratico (RJ) - 1869 a 1879	11511	1	Ano 1875\Edição 00293 - p. 2	“Transcrição: Viagem a Sorento”, título autoexplicativo, foi escrito por Nísia
Gazeta da Tarde (RJ) - 1880 a 1901	18859	1	Ano 1885\Edição 00118 - p. 2	Nota breve sobre o falecimento de Nísia
Boletim do Conselho Federal de Cultura (RJ) - 1970 a 1989	11008	1	Ano 1972\Edição 00005 - p. 56	Parecer sobre livro escrito por Luis da Câmara Cascudo, intitulado “História da Literatura do Rio Grande do Norte”, à Câmara de Letras, a uma curta menção a Nísia, como um nome que não deve ser esquecido
Brazil (RJ) - 1883 a 1885	2301	1	Ano 1885\Edição 00131 - p. 1	“Missas e Funerais”, menção a uma missa realizada a alma de Nísia
A Rua : Semanario Illustrado (RJ) - 1910 a 1927	14805	1	Ano 1923\Edição 00182 - p. 4	“Centro da Cultura Brasileira”, sobre a 19ª sessão, é mencionado que os Srs. Jobim e Nelson Costa “fazem um pequeno histórico de Nísia Floresta”, junto a outros nomes
Correio do Brazil :	1448	1	Ano 1872\Edição 00006 - p. 1	“Folhetim: sem título”, é mencionada uma “exellente

Propriedade da Companhia-Correio do Brazil (RJ) - 1871 a 1872				obra, excripta em francez pela Sra. D. Nísia Floresta Brasileira Augusta” a obra em questão é “Trois ans en Itálio”
A Imprensa (RJ) - 1898 a 1914	20297	1	Ano 1911\Edição 01186 - p. 1	“Rio Grande do Norte: monumento a Nísia Floresta”, título autoexplicativo
O Regenerador (RJ) - 1860 a 1861	1166	1	Ano 1860\Edição 00102 - p. 4	Sem título, não está muito compreensível seu contexto. Contudo, parece ser sobre a realização de primeiras comunhões na “Igreja da Ajuda”. As alunas e alunos de diferentes colégios participaram, incluindo as alunas de Nísia
União Medica (RJ) - 1881 a 1890	5971	1	Ano 1884\Edição 00005 - p. 35	Menção do falecimento do seu irmão, Joaquim Pinto Brasil e do seu livro “Itinéraire d’un voyage en Allemagne - Paris 1857”
Ilustração Fluminense (RJ) - 1921 a 1925	769	1	Ano 1921\Edição 00002 - p. 4	Sem título, Nísia é mencionada em relação ao positivismo. “O positivismo penetrou na alma nacional pelo delicado coração de uma mulher, D. Nísia Floresta Brasileira Augusta, a nossa venerada confrade, ainda em vida do seu egrégio fundador”
Jornal do Commercio (RJ) - 1830 a 1839	12120	1	Ano 1838\Edição 00024 - p. 4	“Annuncios”, anuncio da abertura do Collegio Augusto
Jornal do Commercio (RJ) - 1910 a 1919	60566	1	Ano 1910\Edição 00191 - p. 4	“A mulher Brasileira na História”, breve menção a Nísia
A Ordem (RJ) - 1929 a 1976	33282	1	Ano 1936\Edição 00069 - p. 98	Sobre livro “Almas” escrito por D. Leontina Luciano Cardoso, que analisa “cinco perfis admiráveis de mulher, inclusive o de uma brasileira, Nísia Floresta, sobre quem tem se feito um silêncio injusto”
A Educação : Revista mensal dedicada à defesa da	4548	1	Ano 1923\Edição 00014 - p. 131	“A acção do Centro de Cultura Brasileiro”, as obras de Nísia são mencionadas junto a de outros escritores “que o destino

instrução no Brasil (RJ) - 1922 a 1925				não permitiu que houvessem causado o sucesso correspondente”
Anais da Biblioteca Nacional (RJ) - 1876 a 2018	54499	1	Ano 1985\Edição 00105 - p. 166	Breve menção ao centenário de falecimento de Nísia
Boletim Informativo do Planor (RJ) - 1994 a 2019	462	1	Ano 2019\Edição 00023 - p. 42	Curta menção de Nísia junto a outras autoras brasileiras que teriam vivido entre 1754 e 1933, estão apenas listadas
O Correio da Tarde : Jornal Politico, Litterario e Commercial (RJ) - 1848 a 1852	5086	1	Ano 1849\Edição 00531 - p. 4	“Movimento do porto”, lista de passageiros entrando e saindo do país. Nísia e seus dois filhos são listados com destino a “Ville de Pariz”
Novo e Completo Indice Chronologico da Historia do Brasil (RJ) - 1842 a 1889	4238	1	Ano 1879\Edição 00001 - p. 730	“Cronica Nacional”, breve menção ao falecimento de Nísia
A Epoca (RJ) - 1912 a 1919	21607	1	Ano 1914\Edição 00829 - p. 2	“Resenha de Livros”, ela é mencionada apenas como um exemplo de personalidade que deveria ter sido pesquisada
Diario de Noticias (RJ) - 1868 a 1872	310	1	Ano 1872\Edição 00521 - p. 3	Nota sobre “festejo dramático em regozijo pelo regresso da illustre d. Nísia Floresta” no Collegio de Santo Agostinho, “esta respeitada senhora é mãe do digno director daquele collegio”
Jornal da Exposição (RJ) - 1908	164	1	Ano 1908\Edição 00020 - p. 2	“O centenário de uma escritora brasileira”, título autoexplicativo, com síntese bibliográfica sobre Nísia. É mencionado o colégio que teria aberto em Recife
A.B.C. : Politica, Actualidades, Questões Sociaes, Lettras e Artes (RJ) - 1915 a 1934	14369	1	Ano 1925\Edição 00551 - p. 7	“Uma precursora do saber feminino”, sobre a vida, obras e posicionamentos maridos por Nísia ao longo de sua vida

Sesinho (RJ) - 1947 a 1960	7425	1	Ano 1955\Edição 00090 - p. 34	“Nísia Floresta”, sobre Nísia e o selo comemorativo da transladação de seus despojos
Revista Nacional de Educação (RJ) - 1933	1385	1	Ano 1933\Edição 00013-00014 - p. 99-100	“Notas e informações”, síntese bibliográfica
Revista Saúde em Debate (RJ) - 1976 a 2023	33213	1	Ano 2021\Edição V0045_00130 - p. 287	“Movimento feminista, participação, gênero e saúde”, é mencionado que “foi reconhecido o direito a educação da mulher, quando Nísia (1819-1885), grande ativista pela emancipação feminino no Brasil, fundou a primeira escola para meninas no Rio de Janeiro”

Tabela 15 – Busca realizada por LOCAL RU, com 75 acervos e 5379 ocorrências.

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
A Ordem (RN) - 1935 a 1967	26716	1861	Ano 1941\Edição 01644 - p. 1; Ano 1941\Edição 01645 - p. 1	Menção a uma conferência proferida pelo Dr. Dioclécio Duarte intitulada “Nísia Floresta e o sentimento nacional”
			Ano 1945\Edição 02977A - p. 2	Curta menção a Nísia e Izabel Gondim
			Ano 1949\Edição 03903 - p. 2	Coluna “Hoje na história”, cronologia histórica que menciona a morte do avô de Nísia
			Ano 1949\Edição 04010 - p. 4; Ano 1949\Edição 04012 - p. 4 Ano 1949\Edição 04013 - p. 1	Menção a Nísia ser patrona de uma cadeira da Academia de Letras, ela é descrita como poetisa
			Ano 1949\Edição 04014 - p. 4	Menção a um discurso proferido por sr. Helio Galvão de uma hora em homenagem a Nísia em cerimônia de posse de uma cadeira da Academia Norte Riograndense de Letras
			Ano 1949\Edição 04140 - p. 1	Artigo “Sessão especial do I Centro Norte-Riograndense sobre Nísia Floresta”, título autoexplicativo
			Ano 1951\Edição 04528 - p. 4	Menção a uma produção (não fica claro de que tipo)

				intitulada “Nísia Floresta e 100 anos atras” criada por Dr. Meiroz Grlio
			Ano 1953\Edição 05082 - p. 1	Artigo “Faleceu o Jornalista Orlando Dantes”, título autoexplicativo. É mencionado sua descoberta do tumulo de Nísia
			Ano 1953\Edição 05286 - p. 1	Artigo “Um dia em Natal”, menção a transladação dos restos mortais de Nísia
			Ano 1965\Edição 05670 - p. 3	Artigo “Nísia Floresta”, sobre a comemoração do seu 156º aniversário, com uma breve apresentação de quem foi ela
			Ano 1966\Edição 05691 - p. 2	Artigo “Literatura Principalmente”, sobre livro de mesmo título escrito por M. Onofre Junior composto por uma serie de artigos e ensaios dos principais escritores norte-riograndenses, Nísia é um deles
			Ano 1966\Edição 05706 - p. 7	Artigo “Literatura e Vida Literária”, breve menção ao livro escrito por Aduato da Camera “Historia de Nísia Floresta”
			Ano 1967\Edição 05740 - p. 5	Artigo “Tratado de Quadrilhas”, breve menção a Nísia como a “rainha da emancipação social da mulher no Brasil”
			Ano 1967\Edição 05742 - p. 2	Coluna “Você sabia?”, menção a abertura do Collegio Augusto
			Ano 1967\Edição 05744 - p.1 Ano 1967\Edição 05753 - p. 2	Coluna “Você sabia?”, menção a um texto de Nísia sobre o luar em Papari que teria inspirado Debussy a compor “Clair de Lune”
			Ano 1967\Edição 05748 - p. 3	Coluna “Você sabia?”, sobre pseudônimo adotado por ela e o que cada um dos nomes adotados significava
Diário de Natal (RN) - 1948 a 1969	41803	1020	Ano 1948\Edição 01424 - p. 3	Artigo “Um perfil de Augusto Comte”, breve menção às correspondência trocadas com Nísia

			Ano 1948\Edição 01457 - p. 10	Artigo “Henrique Castriciano”, breve menção a biografia de Nísia escrita por Adauto da Camera “A Historia de Nísia Floresta”
			Ano 1948\Edição 01635 - p. 6; Ano 1948\Edição 01637 - p. 6; Ano 1948\Edição 01642 - p. 6; Ano 1948\Edição 01643 - p. 6; Ano 1948\Edição 01651C - p. 2; Ano 1948\Edição 01653 - p. 6; Ano 1948\Edição 01656 - p. 6; Ano 1949\Edição 01796 - p. 9; Ano 1949\Edição 01876 - p. 6; Ano 1949\Edição 01883 - p. 6; Ano 1949\Edição 01885 - p. 6; Ano 1949\Edição 01886 - p. 5; Ano 1949\Edição 01886 - p. 6; Ano 1949\Edição 01887 - p. 6; Ano 1985\Edição 00085 - p. 2; Ano 1985\Edição 00087 - p. 2; Ano 1948\Edição 01410 - p. 12; Ano 1951\Edição 02473 - p. 6;	Breve menção a Nísia ser patrona de uma das cadeiras da Academia de Letras
			Ano 1948\Edição 01727 - p. 6	Menção a mudança do nome da cidade de Papari para Nísia Floresta
			Ano 1949\Edição 01789 - p. 9	Parte de um artigo sobre Nísia

			Ano 1949\Edição 01796 - p. 12	Breve menção a Nísia como uma das poetisas do norte-riograndenses junto a Auta de Sousa
			Ano 1949\Edição 01803 - p. 12	“Capitão-mór...”, menção ao avô de Nísia
			Ano 1949\Edição 01909 - p. 7 e 10	“Discurso na Academia: Nísia e Henrique”, transcrição de discurso proferido pelo escritor Helio Galvão sobre Nísia e Henrique durante tomada de posse de cadeira na Academia Norte Riograndense de Letras
			Ano 1949\Edição 02029 - p. 7	“Em memoria de Nísia Floresta”, sobre conferência realizada no 140º aniversário de Nísia por Adauto da Camera
			Ano 1949\Edição 02049 - p. 5	“Verberando o atentado”, menção a Adauto da Camera como biografo de Nísia
			Ano 1949\Edição 02073 - p. 7	“As paixões do clérigo”, menção a uma carta escrita por Lamartine endereçada a Nísia
			Ano 1949\Edição 02075 - p. 2	“Valorização do espirito”, breve menção
			Ano 1949\Edição 02080 - p. 7-8	“Nísia Floresta Brasileiro Augusto”, artigo sobre ela
			Ano 1950\Edição 02098 - p. 5	“Amaro Cavalcanti, esteio da ordem”, é mencionado que este teria removido uma menção a Nísia em nota de rodapé em seu livro
			Ano 1950\Edição 02231 - p. 11	“Visita ao túmulo de Nísia Floresta Brasileira Augusta”, sobre a descoberta do túmulo de Nísia em Ruão por Orlando Ribeiro Dantes
			Ano 1950\Edição 02238 - p. 7	“Helio Galvão: especial para o Diário de Natal”, menção a Monica Rocha como trineta de Nísia
			Ano 1950\Edição 02251 - p. 4	“Educação e Ensino”, breve menção a descoberta do tumulo de Nísia em Ruão, França
			Ano 1950\Edição 02254 - p. 2	“No Roteiro de Nísia”, sobre peregrinação de Orlando Ribeiro Dantes em locais onde

				Nísia esteve durante estadia na Europa
			Ano 1950\Edição 02280 - p. 2	Artigo “Pelo regresso de Nísia”, sobre a importância do tradutor de seus restos mortais para o Brasil a fim de manter viva sua memória
			Ano 1950\Edição 02286 - p. 5	Artigo “Reencontro de Nísia Floresta”, sobre a certidão de óbito de Nísia e a descoberta de sua sepultura
			Ano 1950\Edição 02290 - p. 7 e 10	Artigo, “Identificação do túmulo de Nísia Floresta”, título autoexplicativo. Contém transcrição de carta que relata a descoberta de sua sepultura
			Ano 1950\Edição 02330 - p. 7	Artigo “Notas de um leitor provinciano”, é mencionado a dificuldade de se encontrar obras de Nísia e de outras(os) autoras(es) em norte-riograndenses em suas bibliotecas
			Ano 1950\Edição 02356 - p. 2	Artigo “Um belo gesto”, sobre uma galeria de retratos de escritores e poetas norte-riograndenses, Nísia é mencionada como um deles
			Ano 1950\Edição 02367 - p. 7-8	Artigo “Augusto America de Faria Rocha”, sobre o filho de Nísia
			Ano 1951\Edição 02501 - p. 4	Artigo “Rumos novos da casa de Henrique Castriçismo”, breve menção a sepultura de Nísia na França
			Ano 1951\Edição 02538C - p. 8	Artigo “Relembrando...”, artigo incompleto sobre Henrique Castriçismo, Nísia é mencionada como um de seus interesses
			Ano 1951\Edição 02548 - p. 6	Artigo “A Academia de Letras comemorou, ontem solenemente o primeiro centenário de nascimento de Silvio Romero”, breve menção ao traslado dos restos mortais de Nísia
			Ano 1952\Edição 02816 - p. 6	Artigo “Serão trasladados para o Brasil os restos mortais

				de Nísia Floresta”, título autoexplicavo
			Ano 1952\Edição 02845 - p. 6	Breve menção a transladação dos restos mortais de Nísia para o Brasil
			Ano 1953\Edição 03144 - p. 5	Artigo “Falecimentos”, sobre o falecimento de Orlando Ribeiro Dantes, a uma breve menção a sua descoberta do tumulo de Nísia na França
			Ano 1953\Edição 03269 - p. 5	Sem título, breve menção a Nísia como “um dos maiores nomes femininos da vida intelectual e educacional brasileira
			Ano 1953\Edição 03318 - p. 6; Ano 1953\Edição 03319 - p. 3; Ano 1953\Edição 03319 - p. 7; Ano 1953\Edição 03375 - p. 1; Ano 1953\Edição 03427 - p. 8; Ano 1953\Edição 03430 - p. 5; Ano 1953\Edição 03447 - p. 8;	Breve menção ao traslado dos restos mortais de Nísia
			Ano 1958\Edição 05866 - p. 3	“O Banco de Jardim”, sobre um programa de rádio que recitou poesias de diversos autores, Nísia foi um deles
			Ano 1961\Edição 06315 - p. 2	Artigo “Monografia da crase”, errata sobre a forma como Nísia foi apresentada em outro artigo
			Ano 1982\Edição 01617 - p. 4	Artigo “Ineditismo”, sobre nova edição de “Viagem de uma viagem na Alemanha” de Nísia
Diário de Natal (RN) - 1980 a 1989	34778	893	Ano 1982\Edição 01627 - p. 4	Artigo “Cena Urbana”, sobre nova edição de “Itinerário de uma viagem a Alemanha” de Nísia

			Ano 1983\Edição 01657 - p. 4; Ano 1983\Edição 01658 - p. 2;	Breve menção a nova edição de “Itinerário de uma viagem a Alemanha”
			Ano 1984\Edição 00045 - p. 2; Ano 1986\Edição 00045 - p. 2;	Artigo “O dia da Mulher”, breve menção a Nísia como “a primeira líder intelectual da América Latina”
			Ano 1984\Edição 00137 - p. 4	Artigo “Campanhas do Nordeste têm ciclos históricos do RN”, sobre campanha de supermercado que busca destacar a história do Rio Grande do Norte por meio de um filme e textos de personalidades do estado, Nísia é uma delas
			Ano 1984\Edição 00230 - p. 4	Artigo “Roda viva”, breve de uma antologia sobre Nísia organizada pelo professor Rodrigues Alves em comemoração do seu centenário e uma reedição da biografia escrita por Adauto da Câmara “História de Nísia Floresta”
			Ano 1984\Edição 00233 - p. 3; Ano 1985\Edição 00064 - p. 2; Ano 1985\Edição 00093 - p. 2; Ano 1985\Edição 00095 - p. 5; Ano 1985\Edição 00108 - p. 11;	Menção de uma fundação “Nísia Floresta”
			Ano 1984\Edição 00244 - p. 4; Ano 1985\Edição 00075 - p. 4; Ano 1985\Edição 00077 - p. 2; Ano 1985\Edição 00081 - p. 2; Ano 1985\Edição 00084 - p. 5; Ano 1985\Edição 00087 - p. 4; Ano 1985\Edição 00093 - p. 4;	Sobre/menção o(do) centenário de morte de Nísia

			Ano 1985\Edição 00096 - p. 5;	
			Ano 1984\Edição 00246 - p. 4	Artigo “Roda viva”, menção a um projeto do governo do estado de São Paulo que busca recuperar a memória de mulheres brasileiras, Nísia é uma delas
			Ano 1984\Edição 00248 - p. 4; Ano 1985\Edição 00093 - p. 16; Ano 1985\Edição 00108 - p. 4; Ano 1985\Edição 00194 - p. 4;	Menção a uma segunda edição do livro “História de Nísia Floresta” de Adauto da Câmara
			Ano 1985\Edição 00046 - p. 2; Ano 1988\Edição 00043 - p. 2;	Artigo “Dia internacional [mundial] da mulher”, Nísia é brevemente mencionada como “a primeira líder intelectual da América Latina”
			Ano 1985\Edição 00083 - p. 5	Artigo “Mulheres mobilizadas pedem Concelho da Condição Feminina”, menção de Constância Lima Duarte e sua pesquisa sobre Nísia
			Ano 1985\Edição 00093 - p. 3; Ano 1985\Edição 00095 - p. 4; Ano 1985\Edição 00096 - p. 2; Ano 1985\Edição 00097 - p. 2; Ano 1985\Edição 00097 - p. 6; Ano 1989\Edição 00128 - p. 14; Ano 1989\Edição 00180 - p. 6; Ano 1989\Edição 00183 - p. 24; Ano 1989\Edição 00183 - p. 28	Sobre/menção (de) conferências sobre Nísia
			Ano 1985\Edição 00093 - p. 16;	Menção ao livro “História de Nísia Floresta” escrito por Adauto da Câmara
			Ano 1985\Edição 00125 - p. 9	Artigo “Sociedade do Seridó”, menção de doação de livros a

				bibliotecas, Nísia é um dos autores selecionados
			Ano 1985\Edição 00174 -p. 4;	Menção ao livro “Nísia Floresta” escrito por Adauto da Câmara
			Ano 1986\Edição 00036 - p. 3	Artigo “A Carta de Charges”, menção a tradução de dois livros de Nísia
			Ano 1986\Edição 00120 - p. 4; Ano 1986\Edição 00135 - p. 4 Ano 1988\Edição 00187 - p. 4; Ano 1989\Edição 00036 - p. 4;	Menção a pesquisa realizada por Constância Lima Duarte sobre Nísia
			Ano 1986\Edição 00132 - p. 4	Menção a uma obra de Nísia na qual o professor Rodrigues Alves estaria trabalhando
			Ano 1986\Edição 00162A - p. 4	Menção a uma pesquisa realizada por Socorro Trindade sobre Nísia
			Ano 1987\Edição 00230 - p. 8	Artigo “Defesa começa com Caio Graco”, advogado usa Nísia como um exemplo em uma audiência mencionando a forma como deixou Rio Grande
			Ano 1988\Edição 00222 - p. 4; Ano 1989\Edição 00052 - p. 4;	Menção a nova edição de “Opusculo Humanitário”
			Ano 1989\Edição 00047 - p. 12	Artigo “Mossoró não registra dia dedicado a mulher”, Nísia é brevemente mencionada como destaque na história do estado de Rio Grande do Norte
			Ano 1989\Edição 00056 - p. 16	Coluna “Informes”, menção a uma cartilha sobre Nísia
			Ano 1989\Edição 00057 - p. 4; Ano 1989\Edição 00058 - p. 4; Ano 1989\Edição 00065A - p. 2; Ano 1989\Edição 00066 - p. 12; Ano 1989\Edição 00067 - p. 4;	Menção/sobre de um texto escrito por Maria Simonetti Gadêlha intitulado “Buscando a luz sobre Nísia Floresta Brasileira Augusta”

			Ano 1989\Edição 00068 - p. 4; Ano 1989\Edição 00068 - p. 12; Ano 1989\Edição 00069 - p. 4; Ano 1989\Edição 00076 - p. 2;	
			Ano 1989\Edição 00069 - p. 3	Artigo “Com Wilma, articulando uma frente”, menção a uma cartilha sobre conquistas das mulheres norte-riograndenses na política e livros de Nísia
			Ano 1989\Edição 00107 - p. 3	Artigo “Deputados quer alunos estudando cultura em RN”, sobre disciplina de literatura, artes plásticas e folclore do estado, Nísia é um dos autores que seria trabalhada
			Ano 1989\Edição 00117 - p. 4	Artigo “Cena Urbana: Nísia, Constância e Diva”, sobre livro escrito por Constância e Diva sobre Nísia
			Ano 1989\Edição 00118 - p. 14; Ano 1989\Edição 00125 - p. 14	Coluna “Informes”, menção a livro escrito por Peggy Sharp Valladres sobre a vida de Nísia
			Ano 1989\Edição 00122 - p. 4; Ano 1989\Edição 00163 - p. 4	Menção a segunda edição de Direito das mulheres injustiça dos homens”
			Ano 1989\Edição 00157 - p. 10	Artigo “Nísia Floresta terá seu tumulto restaurado”, título autoexplicativo
			Ano 1989\Edição 00175 - p. 8; Ano 1989\Edição 00183 - p. 6; Ano 1989\Edição 00183 - p. 30; Ano 1989\Edição 00184 - p. 2; Ano 1989\Edição 00184 - p. 6;	Menção a comemoração do 179º aniversário de Nísia
			Ano 1989\Edição 00183 - p. 26	Coluna “Roda viva”, menção a projeto que busca reviver a memória de Nísia

O Poti (RN) - 1954 a 1959	11214	597	Ano 1954\Edição 00021 - p. 3; Ano 1954\Edição 00021 - p. 8; Ano 1954\Edição 00034 - p. 6; Ano 1954\Edição 00034 - p. 8; Ano 1954\Edição 00035 - p. 7; Ano 1954\Edição 00036 - p. 8; Ano 1954\Edição 00037 - p. 6; Ano 1954\Edição 00037 - p. 7; Ano 1954\Edição 00037 - p. 8; Ano 1954\Edição 00038 - p. 6; Ano 1954\Edição 00039 - p. 4; Ano 1954\Edição 00039 - p. 7; Ano 1954\Edição 00039 - p. 8; Ano 1955\Edição 00142 - p. 3; Ano 1955\Edição 00251A - p. 3; Ano 1955\Edição 00252B - p. 2	Artigos/menções da transladação dos restos mortais de Nísia
			Ano 1954\Edição 00037 - p. 2 e 5	Artigo “Nísia Floresta”, sobre quem foi ela
			Ano 1954\Edição 00037 - p. 4	Artigo “Nísia Floresta”, síntese bibliográfica
			Ano 1954\Edição 00038 - p. 8; Ano 1954\Edição 00040 - p. 8; Ano 1954\Edição 00062 - p. 8;	Menção de Homenagens em memória de Nísia
			Ano 1955\Edição 00144 - p. 7	Artigo “Piedade para Nísia Floresta”, sobre seu tumulo estar abandonado e sua memória deixada de lado
			Ano 1955\Edição 00154 - p. 6; Ano 1955\Edição 00155 - p. 8;	Menção ao mausoléu de Nísia

			Ano 1955\Edição 00156 - p. 4; Ano 1955\Edição 00161 - p. 3; Ano 1955\Edição 00161 - p. 8; Ano 1955\Edição 00181 - p. 3; Ano 1955\Edição 00181 - p. 8; Ano 1955\Edição 00194 - p. 8; Ano 1955\Edição 00196 - p. 8 e 14; Ano 1955\Edição 00196 - p. 16; Ano 1955\Edição 00197 - p. 3; Ano 1955\Edição 00280 - p. 2; Ano 1955\Edição 00383 - p. 8; Ano 1956\Edição 00631 - p. 7;	
			Ano 1955\Edição 00185 - p. 8;	Menção a monumento em homenagem a Nísia
			Ano 1955\Edição 00286 - p. 8	Nísia e brevemente mencionada como uma “notável mulher riograndense” e o Rio Grande do Norte é referido como “o berço da civilização educacional, intelectual e política do nordeste”
			Ano 1956\Edição 00437 - p. 2-3	Artigo “Esboço bibliográfico do patrono do Grupo: Escolar de Nísia Floresta: Nísia Floresta”, título autoexplicativo
Diário de Natal (RN) - 1970 a 1979	36028	582	Ano 1973\Edição 09336 - p. 3;	Menção ao mausoléu de Nísia
			Ano 1975\Edição 09746 - p. 28	Nísia é brevemente mencionada como parte do “triunvirato mais auto e mais nobre da cultura feminina” do Rio Grande do Norte
			Ano 1975\Edição 09876 - p. 7	Artigo “Câmara dos Deputados”, Menção a um discurso intitulado “Nísia

				Floresta, a brasileira internacional”
			Ano 1975\Edição 09919 - p. 2	Artigo “As notícias”, contem menção de uma conferência intitulada “Presença do Rio Grande do Norte no Ano Internacional das Mulheres” na qual Nísia é homenageada
			Ano 1975\Edição 09921 - p. 2; Ano 1977\Edição 10457 - p. 4; Ano 1978\Edição 10438 - p. 2; Ano 1979\Edição 10769 - p. 19;	Menção de homenagem a Nísia
			Ano 1979\Edição 10768 - p. 3	Menção a nova edição de “Concelhos a minha filha”, escrito por Nísia
			Ano 1979\Edição 10778 - p. 15	Artigo “As obras básicas do RN”, breve menção as obras de Nísia
			Ano 1979\Edição 10809 - p. 11	Artigo “Nísia Floresta”, sobre pesquisa que intuíta reconstituir a vida e as obras de Nísia
			Ano 1979\Edição 10873 - p. 4	Artigo “Câmara”, breve menção a Nísia como “a mais notável mulher de letras que o Brasil já conheceu, quer pela sua amplitude de visão, que pela suavidade de estilo”
			Ano 1981\Edição 02368 - p. 32	Artigo “Cidade de Natal”, breve menção de um monumento em homenagem a Nísia
O Poti (RN) - 1980 a 1987	13295	228	Ano 1981\Edição 02382 - p. 4	Coluna “Roda Viva”, menção a uma pesquisa sobre Nísia realizada pela escritora Socorro Trindade
			Ano 1981\Edição 02387 - p. 17	Artigo “Socorro Trindade escreve sobre obras de N. Floresta”, sobre a pesquisa realizada por Socorro da vida e obras de Nísia
			Ano 1982\Edição 02419 - p. 4	Menção a tradução de “Itinerário de uma viagem na

				Alemanha escrito por Nísia, realizado pelo professor Francisco das Charges Pereira
			Ano 1982\Edição 02426 - p. 21	Menção de uma carta escrita por Isabela Gondim a Nísia intitulada “Notícia de sua individualidade”, que trata dos “posicionamentos independentes e controversos de Nísia
			Ano 1982\Edição 02429 - p. 35	Artigo “Roteiro do tema personagens brasileiros (II)”, Nísia é um dos nomes listados
			Ano 1982\Edição 02440 - p. 31; Ano 1984\Edição 00053 - p. 23;	Coluna Filatelia, menção ao selo de Nísia
			Ano 1983\Edição 00006 - p. 16	Artigo “Nísia Floresta e Isabela Gondim”, sobre relação entre Nísia e Isabela
			Ano 1983\Edição 00010B - p. 39	Artigo “A emancipação política da mulher brasileira” Nísia é mencionada como uma “figura impar”
			Ano 1983\Edição 00027 - p. 4	Menção a cadeira de Nísia na Academia de Letras
			Ano 1983\Edição 00035 - p. 35	Artigo “O pensamento religioso de Moises”, Nísia é mencionada como um dos “potiguanos ilustres” de Macaíba
			Ano 1983\Edição 00043 - p. 32	Artigo “Rio Grande do Norte”, Nísia é mencionada
			Ano 1984\Edição 00026 - p. 4; Ano 1985\Edição 00014 - p. 4;	Menção a homenagem à memória de Nísia
			Ano 1985\Edição 00017 - p. 2	Menção de conferência/palestra sobre Nísia
			Ano 1985\Edição 00021 - p. 27	Artigo “Nísia Floresta: Precursora do Feminismo no Brasil”, sobre sua vida e obras
			Ano 1985\Edição 00022 - p. 27	Artigo “Alzira Soriano e a emancipação política da mulher potiguar”, é mencionado os “sonhos de independência política que Nísia Floresta preconizava”

			Ano 1985\Edição 00024 - p. 27	Artigo “Lindalva Torquato Fernandes: presença feminina na Assembleia e no Tribunal de Contas”, breve menção a Nísia como uma precursora das lutas emancipacionistas das mulheres
			Ano 1985\Edição 00025 - p. 27	Artigo “De Nísia Floresta a Bertha Lutz: um instigante itinerário de lutas, pensamentos e ideias comunistas”, sobre as atividades relacionadas a emancipação feminina de Nísia e Bertha
			Ano 1985\Edição 00030 - p. 12	Artigo “Luta política no RN descobrindo a mulher em 1929, elegendo Alzira”, é mencionado as contribuições de Nísia para a emancipação política feminina
			Ano 1986\Edição 00019 - p. 4	Menção a uma pesquisa que nunca se completou de Henrique sobre Nísia
			Ano 1986\Edição 00023 - p. 28	Menção a pesquisa de Constância Lima Duarte sobre Nísia
			Ano 1986\Edição 00031 - p. 22	Artigo “A noite das estátuas, em Natal”, menção de um busto de Nísia
			Ano 1987\Edição 00011 - p. 2	Artigo “Dia internacional da mulher”, breve menção a Nísia como “a primeira líder intelectual da América Latina”
			Ano 1987\Edição 00011 - p. 9	Artigo “Mulher abriu espaço, mas luta é ardura”, breve menção a Nísia como “considerada a primeira feminista do país”
			Ano 1987\Edição 00024 - p. 6	Artigo “Pioneirismo” Nísia e mencionada como uma das pioneiras do feminismo
O Poti (RN) - 1970 a 1979	12406	122	Ano 1973\Edição 01986 - p. 10	Menção de uma possível ligação entre Nísia e o autor da peça “Clair de Lune”
			Ano 1975\Edição 02095 - p. 9	Menção de monumento em homenagem a Nísia
			Ano 1978\Edição 02228 - p. 2	Breve menção do pensamneto de Oliveira Lima sobre Nísia, ela é descrita como “a mais

				notavel mulher de letras do Imperio”
			Ano 1979\Edição 02255 - p. 4	Artigo “Esperança”, é mencionado um enredo intitulado “Nísia Floresta, precursora do abolicionismo”
			Ano 1979\Edição 02262 - p. 11	Menção de uma conferência sobre Nísia
			Ano 1979\Edição 02269 - p. 12	Menção de homenagem à Nísia
			Ano 1979\Edição 02286 - p. 10	Artigo “UFRN editara livros sobre a história cultural do estado”, um dos livros editados é a “História de Nísia Floresta” estrito por Adauto da Câmara e outro e “Itinerário uma viagem a Alemanha” escrito por Nísia
O Poti (RN) - 1960 a 1969	4598	66	—	—
Diario do Natal : Orgam do Partido Republicano (RN) - 1906 a 1909	3813	4	Ano 1909\Edição 03766 - p. 1; Ano 1909\Edição 03769 - p. 1; Ano 1909\Edição 03776 - p. 1	Menção de um congresso literário em comemoração ao centenário aniversário de Nísia
A Republica : órgão do Partido Republicano (RN) - 1897 a 1907	3653	2	Ano 1892\Edição 00198 - p. 3	Artigo “Sobre a nossa literatura”, menção aos trabalhos escritos por Nísia
			Ano 1907\Edição 00257 - p. 2	Artigo “Municípios: Papary”, breve menção a Nísia como uma “insigne cultura das letas”

Tabela 16 – Busca realizada por LOCAL RO, com 1 acervo e 1 ocorrência.

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
Alto Madeira (RO) - 1917 a 1989	--	1	Ano 1982\Edição 14157 - p. 12	Artigo “O direito da mulher livro”, sobre livro intitulado “A Mulher Brasileira - Direitos Políticos e Cívicos” escrito por João Batista Cascudo Rodrigues, o livro “Direito das mulheres injustiça dos homens” escrito por Nísia e a própria e mencionado

Tabela 17 – Busca realizada por LOCAL RS, com 329 acervos e 17 ocorrências

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
--------	---------	------------	---------------------	-----------

Correio Rio Grandense (RS) - 1941 a 2017	61067	8	per882054_1993_04312 - p. 8	Menção aos pensamentos educacionais de Nísia
			per882054_2001_04750 - p. 10; per882054_2009_05147 - p. 81	Menção a Nísia e suas publicações
			per882054_2009_05159 - p. 8	Artigo “A mulher no período Farroupilho”, título autoexplicativo, Nísia é mencionada
Jornal do Dia (RS) - 1947 a 1966	66145	4	Ano 1952\Edição 01730 - p. 3	Menção de uma conferência sobre Nísia
			Ano 1954\Edição 02312 - 11	Artigo “Selo comemorativo a Nísia Floresta”
			Ano 1954\Edição 02363 - p. 11	Menção da transladação dos despojos de Nísia
O Pioneiro (RS) - 1948 a 2002	339595	2	Ano 1998\Edição 07056 - p. 12	Artigo “Luta Antiga”, breve menção a Nísia
Diario de Noticias (RS) - 1960 a 1969	60701	1	Ano 1969\Edição 00289 - p. 4	Artigo “Mobilização”, é mencionado os pensamentos de Nísia em relação aos povos indígenas
Folha de Hoje (RS) - 1989 a 1994	59182	1	Ano 1990\Edição 00132 - p. 12	Artigo “As Farroupilhas de hoje”, Nísia é brevemente citada como um exemplo. Como uma das “heroínas” do RN

Tabela 18 – Busca realizada por LOCAL SC, com 1040 acervos e 11 ocorrências

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
O Estado de Florianópolis (SC) - 1915 a 1975	125641	6	Ano 1953\Edição 11788 - p. 1	Artigo “Palavras oportunas”, Nísia é mencionada brevemente
			Ano 1954\Edição 11871 - p. 3	Artigo “A vida e a obra de Nísia Floresta”, título autoexplicativo
			Ano 1954\Edição 11982 - p. 8; Ano 1954\Edição 11989 - p. 1;	Menção a transladação dos despojos de Nísia
			Ano 1962\Edição 14561 - p. 7	Menção a Nísia ser patrona de uma das cadeiras da Academia de Letras
A Gazeta : A Voz do Povo (SC) - 1934 a 1940	10825	1	Ano 1935\Edição 00196 - p. 2	“Artigo Mulheres de Letras”, sobre Isabel Gondim, Nísia é mencionada

Correio do Povo (SC) - 1921 a 2014	113821	1	Ano 2010\Edição 06371 - p. 2	Artigo “O feminismo de Nísia Floresta”, título autoexplicativo. Ela é descrita como “uma das precursoras do movimento feminista no Brasil”
------------------------------------	--------	---	------------------------------	--

Tabela 19 – Busca realizada por LOCAL SP, com 569 acervos e 96 ocorrências

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
A Tribuna (SP) - 1930 a 1939	95995	1	Ano 1936\Edição 00301 - p. 5	Artigo “A margem dos livros”, menção do pseudônimo de Nísia como “ridículo”
Cidade de Santos (SP) - 1967 a 1987	126377	8	Ano 1973\Edição 02026 - p. 2	Coluna “Folhinha”, menção ao falecimento de Nísia
A Tribuna (SP) - 1950 a 1959	128990	11	Ano 1950\Edição 00263 - p. 6; Ano 1950\Edição 00263 - p. 21; Ano 1950\Edição 00269 - p. 19	Artigo “Nísia Floresta”, sobre sua vida e obras
			Ano 1950\Edição 00049 - p. 18	Breve menção em um questionário
			Ano 1950\Edição 00172 - p. 2; Ano 1951\Edição 00025 - p. 2; Ano 1952\Edição 00025 - p. 2; Ano 1955\Edição 00025 - p. 2; Ano 1956\Edição 00024 - p. 2; Ano 1959\Edição 00025 - p. 2	Breve menção em cronologia histórica
			Ano 1955\Edição 00043 - p. 22	Menção ao selo feito em homenagem à transladação de seus despojos para o Brasil
A Tribuna (SP) - 1940 a 1949	119857	6	Ano 1945\Edição 00168 - p. 2; Ano 1946\Edição 00025 - p. 2; Ano 1948\Edição 00025 - p. 2; Ano 1949\Edição 00025 - p. 2; Ano 1949\Edição 00171 -	Breve menção em cronologia histórica

			p. 2	
			Ano 1946\Edição 00220 - p. 17	Artigo “Dois livros amáveis”, sobre mulheres escritoras, com uma breve menção a Nísia
Ciência e Cultura (SP) - 1949 a 2017	67852	5	Ano 1990\Edição 00002 - p. 43-44	Menção ao livro “Opusculo Humanitário” escrito por Nísia
			Ano 1991\Edição 00007 - p. 464	Artigo “Uma voz no silêncio”, sobre Nísia, ela é descrita como um “educadora e intelectual, que lutou para que a mulher atingisse a educação e a sua dignidade de pessoa”
			Ano 2012\Edição 00002 - p. 21	Artigo “um pouco da história da luta feminista pela descriminação do aborto no Brasil”, Nísia é citada brevemente como uma das mulheres que discutiu direitos humanos
Correio Paulistano (SP) - 1950 a 1959	51961	5	Ano 1951\Edição 29271 - p. 12; Ano 1954\Edição 30105 - p. 9	Breve menção de quem foi Nísia
			Ano 1952\Edição 29454 - p. 3; Ano 1952\Edição 29525 - p. 3	Menção a transladação dos despojos de Nísia
			Ano 1953\Edição 29739 - p. 4	Artigo “As mulheres na literatura brasileira”, é mencionado que Nísia realizava conferencias publicas sobre a emancipação feminina e a abolição
Correio Paulistano (SP) - 1940 a 1949	45382	4	Ano 1941\Edição 26094 - p. 7	Artigo “Nísia Floresta e o sentimento nacional”, transcrição de conferência realizada pelo sr. Dioclécio Duarte
			Ano 1949\Edição 28542 - p. 19	Menção a Nísia em cronologia
			Ano 1949\Edição 28578 - p. 4	Artigo “A propósito de dona Veridiana”, breve menção a Nísia
A Tribuna (SP) - 1960 a 1969	186302	8	Ano 1965\Edição 00209 - p. 69	Breve menção aos restos mortais de Nísia

			Ano 1967\Edição 00024 - p. 34; Ano 1967\Edição 00188 - p. 11; Ano 1969\Edição 00025 - p. 24; Ano 1969\Edição 00170 - p. 58	Breve menção em cronologia histórica
			Ano 1968\Edição 00125 - p. 10	Artigo “Castro Lopes e a arte de ensinar”, breve menção a Nísia
Mulherio (SP) - 1981 a 1988	970	4	Ano 1982\Edição 00009 - p. 19	Texto sobre a vida de Nísia
			Ano 1984\Edição 00018 - p. 23	Breve menção a Nísia em pedido por mais biografias de figuras femininas
			Ano 1985\Edição 00023 - p. 6	Artigo “Sem anos de Nísia Floresta”, sobre sua vida e obras
A Cigarra (SP) - 1917 a 1975	81310	2	Ano 1953\Edição 00234 - p. 94; Ano 1955\Edição 00003 - p. 124	Breve menção da transladação dos despojos de Nísia
Revista do Professor (SP) - 1934 a 1956	1924	2	Ano 1952\Edição 00012 - p. 28-29	Artigo “Mulheres Brasileiras, salve!”, breve menção de Nísia
			Ano 1952\Edição 00012 - p. 28	Artigo “Nísia Floresta Brasileira Augusta”, sobre sua vida
Jornal de Noticias (SP) - 1946 a 1951	19169	2	Ano 1946\Edição 00018 - p. 2	Artigo “Dois livros amáveis”, sobre Rita Joana de Souza, Nísia é mencionada como uma de suas sucessoras
			Ano 1951\Edição 01650 - p. 2	Breve menção do traslado dos despojos de Nísia
Correio Paulistano (SP) - 1900 a 1919	51685	1	Ano 1913\Edição 18099 - p. 2	Artigo “Bibliographia”, uma das autoras exploradas é Nísia
Correio Paulistano (SP) - 1930 a 1939	32293	1	Ano 1935\Edição 24312 - p. 22	Artigo “Nísia Floresta”, síntese bibliográfica
Gazeta de Campinas (SP) - 1869 - 1875	2434	1	Ano 1875\Edição 00577 - p. 1	Menção a retrato de Nísia
Letras da Província : Publicação Mensal das Casas de	1675	1	Ano 1957\Edição 00099-00100 - p. 4	Menção a tradição poética encontrada na cidade de Nísia Floresta por conta da história dela

Cultura de Limeira e Jaú, oficializadas pela Associação Brasileira de Escritores de São Paulo (SP) - 1951 a 1985				
Guia Azul de São Paulo (SP) - 1950	1056	1	Ano 1950\Edição 00549 - p. 5	Artigo “Convém saber”, breve síntese bibliográfica de Nísia
Diário de S. Paulo (SP) - 1865 a 1878	14554	1	Ano 1875\Edição 02911 - p. 2	Menção a retrato de Nísia
Almanaque da Baixada Santista (SP) - 1969 a 1976	1581	1	Ano 1972\Edição 00004 - p. 92	Breve menção de Nísia como “a primeira líder feminista”
Diário da Cidade (SP) - 1994 a 1996	3328	1	Ano 1996\Edição 00699 - p. 8	Artigo “Despertar da razão vem do século 19”, menção a Nísia no movimento feminista
Revista Santos : Arte e Cultura (SP) - 2006 a 2018	1256	1	Ano 2014\Edição 00044 - p. 16	Artigo “Uma dama chegando em Paris em 1915”, menção de artigos sobre Nísia

Tabela 20 – Busca realizada por LOCAL X1, com 12 acervos e 2 ocorrências

Jornal	Páginas	Ocorrência	Ano/Edição e página	Descrição
Revista Feminina - 1917 a 1920	1707	2	Ano 1920\Edição 0069 - p. 57-58	Biografia sobre Nísia